

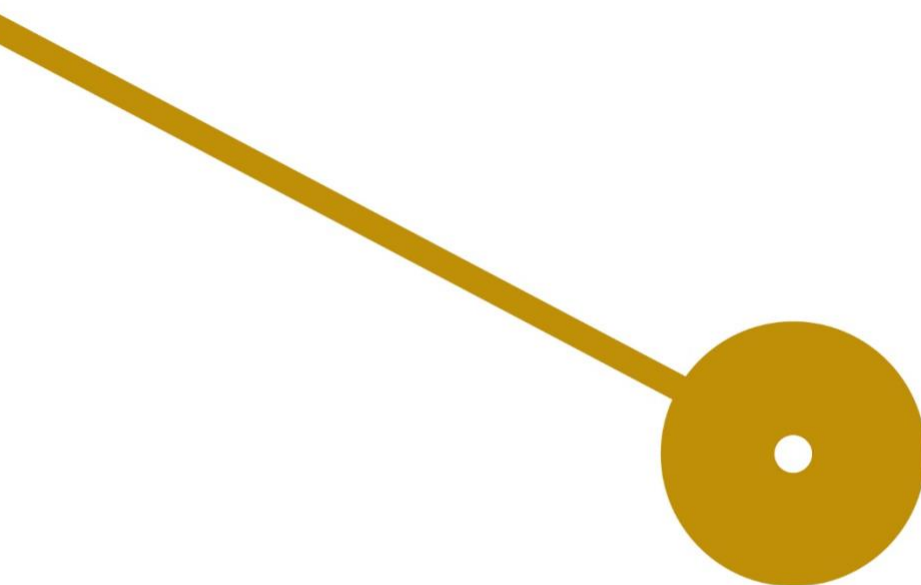


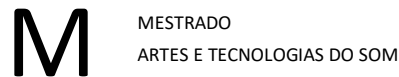
A Mulher nas Tecnologias do Som.

Estudo de caso a partir do contexto português.

Sandra Maria Amaral pereira

2021





A Mulher nas Tecnologias do Som: Estudo de caso a partir do contexto português.

Sandra Maria Amaral Pereira

Dissertação apresentada à Escola Superior de Música e Artes do
Espetáculo como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre
em Artes e Tecnologias do Som

Professoras Orientadoras
Cláudia Marisa Oliveira
Daniela Coimbra

2021

Dedico este trabalho à memória da minha mãe, Vera Amaral (1947- 2016), a maior das mulheres, o meu amor maior, o meu maior exemplo.

Agradecimentos

Começo por expressar os maiores agradecimentos às professoras Cláudia Marisa Oliveira e Daniela Coimbra pelo carinho, pelo apoio, pela orientação e pela interminável paciência. Gostaria ainda de agradecer às participantes, Adriana Sá, Inês Lamares, Olívia Silva, Raquel Castro, Sofia Mestre e Suse Ribeiro, pela colaboração, pela simpatia e hospitalidade, pela disponibilidade, mas também pela generosa receptividade à participação neste estudo. Agradeço ainda à Clementina Delgado pela preciosa ajuda com a entrevista piloto. Aproveito a oportunidade para desejar a todas as melhores felicidades para os seus projetos pessoais e profissionais. Estendo os meus agradecimentos à equipa que comigo trabalhou na realização das entrevistas, Ana Araújo Silva e Tiago Tobias. Por último, não poderia deixar de agradecer à ESMAE, aos colegas e a todo o corpo docente do MATS por contribuírem para que este Mestrado fosse uma experiência tão gratificante. Um agradecimento especial ao professor Marco Conceição pelo apoio, mentoria e paciência demonstrados ao longo deste ciclo de estudos.

“I hope the stories you read inspire you. Most of all, I want you to “see what you can be.”

Leslie Gaston-Bird

Resumo

Esta investigação tem como propósito o entendimento da representatividade de género nas profissões afetas às Tecnologias do Som em Portugal. Na formulação da resposta emergem desta investigação diversos objetivos que apontam para: a compreensão das razões pelas quais, em Portugal, se observam tão poucas mulheres nas áreas tecnológicas ligadas ao Som; a deteção dos fatores de influência direta e indireta nas escolhas profissionais e académicas destas mulheres; a identificação dos motivos de afastamento ou de aproximação a estas áreas; a inteção dos fenómenos sociais e profissionais contribuidores para as desigualdades de género como adjuvantes à sub-representatividade verificada nestas áreas; uma análise de fatores que incorporem, o contexto socioeconómico, os contextos familiares, sociais e até geográficos, como potenciais influenciadores desta realidade; a obtenção de resultados que permitam compilar as possíveis abordagens passíveis de colmatar as lacunas detetadas. Para o decurso desta pesquisa optou-se, metodologicamente, por um estudo de caso. Para o efeito, foram elaboradas entrevistas semiestruturadas a uma amostra de seis profissionais de relevância nas áreas das Tecnologias do Som em Portugal. A análise dos resultados indicou que há um desequilíbrio de representatividade de género nas áreas das Tecnologias do Som, corroborada pelas participantes do estudo. Apesar da visível sub-representatividade, as participantes afirmam uma integração plena no meio profissional onde atuam. Não obstante esta integração, não deixam de alertar para a instabilidade profissional inerente a estes campos de ação. Como resultados denotámos ainda a fragilidade da instituição escolar na divulgação destas áreas de atuação, assim como uma configuração do tecido social português imbuído em práticas de construção de género e numa diminuta consciência para a igualdade. Este estudo evidenciou também a existência de um preconceito de género generalizado, que quando cúmplice com pressões sociais genderizadas e práticas educativas e profissionais que não acompanham os avanços visíveis em outros aspetos da vida humana, resulta neste fenómeno de sub-representatividade visível nas atividades ou profissões afetas às Tecnologias do Som em Portugal. Pese embora todos os constrangimentos e desafios de género enunciados pelas participantes, ficou manifesta a sua recusa em perpetuar as conceções que circundam a condição feminina na contemporaneidade, e que neste estudo a relaciona com a profissão.

Palavras-chave: Representatividade de Género; Tecnologias do Som; Profissão; Mulher; Portugal.

Abstract

In order to understand the reality of gender representation in the professions related to Sound Technologies in Portugal, answers are urgently needed to shed light on the paths already traveled and those yet to be traveled. If music and sound are the cogwheel which revolves the senses of the listener absent from any gender distinction of the subject, why is it that we observe evidence that subtracts women from the creation and production processes and from the professional and artistic practices to which this professional field is related? In formulating the answer, several objectives emerge from this investigation that point to: the understanding of the reasons why, in Portugal, there are so few women in technological areas related to Sound; the detection of the factors of direct and indirect influence on the professional and academic choices of these women; the identification of the reasons for distancing or approaching these areas; the integration of social and professional phenomena that contribute to gender inequalities as adjuvants to the underrepresentation verified in these areas; an analysis of factors that incorporate the socio-economic context, family, social and even geographical contexts, as potential influencers of this reality; obtaining results that allow the compilation of possible approaches that may bridge the gaps detected. Methodologically, it was chosen a case study for the course of this research. For this purpose, semi-structured interviews were conducted with a sample of six relevant professionals in the areas of Sound Technologies in Portugal. The analysis of the results indicated that there is an imbalance of gender representation in the areas of Sound Technologies, corroborated by the participants of the study. Despite the visible underrepresentation, the participants affirm a full integration in the professional environment where they work. Despite this integration, they warn about the professional instability inherent to these fields of action. The results denoted the fragility of the school institution in the dissemination of these areas of action, as well as a configuration of the Portuguese social fabric imbued with gender construction practices and a diminished awareness for equality. This study also showed the existence of a generalized gender prejudice, which, when complicit with genderized social pressures and educational and professional practices that do not keep up with visible advances in other aspects of human life, results in this phenomenon of visible underrepresentation in activities or professions related to Sound Technologies in Portugal. In spite of all the gender constraints and challenges mentioned by the participants, their refusal to perpetuate the conceptions that surround the feminine condition in contemporary times, and which in this study relates it to the profession, was evident.

Keywords: Gender Representation; Sound Technologies; Gender; Profession; Woman; Portugal.

Índice

INTRODUÇÃO.....	1
1. ESTADO DA ARTE	3
1.1. Introdução	3
1.2. Enquadramento: A Importância dos Movimentos Feministas para as Questões de Género	3
1.3. Género e Tecnologia	6
1.3.1. Aptidão e Motivação nas Escolhas Profissionais.....	9
1.3.2. Socialização e Papeis de Género	12
1.3.3. Influência da Escola e Família.....	15
1.4. Género nas Tecnologias da Música e Produção Musical.	17
1.4.1. Mulheres no Áudio?	18
1.4.2. Engenharia de Som	21
1.4.3. Relações de Género no Estúdio de Gravação.....	22
1.4.4. “Na estrada”	23
1.4.5. Música e Pós-Produção.....	25
1.4.6. Relações de Causa Efeito	26
1.5. Portugal: Perfil Sociodemográfico, Género, Percurso Académico e Saídas Profissionais.....	29
1.5.1. O Caso das Engenharias.....	33
1.5.2 Tecnologia, Profissão e Género	35
2. METODOLOGIA.....	37
2.1. Introdução	37
2.2. Participantes	38
2.3. Procedimentos.....	39
3. ANÁLISE.....	41
3.1. Tema 1. Desafios Profissionais.....	41
3.2. Tema 2. Percurso Académico	42
3.2.1. Tema 2.1. Escolha do percurso profissional: Escolha individual, influência familiar ou influência do professor	45
3.3. Tema 3. Momentos Decisivos e Motivações	47
3.4. Tema 4. Fatores de Maior e Menor entusiasmo	48
3.5. Tema 5. Utilização da Tecnologia no Quotidiano	50
3.6. Tema 6. Requisitos Necessários para Trabalhar com Som	51
3.7. Tema 7. Influência do Contexto Geográfico, Socioeconómico e da Educação nas Escolhas Académicas e Profissionais.....	51

3.8. Tema 8. Formação Musical	54
3.9. Tema 9. Ser Mulher Artista.....	55
3.10. Tema 10. Representatividade	56
3.11. Tema 11. Ser Mulher Acrescenta à Profissão?	62
3.12. Tema 12. Preconceito de Género	62
3.13. Tema 13. Requisitos Físicos	65
3.14. Tema 14. Respeito pelos Pares	66
3.15. Tema 15. Debates para a Igualdade de Género	67
3.16. Tema 16. Profissões Femininas e Profissões Masculinas	68
3.17. Tema 17. Mulher, Som e Tecnologia na Atualidade.....	68
3.18. Tema 18. Desafios da Mulher na Indústria Musical e nas Tecnologias do Som	71
3.21. Tema 21. Rentabilidade da Carreira	79
3.22. Tema 22. Mudança de Paradigma	80
3.23. Tema 23. Atrair Mais Mulheres, Como?	83
3.24. Tema 24. Perspetivas Profissionais para o Futuro	85
3.25. Tema 25. Pergunta em Falta.....	85
4. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	86
4.1. Representatividade.....	87
4.2. Influência da Educação na Representatividade de Género.	90
4.3. Influência dos Desafios na Representatividade de Género.	91
4.3.1. A Problemática da Maternidade	94
4.4. Mérito, Escola e Percurso profissional	97
4.5. Preconceito de Género.....	98
4.6. Valor Subjetivo da Tarefa	101
4.7. Educação e Contextos Geográficos e Socioeconómicos como Fatores de Influência na Persecução de uma Carreira nas Tecnologias do Som.	102
4.8. Mudança de Paradigma	104
4.9. Tem de Partir de Nós.....	107
5. PISTAS DE INTERVENÇÃO	113
6. CONCLUSÃO	120
BIBLIOGRAFIA.....	125
Anexo I.....	128
Guião da Entrevista	128
Anexo II.....	132
Transcrição das Entrevistas	132
Adriana Sá.....	132

Inês Lamares.....	146
Olívia Silva.....	162
Raquel Castro	178
Sofia Mestre	192
Suse Ribeiro.....	204
Anexo II.....	226
Listagem.....	226
Documentários	226
Livros	227
Organizações, Plataformas de Divulgação e Iniciativas.	228
Anexo IV	237
Grelha de Análise	237
Anexo V	239
Word Frequency Map	239
Anexo VI	240
Treemap.....	240

Índice de Figuras

Figura 1. Theoretical Model of Career Choices.....	11
Figura 2. Distribuição dos Estudantes em Função da Origem Sócio-Cultural e do Sexo por Agrupamento de Cursos.	30

INTRODUÇÃO

Esta dissertação foi realizada no âmbito do cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Artes e Tecnologias do Som, da Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo do Instituto Politécnico do Porto, com a orientação científica das professoras Cláudia Marisa Oliveira e Daniela Coimbra.

Esta investigação tem como objetivos: a compreensão das razões pelas quais, em Portugal, se observam tão poucas mulheres nas áreas tecnológicas ligadas ao Som; a deteção dos fatores de influência direta e indireta nas escolhas profissionais e académicas destas mulheres; a identificação dos motivos de afastamento ou de aproximação a estas áreas; a inteção dos fenómenos sociais e profissionais contribuidores para as desigualdades de género como adjuvantes à sub-representatividade verificada nestas áreas; uma análise de fatores que incorporem o contexto socioeconómico, os contextos familiares, sociais e até geográficos, como potenciais influenciadores desta realidade; a obtenção de resultados que permitam compilar as possíveis abordagens passíveis de colmatar as lacunas detetadas.

Neste sentido, este estudo parte em busca da compreensão da realidade das profissionais ativas do género feminino nas Tecnologias do Som em Portugal e da autenticação, recolha e subsequente apresentação de respostas às questões levantadas que remetem para a representatividade de género na profissão.

Partindo desta premissa, esta investigação pretende constituir-se como um estudo exploratório a partir de estudos de caso e recolher testemunhos obtidos através da elaboração de entrevistas individuais. Pretende-se seguir uma direção capaz de estabelecer uma correlação entre áreas de intervenção que privilegiam o Som, e entre o género, a Tecnologia e a compreensão crítica do sujeito de estudo.

Ambiciona-se, assim, a criação de um espaço de compreensão e reflexão sobre a realidade encontrada tentando aferir, justificar e argumentar a defesa da sua pertinência social e cultural. Para este propósito é fundamental comprovar e identificar lacunas, áreas de melhoria, consensos e dissensos, uma vez que só assim poderá existir uma contribuição realmente efetiva desta investigação para o mapeamento desta realidade e para qualquer eventual mudança de paradigma. Uma mudança que, em última instância, potencie uma maior atração de público feminino para planos de estudos e, ou, áreas profissionais afetas às Tecnologias do Som.

Considera-se que esta investigação se constitui pertinente no contexto português, apesar de este ser também um fenómeno mundial, não somente pela dificuldade sentida em encontrar este tema tratado na literatura em Portugal, como pela sua atualidade, mas, mormente, pelo potencial que estas áreas apresentam para elevar as valências do capital cultural português.

Assim, houve necessidade de levantar alguns questionamentos que se afiguram capitais para a compreensão da realidade portuguesa e, sobretudo, que revelassem a perspetiva e posicionamento pela lente das mulheres que exercem atividades profissionais nestes contextos.

Assim, emergem algumas questões fundamentais para a persecução desta investigação: Existe sub-representatividade de género nas Tecnologias do Som em Portugal, e quais as razões? Quais os fatores de influência direta nas escolhas académicas das mulheres aquando do término do Ensino Secundário? Haverá influência dos agentes educativos, pais e escola, para as escolhas profissionais? As desigualdades de género na sua generalidade constituem-se como possível contributo para a sub-representatividade feminina nestas áreas? Quais as motivações e desafios que poderão ter influência direta ou indireta neste fenómeno? Que possíveis soluções, ou melhorias se poderiam trabalhar para inverter esta tendência? Quais as condições de trabalho verificadas nestas áreas de atuação? Qual é a relevância destas profissões para o tecido social e cultural? O que se adivinha para o futuro das mulheres nestas profissões? Que indústrias ou organizações poderão beneficiar com a diversidade de práticas nas Tecnologias do Som?

Na tentativa de dar resposta a estas e outras questões que foram surgindo durante a investigação dividiu-se a mesma por capítulos balizando cada momento. Num primeiro momento, analisam-se as produções científicas que circundam o tema, uma vez que, como já referimos, houve dificuldade em encontrar literatura portuguesa afeta a este tema em particular.

Sucedem-se um capítulo que esclarece o leitor acerca da metodologia escolhida para a análise das entrevistas e para a aferição das conclusões desta investigação. Seguidamente, é apresentado um capítulo dedicado à análise das entrevistas individuais, onde se esboçam e evidenciam os temas principais que foram emergindo da análise individual de cada entrevista.

No capítulo da discussão apresentam-se e discutem-se os resultados obtidos pelas entrevistas num cruzamento direto com a literatura da especialidade na tentativa de alcançar respostas às questões levantadas por este estudo. De forma a cumprir com os objetivos desta investigação é apresentado um capítulo que contém algumas pistas de intervenção que se propõem a atuar sobre as lacunas detetadas pelo mesmo.

Por último, tecem-se considerações finais no capítulo da conclusão. Há ainda lugar para uma secção dedicada aos documentos anexos, a qual encapsula a transcrição de cada entrevista individual, grelhas de análise e um mapa de *Word Frequency*, resultantes da metodologia utilizada na análise das entrevistas, o guião da entrevista e uma listagem com algumas das organizações dedicadas à promoção, atração, Ensino, discussão, participação e divulgação de iniciativas centradas na participação feminina.

1. ESTADO DA ARTE

1.1. Introdução

Para a persecução dos objetivos desta investigação foi preponderante encontrar autores que se tenham debruçado sobre este tema em particular, uma vez que permitiram uma análise e contraposição rigorosas destes contextos. Desta forma, e apesar de não retratarem a realidade portuguesa, consideramos que as suas contribuições foram capitais para uma criteriosa aferição e cruzamento de resultados. Apesar da escassez de literatura produzida em específico para este tema em Portugal foi possível perceber interseções com literatura que trata temas vizinhos e cuja contribuição foi preponderante para a compreensão das relações entre género e Tecnologia em várias frentes, em contexto português.

1.2. Enquadramento: A Importância dos Movimentos Feministas para as Questões de Género

Na literatura, vários são os autores que correlacionam os movimentos feministas com o surgimento de pensamentos direcionados para uma reflexão entre género e Tecnologia. De Harding, Wajcman a Faulkner entre inúmeros outros nomes, é comum a existência de referências aos movimentos feministas e à sua compreensão e importância para as relações entre género e Tecnologia. Por considerar que Silveirinha (2011) consegue sintetizar e providenciar uma visão geral sobre estas correlações fazem-se doravante algumas referências ao seu estudo, *Mulheres, Tecnologias e Comunicação: Para Além das Receitas*. Para a autora, o conteúdo da Ciência só começou realmente a ser analisado na década de 1960, tendo contribuído para criar uma área de estudos dedicada à Ciência, Tecnologia e Sociedade, STS na sigla inglesa.

Aos STS seguiram-se outras visões da Ciência e Tecnologia, como as SST-*Social Shaping of Technology*, que remetem, segundo a autora, para a formação social da Tecnologia; os estudos dedicados à construção social da Tecnologia, na sigla inglesa SCOT- *Social Construction of Technology*; ou da ANT- *Actor-Network Theory*, ou *Teoria do Ator Rede* que, segundo Silveirinha, partilhavam entre si o objetivo de analisar a forma como a sociedade molda a Tecnologia. Para a autora, estas visões partem todas de modelos construtivistas que defendem a não linearidade do percurso da inovação tecnológica, desde a teoria à sua introdução e aplicação na sociedade, e esta inovação tecnológica é resultante de escolhas sociais adaptadas a cada momento contendo em si, por essa razão, a marca dos processos sociais que as originaram.

A todas estas visões e pensamentos sobre a Tecnologia, a Ciência e a sociedade e que foram emergindo ao longo dos últimos séculos, aliaram-se, segundo Silveirinha (2011), os vários movimentos feministas que despontaram a partir dos finais do século XIX, com o movimento sufragista e os movimentos civis, até aos dias de hoje.

A segunda vaga feminista, que floresceu no início dos anos sessenta do século XX, na Europa e na América do Norte, tem como nome maior Simone de Beauvoir (1908-1986) que se debruçou na discussão de alguns mitos em torno da mulher e do seu papel na sociedade da época. Citada ao longo da história até aos dias de hoje, as formulações e pensamentos de Beauvoir, na sua aclamada obra *O Segundo Sexo (1949)*, continuam atuais e preponderantes na compreensão da complexa relação entre a mulher e o seu papel na sociedade. Não cabendo neste capítulo uma análise profunda da sua obra, vale referir que, no que concerne ao tema de género e da Tecnologia e às suas relações complexas, para Beauvoir, os feitos dos homens no campo da Ciência e da Tecnologia serviam para outorgar um estatuto de virilidade aos respetivos executantes masculinos por forma a subscreverem, assim, uma reivindicação do domínio do masculino.

No que à Tecnologia diz respeito, urge voltarmos a Silveirinha (2011). A autora argumenta que é no final dos anos setenta que as feministas começam a dirigir a sua atenção e os seus campos de estudos para questões que relacionam as razões históricas de um sentimento de exclusão sentido pelas mulheres nos campos de domínio tecnológico, com o próprio modo como a Ciência se desenvolveu nas respetivas condições políticas, económicas e sociais, que segundo estas se podia relacionar com a existência de uma ordem ou domínio patriarcal. Assim, esclarece que a par com as abordagens das Ciências Sociais e das Humanidades, os próprios movimentos das mulheres desta década, que como já vimos se enquadram na chamada segunda vaga feminista, vieram evidenciar as questões relativas a esse sentimento de exclusão feminina do domínio tecnológico, defendido pelas feministas.

Essa exclusão, justificada com a sua natureza emocional e sua natural apetência para cuidar dos outros, afirmava-as incapazes de desempenhar funções de carácter público, obrigando, assim, a que ficassem remetidas à esfera privada. Em contrapartida, o homem foi sempre visto como exímio utilizador da razão e, por conseguinte, destinado a uma participação ativa na vida pública, precisamente o espaço onde a Ciência se desenvolvia. Citando Evelyn Fox Keller, a autora sublinha a urgência do estabelecimento de relações entre género e Ciência:

"A relação entre o género e a ciência é uma questão urgente não simplesmente porque as mulheres foram historicamente excluídas da ciência, mas por causa da interpenetração profunda entre a nossa construção cultural do género e a nossa nomeação da ciência. A mesma tradição cultural que denomina o racional, objectivo e transcendente como masculino, e o irracional, subjetivo e imanente como feminino, nomeia simultaneamente o espírito científico como masculino e a natureza material como feminina (...). A ciência moderna é constituída em torno de um grupo de oposições, em que o que é denominado feminino é excluído, e aquilo que é excluído – seja sentimento, a subjetividade ou a natureza – é denominado feminino" (Keller, 1992, p.47 *apud* Silveirinha, 2011, p.70).

Segundo Silveirinha (2011), é a partir da década de oitenta que se encontram as fundações mais coesas para o pensamento feminista sobre a Ciência e a Tecnologia fazendo referência a alguns dos textos mais marcantes neste tema:

"Para isso contribuíram alguns textos decisivos sobre a ciência como os de Carolyn Merchant (1980), de Evelyn Fox Keller (1983) e de Sandra Harding (1986).

O livro de Evelyn Fox Keller (1983) sobre a vida da cientista americana Barbara McClintock, vencedora do Prémio Nobel de 1983, foi marcante, quando apareceu." (Silveirinha, 2011, p. 69).

Na década de noventa do século XX surgem outros movimentos e linhas de pensamento feministas como o Ciberfeminismo, de onde se destacam, entre outras, Sadie Plant, que emerge do feminismo de "terceira vaga" e que, segundo a autora, se apresentou como crucial na resposta às questões de exclusão política "(assumindo que os movimentos feministas anteriores tinham incluído apenas as mulheres ocidentais, brancas, de classe média, sob a aparentemente unificada categoria de 'mulheres')" (Silveirinha, 2011, p. 74). A autora esclarece ainda que durante os anos noventa surge um outro movimento feminista intitulado o Tecnofeminismo:

"Entre as propostas mais relevantes deste incluem-se a rectificação da omissão historiográfica das contribuições e participação de mulheres na inovação, design e uso das tecnologias, bem como a atenção às tecnologias ignoradas ou rejeitadas porque consideradas domésticas (da esfera das mulheres) e, mais recentemente, uma análise da intersecção TICs-mulheres" (Silveirinha, 2011, p. 75).

Em última análise, Silveirinha (2011) aponta como problema maior o facto de os movimentos feministas e a sua luta serem percecionados apenas como que se reivindicassem uma mudança dos indicadores de igualdade, como a correção numérica dos desequilíbrios, os desequilíbrios salariais, o acesso à tomada de decisões, sem se analisarem realmente os fatores e as argumentações mais profundas que fundamentam estas exigências. Estas, para a autora, constituem o motivo principal pelo qual se assistem a mudanças superficiais e pouco estruturais nestas políticas públicas e pouco emancipadoras para as mulheres.

1.3. Género e Tecnologia

Sendo inegável o avanço verificado nas últimas décadas no que diz respeito à representatividade da mulher nas áreas CTEM (Ciências, Tecnologias, Engenharias e Matemáticas), é também inegável não notar que estes avanços não são suficientes e que continua a haver áreas marcadamente masculinas (Saavedra, Taveira, & Silva, 2010).

De particular interesse para o campo da Psicologia Vocacional, este facto é de suma importância “pois interfere com o processo de tomada de decisão, planeamento e ajustamento de carreira de mulheres adolescentes e adultas” (Saavedra *et al.*, 2010, p. 49).

Faulkner (2001) defende que a questão de género na Tecnologia tem sido negligenciada na investigação, salientando o trabalho de Sandra Harding como uma exceção. Para Faulkner, embora existam várias correntes estabelecidas de estudos feministas sobre Tecnologias, a Tecnologia em si tem sido pouco teorizada na maioria da literatura existente, facto que, segundo a autora, acarreta sérias implicações para a *praxis* feminista. Argumenta que a corrente que emergiu de estudos de Tecnologia feminista coloca comumente a questão da sub-representatividade nas diferentes áreas da Engenharia.

Com o objetivo de elaborar e ilustrar o quadro geral desenvolvido pelos estudos feministas sobre Tecnologia, Faulkner levanta a questão: “Como é que a Tecnologia é genderizada?”, “how is technology gendered?” (Faulkner, 2001, p. 81). À superfície, a autora relembra os dois principais aspetos que contribuem para a resposta a esta questão. Em primeiro lugar, que os homens são os principais decisores na modelação da Tecnologia, em segundo lugar, que os homens têm tido geralmente maior sucesso

do que as mulheres na reivindicação do estatuto de maior habilidade, especialmente no que concerne à competência técnica. A autora recorda que na literatura feminista as relações mais abrangentes entre Tecnologia e o género, em estruturas, símbolos e identidades, são já reconhecidas há muito e sublinha a importância dos contributos dos estudos feministas da Tecnologia. Assim, reforça que em conformidade com os estudos sociais de Tecnologia, estes assumiram uma relação de bidirecionalidade na qual a Tecnologia é simultaneamente uma causa e uma consequência das relações de género e vice-versa (Faulkner, 2001).

Para Wajcman (1991), é importante perceber que o monopólio masculino da Tecnologia é uma fonte importante do poder dos homens sobre as mulheres e que a ausência de competências tecnológicas, manifestamente demonstrada pelo sexo feminino nas últimas décadas, contribuiu para a sua dependência dos homens. A autora apresenta uma abordagem que reitera a importância dos estudos e lutas feministas nas questões de género e da Tecnologia, cujos debates se centravam até à data apenas num determinado tipo de Tecnologia. Assim, analisa o impacto das mudanças tecnológicas na divisão sexual, argumentando que a Tecnologia é por si só genderizada e que a produção tecnológica impacta seriamente as divisões sexuais na esfera do trabalho pago. Faz uma análise do uso da Tecnologia na reprodução biológica humana contribuindo para a vigente supremacia tecnológica no mundo ocidental. Debruça-se sobre estudos feministas e teorias sociológicas traçando uma relação entre o impacto das Tecnologias na construção do lar pós-industrial. Assim, argumenta que as divisões sexuais são literalmente embutidas nas casas, na estrutura dos sistemas urbanos, e até no sistema de transportes, de forma a demonstrar a desvantagem das mulheres ao serem afetadas diretamente pelo desenho das cidades em volta do automóvel. Finalmente, defende que a Tecnologia é uma cultura masculina e que as relações de afinidade entre Tecnologia e a ideologia dominante de masculinidade moldam por si só a produção e o uso de determinadas Tecnologias (Wajcman, 1991).

Para Faulkner (2001), até aos anos noventa a literatura produzida apontava a hegemonia masculina e a Tecnologia moderna como estando historicamente ligadas com o capitalismo industrial. Por conseguinte, estariam simbolicamente ligados por temas de controlo e domínio sobre a natureza, o que, segundo a autora, remete ao “Baconian project” (p.82), a bandeira da Tecnologia, tanto na Engenharia como na cultura em geral, sendo esta a razão pela qual a literatura produzida até aos anos noventa entendia a Tecnologia como uma cultura masculina.

Após uma reformulação destas teorias ao longo da década de noventa, o género e a Tecnologia passam a ser vistos pelos estudos feministas como coproduzidos.

Em suma, Faulkner (2001) afirma que a Tecnologia é genderizada porque os principais atores especializados, particularmente na criação de novos artefactos e sistemas tecnológicos, são predominantemente homens. Confirma que existem fortes divisões de trabalho entre os sexos em torno da Tecnologia e que assentam numa relação entre a masculinidade e a habilidade técnica. Assegura que os artefactos tecnológicos podem ser de género, tanto nos objetos feitos para uso masculino e feminino, “género da Tecnologia”, como pela simbologia, por exemplo, através da linguagem atribuída a peças, componentes, ou até das formas e símbolos colocados no objeto, “género na Tecnologia” (Silveirinha, 2011, p. 75). Defende que este facto ajuda a normalizar a heterossexualidade originando associações de género onde as imagens culturais da Tecnologia são fortemente associadas à masculinidade hegemónica, contribuindo para o contínuo domínio tecnológico masculino (Faulkner, 2001).

Do mesmo modo, a autora argumenta que uma das razões centrais para o declínio da entrada de jovens mulheres na Ciência Computacional na Noruega é a rejeição, pelas raparigas, da imagem de *nerd* partilhada amiúde pelos *hackers* informáticos. Assim, revela-se uma característica chave da dicotomia entre Tecnologia e pessoas nomeadamente a assunção de que esta é mutuamente exclusiva.

Faulkner (2001) relembra ainda que as nossas imagens culturais mais comuns de instalações técnico-industriais, foguetes espaciais, sistemas de armas, e assim por diante, são grandes sistemas tecnológicos associados a instituições poderosas. A isto ela intitula de “hard technology” (Faulkner, 2001, p. 85). A “soft technology” (*idem* p.85) é de menor escala, como aparelhos de cozinha, ou mais orgânica, como as drogas e segundo a qual, a maioria das pessoas não identifica como Tecnologia tão rapidamente. Desta feita, a autora defende que o mundo da Tecnologia é feito para se sentir remoto e esmagadoramente poderoso porque os fatores de dualismo *hard-soft* eliminam as outras Tecnologias do dia a dia com as quais nos conseguimos relacionar. Argumenta que esta dicotomia e analogia entre *hard* e *soft* é uma forma de categorizar os artefactos simbolicamente e está genderizada implicitamente em vez de explicitamente.

Finalmente, Faulkner (2001) propõe que esta dicotomia se aplica também ao estilo de pensamento na Tecnologia, isto é, a associação de Engenharia com métodos científicos transporta dualismos de género entranhados: do lado masculino desses dualismos

destacam-se a racionalidade e a orientação para objetivos comumente associadas ao despreendimento afetivo, a forte componente de pensamento teórico e abstrato (especialmente matemáticas) e reducionista para a resolução de problemas. Do lado feminino, sobressai a subjetividade que, embora racional, é associada ao lado emocional apresentando abordagens concretas, empíricas e holísticas aquando da resolução de problemas. Não obstante, a autora relembra que tanto na Engenharia como na Ciência Computacional, ambos os processos de pensamento são indispensáveis. Defende por isso que estas imagens generalizadas e enraizadas no lado masculino deste dualismo são responsáveis pela tendência que conduz as mulheres a não considerarem uma carreira na Engenharia.

Para a autora, tanto o conhecimento técnico como a prática apresentam pormenores que, embora complexos e contraditórios, desempenham um papel importante nas identidades de género dos homens que a utilizam: “I argue that engineers’ pleasure in technology, their close identification with technology, and their pride in technical competence are all crucial elements in the individual identities and shared culture of engineers” (Faulkner, 2001, p. 88). Argumenta que providenciam conforto e recompensa aos engenheiros cujo dia a dia oferece geralmente poucas oportunidades de entusiasmo ou de poder. Desta forma, acredita que se consolida entre eles, simultaneamente, um espírito de fraternidade cujo potencial é eficaz na exclusão de mulheres engenheiras de redes informais importantes.

Também para Silveirinha (2011, p. 68) esta correlação entre género e Tecnologia:

“.... envolve também as condições materiais reais em que as mulheres vivem – hoje muito mediadas pela tecnologia (por exemplo, o emprego), pelas condições em que experienciam os seus corpos (mediados, por exemplo, pelo conhecimento médico) e pelas condições políticas de tomada de decisão técnica que afetam muitos domínios da sua vida. Além disso, a própria experiência cultural de uso das tecnologias contém dimensões de género que radicam em imagens prevalecentes que moldam essa mesma experiência”.

1.3.1. Aptidão e Motivação nas Escolhas Profissionais

A compreensão da sub-representatividade das mulheres nas CTEM passou da análise da capacidade para, numa segunda fase, a análise da motivação que advém da vontade de fazer carreira em áreas que oferecem oportunidades para ajudar e trabalhar com os outros, assumindo-se, assim, como áreas mais atrativas para as mulheres (Diekman,

Steinberg, Brown, Belanger, & Clark, 2017). A perspetiva que apresentam, intitulada *Communal Goal Congruity Perspective*, argumenta que as áreas CTEM são significativamente menos prováveis de permitir a realização de objetivos comunitários do que as áreas que não são CTEM, anteriormente dominadas pelos homens. Em suma, as autoras defendem que o apoio a objetivos de cariz comunitário está subjacente às diferenças de género detetadas nas CTEM. As mulheres tendem a endossar objetivos comunitários mais do que os homens, e esta diferença de género, nesta comunidade, prevê um interesse que assenta nessa diferenciação.

O estudo de Diekman *et al.* (2017) expressa assim que: os homens demonstram um maior interesse nestas áreas e ao longo da vida os papéis de género contribuem para que lhes sejam significativamente mais expostos; que a exposição diferenciada ao material técnico, por exemplo, e que acontece em quadrantes que vão do desporto, aos *hobbies*, aos jogos e aos estereótipos que lhes são associados, pode facilitar maior interesse nas competências técnicas entre os rapazes do que entre as raparigas, conduzindo a uma vantagem inicial dos rapazes nas mensurações das aptidões técnicas; que esta exposição pode impulsionar o interesse e o ganho de conhecimentos dentro de um domínio específico, dadas as semelhanças de género na capacidade mental geral. As autoras esclarecem que a simples crença de que os rapazes estão mais interessados na Ciência ou na Matemática pode levar a uma catadupa de eventos que levam os jovens e os homens a ter uma maior exposição e imersão na Ciência e na Matemática.

Em suma, de acordo com a literatura referida na secção anterior as mulheres expressam preferências por trabalhar com pessoas, enquanto os homens preferem trabalhar com objetos, um interesse que está mais alinhado com o trabalho das áreas CTEM.

Uma outra perspetiva é apresentada por Wang e Degol (2013), que remetem para a *Expectancy-Value Theory* de Eccles (1983, 2009, *apud* Wang & Degol, 2013). Esta teoria apresenta um modelo assente em três componentes: uma componente psicológica que enfoca nas crenças, nos objetivos, nos interesses e nos valores de competência; uma componente biológica que tem em conta as influências genéticas e hormonais para as questões comportamentais e para o desenvolvimento de habilidades, e uma componente de socialização que incide na importância das influências sociais, culturais e contextuais para desenvolvimento da autoconfiança, para os objetivos, interesses e valores. O quadro abaixo representa o esse modelo teórico no que diz respeito à escolha de carreira:

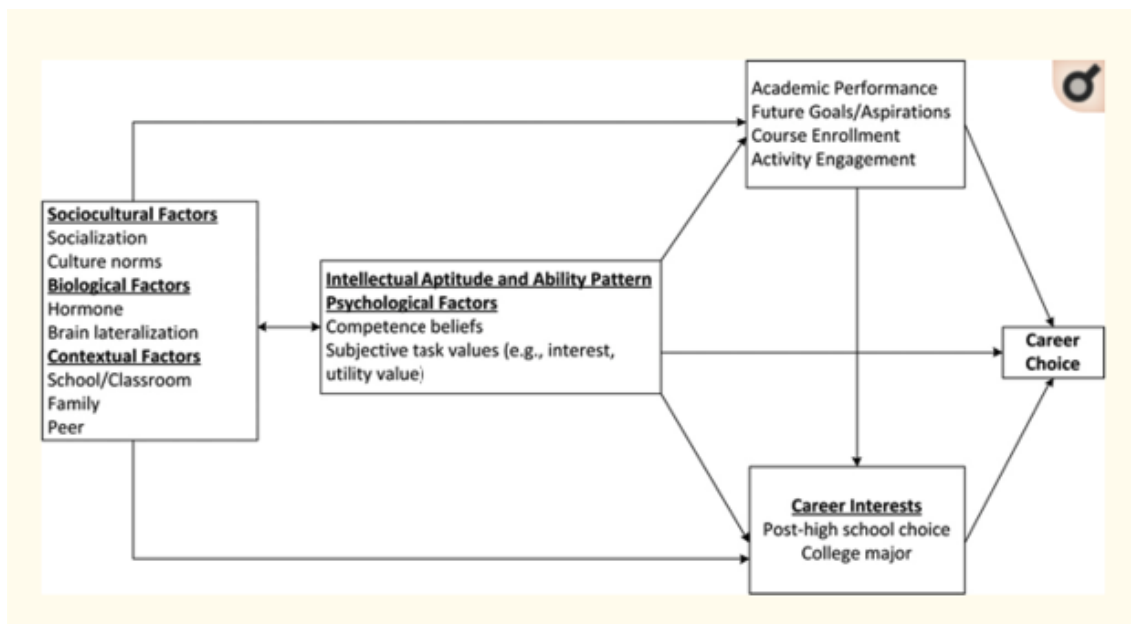


Figura 1. Theoretical Model of Career Choices. Adaptado de Wang & Degol (2013, p.49).

Para os autores, a escolha do tipo de curso no Ensino Secundário ou na Universidade e, por sua vez, da carreira é diretamente influenciada psicologicamente pela capacidade e competência percebida pelos próprios e pelo valor subjetivo da tarefa atribuído às várias opções disponíveis. Este valor subjetivo encapsula o valor de interesse, gosto ou prazer; utilidade, que é subjetiva a cada indivíduo; realização, que remete para a identidade, e o custo, seja este psicológico, económico ou social, previsto para cada tarefa (Wang & Degol, 2013). Os autores concluem que as motivações, apoiadas pelas crenças nas aptidões nas áreas da Matemática e da Ciência, na competência, no interesse e nos valores ocupacionais e de vida, são fatores decisores na escolha profissional nas áreas CTEM.

Desta forma, atribuem a atual sub-representatividade de género nas áreas tecnológicas a dois fatores psicológicos de maior importância aquando da escolha das carreiras profissionais: as preferências ocupacionais e o desequilíbrio entre o trabalho e a vida familiar. Os diferentes interesses na carreira parecem ser um dos principais fatores para a autoexclusão na taxa de participação feminina nestas áreas. Por outro lado, na parentalidade, as mulheres excluem-se de trabalhos mais intensivos nestas áreas ou reduzem o tempo de trabalho para tempo parcial, facto intimamente ligado às responsabilidades primárias de cuidados maternos, as quais tornam mais difícil uma dedicação de longas horas e a obtenção do mesmo nível de produtividade dos homens, que raramente se deparam com este tipo de escolhas (Wang & Degol, 2013).

1.3.2. Socialização e Papeis de Género

Na perspetiva de Wajcman (1991), a sociologia da Tecnologia deve observar a forma como a produção e o uso da Tecnologia são moldados pelo poder e interesses masculinos, mas deve ainda ter em conta uma definição mais abrangente que não exclua a esfera da Tecnologia feminina, como a que está envolvida nas atividades de horticultura, de cozinha ou no papel de cuidadora.

A autora defende que o próprio design e a promoção das Tecnologias domésticas foram moldadas pelas ideologias de género já existentes. Argumenta que a Tecnologia doméstica não só não contribuiu para reduzir o tempo passado nas tarefas domésticas, como contribuiu para reforçar a divisão sexual das tarefas domésticas entre marido e mulher, aprisionando ainda mais as mulheres ao seu papel tradicional. Sublinha que o facto de serem os homens da esfera pública da indústria, da invenção e do comércio a desenharem e produzirem a Tecnologia a ser usada pelas mulheres, assiste e fortalece uma complexa teia de relações capitalistas e de domínio masculino. Para Wajcman (1991) a Tecnologia doméstica constitui-se como um conjunto de objetos e artefactos com significados genderizados embutidos na sua construção, seja pela especificação do tipo de utilizador, seja pela sua localização dentro do lar, que no caso dos eletrodomésticos, por exemplo, se encontram na cozinha, juntamente com a mulher. Já no caso da Tecnologia de informação, tal como a televisão, encontram-se normalmente na sala de estar, o que indica claramente como a forma física e a distribuição espacial do lar expressa assunções claras acerca da natureza da vida doméstica. Na sua perspetiva, a própria arquitetura doméstica desempenha um papel fundamental na socialização, convencionando o lugar da mulher em casa a proporcionar um refúgio para o seu homem, contribuindo para reforçar esses ideais masculinos.

Finalmente, a autora refere que também a noção de que as mulheres são mais próximas da natureza, mais emocionais, menos analíticas e mais fracas do que os homens se constitui como fator de genderização, principalmente num mundo industrial avançado que valoriza o raciocínio científico e técnico, desempenhando assim um papel fundamental na construção ideológica da mulher como inferior (Wajcman, 1991).

Segundo Saavedra (2009), a difícil opção pelas CTEM para as raparigas está relacionada com questões de perceção sobre o feminino e estas áreas, perceção essa que lhes é manifestada através dos colegas ou dos professores como algo desadequado para uma mulher, havendo literatura que expõe como exemplos as raparigas bem-sucedidas na Matemática, muitas vezes marginalizadas e ou

ridicularizadas pelos colegas, ocasionando sentimentos de culpa e até ambiguidade no que diz respeito à sua feminilidade.

É de importância particular entender que os estereótipos de gênero generalizados sobre a Matemática e a Ciência podem afetar a motivação intrínseca das raparigas e das mulheres (Diekman *et al.*, 2017).

A literatura sugere que o gênero influi diretamente nos mais variados níveis: pessoal, contextual e profissional. Devido à natureza do gênero como construção social e individual, o gênero é continuamente construído e negociado através de relações interpessoais que dependem de contextos culturais (Saavedra, Araujo, Taveira, & Vieira, 2013).

Saavedra (2009) argumenta que a problemática emerge de inúmeros fatores: do interesse e autoeficácia na relação com as CTEM; das dificuldades sentidas pelas jovens e pelas mulheres na gestão dos conceitos dominantes de feminilidade e masculinidade; da antecipação de problemas inerentes ao cumprimento e equilíbrio dos papéis familiares; da percepção da discriminação existente nas profissões maioritariamente masculinas. Trata-se de um processo de socialização que, segundo a autora, vai condicionando o indivíduo ao longo da vida. Assim, acredita que há ainda que ter em conta que também os rapazes ignoram as suas motivações evitando domínios tipicamente mais femininos, independentemente das suas competências e vontades. Esta socialização cria expectativas diferentes em função do gênero, apresentando os homens como mais competentes para determinadas áreas profissionais, e alocando as mulheres para as áreas de Humanidades, e ou Ciências Sociais.

Remetendo para a *Teoria da Circunscrição* de Linda Gottfredson (1981, *apud* Saavedra, Taveira, & Silva, 2010), explicam que desde cedo, dos 6 aos 8 anos de idade, a consciência de gênero, no que à profissão diz respeito, desempenha um papel importante na percepção de profissões mais ou menos adequadas a cada sexo. Esta diferenciação entre profissões masculinas e femininas pode levar a que a escolha por uma profissão que saia deste padrão possa inclusivamente constituir-se como uma ameaça à identidade sexual, afirmando-se assim como fator de grande influência na construção e persecução dos interesses vocacionais e nas expectativas de autoeficácia (Saavedra *et al.*, 2010). Estas últimas têm um papel igualmente preponderante na relação entre gênero e profissão pois podem afetar o comportamento vocacional das

mulheres, limitar as suas aspirações e realizações e reduzir, conseqüentemente, os sistemas de análise de carreira e o desenvolvimento vocacional (Saavedra *et al.*, 2010).

A literatura esclarece que as mulheres são particularmente influenciadas por fatores socioculturais de inúmeras formas. Os fatores sociais, encerrando normalmente estereótipos e discriminação, e os fatores culturais, tais como normas, são macro-influências na motivação de jovens de ambos os sexos nas escolhas das áreas CTEM. Esta influência tem impacto nas crenças dos pais, professores, colegas e jovens em geral, por exemplo, na forma como a mulher é retratada no cinema e na televisão. Trata-se de um poder que reside no alcance destes fatores socioculturais dada a sua enorme potencialidade em influenciar múltiplos ecossistemas em simultâneo, afetando diretamente as mulheres na forma como estas se revêm na sua relação com as Matemáticas e com as Ciências. Existe uma normalização do estereótipo de género que associa a Matemáticas e as Ciências como áreas maioritariamente masculinas, facto que aliado à hegemonia masculina efetiva nas profissões CTEM, origina um sentimento generalizado que exclui as mulheres destas áreas (Wang & Degol, 2013).

Casaca e Lopes (2009) chamam especial atenção para as perspetivas que demonstram que a influência das normas culturais sobre os papéis das mulheres e dos homens na sociedade, assim como as experiências de socialização com base no género, são responsáveis por escolhas tendenciosas, em termos de género, no que concerne a campos e profissões científicas onde ficam evidentes variações significativas, tanto nos constrangimentos, como nas oportunidades.

Teixeira e Casaca (2020), suportadas pelos estudos de Casaca e Lortie (2017), defendem que estas representações sociais, cristalizadas em função do género, assentam em padrões de socialização genderizados que atribuem papéis sociais ao homem e à mulher e ajudam na construção do ideal dominante de feminilidade e masculinidade.

“Subjacentes a tais expectativas estão as associações estereotipadas relativamente a homens e a mulheres - no caso deles, enfatizando características como a capacidade de raciocínio lógico e abstrato, a imparcialidade, a objetividade, a inclinação natural para o manuseamento de equipamentos técnicos, para inovar e criar engenhos; no caso delas, para educar, cuidar, gerir emoções e interagir com seres humanos” (Amâncio, 1994; Casaca & Lortie, 2017 *apud* Teixeira & Casaca, 2020, p. 64).

1.3.3. Influência da Escola e Família

A Literatura consultada revela que a escola desempenha um papel preponderante nas crenças motivacionais dos estudantes. Wang e Degol (2013) argumentam que, por ser complexa e multifacetada, a forma como a escola influencia os jovens acontece através de vários mecanismos de entrega que incluem não só a própria escola, como a sala de aula, o tamanho das turmas, a formação dos professores e as relações interpessoais positivas com os professores e colegas. Para os autores, estes fatores podem impactar positivamente ambos os sexos, contribuindo para um aumento no desempenho académico e conseqüentemente na motivação. Conseqüentemente, os autores relembram que quando as características estruturais relacionadas com as CTEM, as técnicas de instrução e as relações professor-aluno são de menor qualidade, as mulheres têm tendência a desligar-se mais facilmente do que os homens das aulas de Matemática e das Ciências.

Ademais, relembram que há literatura que demonstra que o interesse das mulheres pela Matemática e Ciência teve como principal agente de motivação as atividades relacionadas com a escola e que, por sua vez, para os homens este interesse desponta de atividades autoiniciadas. Relembram ainda que os processos de decisão para as aspirações académicas e profissionais acontecem ao longo dos vários percursos escolares que antecedem os estudos universitários.

Apoiados pela já referida *Expectancy-value Theory de Eccles* (1983, 2009), Wang e Degol (2013) clarificam ainda que a subjetividade inerente aos diferentes valores motivacionais de cada indivíduo é também ela relacionável com as experiências em contexto escolar, não excluindo nem os colegas, nem a própria família. Esta teoria, esclarecem, sugere que estes contextos e experiências são eventuais potenciadores de oportunidades para que os estudantes se envolvam em qualquer tipo de atividade, CTEM ou não CTEM, por terem um potencial capaz de oferecer experiências educacionais e programas especiais. Desta forma, conseguem providenciar aos jovens a informação necessária acerca das próprias competências e a construção de memórias, que baseadas na emoção causada pelas várias atividades e experiências, podem vir a contribuir para a informação e para o desenvolvimento da crença nas próprias competências e para os valores subjetivos das tarefas. Assim, à medida que as aspirações educacionais e profissionais começam a tomar forma, prevê-se que exista potencial para que estas influenciem o valor atribuído às possíveis escolhas académicas ou profissionais.

“Since career choice is made at the individual level, it is critical to model the social and psychological processes that lead to career decisions during secondary school. This will allow us to differentiate the career paths of students with early STEM interests who either pursue or do not pursue STEM careers, as well as those with little early interest in STEM who either do or do not end up in STEM paths.” (Wang & Degol, 2013, p. 22).

Em concordância com este pensamento encontram-se também Saavedra *et al.* (2010) que defendem uma intervenção no exossistema, do qual, segundo as autoras, fazem parte “a direcção da escola, nomeadamente as medidas tomadas no 3.º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário no que diz respeito à definição da abertura e funcionamento de determinados cursos nestes níveis de ensino” (Saavedra *et al.*, 2010, p. 55). As autoras defendem, assim, não só o desenvolvimento de atividades que evitem tipificar determinados cursos como “tipicamente femininos ou tipicamente masculinos” (Saavedra *et al.*, 2010, p. 55), como um encaminhamento ou um aconselhamento dos alunos que tenha por base estas tipificações.

Segundo Wang e Degol (2013), também a família desempenha um papel importante na produção motivacional para as CTEM. A investigação à data propõe que as diferentes crenças, expectativas e tratamento das crianças no âmbito familiar podem promover uma divisão de género na perceção da Matemática e das Ciências. Certos comportamentos parentais podem reforçar estereótipos negativos instituídos que, por sua vez, podem conduzir à crença de que ter capacidade matemática é algo inato, em contraste com um conjunto de aptidões que podem ser dominadas através da prática. As crenças, práticas e recursos dos pais são, no entanto, influenciados por características demográficas e socioeconómicas. As famílias com baixos rendimentos, por exemplo, carecem de recursos e ligações que as famílias com rendimentos mais elevados empregam para promover a aprendizagem da Matemática e das Ciências entre os seus filhos. Não obstante, Wang e Degol (2013) não deixam de sublinhar que estes estereótipos cristalizados na família não podem ser analisados sem que se analise também o impacto da genética do comportamento nestes processos, defendendo que uma análise que não contemple o ambiente e a expressão genética seria incompleta. Conquanto as diferenças biológicas nos níveis de androgénio e na organização do cérebro possam influenciar a diferença de género na Matemática e na capacidade científica, os autores reforçam que esta é ainda uma investigação sem grandes conclusões, dada a existência de resultados inconclusivos nas relações positivas entre a testosterona pré-natal, a lateralização cerebral e a capacidade espacial. Estes factos

dificultam este tipo de investigação pelo facto de o impacto sociocultural na capacidade espacial não poder ser separado das influências genéticas (Wang & Degol, 2013).

Também Saavedra *et al.* (2010) apontam como fundamental o papel dos pais nos modelos identitários da criança, uma vez que as crenças e representações que lhes são subjacentes acerca do feminino e do masculino, no que diz respeito às escolhas de formação e à profissão, desempenham um papel preponderante na influência dos comportamentos e das expectativas futuras dos filhos. As autoras não excluem de igual forma, neste contexto, o papel de outros agentes educativos, como colegas e professores e meios de comunicação.

“Por exemplo, há evidência de que as adolescentes criadas em famílias de dupla carreira estão mais preparadas para planificar a sua carreira de forma a encontrar equilíbrio entre o trabalho e a família nas suas vidas futuras tendendo, igualmente, a escolher companheiros que partilhem desta perspectiva” (Gilbert & Rader, 2008 *apud* Saavedra *et al.*, 2010, p. 51).

1.4. Género nas Tecnologias da Música e Produção Musical.

Estima-se que, não obstante a Produção Musical ser constituída por uma variedade de disciplinas, funções, práticas e metodologias diferentes, seja uma das áreas com menos diversidade de género. Brereton, Daffern, Young, & Lovedee-Turner (2020) sublinham que o rácio de produtores musicais seja de quarenta e um homens para uma mulher. Para os autores, continuam atuais os estereótipos associados à imagem do produtor musical como sendo solitário ou à de um engenheiro de som a controlar enormes quantidades de Tecnologia pejada de botões, seletores, ecrãs LED, e muitos cabos. Estes são estereótipos historicamente genderizados e ligados a noções do domínio masculino na perícia tecnológica, no controlo e na criatividade.

Os autores argumentam que, sendo multidisciplinar por natureza, a Produção Musical requer efetivamente um leque variado de competências sociais, técnicas e artísticas, e da mesma forma, cobre também um vasto leque de disciplinas como Tecnologia, Música, Artes, Engenharia, *Performance* ou *Análise*: “from studio based roles, to digital processing, composition, mixing, live sound engineering, recording processes, audio for games” (Murphy *et al.*, 2006 *apud* Brereton *et al.*, 2020, p. 220). É esta transdisciplinaridade que para os autores torna estranho que a Produção Musical se tenha tornado tão masculina, quando estes campos relacionados são frequentemente elogiados e notados pela sua verdadeira natureza interdisciplinar.

Os autores esclarecem que no Reino Unido, embora se verifique um aumento da representatividade feminina na Indústria da Música, de 45.3% em 2016 para 49.1% em 2018, é quando se analisam os números por área profissional, dentro da Indústria Musical, que as disparidades mais sobressaem. Apenas 21.7% dos artistas nesta indústria são mulheres. No entanto, verificam-se uns escassos 12.3% de letristas, 2.1% de produtoras musicais e 3% de engenheiras de som e profissionais de mistura. Adicionalmente, para os autores, a baixa representatividade das mulheres nos papéis criativos na Indústria Musical é surpreendente, dado que, em todas as fases da educação no Reino Unido, o número de mulheres que estudam Música é igual, e por vezes superior, ao dos homens.

Nos Estados Unidos da América, a Indústria Musical tem encontrado problemas similares aos do Reino Unido, quer profissionalmente, quer na academia. Estudos recentes mencionam que a maioria das mulheres destes ramos já experienciou alguma forma de preconceito de género. Quase metade sentiu-se menos reconhecidas do que os seus pares masculinos tendo a perceção de que as suas carreiras tinham sido prejudicadas por causa do género. As mulheres de cor sentiram-se particularmente menos apoiadas no local do trabalho (Brereton *et al.*, 2020).

Na ótica dos autores é particularmente alarmante que as Tecnologias da Música e a Produção Musical atraiam tão poucas mulheres e, nesse sentido, reforçam a necessidade de se redobram esforços para se compreender os motivos pelos quais as mulheres não são desde cedo envolvidas na disciplina ao longo do seu percurso escolar, na Universidade e no trabalho.

1.4.1. Mulheres no Áudio?

Leslie Gaston-Bird é engenheira de som, profissional de mistura e de pós-produção, e é música, tendo escrito recentemente o livro *Women in Audio*. Uma obra totalmente dedicada às conquistas de mulheres nas áreas de Engenharia de Áudio cobrindo, no entanto, os mais variados tópicos, áreas e organizações femininas de áudio: Rádio e *podcasts*; Som para Televisão e Cinema; gravação de música e Música Eletrónica; *Design* de *hardware* e *software*; Acústica; Som ao vivo; Som para teatro; Áudio para jogos e Educação.

Nas palavras da autora há uma tentativa de com este livro se tratarem questões de inclusão e diversidade no campo das artes de gravação, principalmente no que é respeitante às mulheres, e às mulheres em grupos sub-representados.

Gaston-Bird (2020) explica, à semelhança de autores anteriormente abordados, que as designações de género, devido à sua natureza historicamente instituída na cultura das áreas CTEM, conduziram à necessidade de as mulheres criarem as suas próprias redes nas mais variadas organizações, onde seria evidente uma sub-representatividade, uma vez que, e também historicamente, sempre foram excluídas deste tipo de áreas e profissões.

Assim, afirma que, aparentemente, sempre que há necessidade de abordar a falta de representatividade no campo do áudio é necessário nomear e usar frases como *Women in Audio*, embora esclareça que todas as mulheres com quem falou, para a produção deste livro, tivessem afirmado que se lhes fosse dada escolha gostariam apenas de ser apelidadas de engenheiras de som.

“I am not a woman in audio. I am an audio engineer.

Nor am I a “Black woman audio engineer.”

I am an audio engineer who happens to be a Black woman.”

(*Gaston-Bird, 2020, p. prefácio*).

O livro encapsula uma fundamentação histórica e teórica e está repleto de testemunhos, factos e curiosidades de uma história de participação feminina nesta indústria. Reconhecendo mulheres incógnitas e os seus feitos desconhecidos ao longo de uma viagem que remonta ao século XIX e nos traz aos dias de hoje. Uma viagem que começa pelo áudio no Século XIX, mas que abrange as mais variadas áreas e épocas: desde o aparecimento do cinema falado; do surgimento da Indústria de Gravação; da II Guerra Mundial, e do pós-guerra; dos anos sessenta; dos anos setenta e da influência da segunda vaga do feminismo na Música no feminino até aos dias de hoje.

Gaston-Bird (2020) explica que nos testemunhos que recolheu encontrou várias perspetivas sobre a indústria e das quais se destacam algumas óticas e temas diferentes, referindo que algumas das entrevistadas se focaram em abordar a própria natureza genderizada e masculina da indústria, enquanto outras se preferiram focar nas próprias carreiras; algumas preferiram falar dos obstáculos e do sexismo, enquanto

outras relatam não terem encontrado muitos obstáculos, nem terem sido alvo de preconceito ou assédio. No entanto, a maioria das entrevistadas, segundo a autora, relatou ter sido alvo direto ou assistido a práticas sexistas. Muitas manifestaram entusiasmo por se tornarem mentoras, outras já se reformaram ou simplesmente saíram da indústria para outras carreiras. No entanto, todas pretendem ser reconhecidas pelo trabalho como mulher engenheira de som. A autora encontrou ainda outros pontos em comum no que diz respeito às histórias e aos percursos escolares, que amiúde mencionam Música, Composição, Matemática, Eletrónica, Física, Engenharia Eletrónica ou Ciências Ambientais, destacando, no entanto, dois aspetos aparentemente mais evidenciados: a curiosidade e a determinação.

O livro apresenta uma recolha de testemunhos que para a autora representa uma experiência universal de todas as mulheres engenheiras de som, a qual se propôs compilar, providenciando um repositório histórico e de modelos a seguir para pessoas de todos os géneros, identidades e idades e revelando, simultaneamente, as figuras desconhecidas da indústria e as histórias que foram recontadas através do tempo e que omitiram os feitos destas mulheres. Regan (2020) também concorda com a relevância de modelos a seguir na Produção Musical. No entanto, a este respeito, é importante mencionar a perspetiva de Blickenstaff (2005) que alerta que a subjetividade e as especificidades inerente às escolhas de carreira não permitem concluir com certezas de que a existência de modelos a seguir, em áreas tecnológicas ou científicas mais masculinizadas, se apresente como uma solução, apesar de ter potencial para se constituir como meio de resolução para esta problemática.

Também Rodgers, (2010) se debruça sobre a compreensão dos discursos que circundam a reprodução de som numa correlação entre o género e a Tecnologia. Segundo a autora, parece existir um obstáculo histórico para pensar as mulheres como produtoras de cultura musical eletrónica. Um obstáculo que aponta para uma ligação a uma lógica de reprodução que a autora acredita que tem vindo a ser perpetuada e materializada por discursos de reprodução sonora em diversas Tecnologias, contribuindo para a eternização de convenções de género que aplicam às mulheres noções ultrapassadas de passividade, recetividade e maternidade:

“In dominant discourses and practices of sound reproduction, technological forms and processes that are culturally coded as female or maternal have been systematically devalued and controlled. Histories of technology have routinely overlooked the active functions of “container technologies” — those technological forms associated with metaphors for female organs of storage

and supply, and with types of labor traditionally done by Women” (Sofia 2000, p. 185 *apud* Rodgers, 2010, p. 12).

1.4.2. Engenharia de Som

Durante a XXª Conferência Internacional de Efeitos Visuais Digitais (*20th International Conference on Digital Audio Effects*), Jude Brereton, palestrante sénior em Tecnologia do Áudio e da Música do Departamento de Engenharia Electrónica da Universidade de York, no Reino Unido, apresentou a palestra *Gender balance in audio: how to fix it?*, onde defendeu que as questões de igualdade de género nas áreas CTEM atingiram recentemente a ribalta, sendo catapultadas com a ajuda de eventos de topo em empresas tecnológicas e da cultura pop (Brereton, 2017). O objetivo passou por sublinhar a importância de construir uma imagem real das desigualdades de género na comunidade da Engenharia de Áudio.

A Engenharia de Som mantém a tendência de sub-representatividade que se tem vindo a demonstrar na presente revisão de literatura. Nesta área também os homens têm prevalecido, o que, de acordo com Young & Berenton (2018) levou a uma dominação masculina no seio da indústria.

Mais recentemente, a AES (*Audio Engineering Society*) começou a unir esforços para combater as questões de diversidade de género na Engenharia de Áudio ao formar o Comité de Diversidade e Inclusão, e ao alinhar a secção britânica da AES com a campanha *HeForShe* da *UNWomen* (Young & Brereton, 2018).

Kate Young, Mestre em Engenharia Electrónica com Sistemas de Tecnologia Musical, pela Universidade de York e investigador@ do departamento de electrónica da mesma, participou de um painel com o título *Unlocking the Control Room: Equity Achievements in Audio*, que se realizou durante uma das convenções da AES. Uma abertura de um diálogo alicerçado nas conquistas dos seus membros que aplicaram os seus conhecimentos especializados para estimular ações no sentido da equidade.

Mais recentemente, Young, Lovedee-Turner & Brereton (2018) propuseram, inclusivamente, um novo método para recolher dados exatos sobre o género dos oradores nas conferências da AES, incluindo autores de artigos, oradores, e mentores de workshops. Entre 2012 e 2016 contaram-se 88,98% de homens, 9,09% de mulheres, 1,82% não identificável, 0,11% não binário. Numa atualização mais recente, os autores

passaram a incluir conferências realizadas entre 2016-2019 notando-se uma ligeira alteração: 85,6% de participação masculina, 12,1% de participação feminina, 1,75% não-identificável e 0,55% não-binário.

1.4.3. Relações de Género no Estúdio de Gravação

Um inquérito internacional em parceria com a AES revelou que as mulheres que trabalham em estúdios de gravação sofrem mais micro-agressões de género do que as que trabalham nas CTEM (Young, 2020).

O produtor musical Marstal (2020), investigou o processo criativo das primeiras produções de estúdio da artista pop dinamarquesa *Where Did Nora Go*. Explica o processo de criação que envolveu a artista e dois produtores musicais, ele incluído. Analisaram-se as dinâmicas de processos e de tomadas de decisões numa perspetiva de género, mapeando alguns artifícios que diariamente se relacionam com noções de expectativas e pressupostos de género, mas que, segundo Marstal (*idem*) podem ser entendidas como resultado de estratégias históricas e ideológicas de domínio masculino na criação de Música Popular. Embora admita a falta de conhecimentos, à data, no que concerne à relação entre as produções de estúdio e as questões de género, o autor acredita que a predominância masculina histórica é indiscutível dado que os estúdios de gravação sempre acolheram homens, músicos, engenheiros e produtores, havendo a tendência de excluir as mulheres no que diz respeito à tomada de decisões. Não obstante, o autor refere como exceção à regra a “infamous” (p.130) presença de Yoko Ono na régie durante a produção do *The White Album*, dos Beatles em 1968. Assim, é indissociável a genderização sentida nos estúdios, tanto nas questões relativas à perícia técnica como na criatividade artística associada à profissão.

Para o autor, uma vez que as práticas em ambiente de estúdio se dedicam à *performance* numa relação estreita com a Tecnologia, e uma vez que a própria Tecnologia é genderizada, estão criadas as condições para que se instituem “performances of gender” (p.130) e para que esta se apreenda como uma cultura de masculinidade, entendida como um total cultural, social e político de expressão da masculinidade.

Ademais, o produtor não acredita que haja neutralidade de género nas relações entre Música e criatividade, afirmando que os estereótipos, e as preferências de género desempenham papéis preponderantes seja em circunstâncias onde há muitos homens e poucas mulheres, seja em situações onde há só homens, acreditando que estas acontecem em qualquer cenário possível.

Marstal (2020) atenta ainda no facto de que as vocalistas femininas diferem das instrumentistas porque não dependem da Tecnologia, motivo pelo qual não se constituem como ameaça ao *status quo* patriarcal das práticas masculinas nos estúdios de gravação. Numa referência ao rock, ao pop e a outros estilos musicais, relembra que estes são estilos musicais cujas produções estão diretamente associadas ao género, apresentando convenções, padrões e preconceções de comportamentos femininos e masculinos, lembrando a citação de Sara Cohen que afirma:

“[w]omen have been associated with a marginal, decorative or less creative role within rock culture, hence the popular stereotypes of glamorous women who act as backing singers for male groups or feature on their videos and other merchandise, and girls as adoring fans who scream at male performers.” (Cohen, 2011, p. 226 *apud* Marstal 2020, p.131).

O autor conclui que as relações de género entre indivíduos no estúdio de gravação e aquando dos processos de criação musical conjunta são cruciais para o sucesso das colaborações e que embora as relações chegadas entre homens, que ele intitula de “homosocial” (p. 163), não excluam a mulher por natureza, podem revelar-se como obstáculos e apoderar-se do espaço em vez de o conceder, facto que trará consequência diretas nos processos, nos desejos criativos e nas visões artísticas, sendo por essa razão, necessário considerar os vários aspetos inerentes às negociações de género como fator preponderante para se evitarem frustrações ou mesmo desinteresse durante os processos de gravação.

1.4.4. “Na estrada”

Numa entrevista realizada àquela que terá sido, presumivelmente, a única mulher a fazer som ao vivo e a “andar na estrada” nos finais dos anos sessenta e inícios dos anos setenta, Betty Cantor-Jackson, engenheira de som dos *Grateful Dead*, uma banda de rock renomada dos anos sessenta, aponta o seu testemunho como uma fonte rara adequada para identificar atitudes temporãs em relação às mulheres engenheiras de som (Pisfil, 2020).

O relato das suas experiências com a famigerada banda de rock confirma as dificuldades, desafios, frustrações e particularidades sentidas por uma mulher que trabalha num ambiente e cultura maioritariamente masculinos onde o preconceito de género é uma realidade em permanência. Durante a entrevista, a engenheira de som reconhece que fez parte de um ambiente profundamente misógino e sexista, trabalhando mais horas e mais arduamente, apesar de o seu salário ser igual ao dos

restantes membros da equipa técnica da banda. Testemunha ainda que causava o espanto regularmente perante outros pares apenas por fazer parte da área técnica e dos processos de tomada de decisão.

Da entrevista ressaltam os depoimentos que dizem respeito à sua não valorização como profissional, tão somente pelo facto de ser mulher e a forma como teve de moldar a sua atitude e encontrar uma forma de trabalhar com os seus pares que não abrisse espaço para que estes a ostracizassem. Refere que não foi fácil ser respeitada ou ver o seu trabalho reconhecido, mas que o seu trabalho e competências acabaram por conquistar, de certa forma, o respeito merecido. Não deixa, no entanto, de sublinhar que esse respeito e esse trabalho foi inúmeras vezes colocado à prova, intencionalmente, e que na altura estava consciente de que era vista por muitos apenas como a namorada de um dos outros engenheiros da equipa técnica, Bob Mathews.

Betty Cantor-Jackson, afirma ter a noção de que pertenceu a uma família, “where the females were walking behind the men so to speak.” (Pisfil, 2020, p. 150), dado o tratamento diferenciado que as poucas mulheres que trabalhavam nas restantes áreas recebiam.

De referir que este testemunho, em fase com vários outros estudos, alguns dos quais já mencionados, enfatiza a diferenciação na realização das tarefas, e defende que os motivos pelos quais isto acontece é porque são os próprios homens que ainda pensam dessa forma. Uma vez que a base da sociedade é ainda orientada para os homens, exige-se das mulheres um cuidado extra na forma como trabalham para poderem ser consideradas iguais e, por conseguinte, respeitadas, e pese embora haja sempre “the new guy” (p.153) em qualquer área, a engenheira considera que para as mulheres as dificuldades são acrescidas.

Em conclusão o autor reitera que, pese embora as *roadies* e as engenheiras de som ao vivo sejam mais comuns nos dias de hoje, ainda existe um desequilíbrio óbvio no número de homens e mulheres na produção de música ao vivo. Além disso, para o autor, Betty Cantor-Jackson confirma que as desigualdades não só permanecem, como por vezes também são desencadeadas por indivíduos sexo feminino:

“Well, now there are a lot of women running shows all the time, working the stage or working something. A lot of the time they have that same attitude

towards other females, and I say, “wait a minute” (laughs). So, you get that from females, too.”. (Pisfil, 2020, p. 153).

1.4.5. Música e Pós-Produção

Numa outra entrevista em *Gender in Music Production*, desta feita realizada por Liesl (2020) a Aynee Osborn Joujon- Roche, cantora, compositora, e editora de som para filme e televisão, o autor dá voz a um período que se situa, segundo ele, entre a segunda vaga feminista dos anos oitenta e noventa e os dias de hoje, onde as questões de expressão e igualdade de género têm ganhado maior visibilidade.

A entrevista revela como as diferenças de género podem ter um impacto negativo no bem-estar das mulheres na Indústria da Música e da Pós-Produção, mas constitui-se também como um relato de possibilidades exequíveis e reais de se arrogarem oportunidades fantásticas de colaboração entre as mulheres e, da mesma forma, de se melhorarem as relações entre homens e mulheres.

Aynee Joujon-Roche reporta ter experienciado os, segundo a artista, habituais clichês masculinos, chauvinistas, controladores e sexistas, no exercer da sua atividade profissional como produtora, engenheira de som e música, considerando, aliás, que este é um reflexo da nossa sociedade. Faz, no entanto, questão de revelar que também experienciou um lado mais cordial por parte dos seus pares. A pertinência dos seus relatos cruza-se também com alguma da revisão bibliográfica acima, no que concerne a “síndrome do impostor” onde as inseguranças se constituem como um obstáculo considerável:

“So there were some obstacles like that, and the self-doubt and of jumping into an area where you think – I didn’t go to school for this; I don’t have a degree in this, where some people, you know, did and do; I don’t have an engineering degree. So much of it again, comes back to when you finally realize who you are and what you bring to the table, and how sometimes we beat ourselves up about it. . . . And then that realization – the irony that happens later in life that you do [know who you are and what you are doing] Aynee Joujon-Roche” (Liesl, 2020, p. 165).

Não deixa de salientar a importância que algumas experiências positivas dentro dessa mesma cultura lhe proporcionaram, e onde se destacaram os processos criativos e colaborativos em detrimento do género.

“Maybe you’ve experienced this, where you’re involved in a creative process, and you’re with the opposite sex, where you just become humans, musicians – making music, where I’m not looking at ‘Oh, wow, those are nice breasts’, or ‘Wow, he’s so tall and handsome, look at his jaw line’. No, we’re just humans, in the same tribe, making music, and that’s such a beautiful thing, when those outer things can fall away. Aynee Joujon-Roche” (Liesl, 2020, p. 165).

A entrevistada recomenda assim que se abolem os clichês de género nas referências a músicas, *performers*, engenheiras ou produtoras, por exemplo, e se deixe cair o uso de expressões que recorrem à utilização do substantivo mulher antes da profissão. Às mulheres, aconselha a que estas trabalhem na sua autoconfiança, nos seus instintos e no seu direito a se defenderem. Refere ainda que, mais especificamente no caso da pós-produção, que é uma área realmente bastante dominada por homens nos Estados Unidos, as tarefas para além de técnicas requerem enorme paciência e orientação para o detalhe, facto que ela vê apenas como uma enorme possibilidade para esta ser uma área feminina dados estes requisitos. Acrescenta que há mais mulheres nas equipas que se dedicam à edição de diálogo e que nas áreas de *sound design* e *sound effects* há mais homens, sendo-lhe difícil encontrar uma razão maior para esta tendência, a não ser a da antiguidade.

“In so many ways women are so suited for it. And there are certain areas where in dialogue . . . although I started out in sound effects, but you know, dialogue is mostly women; sound effects and sound design, because it’s gunshots and werewolves and who knows what, it could be mostly men. . . . So yeah, I honestly couldn’t tell you why. It’s just because there were more men in the workforce when this started to happen, and it just stayed that way. And it’s slowly, slowly getting better. Aynee Joujon-Roche”. (Liesl, 2020, p. 168).

1.4.6. Relações de Causa Efeito

Não descurando alguns dos esforços feitos à data para encorajar mulheres estudantes a considerarem estudos e carreiras nas áreas CTEM e nas Tecnologias da Música, para Brereton *et al.* (2020), estas continuam escassas enquanto não se abordar devidamente a cultura maioritariamente masculina que é subjacente a estas disciplinas. Os autores apontam como causas desta sub-representação questões como a subvalorização, a crítica exagerada, a exclusão e a sexualização. As mulheres que trabalham como

performers, compositoras e produtoras enfrentam regularmente um sexismo entranhado, falta de modelos a seguir, e inúmeras outras barreiras à entrada da profissão o que significa um esforço maior comparativamente com o dos seus pares masculinos.

In addition to feeling professionally overlooked, women are typically stereotyped and sexualized: they report being “subject to innuendo, undesired attention, propositioned, valued for their appearance, and even an awareness or fear of being personally unsafe in work situations” (Prior et al. 2019; Smith et al. 2019: 9) or even subject to “constant sexual harassment” (Prior *et al.*, 2019; Smith *et al.*, 2019, p. 19 *apud* Brereton *et al.*, 2020, p. 239).

Aparentemente, a democratização equitativa do uso da Tecnologia Musical entre homens e mulheres, em muitos aspetos, continua a não resultar. O mercado da Tecnologia Musical de consumo tem imitado o marketing de computadores pessoais e domésticos que visaram pais e rapazes durante as campanhas publicitárias dos anos setenta e oitenta, sendo que continua a prevalecer a imagem estereotipada do jogador de computador como homem na cultura popular (Berenton *et al.*, 2020). Para as autoras, esta cultura serve um propósito negativo que apenas ajuda a perdurar práticas que normalizam o isolamento social dos rapazes que se insulam nos seus *home studios* e se rodeiam de Tecnologia, ao contrário do que acontece com as raparigas.

Outras potenciais causas para esta realidade assentam em abordagens erradas, mesmo quando o objetivo é o de atrair ou sensibilizar para estas questões. Campanhas de atração que acabam sempre por ceder aos modelos de género instituídos, seja pelo uso descuidado de imagens ou linguagem claramente imbuída de estereótipos de género e que apenas ajudam a perdurar a já sólida diferenciação de géneros nestas áreas. Os autores apresentam como exemplos a campanha *Science: It's a Girl Thing* da Comissão Europeia em 2012 e da Midiplus MIRROR¹, que acabou por emitir um comunicado a desculpar-se pela linguagem genderizada e preconceituosa usada na descrição do produto, e após inúmeras críticas e comentários em algumas plataformas da área.

Por estas razões, os autores consideram crucial que haja uma mudança na cultura de iniciativas que visam fomentar a igualdade de género, pois estas comumente encorajam e solicitam às mulheres que estas adaptem a sua abordagem e os seus valores, de

¹ <https://midiplus.com/html/mirror.html>

forma a se conseguirem encaixar na cultura de uma indústria que é maioritariamente masculina. No entanto, acreditam que este tipo de abordagens apenas poderá ter êxito a curto prazo, uma vez que, em última análise, a própria natureza da ocupação está já organizada em torno de construções identitárias:

“...The very nature of an occupation is discerned and organized around social identities like gender and race” (Ashcraft and Ashcraft 2015). Women should not be required to change themselves in order to fit into the majority-lead culture – the so-called glass slipper problem. Rather, the culture of the music industry system needs to change itself so that all are able to participate and thrive” (Brereton *et al.*, 2020, p. 237).

No Reino Unido, segundo os autores, as alunas sentem-se marginalizadas das disciplinas de Engenharia e Tecnologia deixando clara a urgente necessidade de empenhamento de todos os sectores envolvidos na Tecnologia da Música e do Áudio.

Assim, defendem que, de entre as medidas para uma efetiva mudança da cultura nestas áreas, devem estabelecer-se objetivos orientados para a inclusão através da introdução de cotas nos mais variados âmbitos. Recomendam, assim, que as organizações que trabalham na Produção Musical, ou em campos educativos relacionados devem perseguir objetivos que se constituam como desafio para a diversidade. Pese embora reconheçam que se trata de um assunto que pode gerar controvérsia, apresentam o exemplo da *Recording Academy* (USA), que em 2019 introduziu uma iniciativa que estipula que pelo menos 2 mulheres devem ser incluídas nas intenções de contratação:

“We aren’t here to tell anyone who to hire, but we have seen repeatedly that the simple act of making sure diverse candidates are always seen and considered makes it more likely that women will get the opportunities they previously have been denied. (Recording Academy Task Force 2019)” (Brereton *et al.*, 2020, p. 238).

As autoras sugerem inúmeras outras medidas para esta mudança de cultura, tais como: a inclusão e responsabilização dos homens como aliados proactivos nesta mudança da cultura para que esta seja realmente efetiva; a adoção de medidas de tolerância zero a práticas de assédio sexual e de micro-agressões de género, com a implementação de mecanismos realmente capazes e eficazes na assistência às denúncias; a criação de um código de boas práticas para a Produção Musical, o qual deve incluir modelos a seguir, redes de contactos e mentoria, por exemplo; a continuidade de realização de

ações ou intervenções que suportem e encorajem a igualdade de género a vários níveis; a acreditação como forma de se estabelecer um compromisso com a diversidade, argumentando que os cursos conferentes de grau, acreditados por importantes instituições dedicadas à Tecnologia Musical no Reino Unido, não incluem considerações de diversidade e inclusão como parte dos critérios de acreditação; a criação de uma parceria entre as instituições educativas e a Indústria, de forma a promover a Tecnologia Musical e onde se consiga implementar um plano de estudos inclusivo, quer na Música, quer nas Tecnologias Musicais.

1.5. Portugal: Perfil Sociodemográfico, Género, Percurso Académico e Saídas Profissionais

Segundo Leandro S. Almeida, M. Adelina Guisande, Ana Paula Soares, Luísa Saavedra (2006), ultrapassadas as questões legais que condicionavam a igualdade de oportunidade ao Ensino nas últimas décadas, emerge agora uma nova problemática que remete para o impacto das desigualdades sociais, tanto no sucesso, como na escolha dos diferentes percursos de formação que, por este motivo, assumem um valor diferente aquando da obtenção do diploma.

No estudo, *Acesso e Sucesso no Ensino Superior em Portugal: Questões de Género, Origem Sociocultural e Percurso Académico dos Alunos*, os autores dedicaram-se a analisar o impacto do género, da origem sociocultural, da nota de candidatura, da escolha dos cursos de ingresso, das dificuldades antecipadas e do rendimento académico no final do primeiro ano na Academia.

Os autores relembram que o momento de acesso ao Ensino Superior é precedido por um processo longo e complexo de cariz sociocultural, que em Portugal, do nono ano ao décimo segundo ano, apresenta ao aluno diversas opções de questionamento, quer no que concerne o seguimento ou não dos estudos, quer no que diz respeito às áreas a seguir, ao tipo de estudos, de cursos e até de instituição.

Defendem, por isso, que em Portugal as escolhas dos alunos no momento de acesso ao Ensino Superior, refletem as condições sociais das famílias de origem e dada a forma como o Ensino está organizado por subsectores, representam ainda os valores socioculturais atribuídos aos diplomas obtidos em cada subsector. Desta forma, e numa correlação direta, sublinham que, não só o Ensino Superior universitário é frequentado por alunos oriundos de classes sociais mais favorecidas, e aos quais estes últimos

atribuem mais prestígio, como no reverso da medalha, o Ensino Superior não universitário é considerado menos prestigiante recebendo alunos de estratos sociais menos favorecidos e com percursos escolares menos ricos. Traçam assim uma relação próxima entre a origem socioeconómica e o aproveitamento escolar. Neste estudo, os autores tiveram por base uma amostra de cerca de 1407 estudantes que ingressaram na primeira fase do Concurso Nacional de Acesso ao Ensino Superior da Universidade do Minho analisando os fatores de género e da sua origem sociocultural sobre a nota da candidatura.

Os resultados obtidos apontam para uma maior representação do sexo feminino com origem em classes sociais menos favorecidas nas áreas das Ciências Sociais e Económicas:

Distribuição dos Estudantes em Função da Origem Sócio-Cultural e do Sexo por Agrupamento de Cursos

Origem sócio-cultural	Sexo	N	Ciências naturais	Ciências económicas	Ciências sociais	Engenharias
Baixa	Masculino	146 (35.3%)	13 (31.7%)	25 (25%)	23 (16.1%)	85 (65.4%)
	Feminino	268 (64.7%)	28 (68.3%)	75 (75%)	120 (83.9%)	45 (34.6%)
Média	Masculino	206 (39.3%)	23 (29.5%)	26 (28.9%)	27 (16.2%)	130 (68.9%)
	Feminino	318 (60.7%)	55 (70.5%)	64 (71.1%)	140 (83.8%)	59 (31.2%)
Alta	Masculino	191 (50.9%)	19 (36.5%)	30 (41.7%)	23 (26.1%)	119 (73.0%)
	Feminino	184 (49.1%)	33 (63.5%)	42 (58.3%)	65 (73.9%)	44 (27.0%)

Figura 2. Distribuição dos Estudantes em Função da Origem Sócio-Cultural e do Sexo por Agrupamento de Cursos. Adaptado de Almeida, Guisande, Soares, & Saavedra (2006).

Na Figura 2 acima, que representa a distribuição dos estudantes de acordo com a origem socioeconómica e o género, verifica-se uma maior predominância do sexo masculino nas Engenharias, predominância essa que vai aumentando conforme o aumento do estrato social.

Estes resultados estão em linha com os resultados anteriores do estudo de Saavedra *et al.* (2004), que verificaram também que os estudantes do sexo masculino, oriundos de classes sociais mais favorecidas, enveredam por cursos de Engenharia e que as notas de candidatura mais elevadas, assim como a média final do primeiro ano, são de estudantes do sexo feminino provenientes de classes sociais mais favorecidas.

No que diz respeito às dificuldades antecipadas, o estudo de Almeida *et al.* (2006) revela ainda que as mulheres inscritas em cursos de Ciências Sociais e Económicas antecipam dificuldades interpessoais. Já os homens inscritos em cursos de Engenharia e Ciências Económicas transferem essas dificuldades para áreas como a aprendizagem e a organização de tarefas diárias. As antecipações de dificuldades, segundo os autores,

revelaram-se importantes na relação, desta feita negativa, e “estatisticamente significativa” (p.510) na nota de ingresso e na média final do primeiro ano.

O que este estudo vem confirmar é que para além das já demonstradas diferenças socioculturais, a qualidade do percurso escolar, o tipo de cursos de ingresso, a nota de candidatura, as classificações no final do primeiro ano do Ensino Superior, se constituem também como variáveis que afetam o tipo e o número de dificuldades que os estudantes antecipam. Em consonância com outros estudos de caso nacionais e até internacionais, este aponta as questões de género como basilares na escolha do tipo de curso de Ensino Superior, sendo visível uma maior predominância de estudantes do sexo masculino em áreas como as Engenharias, enquanto o sexo feminino tende para as Ciências Sociais.

Os autores defendem também que apesar da recente democratização no acesso ao Ensino Superior por parte de estratos sociais menos privilegiados, no que diz respeito ao capital sociocultural, há um desfasamento em relação a outros países membros. Apesar de na história do acesso ao Ensino Superior no século XX ter havido uma tentativa de se assegurar uma igualdade de género, continua a existir um défice no que ao processo diz respeito, uma vez que os estudantes do sexo feminino continuam a orientar as suas decisões para domínios de menor capital simbólico. Tal, segundo Almeida *et al.* (2006), contribui para um efeito global que se traduz pela influência de género e pela conceção de que o Ensino superior é um sistema estratificado, onde se privilegia o acesso aos mais favorecidos aos lugares cimeiros da sociedade.

Todavia, Saavedra *et al.* (2004) não deixam de referir a lenta, mas notável alteração deste paradigma, uma vez que se assiste a uma maior predominância das mulheres em cursos tradicionalmente associados ao sexo masculino, enquanto o inverso não acontece, facto que poderá significar uma maior abertura das mulheres para áreas menos tradicionais.

Na revisão de literatura sobre este tema também Diekman *et al.* (2017), por exemplo, apontam para ligeiras e notáveis mudanças nesta realidade, apesar de continuarem a observar uma sub-representação de género em cursos caracteristicamente tipificados como masculinos, onde cabem os cursos de Engenharia.

Um outro estudo feito na Universidade do Minho, e que analisa o impacto sociocultural no ingresso ao Ensino Superior, intitulado *Pontos de Partida, Pontos de chegada:*

Impacto de variáveis sócio-culturais no Ingresso ao Ensino Superior, de Saavedra *et al.* (2004), conclui que o género e o estrato social interferem na explicação de condições e de comportamentos de alunos que frequentam a Universidade do Minho e não descuram que tal se estenda a outras instituições de Ensino Superior em Portugal. Das opções tomadas, à escolha dos cursos e à escolha da Universidade a frequentar, estas variáveis interferem também nas notas de candidatura.

Desta forma, este estudo põe em causa a democratização do Ensino, uma vez que os resultados apontam para uma clara diferenciação social que provoca representações distintas do prestígio que é associado aos diversos cursos universitários. Os resultados indicaram que a percentagem de mulheres a frequentar a Universidade do Minho é maior do que a percentagem de homens. Também porque estas apresentam médias de candidatura mais elevadas, oferecendo-lhes por isso a prioridade nas escolhas desta instituição. Quanto aos fatores de valorização da escolha da Universidade as mulheres valorizam as médias acessíveis (facto contraditório) e os recursos económicos. Já os rapazes, dão primazia à qualidade do Ensino, aos amigos, à vida académica, e à possibilidade de sair de casa da família. No que toca ao curso escolhido, também o género tem um peso considerável, mantendo-se a estereotipação de género predominante aos cursos de Ensino Superior e onde se observam as raparigas em cursos de letras e Ensino e os rapazes nas Ciências, Engenharias e Tecnologias em geral.

A literatura sugere que em Portugal e em muitos países da Europa, as trajetórias educativas e os níveis de desempenho na escolaridade obrigatória há muito que são apresentados como uma das principais razões subjacentes às diferentes vias escolares seguidas por raparigas e rapazes (Casaca & Lopes, 2009). Curiosamente, e apesar do fraco desempenho, tanto das raparigas como dos rapazes, em Matemática, Literacia da Leitura e Ciência, as diferenças de género em todas as áreas acima referidas são vistas como não tendo significado estatístico em Portugal. Remetendo para os resultados do PISA 2006 (*Programme for International Student Assessment*), da OCDE (*Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico*), Casaca e Lopes (*idem*) sublinham que as raparigas apresentam agora maior interesse em aprender tópicos científicos, o que, aparentemente, sugere uma nova tendência entre os jovens portugueses mais em fase com a apresentada com os países nórdicos no que ao envolvimento no estudo da Ciência diz respeito. As autoras referem que:

“It is worth noting that Portuguese women outnumber men in tertiary education, where they amounted to 56.6% of all students in 2005 (slightly above the EU27 average – 54.8%) and 67.2% of the total number of graduates, well above the figures recorded in many European countries (Eurostat, 2008). Actually, this increasing feminisation of tertiary education has been seen as one of the signs of the modernisation taking place in the country. According to the National Institute of Statistics (INE), very high feminisation rates were recorded among students enrolled in the tertiary system, for 2005, especially those involved in Teacher Training and Educational Sciences (84.6%), Health (74.6%), Journalism and Information Studies (69.5%), Life Sciences (66.8%), Social and Behavioural Sciences (64.5%), Veterinary Sciences (65.6%), Arts (56.5%) and Business Sciences (55.7%). Women are also over-represented even in fields such as Mathematics and Statistics, Environment and Law, among others, the corresponding feminisation rates being 60.9%, 62.7% and 59.1%, respectively. In contrast, the corresponding rates in Engineering and Information Technology are substantially lower: 17.4% and 24.1%, respectively (INE, 2005)” (Casaca & Lopes, 2009, p. 9).

Os números acima refletem, segundo as autoras, uma especificidade no contexto português, que remete para o facto de que as estudantes portuguesas continuam a aumentar a sua participação nas áreas Científicas contrariamente ao que acontece nas áreas da Engenharia e da Tecnologia onde parece existir um limiar psicológico com raízes culturais profundamente enraizadas de difícil superação.

1.5.1. O Caso das Engenharias

Segundo Teixeira e Casaca (2020) existem claras assimetrias nas opções educativas do Ensino Superior nos cursos de Engenharia que se estendem ao âmbito profissional, revelando que os homens estão duas vezes mais representados que as mulheres nas Engenharias. Não obstante, não descurem o facto de se verificar um aumento da diversidade de áreas associadas à Engenharia, podendo encontrar-se maior representatividade feminina e onde esta última até prevalece, mas onde, em outras áreas continua a prevalecer a hegemonia masculina. Defendem que continua a existir uma distinção e uma estereotipia que ajuda a condicionar as aspirações e oportunidades profissionais e que se arrasta desde a formação superior, dada a fraca dinâmica de superação de assimetrias com que se depararam, e que, em última análise, contribuem para a reprodução da segregação sexual das profissões.

Acrescentam que há ramos da Engenharia que já se encontram feminizados, por exemplo a Engenharia Biológica, onde cerca de 75% do total de diplomados/as são do sexo feminino, Engenharia Alimentar, com a mesma percentagem, e do ramo da Química e de Processos, que incluem também a Engenharia Bioquímica, a Biotecnologia e a Bioengenharia, com valores de 67% de representação feminina. Não obstante a mudança paradigmática, há ainda outros ramos das Engenharias em que se verifica uma predominância masculina. É o caso da Eletrónica e Automação, incluindo Engenharia Informática, de *Software* e de Telecomunicações com uma representatividade masculina de 88% do total de diplomados/as, da Metalurgia e Metalomecânica, que apresenta valores de 87% e da Engenharia Civil, 70% de diplomados. É importante dar conta que segundo as autoras há outros ramos com composição aproximadamente mista, como é o caso da Engenharia e Gestão Industrial, 55%, Engenharia do Ambiente, 45% e Engenharia de Produção Agrícola e Animal, 42%, onde estão a Engenharia Zootécnica e Agronómica.

As autoras concluem assim que mesmo dentro das Engenharias é evidente a presença de uma genderização nas opções educativas ou formativas e profissionais, indicando que há uma preferência por parte das mulheres em enveredar por ramos da Engenharia mais direcionados para a provisão de bens e serviços correlacionados com os seres vivos e a vida em geral, enquanto que os homens, por sua vez, tendem a preferir áreas de formação que os habilitem para exercerem profissões relacionadas com infraestruturas físicas, máquinas e artefactos tecnológicos.

Na tentativa de encontrarem explicações para o domínio masculino nas Engenharias as autoras começam por lembrar que o facto de uma mulher ingressar num curso de Engenharia em nada garante que venha a exercer a profissão e remetem para a investigação produzida que comprova que tal se deve a processos de recrutamento e seleção com fatores de ponderação assentes no género e a práticas comuns e discriminatórias nas organizações, originando abandono ou atenuação das carreiras profissionais.

“A metáfora leaky pipeline tem permitido ilustrar a sucessão de bloqueios à plena integração e realização profissional das mulheres no mundo das engenharias, fomentando a sua progressiva sub-representação ou mesmo desaparecimento (Blickenstaff, 2005). Tal sucede porque as organizações são contextos genderizados (Acker, 1990). Quanto menor a representação de mulheres numa determinada organização ou profissão, mais a marca da

masculinidade está impregnada nas políticas, processos e práticas de gestão e de trabalho, criando um contexto que muitas mulheres experienciam como "hostil" (Kanter, 1977; Powell, Bagilhole & Dainty, 2009; Santos & Amâncio, 2014 *apud* Teixeira & Casaca, 2020, p. 66).

1.5.2 Tecnologia, Profissão e Género

Salientando a importância da investigação já produzida assistida pelas transformações do sistema de ensino e pela reorganização do trabalho nestas áreas, que anteriormente assentava numa associação à atividade militar e ao estado, para Teixeira e Casaca (2020) verifica-se uma evolução e uma adaptação à modernidade denotando uma diversificação gradual. Em Portugal, lembram que esta área passou a afirmar-se como uma área de formação e profissionalização onde são notáveis as oportunidades para as mulheres. Salientam que Portugal é até bastante singular nas profissões técnico-científicas em geral, facto que está dependente do investimento na Educação das mulheres provenientes de contexto socioeconómicos mais favorecidos, mesmo quando se trata de áreas marcadamente mais masculinas, contando a seu favor nestes casos a formação superior das mães.

Segundo Witz (1997), em Portugal e na Grécia, por exemplo, a percentagem de mulheres que exerce as chamadas profissões administrativas e afins encontra-se entre os 48% e os 59% enquanto na França, Dinamarca e Reino Unido esta percentagem sobe para valores com intervalos que vão dos 69% aos 72%.

Em Portugal, e apesar de ser notório o aumento nas escolhas de profissões científicas por parte das mulheres, e cada vez serem mais estreitas as diferenças ao nível da *performance*, em relação aos homens nas várias disciplinas relacionadas com a Ciência, inclusive na área da Matemática, o cenário atual revela que a maioria das mulheres com profissões ligadas à Ciência e à Tecnologia detêm empregos no Ensino Superior, na Investigação em organismos públicos, laboratórios e unidades de pesquisa, sendo que menos de um terço detêm ocupações nas áreas económicas e empresariais (Casaca & Lopes, 2009).

Também em Portugal as áreas mais tecnológicas são, contrariamente às áreas mais científicas, de igual forma menos atrativas para as mulheres portuguesas aquando da escolha de possíveis estudos de aprofundamento de aptidões.

Remetendo para um estudo recente sobre o sector das TIC, Tecnologias da Informação e Comunicação, em Portugal, as autoras sublinham a correlação entre género e estatuto da Ciência e campos e profissões tecnológicas, segundo as quais são as mulheres a preencher as ocupações de mais baixo estatuto. Quanto mais técnicas, estratégicas e analíticas forem as competências exigidas por um trabalho específico, e quanto menos estiver associado aos atributos das mulheres, tanto mais elevado é o valor e o estatuto a ele associado, mais homens se verificam nessas funções. Pelo contrário, quanto menos técnicas e mais relacionais são as aptidões e competências associadas a um determinado trabalho, menos está associado aos atributos dos homens, e consequentemente mais a presença das mulheres é notada.

Teixeira e Casaca (2020) reforçam este argumento:

“Dada a associação entre masculinidade e engenharia, muitas mulheres engenheiras encontram-se em “posições socialmente contraditórias” (Nogueira, 2009) – i.e., exercem uma profissão que desafia as normas e as expectativas sociais dominantes, ocupando portanto um lugar reservado a um homem. Nestas circunstâncias, são frequentemente confrontadas com a necessidade de negociação identitária; ou seja, ao serem primeiramente vistas como mulheres, sentem-se pressionadas a afirmar a sua credibilidade enquanto engenheiras (Hatmaker, 2013). Em contextos organizacionais marcadamente masculinos, muitas mulheres tendem a atenuar a sua visibilidade, ajustando-se à cultura organizacional e à norma masculina dominante (Powell, Bagilhole & Dainty, 2009), ou, em alternativa, optam por exercer uma outra profissão (Blickenstaff, 2005)” (p. 66).

Casaca e Lortie (2017) revisitam o conceito de segregação horizontal de género de Witz (1997), que descreve a tendência para a concentração de mulheres e homens em diferentes tipos ou sectores de atividades e profissões, socialmente vistos como caracteristicamente femininos ou caracteristicamente masculinos, bem como a presença de mulheres num leque de profissões mais restrito do que o dos homens, tais como restauração, limpeza e outros serviços pessoais; ocupações de escritório e afins; e profissionais e profissões relacionadas com a educação o bem-estar e a saúde.

2. METODOLOGIA

2.1. Introdução

A metodologia escolhida para a prossecução desta dissertação de Mestrado assentou num estudo exploratório com base em estudos de caso sobre a realidade das mulheres portuguesas cujas escolhas profissionais ou artísticas seguiram na direção das áreas tecnológicas ligadas ao Som. Este estudo pretendeu recolher testemunhos, na primeira pessoa, capazes de atestar e ajudar na compreensão de um fenómeno mundial, que também se estende a Portugal, que trata a muito baixa representatividade das mulheres num mundo marcadamente masculino, como é o caso das Tecnologias do Som. Estes testemunhos foram recolhidos na forma de entrevistas em profundidade e semiestruturadas, porque acreditamos na contribuição que um modelo de entrevista transversal e que privilegia análises qualitativas pode acrescentar a um estudo com estas particularidades.

Foi selecionada uma amostra advinda de um grupo populacional com critérios previamente acordados como suficientemente capazes de responder às questões levantadas pelos objetivos desta dissertação. Estes critérios incluíram a atividade profissional ou artística desempenhada pelas participantes; fatores de diferenciação das mesmas, isto é, por um lado, privilegiou-se uma amostra que cumprisse o requisito da diversidade profissional, por forma a alcançar uma multiplicidade de perspetivas, e por outro lado, privilegiaram-se áreas de atuação igualmente diferenciadoras no que concerne ao âmbito da prática profissional; a faixa etária, que contempla idades entre os 25 anos de idade e os 48 anos idade; a pertinência das práticas artísticas ou profissionais para os objetivos deste estudo; a experiência profissional, capaz de refletir percursos profissionais estabelecidos mas que incluísse também indivíduos em início de carreira ou à saída da academia, pela importância de compreender os diferentes contextos, dificuldades, motivações e perceções ao nível individual; o género. Tratou-se, portanto, de uma escolha de amostra não aleatória pela necessidade de que esta fosse conveniente aos objetivos da investigação.

Assim, os estudos de caso observam seis indivíduos do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 25 anos e os 48 anos de idade, e com as seguintes áreas de atuação artístico-profissional: *performance* e Investigação em diferentes âmbitos do estudo do Som e da Música: da Arte Sonora, à construção de instrumentos musicais; da Ecologia Sonora e ao Documentário; da Produção Musical ao *Design* de Som e à

Engenharia de Som; da Composição Musical que privilegia a Música Eletrónica, os artefactos tecnológicos e a experimentação.

2.2. Participantes

Adriana Sá tem 48 anos de idade. É casada. Profissionalmente descreve-se como é artista multidisciplinar, *performer*, compositora e música. Desenvolve trabalho criativo e explora o fazer criativo na construção dos próprios instrumentos e na criação dos próprios sistemas, é ainda professora convidada em várias Universidades, lecionando disciplinas ligadas ao Audiovisual e ao Som. Considera que tem quarenta e oito anos de experiência na transdisciplinaridade.

Inês Lames tem 42 anos de idade. É solteira. É técnica de som ao vivo e de momento tem ainda um projeto de construção de instrumentos musicais com material reciclado. Conta com cerca de vinte e um anos de experiência profissional.

Olívia Silva tem 25 anos de idade. É solteira. Frequenta o curso de Mestrado em Composição na ESMAE (Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo), no Instituto Politécnico do Porto. Profissionalmente exerce funções de tutoria no apoio às provas de aptidão dos instrumentistas do Ensino Secundário e é professora de português para estrangeiros. Na sua opinião, considera que ainda não tem experiência profissional, mas sublinha que estuda Música desde os 6 anos de idade. No que diz respeito à Composição afirma ter aproximadamente sete anos de experiência.

Raquel Castro tem 44 anos de idade. É casada, e a única participante que tem filhos (dois filhos de 10 e 11 anos de idade). É investigadora na área do Ambiente Sonoro e da Ecologia Acústica. É ainda documentarista e curadora de Arte Sonora, nomeadamente organizadora do *Festival Lisboa Soa* e do *Invisible Places*, um Simpósio Internacional sobre Som. Dedicou-se profissionalmente ao Som desde 2005, portanto há dezasseis anos.

Sofia Mestre, de nome artístico Clotilde, tem 45 anos de idade e descreve-se como “bem acompanhada” relativamente ao seu estado civil. Tem um projeto de curadoria e produção criativa, e a par com isso toca sintetizadores modulares, recorrendo a modulação FM (*Frequency Modulation*), um trabalho que se baseia na modelação de frequências e no improvisado, o qual desenvolve há cerca de cinco anos, sensivelmente.

Suse Ribeiro tem 38 anos de idade. É solteira. É música, produtora musical, técnica de som, frente de casa e *sound designer* contando com cerca de dezoito a vinte anos de experiência profissional na área do Som.

2.3. Procedimentos

Cada participante recebeu um convite à sua participação via *email*, cujo conteúdo providenciou informações acerca do tema, da duração da entrevista e da não confidencialidade deste estudo, que incluiu captação sonora e de imagem, facto com o qual todas as participantes concordaram. A captação de imagem justifica-se com um outro trabalho em curso, paralelo a esta investigação, e que tem como objetivo a realização de um documentário que parte dos resultados da mesma. Dessa forma pretende-se colmatar este estudo pela persecução de um dos seus objetivos: aumentar os processos de reflexão e consciencialização para esta problemática e atrair mais público feminino para estas áreas profissionais. Assim, a produção do documentário estabelece-se como meio de informação e difusão, exibindo alguns modelos a seguir, mas também como um produto final de prática artística e como registo veiculador do objeto da investigação.

Foi elaborado um guião de entrevista que serviu de suporte a uma entrevista piloto para aferir o seu tempo de duração e a objetividade e pertinência das suas perguntas. Este guião foi enviado previamente às participantes por forma a serem contextualizadas acerca do teor das suas questões. Cada entrevista teve uma duração aproximada de sessenta minutos, sendo que duas das entrevistas se aproximaram mais dos oitenta minutos e uma delas dos cinquenta minutos. As entrevistas foram realizadas nos domicílios ou espaços profissionais de quatro das participantes, e nos estúdios da ESMAE no caso de duas participantes. Os dados, em forma de entrevista, foram recolhidos em formato digital, captação de vídeo e de som. As entrevistas foram integralmente transcritas. Estas estão disponíveis para consulta, com acesso reservado, num anexo à parte da dissertação.

Tratou-se, como já foi referido, de uma análise de cariz qualitativo com o objetivo de analisar indicadores que remeteram para o conteúdo das respostas permitindo dessa forma inferências. As entrevistas foram então sujeitas a análise de conteúdo, recorrendo ao programa de análise assistida por computador, NVIVO (*Software* de Análise Qualitativa de Dados). Segundo Araújo (2010), esta opção apresenta vantagens reconhecidas, tais como a facilidade no tratamento de informação, o rigor, a

possibilidade de realizar análises de frequência, ou outras análises quantitativas. A apresentação dos resultados foi apoiada em citações do código desenvolvido.

Pelas características limitadoras inerentes a uma dissertação de Mestrado, não nos foi possível incluir na metodologia uma abordagem que abrangesse a compreensão das relações de género existentes nas disciplinas ou práticas artísticas musicais. No entanto, consideramos que futuras investigações devem considerar a compreensão da representatividade de género na Música produzida em Portugal e nos ciclos de estudo que lhe são dedicados. Assim, adivinha-se uma maior erudição das questões de representatividade nas Tecnologias do Som em território nacional.

Para a aferição dos resultados, a metodologia passou por uma rigorosa análise caso a caso e pergunta a pergunta, da qual emergiram vinte e cinco temas principais e vinte e seis subtemas. Do cruzamento dos maiores e mais pertinentes temas principais com alguns dos subtemas sobressaíram nove temas cuja contribuição foi capital para a aferição dos resultados e considerações finais. Podem encontrar-se em anexo o guião da entrevista, os mapas de *Word Frequency* e as grelhas de análise das quais se partiu para a aferição dos resultados.

3. ANÁLISE

Nesta secção apresentamos os resultados da análise e da interpretação dos dados organizada a partir dos temas emergentes.

3.1. Tema 1. Desafios Profissionais

As participantes deste estudo desempenham uma intensa atividade profissional na qual referem experienciar desafios. No que diz respeito aos desafios na profissão surgem alguns pontos em comum nas respostas obtidas.

Adriana Sá, Raquel Castro e Sofia Mestre apontam as dificuldades económicas e profissionais que os trabalhos criativos acarretam. Adriana Sá e Raquel Castro salientam a dificuldade de viver dos próprios projetos ou trabalhos artísticos e da necessidade de “ter trabalho” ou “ter de viver”; no facto de terem de “inventar o próprio trabalho” em *prol* da liberdade criativa e da motivação em trabalhar com o que gostam.

Também Sofia Mestre aponta como desafio o facto de não se poder dedicar apenas ao seu trabalho com os sintetizadores, uma vez que a falta de tempo, relacionada com o facto de ter de desempenhar outras atividades profissionais, por forma a obter maior rendimento económico, não oferece espaço ao seu perfeccionismo assumido.

Outro desafio é partilhado por metade das entrevistadas. As dificuldades iniciais particulares a cada área profissional em específico. Sofia Mestre, Olívia Silva e Raquel Castro aludem a essas dificuldades iniciais, tais como, dar os primeiros concertos, no caso de Sofia Mestre, ou ter a capacidade de iniciativa para explorar vários caminhos na criação dos seus projetos pessoais, no caso de Raquel Castro ou, no caso de Olívia Silva, “ter começado tarde na Música” e fazer um curso de oito graus em apenas três anos com um instrumento que a mesma nunca dominara.

Inês Lames direciona o desafio para a própria configuração do trabalho, o *stress*, o tempo limitado que tem para a preparação das tarefas e as condições precárias dos locais onde muitas vezes é obrigada a trabalhar:

“...o *stress* que está envolvido na parte da preparação, o facto de teres uma hora para estar tudo pronto e a funcionar. O facto de chegares sempre a um sítio com condições diferentes, que nunca são muito bem aquelas que te disseram que eram, e toda essa capacidade que tens

de ter de adaptação e de resolução de problemas e de gerir o *stress*, pronto. Acho que é o maior desafio.” Inês Lamares (IL).

Suse Ribeiro também faz referência à configuração do trabalho, embora afirme que o maior desafio que encontrou no âmbito das várias áreas da Música e das Tecnologias do Som, nas quais trabalha, foi o facto de ser mulher. Alude à constante e cansativa necessidade de estar em contínua provação perante os seus pares e menciona ainda as dificuldades iniciais sentidas pelas mulheres em profissões onde imperam ambientes masculinos que, reitera, se mantêm até hoje:

“...porque realmente estou numa profissão que está mais ligada à área dos homens e no início foi bastante difícil. Provar, ter que estar sempre a provar, estar sempre a provar mais do que, do que se calhar os meus pares tinham que fazer.” Suse Ribeiro (SR).

3.2. Tema 2. Percurso Académico

No que toca ao percurso académico das participantes, todas tiveram percursos significativamente diferentes, embora se encontrem algumas correspondências dignas de nota. Sobressaem respostas comuns também no que diz respeito à orientação profissional ou académica para a escolha da profissão e no que diz respeito à primeira escolha profissional. Este tema encapsula ainda as respostas às questões relativas à informação na altura das escolhas académicas na área das Tecnologias do Som.

Assim, dos testemunhos recolhidos, ressalta o facto de quatro das seis entrevistadas não terem um percurso académico ligado à Música. Pese embora Adriana Sá tenha sido introduzida aos estudos de Música aos 4 anos de idade e se tenha profissionalizado como música na vertente erudita, o seu percurso académico inclui, de facto, Artes, mas é licenciada em Belas Artes. Também Suse Ribeiro tem formação musical temporã e apesar de ter frequentado o Conservatório, ingressou num curso de Arquitetura, que não completou, antes de seguir as Tecnologias do Som. Sofia Mestre é licenciada em Cinema e Publicidade, enquanto Raquel Castro se licenciou em Gestão. As restantes duas entrevistadas tiveram um percurso académico ligado à Música. Inês Lamares licenciou-se em PTM, Produção e Tecnologias da Música, pela ESMAE, depois de uma passagem pelo Conservatório e Olívia Silva, embora ressalve que no Ensino Secundário tenha escolhido Humanidades, ingressou posteriormente no Ensino Profissional de Música. Curiosamente, as Tecnologias do Som foram a primeira escolha profissional de apenas uma das entrevistadas, Inês Lamares.

Denota-se, da análise das entrevistas, uma escassez de informação sobre cursos na área das Tecnologias do Som. Efetivamente, todas as entrevistadas referem que a informação no momento da decisão pela área do Som, fosse ao nível dos estudos, da carreira ou da prática artística, era escassa, difícil ou quase inexistente. De forma geral, justificam as escolhas pelas áreas em que se encontram atualmente com as subjetividades e vontades pessoais em satisfazer as curiosidades que foram sentindo. Estas ter-lhe-ão sido provocadas, ou reveladas, por acontecimentos que a maioria “construiu” e que se desenrolaram devido a essa sua vontade em descobrir mais:

“Eu sentia-me, de alguma maneira, isolada na minha sensibilidade quando acabei as Belas Artes. Trabalhei no *Festival Atlântico*, organizado pela ZBD, e conheci os *Sensorband*, um trio que utilizava instrumentos muito *sui generis*. Foi a primeira vez que tive contato com isso. O Atau produzia e produz, faz Música com as suas sinapses nervosas. O Edwin Van der Heide, que no contexto dessa banda fazia sons com ultrassons, e o Zbigniew Karkowski com infravermelhos. Produziam uma paisagem sonora densíssima, não era bem *drones*, mas era um acontecimento sonoro extremamente imersivo, ao mesmo tempo que, ofereciam ao público toda aquela poesia da ligação entre a sonificação daquilo que existe à nossa volta e que o ser humano não percebe. Eu tornei-me grande amiga deles imediatamente, e sobretudo do Atau. Aliás o Atau, mais tarde, foi o meu orientador de PhD. Tornei-me super amiga deles e entusiasmei-me tanto que no ano a seguir estava no STEIM, em Amesterdão, a desenvolver o meu próprio instrumento de luz sonora com apoio do STEIM e também com o apoio do *Metronome Eletronic Art Studios* em Espanha, isto para dizer que os meus instrumentos, ou os meus conhecimentos não me foram dados de bandeja, ou seja, não apareceram devido a programas curriculares, não apareceram devido a vizinhos em Lisboa, eu fui à procura deles, e penso que normalmente é assim que acontece.”
Adriana Sá (AS).

“Eu acho que tem muito a ver se calhar também com quem tu és. Porque tu podes estar em qualquer realidade geográfica, ou socioeconómica, acho que vai depender mesmo muito de ti. Acho que qualquer pessoa pode chegar lá, ou não. Eu vejo as coisas um bocadinho assim, talvez porque a mim foi-me dada toda a liberdade. Eu sou um bocado a ovelha negra da família, vamos dizer assim. Não sou aquilo que estavam à espera. Adoram-me, respeitam-me, mas foi

sempre... Eu estava constantemente a criar o espanto, portanto, partiu de mim, das minhas inquietudes, das minhas curiosidades.” Sofia Mestre (SM).

“Se estava bem informada? Acho que não, mas a informação, pelo menos na altura era um bocado uma desgraça, mas...eu sei que a gente ia à secretaria da escola perguntar o que é que tinha de fazer e as respostas eram muito mínimas. Era tudo uma luta para perceber o que é que era preciso, o que é que tinhas que fazer, mas pronto uma pessoa chegava lá. Tinhas que investir um bocadinho de paciência naquilo.” IL.

“... Em ATC nós não temos essa formação, isso foi mesmo por mim própria que eu comecei a ter esse interesse.” Olívia Silva (OS).

Às duas questões de *follow-up*, “Se não, o que achas que terá faltado? Se sim, o que achas que pode melhorar?”, a maioria das entrevistadas respondeu que concorda que no passado a informação escasseou. Comparam a informação e os meios existentes nos dias de hoje com os de há vinte anos, concordando que o paradigma mudou e que hoje, a informação está mais facilitada e acessível. Não obstante, para Olívia Silva, a informação sobre a existência destes cursos no Ensino Secundário continua escassa:

“O que eu acho que falta é, mesmo no Ensino Secundário, os alunos terem pelo menos a noção de que as coisas existem e que há uma História. Porque é assim, eu só comecei a estudar Música eletrónica, por exemplo, mais a fundo na Licenciatura e, mesmo assim, não foi muito a fundo. Portanto a Licenciatura dá umas boas bases, sobre a Tecnologia, sobre a utilização das DAWs, a utilização do Max. Dá umas boas bases, mas não saímos da Licenciatura a saber muito e a saber muito sobre o que dá para fazer com o Max, por exemplo.” OS.

Já Adriana Sá considera que os professores têm um papel preponderante na educação para a autonomia, deixando implícito que tal facilitaria a procura de informação pelos próprios meios:

“Agora vou falar como professora está bem? Eu penso que o mais importante é incentivar e ajudar os jovens adultos a desenvolver autonomia e segurança no provisório. E muito sinceramente, e pareço uma velhota a dizer isto, mas parece-me que as pessoas estão a

amadurecer um pouco mais tarde do que anteriormente. Parece-me que ficam muito confusas, quando dizemos... “Tu é que escolhes os teus próprios meios, tu é que desenvolves o teu projeto, tu é que desenvolves as tuas ideias”. Quase que se sentem agredidos, muitas vezes, pelo professor. Eu penso que esse incentivo ao trabalho autónomo, ao desenvolvimento de ideias próprias, às escolhas, às decisões, devia começar e ser incentivado mais cedo, e eu acho que é o contrário que tem acontecido, cada vez mais tarde.” AS.

Para Suse Ribeiro a questão geográfica pode constituir-se como impeditiva para que estas áreas sejam de primeira escolha, uma vez que são áreas menos conhecidas. Aponta como possível solução, uma aposta no Ensino Profissional e na integração temporã das Tecnologias da Música nos conteúdos curriculares:

“Acredito que em zonas do país, isto falando só a nível nacional, mais pequenas, se calhar a informação não passa assim tão bem. Não é colocada como primeira hipótese porque ainda pode ser algo desconhecido, sim. Eu acho que há muitos anos, na área da Música mais erudita e clássica, as Escolas Profissionais de Música foram fundamentais, fundamentais para nós atingimos um nível artístico e técnico de um músico instrumentista que temos hoje em dia, que são dos melhores do mundo. Acho que as Tecnologias da Música, se calhar.... Podia ser uma hipótese, não é a única certeza, mas podia ser uma hipótese começar a apostar mais no Ensino Profissional, isto é, mais cedo na vida da pessoa, não é! Aos 14, 15 anos, por exemplo, a partir do décimo ano, integrando mais as Tecnologias da Música nos conteúdos curriculares. Acho que isso depois, é claro que, se começam mais cedo também vão ter acesso e curiosidade mais cedo na vida e, portanto, depois podem seguir mais essa área.” SR.

3.2.1. Tema 2.1. Escolha do percurso profissional: Escolha individual, influência familiar ou influência do professor

Na escolha do percurso profissional apenas três entrevistadas indicam terem tido algum tipo de orientação que as terá levado a enveredar pela trajetória que exploram atualmente. Inês Lmares afirma que teve um professor que a informou que iria abrir um curso com uma vertente tecnológica, o curso de PTM da ESMAE, que lhe permitiria alcançar o desejo de ser técnica de som. Olívia Silva declara que, numa primeira fase,

contou com o apoio de um professor que a instou a participar num concurso de Música Eletrónica e, numa fase seguinte, a seguir Composição.

“Eu comecei com Música Eletrónica quando estava no décimo segundo ano, já tinha 18 anos. E foi porque na altura um professor meu me falou de um concurso de Música Eletrónica, e me perguntou se eu não queria participar e eu pensei, por que não? Mas na altura eu não sabia nada sobre Música Eletrónica, então pedi ao meu professor de ATC, na altura, para me dar umas bases.” OS.

“Então, tive o apoio do meu professor de ATC, na altura, não se chamava ATC, no curso profissional tem outro nome, mas é a mesma coisa. Eu diria que da parte dos professores de instrumento havia alguma relutância em ver-me a seguir o instrumento, mas da parte do professor de Composição havia esse interesse, esse apoio.” OS.

Raquel Castro afirma que a orientação para a sua primeira escolha profissional terá existido advinda de uma tradição familiar:

“Eu licenciiei-me em Gestão, muito direcionada por uma tradição familiar, digamos assim. Na minha família toda a gente está ligada aos negócios e ao comércio, Gestão, vá. É um facto que não tenho ninguém na minha família que tenha enveredado por outras áreas. É tudo muito direcionado para aí. Na altura, em miúda, eu acho que uma pessoa não sabe muito bem aquilo que pretende fazer”. Raquel Castro (RC).

A este respeito, Adriana Sá e Suse Ribeiro, para além de referirem a inexistência de orientação profissional, imputam a si próprias estas decisões, afirmando não terem sido incentivadas pelos pais a seguir a área das Artes ou da Música, possivelmente por preocupações económicas da parte deles. Segundo Adriana Sá e Suse Ribeiro para as suas decisões contribuíram diversos fatores, como a curiosidade, o desejo e a paixão pelas Artes e ou pela Música, respetivamente:

“Muito sinceramente, a minha família sempre me disse... “Tu tens essas capacidades todas, devias ir para Matemática, para Engenharia...”, mas nunca me incentivaram propriamente. Pronto, por uma questão de preocupação económica, naturalmente, nunca me incentivaram a entrar na aventura da vida de artista. Mas, por outro

lado, a partir do momento em que tomei essa opção sempre tive apoio emocional.” AS.

Na resposta à questão “Consideras que estava bem informada na altura em que decidiste seguir estudos na área do Som (orientação escolar e outras)?”, Suse Ribeiro, afirma que, apesar de ter recebido a informação de que existia o curso de PTM na ESMAE, por parte do seu professor de percussão, confessa que a recebeu enquanto frequentava outro curso no qual se inscreveu por “carolice”:

“Eu fiz um curso durante um ano enquanto estava no Conservatório e já a estudar Arquitetura, portanto aquilo foi um ano, mas foi em paralelo, nesta área das Tecnologias da Música por curiosidade, carolice. Foi um ano, fazia aquilo em paralelo com outras coisas e o meu professor de Percussão na altura falou-me que ia abrir, que existia um curso recente, não ia abrir porque já existia, no Porto na ESMAE, que ele achava que ia ter jeito para aquilo, que era um curso de Música.” SR.

3.3. Tema 3. Momentos Decisivos e Motivações

Para todas as participantes, os momentos decisivos para a escolha da profissão surgem em diferentes idades, mas lado a lado com as motivações. Estas últimas relacionam-se com o gosto e a paixão pela Música e o Som, com o facto e o desejo de poderem trabalhar nestes meios e com a primazia da vertente artística em detrimento de profissões convencionais, ainda que estas últimas adivinhassem futuros mais promissores.

Para Adriana Sá, que recorda sempre ter desejado ser artista, interessa “o som em conexão com as outras coisas”, razão pela qual cria os próprios instrumentos, por exemplo. Raquel Castro, que optou por estas áreas aos 27, 28 anos de idade, evoca como motivação e momento decisivo para a escolha da sua atual profissão o corte com a sua área anterior de formação que era Gestão:

“Por um lado, houve um momento decisivo que foi eu decidir cortar com tudo aquilo que tinha feito antes, e foi esse projeto que tive relacionado com tradição oral e com este tipo de recolhas mais etnográficas, digamos, e ter entrado para o Mestrado e querer fazer alguma coisa que me fizesse estar em contacto com a vida e com o mundo e não fechada na biblioteca e, portanto, foi esse o ponto de viragem, digamos.” RC.

Sofia Mestre também evoca para as escolhas e motivações da sua prática artística, facto que ocorreu com cerca de 40 anos de idade, uma paixão antiga pela Música e uma curiosidade e fascínio despertados pelos sintetizadores modulares. Para Suse Ribeiro, este despertar aconteceu mais cedo e foi por volta dos 27, 28 anos de idade que os momentos decisivos se foram revelando através de vários fatores: pessoas, estilos de música, compositores, produtores e um conjunto de condições que ela acredita terem contribuído para a direcionarem para as Tecnologias do Som, que se aliaram ao facto de ela almejar saber mais tecnicamente:

“Foi por causa da parte técnica que eu segui a parte de Som para juntar as duas coisas para poder fazer algumas coisas que queria na Música, comecei a ver que precisava de saber mais tecnicamente.” SR.

Olívia Silva, aos 15 anos de idade e muito motivada por uma paixão antiga pela Música, relembra o surgimento de uma oportunidade que ela pensara já não vir a ter, aquando da abertura de provas para a Academia de Música onde acabaria por estudar mais tarde. Para Inês Lames, que nesta resposta denotou uma personalidade mais introvertida, a motivação para trabalhar com Música existia desde cedo. No entanto, o facto de ter tido acesso à informação de que existia uma profissão que lhe iria permitir a concretização desse desejo, sem a colocar no centro das atenções, constituiu-se como o momento decisivo para esta escolha profissional. Aos 18 anos de idade entrou para a ESMAE.

3.4. Tema 4. Fatores de Maior e Menor entusiasmo

A todas as entrevistadas é comum um fascínio e uma paixão em trabalhar com a Música ou o Som. A maioria aponta como fatores de maior entusiasmo o facto de poderem partilhar os seus projetos criativos com pessoas, sejam estas público, colegas, colaboradores, ou até contactos oriundos do meio profissional. Trabalhar com pessoas afigura-se, assim, como um dos maiores fatores de entusiasmo para Olívia Silva, Suse Ribeiro, Raquel Castro e Inês Lames. Para Olívia Silva e Inês Lames há ainda fatores concernentes à gratificação e reconhecimento por parte do público e à adrenalina sentida no momento que antecipa um concerto, respetivamente. Para Sofia Mestre e Adriana Sá são os processos criativos de descoberta e o “fazer por fazer” que alimentam as suas exaltações:

“No trabalho artístico o que me entusiasma mais é tudo. É o criar a novidade, é o transitar entre ferramentas, entre meios. Atualmente ando a fazer *land art*. Antes disso andava a desenvolver instrumentos, os instrumentos foram variando. Entusiasma-me o próprio ato de criar, o fazer por fazer, sem outra intenção que não o fazer. Às vezes entusiasma-me menos os aspetos sociais. A necessidade de autopromoção, que eu não sigo.” AS.

Já no que concerne aos fatores causadores de menos entusiasmo, metade das entrevistadas faz referência à constante necessidade de autopromoção a que este tipo de profissões obriga e à resiliência e persistência para a sustentação do próprio trabalho. Outras duas participantes falam da precariedade encontrada em modelos de trabalho sazonais. Para Suse Ribeiro e Inês Lamares, as próprias condições do trabalho são agentes que pesam nesta avaliação de entusiasmo. Suse Ribeiro adita ainda a falta de creditação que encontra no meio:

“Posso ser muito objetiva. Eu já tive discos em que eu fiz Produção Musical a 100% e tive discos onde toquei, onde fiz arranjos, onde misturei e masterizei, em outros não fiz tudo, mas nalguns fiz isso tudo e o nome não apareceu. Isto é flagrante. Às vezes, há coisas que uma pessoa faz nesta área em que não nos creditam, seja em televisão, em que acontece menos, mas na Música isso ainda acontece muito, não se creditar as pessoas devidamente. Eu acho que isso é falta de profissionalismo da parte de quem não o faz, porque já não pode ser esquecimento, acho que é mesmo falta de consideração. É isso que eu quero dizer em relação à creditação. Acho que tem que ser mais reconhecida, as pessoas têm que reconhecer melhor e mais o que nós fazemos é não ter medo nenhum disso porque eu quando trabalho com uma equipe grande, eu acho que creditar as pessoas só valoriza o trabalho de toda a gente. No Cinema, por exemplo, eu faço muitas coisas com Cinema também. Eles sabem fazer isso muito melhor, já estão habituados aos créditos. Quando vemos no final, creditam toda a gente, desde a senhora da limpeza ao electricista, o *gaffer*, toda a gente é creditada porque fez parte do trabalho e, portanto, não é preciso nós andarmos.... Como nós trabalhamos muito em regime de *freelance*, como é que nós provamos que fizemos o que fizemos? Temos que minimamente ser creditados. Isso não tira o mérito a ninguém. Acho que isso é ser justo.” SR.

3.5. Tema 5. Utilização da Tecnologia no Quotidiano

A Tecnologia faz parte integrante da profissão ou práticas artísticas desta amostra que apresenta um teor tecnológico digital, eletrónico e ou analógico bastante complexo, denso e abrangente, navegando entre a operacionalidade de mesas de mistura, outboards², *softwares* 3D, DAWs³ (Digital Audio Workstation), MIDI⁴, *softwares* de programação como o MAX MSP⁵, entre outros, técnicas de *routing*⁶ multicanal, sintetizadores modulares⁷ e técnicas de Síntese FM⁸, microfones, PAs⁹, instrumentos de calibração de PAs, *plug-ins*¹⁰, programas de edição de som, sensores de movimento, gravadores de som e imagem, técnicas e material para gravações de campo¹¹, circuitos, etc., até ao vulgo computador. A tudo isto juntam-se o saber fazer e os conhecimentos técnicos, muitas vezes bastante avançados e que incluem conhecimentos matemáticos, de Acústica, de Engenharia, de Eletrónica em geral e até de Computação, cruciais para a operacionalidade de todos os artefactos tecnológicos mencionados.

“Uso muito, constantemente, a Tecnologia. A Tecnologia é um meio, existem várias ferramentas na Tecnologia. A Tecnologia acho que muitas vezes está inerente ao que nós fazemos. Uso todos os dias, quer de uma maneira mais digital, quer mais analógica, mas é sempre através da Tecnologia, dos meios técnicos que eu tenho...que trabalho. Uso computador todos os dias, *Digital Audio Workstation* todos os dias, uso *plug-ins* todos os dias, uso *outboard* todos os dias, mesas analógicas e digitais, uso vários *softwares* para edição. Às vezes uso coisas mais dedicadas para desenho de som, portanto, uso o *software* de programação, portanto, faço programação para desenhar

² Unidades de efeitos externos diferentes dos efeitos que podem ser aplicados utilizando uma mesa de mistura ou um programa áudio digital, DAW.

³ *Digital Audio Workstation* – DAW. São programas de áudio digital normalmente utilizados para produção e gravação de som, exemplo Pro Tools, Ableton Live, Cubase, Reaper, etc.

⁴ MIDI - *Musical Instrument Digital Interface*.

⁵ Um ambiente de software gráfico para música, áudio e multimédia produzido pela empresa *Cycling '74*.

⁶ Forma de ligação para vários canais áudio

⁷ Um instrumento musical eletrónico, composto por sistemas modulares desenhado para síntese sonora.

⁸ Produção eletrónica de som através da análise de partes de uma onda sonora. Uma produção feita com a ajuda de meios digitais ou analógicos sem recorrer ao uso de qualquer fonte sonora acústica.

⁹ *Public Adress* - vulgo Amplificador de som.

¹⁰ Um programa de computador usado para adicionar funções a outros sistemas de softwares primários, por exemplo, equalizadores, compressores utilizados nas DAWs.

¹¹ *Field recordings* ou gravações de Campo é um termo utilizado para uma gravação áudio produzida fora de um estúdio de gravação. Trata-se da gravação de sons naturais ou de sons produzidos pelo homem.

determinadas coisas que eu preciso para depois integrar numa DAW. Todos os dias eu uso para fazer música, para fazer som, tenho que usar sempre a Tecnologia.” SR.

3.6. Tema 6. Requisitos Necessários para Trabalhar com Som

Todas as profissionais transparecem partilhar de uma enorme paixão pelo Som e pela Música. Todas concordam que para além desta paixão, é imprescindível ter muita vontade de trabalhar e aprender, sensibilidade musical e ouvir e conhecer muita música. Para Suse Ribeiro, é ainda crucial ter vontade ininterrupta em estar sempre atualizada, dada a transversalidade das áreas da Tecnologia da Música que obrigam a um domínio generalizado de várias áreas diferentes. Adriana Sá acrescenta que:

“Para além de gostar de Som? Talvez compreender que a perceção é um processo de síntese multissensorial, portanto a audição não funciona sozinha.” AS.

3.7. Tema 7. Influência do Contexto Geográfico, Socioeconómico e da Educação nas Escolhas Académicas e Profissionais

Este tema incorpora as influências dos contextos socioeconómico, geográfico e da educação para as escolhas académicas e profissionais de cada participante. Analisa-se o contexto geográfico para as escolhas académicas e, posteriormente, já no desempenho da profissão.

Todas as entrevistadas, à exceção de Suse Ribeiro, concordam que a forma como foram educadas contribuiu para as suas escolhas académicas e profissionais. Todas fazem referência ao facto de terem tido a oportunidade de escolher livremente e de serem apoiadas nas suas escolhas, independentemente da concordância ou não dos pais, que, no caso de Suse Ribeiro e de Inês Lames manifestaram, inclusivamente, preocupações financeiras levantadas pela sua escolha de carreira.

Neste ponto sobressai o testemunho de Adriana Sá pelo facto de não ter crescido em Portugal, facto diferenciador das experiências das demais, tendo em conta as tradições educativas e culturais do nosso país no que diz respeito ao contacto com as Artes e que acontece desde cedo para as crianças alemãs.

“Com certeza. Lá está, porque eu andei na escola primária na Alemanha Democrática e na Alemanha Democrática nós íamos duas vezes por semana à opera, ao teatro, cantávamos. Para além disso, tocava piano. Isto foi a primeira fase de educação enquanto criança. Depois, chegada a Portugal, depois de tirar o Ciclo Preparatório e os primeiros anos da Escola Secundária, fui imediatamente para a António Arroio assim que pude e o *Atelier* Livre foi algo fundamental na minha educação. Quando cheguei às Belas Artes, à Universidade já tinha convicções muito fortes sobre o que era criar. Não me senti dependente de maneira nenhuma daquilo que estava a aprender ou a fazer nas Belas Artes para desenvolver o meu trabalho.” AS.

Também Olívia Silva faz referência ao facto de ser frequentadora da Igreja e da tradição familiar que cresceu e ainda cresce na sua família a este nível. Para a entrevistada este facto, o de poder tocar e estar desde cedo em contacto com a Música, revelou-se preponderante na sua proximidade e gosto pela Música.

É ainda curioso o facto de Sofia Mestre referir que a liberdade a que teve direito poderá ter sido imputada à ausência de liberdade e possibilidade de escolha que a sua mãe teve quando era jovem.

“Sem dúvida! Pela liberdade que me foi dada. Nunca me impuseram absolutamente nada a não ser ter excelentes resultados. Foi-me dada liberdade de ser. Isto muito da minha mãe. Não é o que tu vais fazer, é seres feliz com aquilo que tu vais fazer, o que quer que seja. Curiosamente, a minha mãe tentou mesmo que eu gostasse de Música. Quando era miúda eu cheguei a começar a ter aulas e eu fugia das aulas porque aquilo era uma seca e fugia, mas não ia fazer nada, escondia-me até a aula acabar, porque a sala tinha duas portas, eu conseguia, às vezes, fugir. A professora era velhota, eu fugia pela porta de trás para me esconder porque aquilo era um martírio. Porque o meu avô era músico, era baterista, a minha mãe sempre quis estudar Música e por ser mulher o meu avô não deixou. O meu tio toca tudo, teclas, sopro, guitarra...e bem! E o meu avô a ela não permitiu. Acho que ela tinha tanto essa mágoa que queria..., portanto, quando eu comecei, acho que a pessoa mais feliz de todas foi a minha mãe... “Foi preciso chegares aos 40 anos!”. SM.

No que diz respeito ao contexto socioeconómico fica implícito, pela profissão dos pais, salvaguardando o cariz relativo desta generalização, que todas as entrevistadas cresceram no seio da classe média, classe média alta. Esta inferência teve por base a consulta do rendimento médio disponível das famílias portuguesas na base de dados PORDATA¹² (Base de Dados de Portugal Contemporâneo).

Curiosamente, as opiniões dividem-se no que diz respeito à influência do contexto geográfico e socioeconómico nas decisões académicas e profissionais. Adriana Sá, Sofia Mestre e Inês Lamesas acreditam que os respetivos contextos geográfico e socioeconómico terão contribuído para as suas escolhas académicas e profissionais, enquanto Raquel Castro, Olívia Silva e Suse Ribeiro acreditam que não:

“Não. Viseu não facilita em nada a vida para nós descobrirmos... Viseu e outras cidades. Já agora, deixa-me dizer isto, eu lembro-me de ser miúda e ouvir aquela música do Lou Reed que é *The only good thing about growing up in a small town is that you know that you want to get out*. É exatamente a minha história. Nesse aspeto é tramado, o sítio onde tu vives ajuda-te imenso, porque eu andei muito mesmo à deriva para poder perceber o que é que queria fazer à minha vida, percebes. Eu era a *freak* da família, percebes, alguém tem de ser, alguém tem de ter esse papel.” RC.

No entanto, no que diz respeito ao exercer da profissão, à exceção de Raquel Castro, todas concordam que o contexto geográfico terá as suas vantagens para a profissão que exercem, apontando a maior circulação monetária e de oportunidades profissionais nos grandes centros urbanos e a maior facilidade nos contactos que se estabelecem como vantagens importantes. Raquel Castro não esquece que as particularidades do mercado português e o facto de ser mulher se podem constituir como vantagem para a sua profissão:

“Olha, não sei. Acho que neste momento eu sinto-me completamente do mundo. Por acaso vivo aqui, mas podia viver noutra qualquer. Na verdade, hoje em dia, tenho várias colaborações, desde um coletivo de artistas e investigadores na área do Som do Mediterrâneo, que envolve vários países. Colaboro regularmente com pessoas de outras nacionalidades e de outros países e estou sempre em contacto, portanto não acho que condicione e devo dizer até que de certa forma

¹² <https://www.pordata.pt>

é uma vantagem, na minha perspetiva por uma questão até de identidade, sei lá, não sei, eu vejo o facto de ser mulher e o facto de ser portuguesa como vantagens, e vantagens mesmo. Mas lá está, também posso pensar mais sobre esse assunto, mas até hoje nunca tive qualquer...pelo contrário” RC.

Não obstante, Adriana Sá reforça os contributos de residir, no momento, no Vimeiro, numa zona rural, onde se encontra rodeada pela natureza e, por outro lado, da importância de poder estar também em Lisboa onde tem um estúdio de som:

“Se o contexto onde estou a viver é importante? Neste momento estamos no Vimeiro, no campo e sem dúvida que, para mim, é super importante acordar e ouvir os passarinhos, isso permiti-me viver o dia a dia com a escuta aberta, algo que eu em Lisboa já não podia. Vivia na Bica, havia um ruído constante, de festa, de turistas, etc. Sim, é importante por causa da escuta aberta. Será importante também estar em Lisboa porque temos o nosso estúdio de Som. Porque uma das instituições em que leciono é lá. É importante, sem dúvida! Eu aqui estou no fim do mundo.” AS.

3.8. Tema 8. Formação Musical

Apesar de apenas duas das entrevistadas, Raquel Castro e Sofia Mestre, não terem qualquer formação musical, as opiniões dividem-se no que respeita à necessidade de ter formação musical para a prossecução de carreira nas Tecnologias do Som. Para ambas, ter formação musical não é imprescindível, embora Sofia Mestre não esconda que gostaria de saber um pouco mais para melhor dar aso à sua criatividade. Adriana Sá, profissionalizada em Música afirma que a formação musical pode não ser necessária se: “Se Música for encarada como construção sonora, construção do tempo experienciado, penso que não é necessário ter formação.” Não obstante, reconhece a importância de adquirir experiência e desenvolver trabalho nas diferentes vertentes que assistem o Som.

Inês Lames não responde com certezas, mas reitera que ter alguma formação musical apresenta as suas valências: “...Nem que seja na comunicação. Quando os músicos se tentam exprimir a dizer o que é que querem. Eles não têm a nossa linguagem técnica, se nós também não temos a deles é complicado às vezes comunicar.” IL.

Para Suse Ribeiro e Olívia Silva não restam dúvidas acerca desta necessidade. Tal como Inês Lamares, acreditam ser útil e não esquecem de incluir nas vantagens alguns requisitos mínimos como a intuição, ter gosto por ouvir muita música e, até, conhecer a História da Música Eletrónica, por exemplo:

“Se a pessoa que segue a área das Tecnologias do Som, tiver já tido um conhecimento, pelo menos, da História da Música, até a História da Música Eletrónica, que é uma coisa muito negligenciada mesmo na área da Música, ainda hoje, pelo menos antes da Universidade. Eu diria que sim que é muito importante. É muito importante, não só saber seguir uma partitura, eu diria que é importante, mas também ter alguma noção de frase musical de, até de intuição musical. E conhecer também muita música diferente. Eu diria que isso ajuda muito.” OS.

Suse Ribeiro acrescenta que, embora no caso dela tenha sido indissociável e considere bastante difícil trabalhar nas Tecnologias do Som sem formação musical, é possível trabalhar na área em vertentes mais técnicas sem a necessidade de estudar Música.

3.9. Tema 9. Ser Mulher Artista

Na resposta à questão, “O que significa para si significa ser uma mulher artista?”, notou-se alguma hesitação e incerteza no momento de responder. As respostas foram surgindo vagas, e de entre o “Não sei, nunca pensei nisso dessa forma.”, de Inês Lamares, ao depende, “Há muitos tipos de Arte, há muitas sensibilidades diferentes, há muitas vidas diferentes.” de Adriana Sá, surgem outras, como a de Sofia Mestre, que se destaca por evidenciar a mulher, “Acho que é ser mulher. Acho que adicionamos sempre algo diferente, somos mulheres.” Destacam-se também, por evidenciar a sub-representatividade nestas áreas, como defende Olívia Silva: “Para mim ser uma mulher artista eu acho que, principalmente na área do Som e na área da Música Eletrónica, é muito engraçado porque é uma área ainda muito dominada por homens, não é.”

É na resposta de Suse Ribeiro que se encontra um esclarecimento mais assertivo e direcionado. Para Suse Ribeiro, ser mulher é ser realmente diferente e é na conjugação entre ser mulher e ser artista que surge algo de “desafiante”. Alega que os desafios levantados por esta combinação e pela obrigatoriedade de estar constantemente a provar valor, contribuíram para a fortalecer como pessoa. No entanto, acredita ser a

sensibilidade das mulheres que lhes confere a capacidade de acrescentar equilíbrio à profissão:

“O que é que significa? Isto dava pano para mangas. Ser mulher, ser artista e depois ser uma mulher artista. Significa viver em constante desafio e em constante evolução que também faz parte de ser mulher e faz parte ser artista. Eu acho que conjugar as duas coisas é uma coisa preciosa. Acho que nós não somos nem melhores nem piores, mas somos realmente diferentes. Acho que é sobretudo desafiante. Temos desafios diferentes. Acho realmente, como noutras profissões que temos que provar sempre mais, eu isso senti, como já disse, e continuo a sentir. Era uma coisa que eu achava que com a idade ia ficando provado e foi ficando, eu acho que sim, mas isso não quer dizer que eu não tenha que continuar a provar, tenho que continuar sempre a provar mais. Isso também me torna, se calhar mais forte, porque como tenho que provar mais, não posso descansar, não é, e, portanto, é sobretudo um desafio ser uma mulher artista. Acho que temos outro tipo de abordagem, de sensibilidade e que muitas vezes em equipa, sobretudo em equipa, seja com mais mulheres, seja mais homens, seja com equipas mistas, digamos. Acho que somos uma mais-valia e eu tive alguns colegas homens, principalmente homens, realmente trabalho maioritariamente com homens, o que também às vezes é uma pena. Os que tiveram coragem de o assumir disseram-me várias vezes que era uma mais-valia, não só pelo conhecimento técnico que achavam que eu tinha, mas porque tinha outra abordagem, simplesmente porque era mulher. Nós somos todos diferentes, os homens são todos diferentes entre eles, mas nós introduzimos uma certa água fria na fervura muitas vezes, que ajuda eu acho que as equipas... Eu vi várias equipas e tive pessoas que me certificaram isso, que eram só de homens e que depois tiveram mulheres. E nas que eu estive eles disseram isso, que eles gostavam. Achavam que a coisa ficou mais equilibrada que dava um certo equilíbrio.” SR.

3.10. Tema 10. Representatividade

Este tema encapsula subtemas que remetem para a representatividade feminina na profissão e na academia, analisando a existência ou inexistência de influências daí derivadas: seja em Portugal e no contexto internacional; seja nas Tecnologias do Som, ou seja na questão das cotas, da sua existência e da sua importância para questões de igualdade de género.

Na primeira questão acerca de representatividade de género, apenas Sofia Mestre afirma não ter uma certeza acerca do equilíbrio de números entre homens e mulheres nestas áreas, embora tenha a percepção de que estes não são equilibrados. Afirma encontrar colegas do sexo feminino regularmente, facto que lhe apraz, relembrando que estranharia se tal não acontecesse. Remete para uma antiga profissão para responder que o facto de ser das poucas mulheres nessa ocupação não a influenciou de forma alguma, nunca lhe tendo dedicado muita atenção. As restantes entrevistadas são perentórias em afirmar que não existe um equilíbrio de números nas profissões afetas às Tecnologias do Som e em confirmarem os números reduzidos de colegas mulheres que foram encontrando, tanto ao longo do percurso académico, como do percurso profissional.

Inês Lamares defende que uma das razões para esta notória escassez de mulheres nas Tecnologias do Som é a falta de modelos a seguir, de exemplos de mulheres nestas profissões, para jovens ou qualquer mulher. Um fator que, acredita, poderá contribuir para que estas não percebam que é possível exercer estas profissões porque não veem nenhuma mulher a fazê-lo. Acrescenta ainda os fatores relacionados com a educação e o preconceito dos pais, para quem não ficaria bem ter uma filha a trabalhar num ambiente tão masculino e que envolve amiúde viagens regulares e distantes, estadias em hotéis e um ambiente maioritariamente masculino:

“Não, nada. Eu acho que há vários fatores. Acho que um deles pode ser o fato de as raparigas nunca verem mulheres a fazer este trabalho e às vezes isso influencia a tu nem sequer pensares que é uma possibilidade. Acho que isso pode ser um fator. Depois, eu não sei como é que é agora, mas na minha altura as mulheres jovens eram tratadas pelos pais de forma muito desigual em relação aos rapazes, portanto, irem para um curso e para uma profissão, se quisessem, por exemplo, fazer som ao vivo, em que tinham que fazer viagens, andar em carrinhas, dormir em hotéis com grupos de homens apenas, era algo que...era logo posto um bocado de parte. Acho que há sempre esse.... Eu não tenho razões de queixa, nenhuma, nunca ninguém tentou nada de estranho comigo, sempre fui respeitada nesse aspeto, só as coisas normais como em todas as situações, mas eu acho que isso é um.... Tem peso. Mesmo os pais, os namorados, os namorados não gostam nada disso. E como as mulheres muitas vezes gostam de fazer a vontade aos outros, eu acho que isso tem algum peso. Não a

“tarefa em si, de todo, porque operar som não é uma tarefa pesada, nem nada que se pareça.” IL.

Olívia Silva aponta a falta de informação e divulgação nas áreas da Música Eletrónica e das Tecnologias do Som afirmando mesmo que:

“Eu diria que, por exemplo, no Ensino Secundário, no estudo de instrumento, as coisas estão bastante equilibradas em termos de género, mas há realmente muito poucas mulheres a escolher a Composição e depois, especificamente, a Música Eletrónica ou a área das Tecnologias de Som, de Produção e Tecnologias da Música. Há muito poucas mulheres. Eu penso que é isso, a falta de informação, talvez. A falta de divulgação destes cursos, e a falta também de recursos, talvez no Ensino Secundário, para começar a introduzir este tipo de área aos alunos.” OS.

Suse Ribeiro e Raquel Castro relembram que esta sub-representatividade não é exclusiva a esta profissão e que, por norma, as áreas mais tecnológicas tendem a atrair mais homens do que mulheres, evidenciando que, culturalmente, a sociedade não está educada para a igualdade:

“Não educamos os nossos homens e mulheres para a igualdade e para a possibilidade de podermos ter todos as mesmas capacidades intelectuais, técnicas, o que for, para podermos executar este tipo trabalho. Não é por se ser homem ou mulher que se é melhor tecnicamente a fazer som, ponto. Só que culturalmente isso ainda não é uma coisa que esteja generalizada. É por isso.” SR.

Nenhuma profissional considera que não seja importante que se fale de representatividade de género nos dias de hoje e em todas as profissões considerando as evidências a este respeito. Suse Ribeiro pondera ainda a desvantagem social histórica que as mulheres nos mais variados quadrantes da sociedade apresentam e apresentaram em relação aos homens:

“Sim, claro que sim. Por muito que custe, e às vezes pode chegar-se aqui... parece que é um exagero. Está na ordem do dia falar disto, mas durante centenas de anos nós mulheres fomos oprimidas, tivemos problemas, na Ciência, está mais do que provado, nas Artes, compositoras, músicas, não tanto na área de Tecnologia porque se tem

desenvolvido muito nos últimos 50 anos, por exemplo. Mas as mulheres sempre foram muito oprimidas. Nós temos que lutar pelos nossos direitos, fomos oprimidas durante centenas de anos. Isso fez com que muitas mulheres sofressem, muitos talentos fossem abafados. Muito crédito do homem. A história está cheia disso, não é, de homens que assinaram por mulheres, até às vezes as suas mulheres, as suas esposas, não é! Assumiram o que elas faziam, o que elas compunham, o que elas pintavam, etc. Por causa disso, porque a mulher não tinha.... era como se fosse um ser menor.” SR.

Já no que diz respeito às Tecnologias do Som, a maioria continua a concordar com o debater destas questões de representatividade, seja para perceber as suas causas, uma vez que é “importante complementar as perspetivas científicas do Som, ligadas por exemplo à Acústica, à Engenharia etc., com perspetivas mais ligadas às Artes Sónicas”, como afirma Adriana Sá, seja para iniciar outras mulheres nestas áreas, como defende Suse Ribeiro:

“Mulheres que já têm uma carreira estabelecida de vinte, vinte e tal anos na área e que estão a iniciar mulheres, portanto, de uma maneira bastante específica. Mulheres desde crianças, já nem é só adolescentes, algumas são mesmo crianças e estão a iniciá-las com ferramentas, com cabos, com micros, com equipamento, a ensiná-las a soldar, a ler um diagrama eletrónico, a mexer numa mesa, ou ouvir música a fazê-las aprender a ouvir música como deve ser, em condições acústicas como deve ser. Acho que isso vai dar frutos e são mulheres que estão a tentar fazer isso.” SR.

A maioria das entrevistadas afirma não ter sido diretamente influenciada pela falta de colegas mulheres no percurso académico ou profissional, afirmando todas que nunca prestaram muita atenção a esse facto. Inês Lames, apesar de estar em unísono com as restantes na indiferença que tal lhe causou, não deixa de referir o impacto que o fenómeno da normalização de não lhe ser reconhecida competência, apenas pelo facto de ser mulher, lhe possa ter causado:

“Notava-se que as pessoas em vez de chegarem à partida abertas à possibilidade de seres competente, não, à partida achavam que tu ias ser incompetente, pronto, e, portanto, tinhas de estar sempre a provar, no início. Isto foi mudando ao longo dos anos.” IL.

Suse Ribeiro, por sua vez, acredita que terá sido influenciada indiretamente pela falta de colegas na sua profissão pelas características da mesma. Refere que mais especificamente o som ao vivo é uma profissão que é fisicamente dura, para homens ou para mulheres, pois, não envolve apenas operar, e acarreta muitas horas de trabalho. Acredita que as poucas colegas que existem na área partilham das suas dificuldades e afirma que mantém amizade com uma delas. Deixa transparecer que essa amizade pode ter sido possivelmente fortalecida pela aproximação profissional. Acrescenta também que um dos maiores problemas atuais reside no facto de nem homens nem mulheres acreditarem que uma mulher técnica de som possa ser tecnicamente equivalente a um homem, no que à competência diz respeito.

“Depois acho que há uma ou outra coisa muito importante e que nos diferencia, é que tanto os nossos pares na grande maioria, mas 99%, como as outras mulheres que trabalham nesta área, mesmo não sendo técnicas não partem do mesmo pressuposto, mesmo inconscientemente, ninguém acha que uma técnica.... doa a quem doer, eu estou a falar da experiência.... eu posso falar disto. Ninguém acha que uma mulher pode ser tão boa tecnicamente quanto um homem. Homens e mulheres.” SR.

Quando confrontadas com a comparação com o contexto internacional no que concerne aos desfasamentos de representatividade nestas áreas, a opinião de algumas das entrevistadas mantém-se.

A maioria das participantes não se apercebeu, no seu meio profissional, da existência de cotas de representatividade. No entanto, Raquel Castro e Suse Ribeiro afirmam já se terem dado conta da sua existência e a primeira acrescenta que, como curadora, tem vindo, inclusivamente, a fazer um esforço consciente nesse sentido. Não obstante, faz questão de referir que é um assunto delicado uma vez que a tendência é a de haver muito mais homens do que mulheres nestas áreas, portanto, no caso da existência de cotas, alerta que é necessário ter em atenção que há um sério risco de se beneficiarem as poucas mulheres que concorrem e que podem ser virtualmente as mesmas. Aliás, todas as entrevistadas demonstram ter bastantes reservas em relação às cotas de representatividade e à sua existência, sustentando a sua argumentação com exemplos deste tipo e com o mérito, ficando evidente que todas fazem questão de esclarecer que se deve dar primazia ao mérito.

Suse Ribeiro, que partilha igualmente das reservas anteriores, também não gostaria de ver uma mulher ser escolhida só por ser mulher. Está convicta de que nestas áreas a inclusão de cotas pode ser um impulsionador para apelar a que mais mulheres tenham coragem de não se “autossabotar” algo que ela acredita ser comum ao género feminino, com as devidas salvaguardas a uma afirmação tão generalista, mais do que aos homens nas mesmas circunstâncias, sejam estas quais forem:

“Podemos até nem pensar conscientemente, mas se houver lá uma alínea que diz... "Apelamos fortemente a que mulheres respondam a este apelo...". Eu acho que isso é um incentivo e, portanto, eu acho que, só por isso, já é bastante válido haver essa alínea. Só para incentivar aquelas que estão menos autoconfiantes em relação ao seu trabalho e ao seu potencial.” SR.

“E apesar de ser discriminação, chama-se discriminação positiva. Eu acho que é importante porque em relação às centenas de anos que nós levámos com o contrário, agora se calhar tem que se fazer um esforço extra e concentrado para tentar ultrapassar rapidamente isto, a nossa desvantagem.” SR.

No entanto, nenhuma das entrevistadas nega a importância da reflexão sobre a introdução de cotas de representatividade como possível solução, ou segundo Adriana Sá, como meio para pensar as questões de igualdade social e de género. Não obstante, da análise das entrevistas ficou evidente que a maioria das entrevistadas tem reservas, como já foi referido, no que diz respeito às possíveis injustiças que poderiam resultar daí:

“Pois, tenho mesmo muitas dúvidas porque também se criam injustiças com isso e as pessoas reagem à injustiça, obviamente. Não sei, teria que ser bem pensado e, se calhar, nalgumas profissões eu acho que é impossível porque há tão poucas mulheres ou tão poucos homens a concorrer, que se tu fores criar cotas muito equilibradas, tu vais ter de meter lá o mais incompetente da lista só para manter os números. Portanto, não sei, isso teria que ser tudo muito, muito bem pensado para não ser demasiado injusto.” IL.

3.11. Tema 11. Ser Mulher Acrescenta à Profissão?

Todas as entrevistadas concordam que ser mulher acrescenta diferença à profissão. Os motivos referidos vão da diversidade, à sensibilidade, à disponibilidade, à postura, à interpretação, à própria escassez de números e até ao *modus operandi* que por estar tão enraizado em determinadas profissões acaba por colocar a percepção em segundo plano:

“Nomeadamente no campo, não tanto artístico, mas da Engenharia do Som e na abordagem à Tecnologia, nas opções, estabelecem-se muitas vezes, *modus operandi*, quase convenções, modos de encarar o Som que estão pura e simplesmente ligados ao aspeto físico e que muitas vezes deixam para segundo plano a percepção, e aqui não estou só a falar da Psicoacústica, mas da percepção de modo geral. Às vezes ocorre-me que isso é algo que tem a ver com aquele perfil clássico ligado às Engenharias e às Tecnologias e que, talvez se houvesse mais mulheres nesta área, talvez houvesse uma maior diversidade de práticas.” AS.

3.12. Tema 12. Preconceito de Género

Este tema encapsula subtemas relacionados com preconceito de género no exercer da profissão, no contexto português e internacional, seja por colegas seja por desconhecidos, não deixando de abordar o subtema da discriminação positiva que emergiu da análise dos testemunhos.

Todas as entrevistadas afirmam terem sido alvo de tratamento diferenciado em algum momento do decorrer das suas profissões ou atividades artísticas, no entanto, Adriana Sá e Olívia Silva, afirmam que este tratamento diferenciado nunca aconteceu de forma negativa estando mais ligado a expressões de singularidade e ou admiração, respetivamente. Para todas as restantes, o tratamento diferenciado não só existiu, como foi causado por motivações de género, embora todas refiram que sempre aconteceram pontualmente. Quando aconteceram, a reação generalizada também foi partilhada. Embora tenham denotado incómodo, nenhuma autoriza que isso se constitua como obstáculo, demonstrando, de certa forma que preferem ignorar estas situações:

“Sim. É um tratamento diferenciado, mas tão inconsciente que até dói.”
SM.

“Adorava dizer que não (...) Agora, custa muito quando percebemos que é porque somos mulheres em determinados contextos. Sim, teve mais a ver, se calhar, com alguns colegas, sim.” **SR.**

“Encolho os ombros, rio-me. E pronto... Não faço disso uma batalha, não vale a pena.” **SM.**

“Não são coisas super graves, mas são coisas que quando tu tens que te concentrar é aquele *stress* acrescido que faz moossa.” **IL.**

“E pronto, eu depois fui falar...eu não me chateei, eu já tinha aprendido como é que estas coisas funcionam. Fui ter com o *road manager* e ele foi lá dizer que eu ia mexer no equipamento e depois eu já podia mexer no equipamento.” **IL.**

O mesmo preconceito de género não acontece apenas no decorrer da profissão ou da prática artística, sendo que é também visível para a maioria das entrevistadas nos públicos e nos desconhecidos em geral, não se limitando, portanto, a colegas de profissão. Curiosamente, tanto Sofia Mestre como Suse Ribeiro, alegam curiosidades que vão para além da admiração referida pela restante maioria. Ambas as profissionais mencionam terem sido regularmente confundidas com cantoras ou outras profissões relacionadas com a área do espetáculo, como apresentadora, a produtora executiva, entre outras, como no caso de Suse Ribeiro.

“Eu nunca tinha pensado nisso, mas quando algum desconhecido sabe que faço Música, a primeira coisa que me perguntam é se eu canto. Acho isto super gráfico. Pronto, é uma mulher, canta.” **SM.**

“Sim, as pessoas ficam admiradas, não é comum, portanto.... Há muita gente que nem sabe o que é que isso é, não é! Os que sabem ficam admirados muitas vezes. Isso é normal ficarem surpresos.” **IL.**

“Muitas vezes, até o público em geral, as pessoas até sem serem colegas. Para já acham sempre que eu sou, ou cantora, na equipa, ou produtora executiva, não de Produção Musical, que faço a produção ou sei lá, que sou a apresentadora... Muitas vezes, às vezes vou em comitivas e, sei lá, acontece muitas vezes nas carrinhas. Paramos num sítio... " Olhe, sabe onde é que é o palco?" Coisas... perguntas deste género... “Ah, mas é a ...?” Não vou dizer o nome das cantoras que lá

iam... "Eu não, esqueça, sou a técnica..." E depois ficam assim a olhar...nem percebem bem. É difícil associarem, e muitas vezes estou com colegas meus que são outros técnicos, ou que são músicos, e veem-me na mesa, por exemplo, quando é ao ar livre, porque temos o cruzamento com mais pessoas, ou me veem mesmo a operar e veem-me a trabalhar, ou se estou ali só na zona, perguntam-me pelo técnico de som. Isto acontece muitas vezes." **SR.**

Quando confrontadas com a mesma questão, mas num contexto internacional todas concordam que não haverá muita diferença neste campo entre Portugal e o resto do mundo. Apesar de Adriana Sá e Suse Ribeiro sublinharem o "complexo cultural", isto é o próprio preconceito que a cultura portuguesa instaura contra si mesma nas Artes ou em outras áreas, esta última e a par com Sofia Mestre, acrescenta, que encontra diferenças quando se desloca ao estrangeiro. Diferenças essas que estão relacionadas com o facto de já serem conhecidas, ou terem sido convidadas pelo trabalho que fazem, não sendo, portanto, alvo de diferenciação por preconceito. Suse Ribeiro vai mais longe e apesar de concordar que não será muito diferente no resto do mundo, afirma que já encontra, no âmbito da sua profissão, um maior número de mulheres a exercer este tipo de atividade, o que na sua opinião, possivelmente ajuda a diluir estas diferenças:

"Acho que estas questões se colocam por todo o lado. Acho que há mais homens por todo o lado, não é só aqui." **RC.**

"Sinto que às vezes também há dúvidas e desconfiança. No caso, não percebia bem se era por ser mulher ou se era por ser latina." **IL.**

"Acho que tem diretamente a ver com o nosso mercado que é minúsculo. Nós não temos propriamente Indústria de Música. Basta ir para fora, basta vermos de fora para dentro que não temos. O nosso mercado nacional é para dentro. Isto acho que só nos prejudica. Nós somos tão bons ou melhores do que os outros, tecnicamente, artisticamente, não é por aí, não é por falta de capacidades, seja de evoluir, seja de concretizar, mas tem a ver com o nosso mercado, e nós somos poucos. Comparando, por exemplo, com os Estados Unidos tem a ver com isto. Somos menos milhões e, portanto, fazemos muito música, na área da Música especificamente, para dentro. E eu acho que há exemplos fora também de muito machismo, muito desta postura cultural contra as mulheres, só que como há muito mais variedade, há mais quantidade também, e já há muito mais mulheres

acontece menos, eu levo menos com isso. Eu quando comecei a trabalhar para fora não foi quando comecei e, portanto, eu quando fui chamada e quando comecei a integrar essas equipas já tinha um nível mais alto do que tinha quando comecei aqui, como é óbvio, portanto, tinha muito mais inexperiência, era muito mais fácil apanharem-me na curva do que passados uns anos nesses países. Portanto, eu não sei o que é começar nesses países porque quando fui para lá, já fui integrada numa equipa, já sabiam que eu fazia frente de casa, que era a operadora ou que ia como técnica de sistemas, porque faço muito isso lá e, portanto, já vem com um selo, já vem com um carimbo, vem com esta equipa e, portanto, não estão tão desconfiados. Já nos aceitam como iguais ou mais próximo de iguais.” SR.

“Eu chegava, as pessoas que me convidavam é que estavam ali para me receber porque vens de fora, portanto, nem sequer havia espaço para isso acontecer, acho eu. Mas não dá para dizer... “Olha lá fora é melhor, não”. Não dá para comparar sequer.” SM.

3.13. Tema 13. Requisitos Físicos

Este tema aborda questões relacionadas com os possíveis desafios a nível físicos que podem surgir no exercer das profissões das participantes, dadas as especificidades de algumas das atividades profissionais desempenhadas por algumas das entrevistadas. Nenhuma das participantes acredita que os desafios que possam surgir a um nível mais físico tenham potencial para se constituírem como impedimento para determinadas ocupações das Tecnologias do Som. Todavia, algumas das profissionais referem que poderão existir profissões, como as de técnica de som, que pelas próprias configurações no contexto nacional, possam requerer que o profissional faça mais do que o trabalho técnico, para o qual Suse Ribeiro relembra ser apenas necessário ter “cabeça, ouvidos, conhecimento e mãos.”

Em suma, todas compreendem que há casos bastante díspares dependendo de cada profissão e que, por vezes, poderão surgir desafios maiores a nível físico. No entanto, todas acreditam que estes são ultrapassáveis e que não se constituem como obstáculo, não descurando que esse é um fator que obedece sempre à vontade e aos objetivos de cada profissional. Raquel Castro acrescenta mesmo, cito “sem querer ser mal interpretada” que é necessária alguma desmistificação destas questões também por parte das mulheres: “Mas a questão de não haver um equilíbrio de género, tem tanto de externa a nós mulheres, como a ver connosco”.

“... Acho que é simplificar... “O que é que é para fazer, é isto? Consigo ou não consigo? Consigo”. Se consigo, tem que se provar, mas um homem também tem que o fazer. Acho que não. E acho que temos todos e todas que ajudar a desmistificar isso. Acho que se é preciso um *stagehand* contrata-se um *stagehand*, não se vai chamar um técnico de som ou de luz.... Se é preciso fazer som não se vai chamar um *stagehand*, se é preciso reforçar a equipa há que ir buscar os profissionais para cada função. Acho que é isso.” SR.

“A questão é que às vezes aquilo que acontece é contratarem-nos para coisas que é preciso, como eu dei o exemplo há pouco de há uns anos me terem contratado para uma data de coisas que começava desde descarregar o camião... E eu descarrego, empurro *flight cases*, faço igual, não tenho é oitenta ou noventa quilos e um metro e noventa. Nem nunca vou ter, pronto, mas demoro mais tempo ou preciso de ajuda, mas também faço.” SR.

“Para mim não, mas eu sou um bocadinho todo terreno. Sei lá, eu estou habituada a andar carregada, a andar com câmara, microfone, gravador, tripé, etc. Se te partes toda? Claro que sim, mas nunca pedi a nenhum homem para me andar a carregar as coisas só porque...” RC.

“Não. Pode não ser fácil carregar tudo, demoras mais um bocadinho, mas há sempre alguém que ajuda, porque mesmo que fosse um homem seria igual. O Zé quando vai sozinho também é igual.” SM.

“Depende do que quiserem fazer. Se a ideia delas é carregar e montar PAs...há mulheres com estrutura para tudo, depende de quem é a mulher, como há homens que não seriam capazes de o fazer. Se a ideia é ser operadora de som, acho que não, têm, se calhar, que seguir um caminho diferente para chegar lá.” IL.

3.14. Tema 14. Respeito pelos Pares

Todas as participantes trabalham ou desempenham atividades artísticas em ambientes maioritariamente masculinos. No exercer da sua atividade profissional fazem questão de afirmar que se sentem respeitadas, valorizadas e acarinhadas pelos seus pares.

3.15. Tema 15. Debates para a Igualdade de Género

As entrevistadas concordam, em uníssono, com a existência de debates sobre a igualdade de género justificando a sua importância pelas mais variadas razões. Verifica-se uma concentração de respostas que justificam estes debates pela questão da sub-representatividade verificada no seio destas profissões. Enquanto Sofia Mestre lamenta que ainda se tenham de debater estes temas, Adriana Sá e Inês Lmares lembram que é, no entanto, necessária alguma moderação no debate destas questões, e que se devem evitar determinadas polarizações obstando fazer “profissões de fé”, devendo remeter o foco para as questões de igualdade como soluções para uma sociedade mais equilibrada e justa dando primazia à liberdade de escolha:

“São. É sempre importante debater estas coisas, acho eu, para abrir um bocadinho a cabeça das pessoas, mas, recentemente, eu acho que as coisas estão a ficar um bocado extremadas que até não me agrada especialmente, a forma como as coisas às vezes se desenvolvem. Dependerá dos debates e das pessoas que estão a debater. Mas, sim. Acho que é importante debater e perceber até que ponto há efetivamente limitações. Acho que é importante as pessoas perceberem que quando se fala de igualdade de género, porque acho que há muita confusão, não se fala de as pessoas serem iguais, dos homens e das mulheres serem iguais, é óbvio que não somos, mas de igualdade de direitos e de oportunidades, de deveres. E é nesse sentido, eu acho que às vezes o debate desvia-se muito dessa tónica e passa para uma cena estapafúrdia que é temos que ser todos iguais, fazer todos as mesmas coisas... Não, as pessoas têm que poder escolher, ponto. E não ser prejudicadas porque estão a escolher uma coisa que habitualmente as pessoas daquele sexo não escolhem. Só isso.” IL.

“Possivelmente, para motivar mais mulheres a seguirem essas profissões, agora também não me parece que se trate de uma profissão de fé, ou de uma necessidade por si só, as pessoas têm o direito de escolher aquilo que querem.” AS.

“É preciso debater a questão da discriminação seja a que nível for, não é só por ser mulher, portanto, a parte do género, mas a todos os níveis,

por muito que nos magoe ou que nos mexa. Acho que é importantíssimo.” SR.

3.16. Tema 16. Profissões Femininas e Profissões Masculinas

A maioria das entrevistadas acredita que não há profissões masculinas ou femininas. Acreditam, sim, que há tendências culturais e históricas que se inscrevem na matriz cultural da sociedade, o que faz com que haja profissões com maior número de mulheres e ou de homens a desempenhá-las, argumentando que tal não invalida que não possam ser desempenhadas pelo sexo oposto:

“Por exemplo, construção civil, normalmente é uma profissão masculina, mas eu tenho andado a carregar pedras, portanto, não sei... Também há pessoas que fazem limpezas em casa e muitas vezes por algum motivo são mulheres, não sei muito bem porquê. Mas sim, há toda uma tradição cultural que faz com que algumas profissões sejam, sem dúvida, predominantemente masculinas e outras, sem dúvida, predominantemente femininas. História Cultural e História Social, não é. De uma maneira ou de outra, tendemos sempre a reproduzir aquilo que herdamos dos nossos pais, dos nossos avós. A sociedade é algo que muda muito lentamente em relação a alguns aspetos.” AS.

“... Há uma tendência para as mulheres quererem ser, médicas, enfermeiras, professoras, profissões que cuidam mais dos outros, das pessoas e os homens serem mais dos objetos e das coisas e não sei quê... Isso é uma tendência genérica e depois cada um é o que é.” IL.

“Não acredito nisso. O que é importante numa profissão é o mérito, e o mérito não está circunscrito ao género.” OS.

3.17. Tema 17. Mulher, Som e Tecnologia na Atualidade

No que diz respeito às inter-relações entre mulher e Tecnologia na atualidade, há também um consenso generalizado no que diz respeito às dinâmicas existentes entre a prática profissional e artística e o género. Todas concordam que se têm vindo a fazer notar imensas melhorias comparativamente com as últimas décadas. Para as participantes, estas melhorias estão relacionadas com a representatividade, com o preconceito, com a liberdade, com a receptividade, com a própria evolução da Tecnologia e com a adaptação das mulheres ao seu uso:

“Sim, eu diria que a relação tem vindo a melhorar. Porque se formos a ver no século XX, havia ainda menos mulheres nesta área, e o seu trabalho não era valorizado, muitas vezes, se formos a ver mulheres que trabalharam com Pierre Schaeffer, com o Pierre Henry, até com o Steve Reich. Portanto mulheres que trabalharam em construção de sintetizadores, por exemplo, as mulheres que trabalharam para a construção do *MOOG*, para a construção do *Buchla* são mulheres que não são faladas nos dias de hoje. E fala-se sobre o *MOOG*, fala-se sobre o *Buchla*, fala-se sobre Pierre Schaeffer e o Pierre Henry, não se fala das mulheres que contribuíram para as descobertas deles, não é! Mas eu diria que nos dias de hoje a relação está melhor, podia ser melhor, mas claro que podia sempre ser melhor, mas está muito melhor, diria.” OS.

“Penso que é maior do que era há vinte anos atrás, concerteza, mas para os homens também, porque há mais Tecnologia, não é!” AS.

“Olha, há muitos debates sobre isso, mesmo dentro da área dos *field recordings*, sobre a própria questão da Tecnologia. A Tecnologia em si faz tão pouco, não é? Eu, por exemplo, posso-te falar do meu caso particular. Eu, enfim, trabalho com Tecnologia, não amando Tecnologia. No entanto, eu preciso da Tecnologia para fazer o que faço. Arranjei uma forma de contornar, de ter coisas que eu consigo manusear e manejar e trabalhar. Portanto, encaro a questão da Tecnologia como encaro a questão de qualquer ferramenta que sirva para o teu trabalho, pode ser um lápis, pode ser um pincel, o que for, é a forma como tu a utilizas. Tu procuras aquilo consegues usar e que precisas, e tentas dominar dentro das tuas limitações, mas aí, sabemos que a Tecnologia atrai mais os homens, é assim, mas não tem que ser um obstáculo.” RC.

“Eu, na verdade, estou muito otimista. Acho que nos últimos anos, cinco, dez, pelo menos, ou pelo menos é o que eu tenho acompanhado. Da experiência que tenho, nos últimos cinco, dez anos, pelo menos, eu acho que, na verdade, nos últimos dez anos evoluiu-se mais do que nos últimos trinta anos cá em Portugal. Acho que há muito mais mulheres, agora não falamos só de técnicas, tecnicamente, mas a um nível mais artístico, mais abrangente, há muito mais mulheres, felizmente, a desafiarem-se, a imporem-se, a ficarem a lutar

por um lugar, por uma profissão assumida, pelo seu lugar. Portanto, eu estou muito otimista, acho que cada vez há mais mulheres e vão ter de nos aceitar, vão-nos aceitando.” SR.

A maior acessibilidade e, novamente, os avanços tecnológicos vieram conceder, concordam as intervenientes, maiores oportunidades nas áreas onde a Tecnologia é mais proeminente, possibilitando às mulheres enveredarem por determinadas profissões na área do Som. Defendem que os atuais custos mais reduzidos e, por conseguinte, acessíveis do equipamento necessário ou dos *softwares* dedicados, e a recente e crescente autonomia e liberdade que estes avanços vieram proporcionar se tornaram cruciais para este tipo de escolha profissional e, ou, artística. Para Raquel Castro, esta dualidade Tecnologia género veio mesmo ajudar e contribuir para a emancipação tecnológica feminina:

“...Por exemplo, uma das coisas que está nesse filme, *Sisters With Transistors*, e que eu achei muito interessante, é precisamente esta. Quando apareceram as Tecnologias, as fitas, etc., todas essas coisas, de repente aquelas mulheres que tinham tido formação musical e que eram músicas e queriam ser músicas, de repente já não estiveram dependentes da indústria, deixaram de precisar de ser convidadas para tocar no auditório, de ser convidadas para integrar uma orquestra... Aí, há uma emancipação que se produz pela Tecnologia e que tem a ver com essa independência e com essa acessibilidade, porque é acessível, e qualquer um consegue construir facilmente o seu próprio universo tecnológico. Por isso nesse aspeto sim, acho que contribui bastante.” RC.

“Acho que sim. Só o fato de serem mais acessíveis, mais acessíveis a toda a gente, homens e mulheres, faz com que haja muito mais mulheres a ter possibilidade de experimentar, até sozinhas, o que é que podem ou não fazer com aquilo, em detrimento de.... Vamos ver coisas de há quarenta, cinquenta anos. Para se aceder, por exemplo, a determinadas ferramentas tecnológicas e, estamos a falar mais de equipamento e de processos, tinha que se ir, por exemplo, a um estúdio, ou para um armazém de uma empresa que tinha equipamento, que normalmente estava cheio de homens só e que era um bocadinho inacessível, até pelas próprias mulheres, por falta de iniciativa, ou de confiança, de se mandarem para isso. Portanto, o poder ter um computador e um equipamento que dá para mandar vir rapidamente

de um *website* e experimentar e ver uns tutoriais e experimentar sozinha, acho que faz com que a autoconfiança da mulher se fortaleça e que tente andar para a frente com aquilo.” SR.

“Tanto para as mulheres como para os homens. Há *softwares* de edição de Som de nível profissional que se podem adquirir por um preço módico, alguns são gratuitos também, e isso permite o desenvolvimento de trabalho autónomo *à priori* que, naturalmente, pode ser importante para que a pessoa desenvolva o gosto pelo trabalho com Som, não é!” AS.

3.18. Tema 18. Desafios da Mulher na Indústria Musical e nas Tecnologias do Som

No tema dedicado aos desafios das mulheres na Indústria Musical e nas Tecnologias do Som, emergem os subtemas maternidade e desafios de preconceito de género. Todas as participantes acreditam que os desafios na Indústria Musical e nas Tecnologias do Som são uma realidade, e todas enumeram um leque variado dos mesmos. Enquanto Adriana Sá acredita que é necessária uma mudança interna no que diz respeito à forma como a mulher é vista na Indústria da Música, isto é, onde o desafio assenta em “procurar abordagens diferentes” que não cristalizem a mulher à posição de cantoras “*cutty pies*”, com acompanhantes nos instrumentos, entre outras. Para Inês Lames, os desafios passam pela educação que é ainda muito machista. Como tal, “prejudica a vida pessoal” pelo facto de trazer dissabores sociais às mulheres por, nestas áreas, estarem constantemente rodeadas de homens, facto que ela acredita não agradar nem aos familiares, nem aos respetivos parceiros.

Para Olívia Silva, a própria sub-representatividade é um desafio para a profissão uma vez que, sendo mais masculinizada, terá, conseqüentemente, mais homens a concorrer a um determinado posto de trabalho. Para Raquel Castro, “os desafios das mulheres são tantos” que deixa implícito, na resposta a outra questão, que a falta de tempo originada pelas questões familiares pode, eventualmente, constituir-se como desafio para as mulheres. A este respeito, frisa a importância de uma parceria familiar equilibrada no desempenho da sua profissão. Numa outra resposta a outra questão, deixa subentendido que outro dos desafios é o facto de continuar a existir imensa pressão social para a maternidade pela sociedade.

Para Suse Ribeiro, que concorda que as questões culturais e o preconceito se constituem como desafio, ser mulher artista é outro, pela necessidade de estar sob constante provação. Não se ficando por aí, destaca a maternidade como um dos maiores desafios. Segundo a produtora, o facto de a escolha profissional colidir, a dado momento, com escolhas pessoais ou vice-versa, obriga, portanto, as mulheres a terem de decidir-se, ou não, pela maternidade, lembrando que este é um desafio pelo qual os homens em momento algum têm de passar, "...E isso limita."

Ainda em relação à maternidade, questão que não constava do guião de entrevistas, é curioso notar que algumas participantes, como Raquel Castro, Sofia Mestre e Suse Ribeiro lhe fizeram referência de forma espontânea. Para Sofia Mestre, pese embora não seja mãe, a maternidade não é impedimento para que se seja boa profissional em qualquer que seja a área e, como tal, não deve servir de "entrave" aos objetivos profissionais. Imputa estas questões à sociedade e reitera a necessidade de reflexão sobre as mesmas. Não esquece de referir que a própria organização do trabalho, na atualidade, retira tempo, quer a mulheres quer a homens, à gestão da vida familiar, prejudicando, em última instância muito mais as mulheres:

"...Acho que se exige que as pessoas, isto não é em todos os países, na nossa cultura infelizmente há muito. O ser humano interessa pouco em geral para o que é o mundo do trabalho, acho eu. Tens que trabalhar dez horas, doze horas, não interessa. Ninguém, nem homens nem mulheres têm tempo para ir buscar os filhos à escola. Se não tiverem avós como é que se safam? Há tempo para trabalhar, aproveitar o tempo em que realmente uma pessoa consegue ser produtiva e não está ali a massacrar... Para as mulheres terem tempo de dar o melhor no trabalho e dar o melhor enquanto são mães. É tudo possível! Acho que tem muito a ver também com as dinâmicas da sociedade em geral em relação a tudo. Não é só ao género. E, depois, essas dinâmicas afetam o género porque uma mulher ao ser mãe, ao ficar grávida, ao ter que estar com o bebé... Se te exigem que trabalhes dezassete horas por dia, catorze, eu trabalhava às dezoito horas por dia! Acho que tem de ser muita coisa trabalhada, e olha, o tempo que estamos a passar é excelente para uma mudança de paradigma a vários níveis. Oxalá muita gente reflita sobre muitas dessas sugestões." SM.

Curiosamente Suse Ribeiro, que não é mãe, discorda e acredita que não é possível ser mãe e perseguir uma carreira como técnica de som devido, não só, às longas horas na

estrada, como às oportunidades que se vão perdendo com as ausências profissionais inerentes à maternidade:

“... Acho que é difícilimo, eu não conheço, em Portugal não há nenhuma operadora de som, nenhuma técnica de som que tenha filhos. Isso não é por acaso. Não é por acaso, isso é uma escolha que pode...as pessoas não têm todas que ter filhos, as mulheres e os homens não têm... Mas se quiserem ter não podem, ou uma coisa ou outra, ou são mães ou são técnicas. Na prática, isso pode-se argumentar imenso e refutar, mas na prática, isso é mentira porque não se pode. Não é possível estar na estrada, engravidar, passar o tempo de gestação e ter um filho e continuar porque as oportunidades vão. Tem que se estar a trabalhar ali todos os dias e isso não é possível.” SR.

Por outro lado, Raquel Castro, mãe de dois filhos, não vê qualquer impedimento em ter uma carreira nas áreas do Som e em ser mãe. Afirma que ser mãe não tem obrigatoriamente de alterar os objetivos de vida das mulheres ou os seus sonhos, embora reconheça que para muitas mulheres essa poderá ser uma questão que as leva a preterir os seus sonhos em *prol* da família:

“... E eu acho que é muito comum, por exemplo há uma pergunta que não está aí e que eu acho que se deve abordar, que é a questão da maternidade, e as questões familiares e os sonhos que as mulheres têm e que na sua maioria passam muito por aí, e que alteram totalmente a vida das pessoas. E eu posso-te garantir que não tem que alterar. Ainda ontem eu estava a falar com os meus filhos, eu tenho dois filhos com idades muito próximas quase gémeos, têm um ano de diferença entre si, têm neste momento 10 e 11 anos, e estava-lhes a dizer que vocês vinham cá para falarmos sobre isto. Falamos muito sobre as questões do feminino aqui em casa e sobre estas questões, e estávamos a falar sobre isto e a minha filha que, acho que tenho ali uma pequena feminista em potência dizia... “Mas porque é que são as mulheres que ...não sei quê, não sei quê...” E disse-lhe que realmente isso acontece. É um facto que há menos mulheres em determinadas áreas porque de facto 99,9% dos casos têm filhos e alteram bastante a forma como vêm a vida. Alteram a sua disponibilidade para arriscar, e acho que isso tem a ver com a natureza das pessoas. Também é uma coisa social. Há uma pressão social enorme sobre as mulheres.

Dou-te um exemplo. Por exemplo se eu sair à noite, como me aconteceu, dou muitas vezes este exemplo, de sair com as minhas amigas à noite e de ir ao *Lux* uma vez. Os meus filhos eram bastante mais pequenos, isto já há uns anos, sei lá, deviam ter 3 e 4 anos, e de alguém perguntar assim... “Ah estás boa, estás aqui, então e os teus filhos?” “Os meus filhos estão em casa com o pai!” “Tens uma sorte!” E isto dá-me uns nervos! E eu sei que não fazem esta pergunta ao pai, não é, fazem à mãe! Enfurece completamente. Primeiro, não lhe perguntam pelos filhos, segundo, jamais lhe dirão... “Ah que sorte, a tua mulher ficou em casa com eles e tu estás aqui!” RC.

“Explicar às raparigas, jovens mulheres e mulheres que em geral, lá está, e volto à questão da maternidade porque eu acho que isto é muito importante e condiciona muito a vida de muitas mulheres, porque querem ter filhos e pensam que são más mães se estão ausentes e se perseguem um sonho. Isso deve ser desconstruído, já para não falar da questão do equilíbrio de trabalhos na questão familiar, mas isso tem que ser desconstruído. Tudo aquilo que tem a ver com o universo feminino tem de ser desconstruído.” RC.

Para Inês Lamares e para Olívia Silva, a questão da maternidade é bastante pessoal, mas, da sua perspetiva, também não acreditam que se constitua como um obstáculo à profissão, ressalvando que é importante e necessário ter o apoio da família ou dos companheiros para que tal seja possível. Inês Lamares acredita, no entanto, que as questões familiares e a maternidade têm potencial para se constituir como obstáculo a estas profissões tendo em conta a volatilidade das mesmas no que concerne à segurança no trabalho e à estabilidade financeira, mas que não são uma obstrução:

“... Não sei...toda essa gestão.... Eu acho que as mulheres, muitas mulheres, também há muitos homens, mas eu acho que talvez as mulheres pela questão da maternidade ou isso, têm necessidade de segurança financeira não é, de uma estabilidade e isto, claro... Num trabalho que é sazonal e que ainda por cima ficas dependente de.... É muito os amigos, e agora sais mais à noite com aquele, então aquele é mais fixe...é tudo muito volátil e muito de egos e então talvez isso.... As mulheres quando começam a pensar na família, etc., talvez isto desmotive bastante...” IL.

“... É claro que o viajar não ajuda e tudo mais, mas acho que essas coisas se podem conseguir gerir se tu tiveres um companheiro, um marido que assuma que tu tens aquela profissão e com quem tu podes contar, portanto, acho que sim. Tem especificidades, mas acho que não é uma impossibilidade.” IL.

“Não, eu não considero que seja um obstáculo. A questão da maternidade é uma questão muito pessoal. Eu pelo menos vejo-me a ser mãe, no futuro. Desde que a pessoa saiba gerir bem a sua vida, diria que isso não é um problema. Aliás, tenho o exemplo da minha mãe que trabalhou no Banco de Portugal, trabalhava em *full time* e tinha dois filhos em casa, e depois acabou por ter mais, acabou por me ter a mim e ao meu irmão mais novo. Tinha também muita ajuda do meu pai. O meu pai era daqueles homens que foi muito envolvido na criação dos filhos. Eu acho que isso também é importante para uma mulher que quer ser mãe. Ter um parceiro que seja envolvido na criação dos filhos. Eu acho que tendo esse equilíbrio, é perfeitamente possível uma mulher ser muito bem-sucedida na sua carreira e ter uma vida familiar e ter filhos.” OS.

Adriana Sá aponta este facto como um possível motivo para nunca ter desejado ser mãe, embora deixe a ressalva que conhece muitas mulheres mães que são ativas:

“Eu não sou mãe. Eu conheço mulheres que são extremamente ativas sendo mães também, mas calcularia, e talvez seja dos motivos pelos quais eu nunca quis ser mãe. Sempre senti que quando resolvemos ser mães, a nossa primeira responsabilidade é essa criatura que está a crescer. Perdemos de alguma maneira a liberdade de opção. Claro que isto é o meu receio, mas eu nunca tive desejo de ser mãe, não é. Quem tem desejo de ser mãe sentirá de outra maneira”. AS.

À exceção de Olívia Silva e de Adriana Sá, que afirma não ter a certeza, todas são da opinião que os desafios que surgem para as mulheres que escolhem estas áreas poderão incluir o preconceito de género. Para Sofia Mestre é evidente que a ausência de preconceito de género deverá partir das mulheres. Para as restantes, este preconceito pode manifestar-se de inúmeras formas na profissão. Segundo Inês Lames, a problemática principia na ideia preconcebida de que a mulher é indefesa e frágil, e que é complexo trabalhar num ambiente masculino, enquanto para os homens isso nunca se constituiu como um problema. A técnica de som defende que esta cultura

está, inclusivamente, a gerar preconceito sobre os homens, que os coloca numa posição de vilão, algo que ela considera não conducente com a realidade, defendendo mesmo que: "...A maior parte dos homens não é fisicamente violenta..."

Para Raquel Castro, não há dúvidas que existe um enorme preconceito de género, que abrange, inclusivamente, questões linguísticas e de semântica: "Claro que sim, há imenso preconceito de género, há imenso mesmo. Se precisas de um técnico, até já falas nele no masculino".

Suse Ribeiro vai mais longe e conta que em determinado momento da sua carreira o seu desejo era não ser vista como mulher, sendo forçada a mudar a maneira de vestir por forma a conseguir o respeito profissional que almejava. Não obstante, sublinha que, atualmente, essa questão está ultrapassada e resolvida, independentemente da forma como os outros a veem.

"... Eu lembro-me de quando tinha 20 e poucos anos senti que tinha que mudar a minha maneira de vestir, basicamente para não chamar atenção. Porque eu não queria que olhassem para mim como uma mulher. E eu sou uma mulher! Fui, não mudei de sexo, portanto continuei a ser, era uma coisa difícil de mudar, e eu não queria. Nunca quis deixar de ser mulher por causa de ter esta profissão. Acredito que isso possa acontecer, mas comigo isso não aconteceu e, portanto, o que eu tive de fazer foi em vez de me assumir como mulher e isso não ser um problema, foi ao contrário. Eu senti que tinha mesmo que desviar a atenção mais possível daquilo que me podia identificar como mulher. Porque eu sou mulher, um homem olha para mim e vê que eu sou uma mulher, uma mulher olha para mim vê que sou uma mulher, técnica ou não... Agora eu queria primeiro que olhassem para mim como técnica, como par, fosse concorrente, fosse colega, eu sempre quis ir por aí. Sempre achei que era possível irmos como colegas e não como concorrentes, mas senti que durante muitos anos tinha que tentar desviar, mesmo no meu discurso e abordagem, ser mais fria do que se calhar seria naturalmente, ou normalmente. Para desviar todas as atenções que pudessem levar para aí, e por isso, sim, eu pessoalmente senti isso. Hoje em dia não, porque sinto-me muito mais forte e sinto que primeiro olham para mim enquanto técnica, enquanto colega. Se olham para mim como mulher ou não isso já não é um problema meu, é um problema da outra pessoa que tem que o resolver. Já não me sinto ameaçada por isso, mesmo." **SR.**

3.19. Tema 19. Incitariam uma Filha a Seguir Estas Áreas?

Pese embora apenas uma das participantes tenha filhos a todas foi colocada a questão: “Incitarias uma filha a seguir a área das Tecnologias do Som?”. A resposta foi unânime não somente na certeza que o fariam, nesta ou em qualquer outra área profissional, ficando evidente que o seu apoio seria incondicional, fosse qual fosse a escolha. Adriana Sá e Suse Ribeiro não esquecem de referir que, a ser o caso, não deixariam de alertar para as dificuldades das profissões artísticas e destas áreas profissionais enquanto mulheres. Raquel Castro, mãe de dois filhos, uma filha e um filho, faz questão em afirmar que incitaria ambos, desde que fosse esse o seu desejo e que pretende educar a sua filha para não ter medo, para seguir os seus sonhos e para ser autónoma:

“Se o desejasse tal como eu desejei, sem dúvida, mas também a alertaria para esta dualidade entre a independência criativa e a independência financeira. Portanto, não é algo fácil. Faria questão de a preparar para os problemas e desafios que iria enfrentar.” **AS.**

“Incitaria, sim. Não só a seguir esta área da Música Eletrónica, a seguir a Composição. Incitaria, não obrigaria porque não fui educada assim também. É óbvio que eu, para o futuro, quero educar os meus filhos na Música porque eu diria que mesmo que depois não sigam Música, ficam com conhecimento, ficam com a prática e ficam com as lições que vêm da prática. Mas sim, eu com certeza eu ia encorajar muito uma filha a seguir esta área.” **OS.**

“Eu incitarei a minha filha a seguir as áreas que ela quiser, livremente, onde ela quiser, da forma que ela quiser. Ela é livre para decidir. Nunca lhe diria... “Filha vai para esta área”, como não direi ao meu filho. Ela é livre de escolher. Incitarei sempre a minha filha a ser autónoma, independente e a seguir seus sonhos e não ter medo.” **RC.**

“Sim, porque acho que é uma relação mais próxima e que eu conseguiria dar-lhe e dizer-lhe aquilo que ninguém me disse e que eu tive que aprender sozinha como mulher na área. Não é só na área não é só como mulher. É nesta área em específico como mulher, sim.” **SR.**

3.20. Tema 20. Conselhos para Futuras Profissionais

Todas as participantes deixaram igualmente palavras de incentivo para as mulheres que têm o desejo de seguir as Tecnologias do Som, respondendo sem hesitações com a palavra de ordem, “sigam”.

Olívia Silva realça a liberdade criativa e recompensadora que a sua área transporta e o facto de ter tão pouca representatividade feminina. Raquel Castro prefere incentivar para qualquer área, lembrando que as diferenças são unicamente anatómicas e que dificuldades e desafios existem para ambos os sexos, embora reconheça que sejam maiores para as mulheres, motivo pelo qual, na sua opinião, tudo fica também mais interessante.

Inicialmente, Suse Ribeiro, mostra-se reticente em “dar conselhos”. Afirma ter receio de aconselhar as mulheres a seguirem esta área pelas dificuldades pelas quais passou, mas, em última análise, acaba por deixar palavras de incentivo para que as mulheres sigam com a devida cautela, lembrando os prós e os contras e deixando algumas advertências:

“No final acho que o balanço é dizer... “Sigam!” Gostam disto, vão ter que lutar muito. Têm que provar muito mais, mas isto não é só na área da Música e do Som. São as mulheres na área profissional. Se tentam ter uma profissão e serem reconhecidas e serem boas, serem líderes, serem melhores do que a maior parte dos colegas de profissão, mas que têm que estar preparadas para se aguentarem com este tipo de coisas. Perceberem que isto não tem diretamente a ver com elas porque eu acho que isso às vezes...nós percebermos que... O problema não está em nós, nem na nossa competência, no potencial na nossa capacidade de aprender, de evoluir, tem a ver com a cabeça dos outros. Tem a ver com preconceitos, com heranças culturais, com problemas da cabeça dos outros e por isso temos que acreditar. Eu acho que tem que haver uma força interior muito grande e uma perseverança muito grande, uma capacidade de adaptação também muito grande, e de encaixe, porque essas pessoas têm que ter...essas mulheres, neste caso, terão que ter para conseguirem singrar senão vão sofrer imenso. Vão sofrer imenso e vão sofrer na mesma, mas acho que vão conseguir, se conseguirem ter esta capacidade, vão conseguir atingir. E também é muito bom quando somos reconhecidas pelos nossos pares que normalmente são

homens que nos veem com respeito porque também são capazes disso.” SR.

3.21. Tema 21. Rentabilidade da Carreira

De um modo geral, todas as entrevistadas partilham da opinião de que a área das Tecnologias do Som e a usual interseção com as áreas artísticas não são, de forma geral, necessariamente rentáveis. Fica notória a ideia de que esta é uma profissão transversal a várias áreas pelo que existem particularidades financeiras inerentes a cada uma, tendo por isso, conseqüentemente e respetivamente, maior ou menor rentabilidade. Maioritariamente, o que transparece é que nenhuma parece ter escolhido estas áreas pela questão financeira, mas sim por desejo e gosto pessoal. Raquel Castro, na generalidade, não considera que as áreas tecnológicas sejam mal pagas:

“Eu acho que... é assim, o meu caso também é um caso particular. Eu vivo dos projetos que faço. Neste momento, por acaso, estou em Pós-Doutoramento, e, portanto, tenho uma bolsa de investigação, o que me deu um descanso gigantesco e uma estabilidade que eu não tinha há muito tempo. Nesse aspeto, encontrei uma via de poder fazer tudo o que quero fazer, mas as áreas tecnológicas, em geral, não são mal pagas. As tecnológicas, as áreas tecnológicas eu não considero que sejam mal pagas, pelo menos da minha experiência. A parte artística é sempre difícil em qualquer área, seja ela qual for, porque tu tens que perseguir financiamentos que são difíceis, mas que existem, mas depende se estamos a falar da parte técnica ou da parte artística.” RC.

“Depende. Penso que esse não será o móbil para alguém que quer desenvolver trabalho artístico não é, se eu quisesse ser rica ia para outra área.” AS.

“Não é assim tão rentável. Não em Portugal, pelo menos, e com as crises sucessivas.... Era muito mais rentável quando eu comecei a trabalhar, eu ganhava mais nessa altura. Depois de vinte anos de experiência, ganho menos e a vida está muito mais cara, portanto, não é uma área rentável, aqui em Portugal não. No entanto, eu digo que não é muito rentável, mas também não está ao nível de um caixa de supermercado, ou uma coisa assim, não é! Também não é propriamente pelo dinheiro que alguém vai seguir isto, não é.” IL.

“Nós sabemos que em Portugal esta área, a área do Som e da Composição é muito difícil. Parece que, e isso vê-se muito na Composição... As pessoas têm ainda muita relutância em pagar o serviço que recebem. Precisamente porque nunca há muito financiamento para esta área. Para a área da Música no geral, nunca há muito financiamento. É uma área difícil de se receber financeiramente o que merecemos realmente.” OS.

3.22. Tema 22. Mudança de Paradigma

Parece haver consenso no que diz respeito à percepção de mudanças de mentalidade na indústria e também no que diz respeito à direção a seguir para mudanças no paradigma. A maioria das participantes acredita que a educação social e a educação nas escolas, são o caminho para uma sociedade com mentalidades mais abertas.

Denotam-se, novamente, diferentes referências a estas mudanças em concordância com as particularidades profissionais de cada uma das entrevistadas. Ouvem-se referências relativas às mudanças sociais e económicas ao longo dos últimos vinte anos, no caso de Adriana Sá, que esclarece que, “...a nível de paradigma de financiamento estatal, com certeza, há uma enorme mudança.” Ouvem-se comparações com o século passado, por parte de Olívia Silva, quando alude ao exemplo das mulheres incógnitas da História, e ouvem-se comparações com períodos mais recentes, no caso de Sofia Mestre que considera que iniciou a sua prática artística num momento com “tudo a florescer e muita coisa a acontecer.”, e onde já conseguiu encontrar muitas mulheres.

Ouvem-se opiniões como a de Inês Lames, que também confirma uma mudança clara nas mentalidades, comparativamente com as últimas duas décadas e que, embora ainda não se reflita num aumento de números, na sua opinião se reflete no facto de já não ser encarada com tanta estranheza no exercício da sua profissão:

“Acho que noto que para as pessoas é mais normal já aparecerem mulheres. Para quem está dentro do meio já não é aquela coisa...já não és um *alien*.” IL.

Raquel Castro e Suse Ribeiro, também concordam que a mudança de mentalidade tem vindo a acontecer em ambos os sexos e até noutros quadrantes da sociedade.

Para Raquel Castro não há dúvidas que, por se tratar de uma questão premente da sociedade, esta é já também uma questão política “imiscuída em todos os setores”, mas não esquece que há ainda muito trabalho a fazer na reflexão e na abordagem destas questões. Acredita que para que se mudem paradigmas devem continuar a debater-se estes assuntos e, principalmente, a desconstruir a imagem da mulher na sociedade. A este respeito reforça a questão da maternidade como uma das desconstruções necessárias para a abertura de mentalidades:

“... Mas também há muito trabalho por fazer ainda. Sobretudo quando vemos, por exemplo, agora no Dia da Mulher, conferências só de homens a discutir o papel da mulher, ou uma coisa que andava aí a rodar na internet, que era da TVI que era... “Cada vez mais as mulheres mais ocupam lugares do homem”. Eu só vi esta coisa escrita num telejornal e pensei assim... “Mas o que é isto?” “Em que tempo é que estamos?” “Lugares do homem, o que é isso?” Não sei. Qual é o lugar do homem? Qual é o lugar da mulher? Eu não sei, percebes! Não sei, nem quero que ninguém me diga.” RC.

“... Explicar às raparigas, jovens mulheres e mulheres que em geral, lá está, e volto à questão da maternidade porque eu acho que isto é muito importante e condiciona muito a vida de muitas mulheres, porque querem ter filhos e pensam que são más mães se estão ausentes e se perseguem um sonho. Isso deve ser desconstruído, já para não falar da questão do equilíbrio de trabalhos na questão familiar, mas isso tem que ser desconstruído. Tudo aquilo que tem a ver com o universo feminino tem de ser desconstruído. Da mesma maneira que tem que ser desconstruído, sei lá, enfim, uma mulher gostar de um batom, gostar de ser feminina, trabalhar com áreas tecnológicas, querer ser mãe, querer viajar. Tudo isso, tal como com os homens, tudo isso é possível, percebes. É que isso às vezes confunde muitas pessoas e há muito preconceito mesmo. Continua a haver um enorme preconceito a esse nível e eu acho que é mesmo uma questão de formação, de educação que tem que começar desde pequeninos.” RC.

Suse Ribeiro afirma-se positiva e esperançosa com as notáveis diferenças que tem vindo a observar nas mentalidades nestas áreas e reconhece nas gerações mais novas o valor para uma mudança de paradigma, acreditando que estas mudanças se devem conquistar pelo trabalho, pelo esforço, pela consistência e insistência:

“... Acho que temos exemplos, claro que há pessoas mais velhas que também são bons exemplos, mas de uma maneira geral as são gerações mais novas que nos estão a dar o exemplo e que me estão a mostrar que é possível, em relação a este assunto específico, que é as mulheres nesta área, que não estão a dar hipótese, tanto homens como mulheres que acreditam e que tentam ser o mais equitativos possível dentro da nossa sociedade. Portanto, eu acho que sim. Há esperança.” SR.

“Por isso, eu acho que é isso, é persistir, é provar enquanto mulheres que somos tão boas ou melhores, mais capazes de fazer as coisas nesta área do que os homens. Eu acho que isso depois vai ser reconhecido. Eu acho que é com o tempo é com classe, com calma, com o exemplo, principalmente, com o exemplo prático das coisas, porque eu acho que só assim, seja em que área for, conseguimos chegar a algum lado, é com o exemplo.” SR.

É importante acrescentar ainda as perspetivas de Adriana Sá e Sofia Mestre, por abordarem outro tipo de questões. Adriana Sá manifesta algum receio no facto de as lutas para a igualdade de género e para a representatividade poderem vir a ser impostas à sociedade, lembrando que é crucial ter em conta que a escolha é sempre das mulheres e que estas podem não se sentir atraídas “pelos comportamentos associados a algumas profissões”. Pese embora veja vantagens em incentivar as mulheres a “desenvolver gostos e aptidões para trabalhar noutras áreas”, reconhece que a liberdade de escolha deve ser primordial:

“... Por um lado, sim será interessante incentivar a mulher a desenvolver gostos e aptidões para trabalhar noutras áreas, por outro lado, porquê, se ela não o deseja à partida, não é? Portanto, penso que essa questão se põe, se e quando há mulheres que querem seguir estas áreas e não o seguem porque sentem impeditivos sociais. Eu não conheço nenhuma mulher assim.” AS.

Já Sofia Mestre prefere salientar o peso das “dinâmicas da sociedade” na organização social e do trabalho, lembrando que é urgente uma reflexão sobre estas questões e que a atualidade apresenta, possivelmente, condições ideais para este tipo de reflexões:

“... Acho que tem de ser muita coisa trabalhada, e olha, o tempo que estamos a passar é excelente para uma mudança de paradigma a vários níveis.” SM.

3.23. Tema 23. Atrair Mais Mulheres, Como?

Na resposta à questão, “Como atrair mais mulheres para estas áreas?”, Adriana Sá, Sofia Mestre e Raquel Castro, direcionam a sua resposta para a vontade e liberdade de escolha das mulheres, acentuando que essa deve ser subjacente aos objetivos pessoais de vida de cada mulher. Para Sofia Mestre a única questão a evitar é a construção de muralhas em que o género se transforme num impedimento à concretização de um objetivo. Para Raquel Castro, esses objetivos de vida pessoais estão ainda sujeitos às pressões sociais impostas pela sociedade. Fica, portanto, implícito na sua resposta que uma forma de atrair mais mulheres para estas áreas deve passar por abordar essas questões:

“... Vês miúdas de 30 anos em que os pais andam preocupadíssimos porque não tiveram filhos, porque não sei quê. Continua a haver uma pressão social que espera que as mulheres reproduzam e se dediquem à família. Por mais extraordinário no século XXI que isto pareça, continua a haver essa pressão. E aí, todas as áreas perdem.” RC.

Suse Ribeiro acredita na normalização do debate destas questões, defendendo a partilha de conhecimento e o incentivo como meio de atração de mulheres para estas áreas.

“... Quanto mais se debater isto melhor. Quanto mais iniciativas houver neste sentido, quanto mais entrevistas houver, quanto mais partilha entre nós mulheres e profissionais da área houver, mais sensibilizadas as pessoas ficam, quer da área quer fora da área. Portanto, acho que é continuar a incentivar as mulheres, as nossas mulheres, as nossas irmãs, as nossas filhas, as pessoas, as mulheres à nossa volta, as alunas quando vêm é incentivá-las, dar-lhes força, ajudar sempre que é preciso. Tem que haver mais solidariedade e as mulheres também têm que ser mais solidárias entre elas. Temos mesmo que ser para nos ajudarmos.” SR.

Inês Lamesas supõe que é importante para as mulheres a existência de modelos a seguir como forma de fomentar a representatividade feminina nas Tecnologias do Som, normalizando, conseqüentemente a profissão. Inês Lamesas acredita ainda que a

solução poderia também passar por reestruturar estas profissões por forma a que se tornassem mais estáveis e, portanto, financeiramente mais atrativas para as mulheres:

“... Se calhar transformar este meio, mas isso mulheres e homens em geral. Transformar este meio para que seja mais seguro em termos de condições de trabalho e condições financeiras. Na minha opinião poderíamos e deveríamos ter contratos, por *tour* ou coisas assim. Não deveríamos poder ser descartados porque alguém acordou maldisposto naquele dia, e é um fato que isso acontece. De um dia para o outro põem-te de parte e tu nem sabes porquê. E muitas vezes nem te dizem, só descobres porque de repente... "Ah, está a haver concertos?" "Ah e eu estou em casa?" "Ah!" Não sei...toda essa gestão.... Eu acho que as mulheres, muitas mulheres, também há muitos homens, mas eu acho que talvez as mulheres pela questão da maternidade ou isso, têm necessidade de segurança financeira não é, de uma estabilidade e isto, claro... Num trabalho que é sazonal e que ainda por cima ficas dependente de.... É muito os amigos, e agora saís mais à noite com aquele, então aquele é mais fixe...é tudo muito volátil e muito de egos e então talvez isso.... As mulheres quando começam a pensar na família, etc., talvez isto desmotive bastante...” IL.

Olívia Silva considera que uma das formas de atrair mais mulheres poderá acontecer pela educação e pela informação, defendendo que os professores e a escola podem desempenhar um papel preponderante no aumento de representatividade feminina nestas áreas. Defende que a consciencialização para a História da Música e da Música Eletrónica deve acontecer mais cedo e não deve estar sujeita ao furtivo de serem ou não descobertas pelas mulheres. Estabelece ainda uma correlação entre o número de mulheres na aprendizagem de Música e o número de mulheres em cursos das Tecnologias do Som, acreditando que há equivalências de sub-representatividade em ambas as áreas:

“Eu posso falar da minha experiência de ter estudado Música. Já na altura em que eu estudei Música no Ensino Secundário não havia assim tantas mulheres como poderia haver. Se calhar, se houvesse mais mulheres em Música haveria mais mulheres atraídas pela área do Som.” OS.

“... Eu acho que começar a inculir esse tipo de conhecimento nas novas gerações e principalmente nas mulheres, dar-lhes esse

conhecimento, mesmo que elas não procurem por elas próprias. Isso já é meio caminho andado.” OS.

3.24. Tema 24. Perspetivas Profissionais para o Futuro

Todas as entrevistadas pretendem continuar a sua trajetória profissional nestas áreas apesar de todas as incógnitas que o futuro levanta. A maioria menciona melhorar as suas aptidões profissionais e imagina-se a continuar a trabalhar nas Tecnologias do Som, adaptando-se às mudanças que o futuro prevê e trabalhando para o sucesso profissional de forma dependente ou independente.

Apesar dos inúmeros constrangimentos inerentes a estas áreas, enunciados pelas participantes, estes não se constituem como obstáculo ao seu desejo de continuidade das suas práticas artísticas e profissionais nas Tecnologias do Som.

3.25. Tema 25. Pergunta em Falta

Por último, apenas Adriana Sá acrescenta que teria sido interessante que uma das questões tivesse sido respeitante ao desafio de concluir um plano de estudos de Doutoramento numa área ligada às Artes e que teria sido interessante falar de como, na sua opinião e experiência, é de extrema importância entrar no mundo académico tendo já desenvolvido atividade criativa, pois acredita que um forte *background* criativo é uma mais-valia para a investigação científica:

“Teria sido interessante falar sobre o desafio de tirar um Doutoramento numa área ligada às Artes. Estamos a falar de pontes entre Arte e Ciência e teria sido também interessante falar de como foi importante para mim entrar no mundo académico muitos anos depois de já ter desenvolvido uma atividade criativa. Gostaria de facto de acrescentar que eu penso ser extremamente benéfico uma pessoa chegar à investigação científica com uma formação de base criativa já bem desenvolvida, porque aí as perguntas surgem, emergem da própria prática e experiência criativa em vez de emergirem dos livros ou apenas daquilo que se aprendeu nas aulas.” AS.

4. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Para uma melhor compreensão dos resultados oferecidos por este estudo de caso é importante esclarecer que ao longo desta investigação se recorre frequentemente a duas terminologias: Tecnologias do Som e Tecnologias da Música. A este respeito, em primeiro lugar, é importante explicar que em nosso entender ambas as definições são viáveis para a persecução dos objetivos propostos, motivo pelo qual ambas são usadas ao longo da discussão. Acresce que na literatura consultada ambas são também utilizadas indiscriminadamente, bem como no discurso das participantes. Sendo certo que a terminologia em si abre espaço para amplas e densas discussões e asserções acerca da dualidade conceptual entre Música e Som e dos seus vários campos de estudos, é também certo que tal, não só não cabe nesta dissertação, como não encontra correspondência com o seu propósito.

Ademais, é preponderante que o leitor seja assistido na compreensão da terminologia escolhida para tratar as questões principais que suportam esta discussão. Uma vez que o campo de ação e intervenção das Tecnologias do Som é de tal forma abrangente e vasto poderá ser passível de suscitar diferentes interpretações no que é respeitante às profissões que dele fazem parte.

Assim, um dos objetivos deste estudo é a compreensão da realidade das mulheres que exercem atividades profissionais que estão afetas às Tecnologias do Som em Portugal. Esta é uma área que encapsula incontáveis campos de ação, sendo que cruza Tecnologia, Música, Arte, Investigação, Curadoria, Educação, Audiovisual, entre outros. Por essa razão, pode referir-se a toda e qualquer atividade que trabalhe numa intersecção onde todos estes campos se possam cruzar. Neste seguimento, esclarecemos que dado o tamanho do estudo e da amostra, este não inclui a totalidade das profissões e atividades passíveis de pertencerem ao âmbito das Tecnologias do Som. As atividades profissionais e, ou práticas artísticas mais comumente mencionadas, ou que surgem referenciadas pelo menos uma vez nesta investigação incluem: Engenharia de Som; Produção Musical; Investigação; Pós-Produção; Composição; *Performance*; gravações de campo; Residências Artísticas dedicadas ao tema; Produção de Música Eletrónica; Instalações Sonoras; construção de instrumentos musicais; Educação, no que diz respeito à docência; Convenções e Seminários, que incluem oradores especializados; *Design* de Som; Arte Sonora; Som ao vivo; Audiovisual, como no caso do Cinema, ou da utilização do programa MAX MSP,

explicado na entrevista de Olívia Silva, e algumas atividades afetas à Indústria Musical, como por exemplo a Curadoria de festivais.

Por último, é ainda necessário lembrar que o tamanho da amostra embora não garanta uma representação exata da realidade profissional e artística de todas as mulheres portuguesas que exercem estas profissões, permite a aferição de várias conclusões importantes. Em última instância, poderá abrir caminhos para que no futuro se trabalhe a urgência da mudança de paradigma e se encontrem, nos resultados obtidos e nas perguntas levantadas, respostas que sirvam os propósitos da inclusão, da diversidade e da igualdade.

4.1. Representatividade

No que é respeitante à representatividade de género é seguro afirmar que esta amostra concorda que as áreas profissionais e artísticas em que atuam, afetas às Tecnologias do Som, apesar de bastante díspares entre si, são áreas com uma grande dominação masculina em Portugal. A entrevistada Suse Ribeiro é perentória em avançar um número aproximado de profissionais mulheres a trabalhar, por exemplo, como técnicas de som em Portugal. Suse Ribeiro adianta um número indubitavelmente revelador desta realidade no nosso país. Segundo a profissional, existem apenas cerca de três, ou quatro técnicas de som em Portugal. Embora salvasse a existência de algumas mulheres a exercerem profissões em áreas próximas das Tecnologias do Som, esclarece que estas trabalham numa interseção com o Audiovisual fazendo uma produção menos diferenciada na área do Som, exercendo tarefas em Direção de Cena ou na Luz, por exemplo, dando esporadicamente, “uma perninha no Som”. Ainda assim, esta sub-representatividade de género neste tipo de atividade profissional é sem dúvida uma evidência clara e consensual que emergiu da análise das entrevistas realizadas e que coaduna com a literatura consultada.

Estes dados estão em linha com Brereton *et al.* (2020) ao clarificarem a natureza multidisciplinar das Tecnologias do Som e ao analisarem o rácio de representatividade neste tipo de profissões. Os autores referem que no Reino Unido, na Produção Musical, a proporção nesta área profissional é de quatro homens para uma mulher. Também Gaston-Bird (2020) se debruça sobre a compreensão desta sub-representatividade histórica nos Estados Unidos e na Indústria Musical em geral, providenciando inúmeras provas que confirmam esta asserção e tratando, simultaneamente, o tema da inclusão e diversidade nas Tecnologias Musicais. Pisfil (2020) atesta este desequilíbrio de

representação feminina nas profissões afetas à música ao vivo ao clarificar que, embora se verifiquem mudanças e se comecem a observar mais mulheres a desempenhar funções de *roadie*, por exemplo, ou até na Engenharia de Som, no que concerne à Indústria da Música ao vivo, os números de mulheres e homens a exercer estas profissões são ainda bastante desiguais.

Ainda a este respeito, é importante perceber que a maioria das participantes concorda que conquanto se trate de um mercado incomparavelmente mais pequeno, esta sub-representatividade de género não é exclusiva nem a Portugal, nem a estas áreas, e nestas últimas, nem a Portugal nem a nível internacional, o que denota que as participantes partilham de uma consciência e vigilância social ativas para estas questões. Uma consciência social assente nas suas experiências individuais, que apesar de distintas, se constituem como uma confirmação da realidade sustentada pela literatura.

Os testemunhos fornecidos por estes estudos de caso apontam várias causas para a atual sub-representatividade de género nestas profissões em Portugal. Causas estas que revelam, inevitavelmente, a subjetividade inerente ao percurso de cada uma das participantes que, por desempenharem profissões tão distintas entre si, percecionam os motivadores de acordo com a sua experiência profissional. Todavia, sobressaem testemunhos que, de forma generalizada, se encontram em fase com o defendido por alguns autores para a justificação histórica da sub-representatividade de género nas áreas profissionais e campos de estudo mais científicos e tecnológicos em geral, como as Engenharias, por exemplo, campos que, aliás, apresentam já literatura e investigações consideráveis na temática da representatividade. Esta literatura arroga e defende a existência de uma complexa rede de relações entre género e Tecnologia. Uma vez que estas profissões são indissociáveis do uso e da proficiência tecnológica fica desta forma sustentada esta correlação.

Nesta amostra sobressaem as respostas que apontam como causas deste *status quo* fatores referentes a forças culturais (Teixeira & Casaca, 2020); à educação em geral (Wang & Degol, 2013); à educação para a igualdade (Brereton *et al.*, 2020); à socialização (Saavedra, 2009; Saavedra *et al.*, 2013; Wajcman, 1991; Faulkner, 2001); à insuficiência da informação acerca destas áreas durante as várias fases do Ensino (Brereton *et al.*, 2020) e à escassez de modelos a seguir (Brereton *et al.*, 2020; Gaston-Bird, 2020; Regan, 2020). A este respeito é, no entanto, importante mencionar que alguns autores argumentam que as especificidades que rodeiam as escolhas de carreira

são demasiado subjetivas para se concluir com segurança que a existência de modelos a seguir, nas áreas com maior predominância masculina, nas áreas científicas ou nas áreas das Engenharias, por exemplo, se apresente como uma solução para o problema, embora possa, em potência, constituir-se como meio de resolução desse problema (Blickenstaff, 2005).

Assim, os poucos números de mulheres que exercem profissões nas Tecnologias do Som em Portugal são aparentemente justificados por questões que remetem à própria cultura do tecido social. Esta é evidenciada por algumas participantes como responsável por genderizar determinadas profissões. Pese embora esta amostra não valide a existência de profissões masculinas e femininas, reconhece como tendência generalizada que os homens sentem maior afinidade com a Tecnologia comparativamente com as mulheres, como afirma Raquel Castro, cuja intuição é corroborada por Wajcman (1991), Faulkner (2001) ou Diekman *et al.* (2017). Das entrevistas emerge também a conclusão de que a ausência de educação para a igualdade impede a compreensão da capacidade intelectual como de maior relevância em detrimento da simples diferença de género, como afirmam Suse Ribeiro, Inês Lames, ou Olívia Silva, por exemplo.

Estas convicções estão em conformidade com o defendido por Saavedra *et al.* (2013) ao assumirem o género como construção social e individual, negociado em relações interpessoais dependentes de contextos culturais, e que estas negociações acarretam repercussões a nível pessoal, contextual e profissional. A própria educação pelos pais, pela escola e pela sociedade, segundo Wang e Degol (2013), é afetada por estereótipos e discriminação, o que contribui para a transformação destes fatores culturais em macro-influências nos processos motivacionais dos jovens nas escolhas pelas áreas CTEM. A atribuição de papéis sociais à mulher pelas representações sociais cristalizadas em função do género, defendida pelos autores, reforça a contribuição de Inês Lames quando esta se refere ao preconceito dos pais que não veem com “bons olhos” encorajar uma filha a trabalhar em ambientes masculinos. Este facto, de acordo com Teixeira e Casaca (2020), contribui para a construção dos atuais ideais dominantes de feminilidade e masculinidade, os quais, por sua vez ajudam a perpetuar esta tipificação e auxiliam as escolhas tendenciosas no que toca a profissões mais científicas (Casaca & Lopes, 2009).

Como referido anteriormente na revisão da literatura, a discussão dos modelos a seguir assume algum destaque para a compreensão da problemática da sub-

representatividade de género nestas áreas profissionais. Pese embora Inês Lamares seja a única a fazer referência à ausência de modelos a seguir nestas profissões é importante perceber que na literatura da especialidade este é um argumento recorrente, apesar de se encontrarem também perspetivas mais cautelosas, como já ficou evidenciado. Gaston-Bird (2020), por exemplo, assume aliás como um dos objetivos do seu livro *Women in Audio*, a criação de um repositório histórico de modelos a seguir. A par com Regan (2020), que arroga os modelos a seguir como preponderantes para contrariar o perpetuar de uma predominância masculina na Produção Musical, Inês Lamares relembra a importância de as mulheres verem outras mulheres a desempenhar estas profissões. Desta forma, a técnica de som, acredita que tal pode contribuir para a desmistificação destas profissões no que ao género diz respeito. Em última instância, acredita na sua contribuição para a compreensão de que estas são profissões perfeitamente acessíveis às mulheres, ajudando assim o sexo feminino a conhecê-las e a travar a histórica tendência de dominação masculina nas mesmas, o que em nosso entender faz jus ao mote: *You can't be what you can't see*.

4.2. Influência da Educação na Representatividade de Género.

Apesar do tamanho da amostra ser reduzido, emerge da análise a estes estudos de caso uma outra possível resposta para a atual realidade, na qual se observam tão poucas mulheres no exercício de profissões afetas às Tecnologias do Som. Algumas das participantes fazem referência à exposição tardia a estas áreas durante as várias fases do Ensino, como uma possível causa da fraca representatividade feminina nestes campos. Brereton *et al.* (2020) apontam para a necessidade de reflexão sobre esta verdade e sobre os motivos pelos quais as mulheres não são desde cedo envolvidas nestas disciplinas ao longo do percurso escolar. Atente-se que na literatura especializada na compreensão das relações entre género e Tecnologia, são vários os autores que defendem que fatores como a exposição tardia ou até a falta de exposição, e a ausência de estímulos para a Tecnologia na infância, podem contribuir para a perceção para a autoeficácia tecnológica e, conseqüentemente, para o aparente desinteresse das mulheres pelas áreas científico-tecnológicas (Saavedra *et al.*, 2010; Diekman *et al.*, 2017; Wajcman, 1991). Todas as participantes fazem referência à escassez da informação à data de decisão dos percursos escolares e Olívia Silva, a mais nova das participantes, está certa de que a falta de informação e de noções sobre a existência destas áreas, algo que ela afirma que é ausente, mesmo atualmente, é dos principais motivos para a existência de tão poucas mulheres nestas áreas:

“As pessoas só começam a ter uma noção do que a área do Som, e da Tecnologia e da Música Eletrónica quando chegam à Universidade, se tivessem antes eu acho que ia ser diferente.” **Olívia Silva.**

A par com Suse Ribeiro, acredita que os alunos deviam ser apresentados a estas áreas durante o Ensino Secundário. Atualmente, e a este respeito, é certo que há evidências que apontam para o facto de o acesso à profissão ser cada vez mais trabalhado no Ensino Secundário, mas é também evidente que a ausência de informação e divulgação nas idades indicadas, e que precedem os momentos de escolhas profissionais e académicas, pode ajudar a perpetuar um lugar profissional. Por esse motivo, consideramos importante que futuras investigações se venham a debruçar sobre a representatividade de género e as condições de acesso à profissão incluindo o acesso atempado à informação para profissões consideradas menos comuns.

4.3. Influência dos Desafios na Representatividade de Género.

Não deixa de ser interessante notar que, apesar dos consensos referidos acima no que concerne à dominação masculina nestas áreas, a maioria destas mulheres afirma não ter sido afetada ou se ter deixado afetar, no desempenhar das suas atividades profissionais, pela evidente carência de mulheres neste meio. Fica notória alguma indiferença perante este facto, pese embora haja perceção consensual partilhada das dificuldades que este fenómeno acarreta a nível individual na profissão. Por esta razão, afigura-se importante correlacionar o tema da representatividade, que encapsula o tema da influência da falta de mulheres nas respetivas áreas profissionais, com um dos temas que surgiu da análise das entrevistas, o tema dos desafios: sejam estes na própria profissão, na Indústria Musical e nas profissões afetas às Tecnologias do Som.

Das seis entrevistadas apenas uma declara que poderá ter sido influenciada, ainda que indiretamente, pela falta de colegas mulheres na profissão, enunciando algumas das maiores dificuldades e deixando transparecer que essa realidade não é a ideal.

A problemática desponta quando se analisam as respostas alusivas aos desafios pessoais na profissão e aos desafios que as mulheres enfrentam na Indústria Musical e nas Tecnologias do Som, tema que inclui os subtemas, maternidade e desafios de preconceito de género. Todas as participantes concordam com a existência de desafios, que no exercer da própria profissão assumem as mais variadas formas. São referidos desafios económicos, comuns aos trabalhos criativos, e por consequência, a

necessidade de terem de exercer mais do que uma atividade profissional, tendo em conta a configuração destas profissões em Portugal. Emergem relatos de desafios relacionados com as dificuldades iniciais, inerentes a qualquer profissão, e que desde o *stress*, à aprendizagem da tarefa ou à precariedade da respetiva área de atuação se assumem como dificuldades. Veja-se o exemplo da profissão de técnica de som, exercida por duas das participantes neste estudo. Fica comprovado que esta é uma atividade profissional desempenhada maioritariamente por profissionais trabalhadores independentes, que funciona em regime semi-sazonal, com fortes evidências de instabilidade, obrigando por essa razão a esforços pessoais e profissionais acrescidos, uma vez que apresenta condições de trabalho que não são as ideais.

Neste ponto, é importante referir que uma das conclusões deste estudo, acautelando o tamanho reduzido da amostra, aponta para uma necessidade de reflexão e, quiçá, reestruturação do estatuto profissional destas profissões, que à data é inexistente, uma vez que ficam patentes as acrescidas dificuldades económicas e pessoais que resultam da já referida instabilidade intrínseca a estas atividades profissionais e artísticas.

Analise-se a atual situação dos profissionais das artes do espetáculo, onde cabem as Tecnologias do Som, que com a pandemia de 2020, viram as suas situações pessoais e profissionais bastante agravadas. Nos extremos há mesmo relatos de profissionais subitamente atirados para a pobreza, fazendo emergir movimentos de solidariedade como a União Audiovisual¹³, cuja missão inicial foi a criação de iniciativas solidárias com o propósito de ajudarem na recolha e distribuição de bens alimentares a todos os profissionais portugueses das artes do espetáculo. Veja-se ainda o campo de ação da *Performart*¹⁴, Associação para as Artes Performativas em Portugal, que de entre diversos objetivos, tem trabalhado no sentido de ver atribuído um estatuto a estas profissões.

Abordada de forma geral por todas as participantes, esta dicotomia entre carreira profissional vs Identidade artística emergiu como um desafio considerável, segundo as intervenientes, tanto para homens como para mulheres. Nas áreas onde a Tecnologia e a Arte se cruzam, as dificuldades ficam evidentes e no âmbito deste estudo estas evidências resultaram da análise aos fatores de maior e menor entusiasmo. Obtiveram-se respostas que apontam este tipo de desafio como um dos fatores de menor

¹³ <https://uniaoaudiovisual.pt>

¹⁴ <https://performart.pt>

entusiasmo para algumas das intervenientes. Observe-se o testemunho de Suse Ribeiro acerca da creditação do trabalho na Produção Musical, vulgo produção de discos¹⁵. Um testemunho que encontra confirmação com o relatado por Regan (2020), que a este respeito apresenta provas cabais respeitantes à problemática de falta de creditação na Produção Musical no feminino. É flagrante, em nosso entender, perceber que as produtoras referidas nos episódios relatados pelo autor são mulheres cuja preponderância e o talento artísticos são comprovados e reconhecidos mundialmente, mas cujo trabalho concebido na Produção Musical não foi reconhecido. Tal aconteceu com *Vespertine*, um álbum maioritariamente (80%) produzido pela famigerada artista e produtora Björk, que nunca viu creditado o seu trabalho de produção. Leem-se relatos idênticos pelas artistas e produtoras Grimes e Kate Bush.

Acautelando que o testemunho de Suse Ribeiro revela a sua própria experiência, fica implícito que no mundo da Produção Musical, em Portugal e a nível internacional, a não creditação do trabalho feminino na Produção Musical é uma prática comum. Em nosso entender, a ausência de creditação, que não se observa, segundo a profissional, em outras áreas artísticas, como por exemplo, o Cinema, no qual é reconhecido o trabalho individual de cada elemento das respetivas equipas, transporta o potencial de contribuir para a ausência de modelos a seguir. Pelo exposto, consideramos de extrema importância que futuras investigações se dediquem à compreensão das motivações que subtraem a creditação feminina na Produção Musical.

Suse Ribeiro foi também a única a indicar que o maior desafio encontrado no âmbito da sua profissão foi o facto de ser mulher. Ao aludir à constante e cansativa necessidade de estar sob contínua provação perante os seus pares, facto também corroborado por Inês Lames, coloca em evidência que estas profissões, onde imperam ambientes masculinos, introduzem dificuldades acrescidas para as mulheres, uma evidência comprovada por Brereton *et al.* (2020), Gaston-Bird (2020) e Pisfil (2020).

No que diz respeito aos desafios das mulheres na Indústria da Música e nas Tecnologias do Som, as respostas obtidas indicam novamente uniformidade quanto à existência de desafios, expondo, mais uma vez, as diferentes perspetivas nessa concordância. As respostas, neste tema principal, aludem à necessidade de reformulação, na Indústria da Música, das atuais construções sociais em torno da mulher, facto que para Adriana Sá,

¹⁵ Consideramos importante esclarecer a que produção musical nos estamos a referir uma vez que é uma denominação sujeita a diferentes interpretações, dado o seu âmbito alargado.

fossiliza as mulheres à posição de cantoras, circunstância corroborada pelos testemunhos de Suse Ribeiro e de Sofia Mestre. O relato pessoal destas participantes assegura que ambas são regularmente confundidas com cantoras no exercer da sua atividade profissional, algo que aparentemente já naturalizaram. Por outro lado, surgem respostas que aludem a uma mentalidade machista ainda bem vincada na sociedade portuguesa apontando, por essa razão como desafio, a Educação. Emergem também perspetivas que enquadram os atuais desafios no presente ambiente de pouca representatividade feminina nestas áreas, e leem-se respostas que remetem para a organização e gestão familiar e para a atual pressão social para a maternidade. Note-se que as longas horas de trabalho foram evidenciadas em alguns destes estudos de caso. De facto, vários autores defendem que há uma tendência para uma maior dificuldade na gestão da vida familiar e profissional por parte de mulheres profissionalmente ativas.

“Em Portugal, e no que diz respeito à vida familiar, as mulheres passam mais três horas do que os homens em tarefas familiares e domésticas (Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género, 2007).”
(Saavedra *et al.*, 2010, p. 53).

Casaca e Lopes (2009), asseguram que são as mulheres que continuam a ser responsáveis pela maioria das tarefas e obrigações familiares e domésticas e que consequentemente este é um fator com potencial para se constituir como obstáculo à escolha das profissões tecnológico-científicas em geral.

4.3.1. A Problemática da Maternidade

A respeito da maternidade, subtema dos desafios da mulher na Indústria da Música e nas Tecnologias do Som, importa notar que, pese embora a maioria das intervenientes não lhe impute um carácter impeditivo para a profissão, todas concordam com as particularidades que lhe são inerentes. Tal facto apresenta correspondência com a literatura de Wang e Degol (2013) e de Simone de Beauvoir (1949). Vale a pena notar que este é um ponto que se apresenta com alguma relevância nos desafios, uma vez que, não só foi mencionado de forma espontânea por metade das participantes, como poderá contrariar e simultaneamente confirmar, alguma da literatura consultada.

Em linha com Suse Ribeiro, que rejeita a possibilidade de ser exequível conciliar a maternidade com a profissão de técnica de som em Portugal, está a crença generalizada

que nos Estados Unidos no mundo da Indústria Musical, é impossível ser mãe e perseguir simultaneamente uma carreira nestas áreas; “Nonetheless, there exists the sentiment that a career in sound is impossible with kids...and with good reason, at least in the United States, which is the only industrialized nation that does not offer paid leave for new mothers” (Ingraham, 2018 *apud* Gaston-Bird, 2020, p. 57). Todavia, testemunhos presentes no mesmo livro *Women in Audio*, atestam que na prática há inúmeros exemplos de sucesso que contrariam esta mesma ideia (*idem*). Este facto encontra-se em consonância com o defendido pela única mãe presente neste estudo e com a qual concordam outras participantes, que assegura que a maternidade não é impeditiva para o exercer destas profissões, nem deve ser. O testemunho de Raquel Castro enfatiza a importância da conciliação entre as tarefas subordinadas à maternidade com a atividade profissional e assume a relevância de partilhar as responsabilidades familiares com o seu companheiro. Note-se que também Inês Lmares e Olívia Silva fazem referência ao importante contributo que a divisão de tarefas desempenha na gestão da carreira e na gestão familiar. Olívia Silva, ao usar o exemplo da sua própria mãe, atesta o destaque que Saavedra *et al.* (2010) imputam à importância dos agentes educativos, neste caso os pais, defendendo que “adolescentes criadas em famílias de dupla carreira estão mais preparadas para planificar a sua carreira de forma a encontrar equilíbrio entre o trabalho e a família nas suas vidas futuras tendendo, igualmente, a escolher companheiros que partilhem desta perspetiva” (p.51).

O depoimento de Raquel Castro ajuda ainda a desmistificar a aparente crença de que a maternidade, quando exercida em simultâneo com uma atividade profissional, não confere à mulher o estatuto de incapacidade maternal. Observe-se, a este respeito, o testemunho de uma das mães, técnica de som em *Women in Audio*: “It took me probably till they were three or four to actually come to terms with, ‘You know what, I’m actually a better mother if I’m doing what I love doing.’ So that when I’m here, I’m completely here” (Losneck, 2016 *apud* Gaston-Bird, 2020, p. 58):

“... E eu posso-te garantir que não tem que alterar (...) Explicar às raparigas, jovens mulheres e mulheres que em geral, lá está, e volto à questão da maternidade porque eu acho que isto é muito importante e condiciona muito a vida de muitas mulheres, porque querem ter filhos e pensam que são más mães se estão ausentes e se perseguem um sonho. Isso deve ser desconstruído, já para não falar da questão do equilíbrio de trabalhos na questão familiar, mas isso tem que ser desconstruído.” Raquel Castro.

Os desafios que a maternidade transporta para a escolha destas profissões, corroborados por Wang e Degol (2013), correlacionam-se com as questões relativas à gestão familiar, comentada acima, e com a já referida instabilidade profissional inerente a estas atividades profissionais. Correlaciona-se, de igual forma, com a identidade da mulher e com as expectativas familiares, cujas evidências apontam para o desejo de estabilidade a todos os quadrantes, e com a dicotomia já referida entre identidade artística vs profissão. Como certifica Inês Lmares, estas profissões deviam acautelar, de forma generalizada e tanto para homens como para mulheres, melhores condições de trabalho, assegurando que a biologia feminina não fosse impedimento para uma realização profissional capaz de satisfazer condições de vida satisfatórias no nosso país. A este respeito, em nosso entender, seria indispensável aferir a importância da gestão familiar e das expectativas de estabilidade social e financeira para a sub-representatividade de género nestas profissões.

Posto isto, por forma a dar continuidade ao argumento inicial, importa regressar à resposta de Suse Ribeiro, aos desafios pessoais e à influência que a escassez de mulheres na sua profissão possa ter surtido sobre a profissional. A pertinência desta resposta ficará comprovada ao se analisarem os argumentos acima numa correlação direta com a sua resposta. Relembramos que foi a única entrevistada a referir que terá sido influenciada, ainda que indiretamente, pela ausência de mulheres no seu contexto profissional.

Assim, fica patente que esta amostra se encontra em concordância com a existência de uma panóplia de desafios que incluem preconceito de género, e que se materializam, segundo as intervenientes, em episódios que embora pontuais são desagradáveis e se podem constituir como desafios ou obstáculo à profissão. No entanto, estas mulheres afirmam, à exceção de Suse Ribeiro, que esta escassez de mulheres nas respetivas áreas de atuação, de modo geral, não só não as influenciou como não lhe outorgaram qualquer relevância. Ora, tal facto levanta questionamentos relativamente ao comportamento e posicionamento e ética profissional das mulheres e dos homens portugueses quando expostos a profissões com estas características, visto que a literatura consultada, tal como os testemunhos recolhidos, apontam para um grande enfoque nas dificuldades sentidas pelas mulheres que trabalham em áreas maioritariamente masculinas (Brereton *et al.*, 2020; Gaston-Bird, 2020; Faulkner, 2001; Wang & Degol, 2013; Wajcman, 1991).

Note-se que Suse Ribeiro e algumas participantes mencionaram vários desafios decorrentes da dominação masculina na, e para a profissão, como se poderá continuar a constatar ao longo deste estudo. Leem-se referências a exemplos de discriminação, ou testemunhos que revelam preconceito de género generalizado, por exemplo, a presunção de que os artefactos tecnológicos utilizados por Sofia Mestre, sempre que chega aos locais das suas *performances*, seriam para utilização masculina. Contudo, tanto da entrevista de Suse Ribeiro, como das restantes, transparece que esta é uma questão que não teria potencial para a (as) impedir de perseguir os seus desígnios profissionais ou a sua progressão profissional nestas áreas. Tal levanta a questão: Será que a predominância masculina nestas profissões e os desafios que tal acarreta não se constituem como uma causa para a fraca representatividade feminina nas mesmas em Portugal? Talvez esta seja uma questão para responder em investigações futuras.

4.4. Mérito, Escola e Percurso profissional

Uma evidência que sobressai destas entrevistas é bastante reveladora da importância dada ao mérito por parte de cada entrevistada, mas vem, no entanto, introduzir simultaneamente novo paradoxo, desta vez no que diz respeito ao cruzamento do subtema cotas de representatividade com o tema da influência dos contextos socioeconómicos, da educação e da informação no percurso profissional de cada uma das participantes. Todas as entrevistadas colocam reservas em relação à implementação de cotas de representatividade como meio de solucionar este problema. Embora se manifestem a seu favor deixam acauteladas ressalvas a esse respeito, defendendo que as cotas deveriam ser pensadas em termos de meio para aumentar a representatividade nos ambientes profissionais ou artísticos onde tal se verifique necessário e nunca devendo ser usadas em prejuízo do mérito, dado o risco de se privilegiar a incompetência, e de se fomentarem injustiças nestes processos. Fica vincada, ao longo de todas as entrevistas, a ideia de que todas estas mulheres se assumem como responsáveis pela gestão da própria carreira, o que corrobora a importância dada ao mérito, evidência que ressalta tanto da análise ao tema cotas de representatividade, quanto da análise à totalidade das entrevistas.

Um indício sobressai destes estudos de caso: a liberdade que todas as entrevistadas alegam ter tido na escolha do seu percurso académico e profissional. Assim, e apesar de ficar evidente que os pais de algumas destas entrevistadas não se mostraram a favor das aspirações profissionais das filhas, pressupõe-se que também não se refrearam de as apoiar, conclusão resultante do facto de estas, não só terem terminado as suas áreas

de estudo como de não terem referido qualquer impedimento advindo do âmbito familiar. É de assinalar que Sofia Mestre menciona a liberdade que lhe foi dada para as suas tomadas de decisões, transparecendo, no entanto, a presença de uma exigência que lhe foi imposta pelos pais para obter bons resultados na escola: “Nunca me impuseram absolutamente nada a não ser ter excelentes resultados.” Pode por isso, neste último ponto, estabelecer-se nova relação de correspondência com a já mencionada meritocracia, cuja base assenta, entre outros aspetos, na aptidão e na excelência, com o carácter lutador e o aparente espírito de perseverança que emerge da análise à sua, e às restantes entrevistas.

No que à educação diz respeito esta amostra partilha entre si uma escolaridade alargada ou relativamente alargada, no entanto, a maioria confia que a escola não providenciou muita informação ou apoio à persecução de carreira nas áreas profissionais que ocupam atualmente, e uma das participantes não acredita que a educação, seja esta familiar ou da instituição escolar, tenha sido capital para a prossecução da sua atividade profissional.

Sendo certo que a instituição de legitimação do mérito é a instituição escolar; tendo ficado comprovada a importância dada à meritocracia por todas as participantes e tendo todas, como já foi referido, uma escolaridade alargada ou relativamente alargada na sua área de intervenção, emerge, conseqüentemente, a seguinte questão: Será que é o campo profissional que legitima o que a escola não consegue legitimar, ou será que é a escola que não consegue fazer a passagem para o mercado de trabalho? Deixaremos em aberto a resposta a estas questões para futuras investigações.

4.5. Preconceito de Género

Da análise dos estudos de caso que compuseram a amostra, emerge a conclusão de que em Portugal existe preconceito de género neste tipo de profissões. São mencionados inúmeros exemplos de práticas de preconceito de género no exercer da profissão e que coadunam com alguns relatos encontrados na revisão da literatura. Brereton *et al.* (2020) evidenciam que nos Estados Unidos a maioria das mulheres que exerce profissões nas Tecnologias do Som, já experienciou alguma forma de preconceito de género ao longo da sua carreira. Em linha com o exposto por estes autores estão Inês Lmares e Suse Ribeiro, por exemplo, quando referem o parco e esforçado reconhecimento, em início de carreira, manifestado pelos seus pares, entidades patronais e afins. Desta forma, enfatizam que no âmbito profissional há a

sensação de um esforço constante e de uma obrigação em provar sempre mais do que os seus colegas do sexo masculino nas mesmas circunstâncias.

Demais exemplos de práticas de preconceito de género emergem da literatura. No capítulo *Interview With Betty Cantor-Jackson* do livro *Gender in Music Production*, Pisfil (2020) expõe os relatos respeitantes ao espanto que a sua entrevistada causava apenas por fazer parte da equipa técnica de uma banda, o que harmoniza com o exposto por Inês Lames e Suse Ribeiro. Encontram-se ainda correspondências não somente no que é respeitante à desvalorização profissional, corroborada por Suse Ribeiro e Inês Lames, como com a forma como a técnica de som, afirma ter-se sentido obrigada a mudar a sua atitude no ambiente profissional. Suse Ribeiro, a par com Gaston-Bird (2020) é perentória em destacar os pressupostos sexistas que emergem das atuais conceções nas inúmeras profissões da Indústria Musical. Salvaguarda-se o facto de o seu testemunho focar na profissão de técnica de som. Ao revelar que nenhum dos géneros considera que nenhuma mulher seja tecnicamente tão competente como um homem no desempenho da tarefa de técnica de som, reforça o defendido por Pisfil (2020) ou até a Beauvoir (1949) cujas crenças defendem que muitas vezes se verifica um contributo das próprias mulheres para o perpetuar deste *status quo*. Este depoimento encontra ainda correspondências com Gaston-Bird (2020) no que diz respeito à contribuição da genderização dos campos criativos, da perícia técnica e de controlo para a elaboração de quadros de construção de carreira altamente sexistas nestas áreas, problemática também levantada pelo depoimento de Adriana Sá, que a este respeito acrescenta um contributo irrefutável:

“... Nomeadamente no campo, não tanto artístico, mas da Engenharia do Som e na abordagem à Tecnologia, nas opções, estabelecem-se muitas vezes, *modus operandi*, quase convenções, modos de encarar o Som que estão pura e simplesmente ligados ao aspeto físico e que muitas vezes deixam para segundo plano a percepção, e aqui não estou só a falar da Psicoacústica, mas da percepção de modo geral. Às vezes ocorre-me que isso é algo que tem a ver com aquele perfil clássico ligado às Engenharias e às Tecnologias e que, talvez se houvesse mais mulheres nesta área, talvez houvesse uma maior diversidade de práticas.” Adriana Sá.

Saavedra (2009) alude à propensão para a ambiguidade sentida pelas mulheres nas áreas CTEM, em relação à percepção do feminino e à própria feminilidade, expressada

normalmente por colegas ou professores. Também Saavedra *et al.* (2010), explicam que nas mulheres a escolha de uma profissão não tradicional é passível de originar sentimentos de culpa ou ambiguidade em relação à sua feminilidade podendo mesmo ameaçar a identidade sexual. Analisem-se os relatos de Suse Ribeiro, que embora afirme: “Nunca quis deixar de ser mulher por causa de ter esta profissão. Acredito que isso possa acontecer, mas comigo isso não aconteceu...”, revela que em determinado momento da sua carreira alterou a sua forma de vestir na tentativa de anular qualquer genderização passível de afetar negativamente a sua profissão. É ainda pertinente fazer referência a Brereton *et al.* (2020) e a Gaston-Bird (2020) uma vez que acrescentam a estes desafios a sexualização das mulheres nestes meios profissionais. Gaston-Bird (2020) explica que a maioria das entrevistadas no seu livro *Women in Audio* denuncia, direta ou indiretamente, práticas sexistas ou de assédio sexual nas respetivas áreas de intervenção profissional. Facto curioso é o de que nenhuma das participantes destes estudos de caso aludiu diretamente a assédio sexual no exercer da profissão em Portugal. Por ser um tema recorrente na revisão da literatura deve ser promotor de futuras reflexões. Será que o assédio profissional nestas profissões é inexistente em Portugal, ou estarão as mulheres portuguesas menos disponíveis para falar abertamente destas questões?

Conclui-se que o preconceito de género é um problema que não é negado pela generalidade das participantes, o que anuncia uma consciência e até vigilância ativas para esta realidade, no entanto, a existência deste preconceito é mencionado, como já foi referido, como sendo uma ocorrência pontual. Estas ocorrências, ainda que pontuais, em conformidade com o que fica implícito por alguns dos testemunhos, são desagradáveis e transportam a possibilidade de se constituírem como um desafio da profissão. A par com estas ocorrências estão ainda, como já ficou demonstrado, as questões biológicas como a maternidade, as questões relativas à configuração da própria Indústria Musical, a própria cultura, a educação, a sub-representatividade nas áreas da Tecnologia do Som ou a própria organização da gestão familiar em Portugal, já abordadas em pormenor nesta discussão.

Havendo uma clara identificação do problema preconceito de género, emerge, todavia, destes estudos de caso a ideia de que estas mulheres se recusam a fazer parte deste problema. Esta conclusão deriva das respostas obtidas às questões afetas à forma de reação aquando da ocorrência destes relatos de preconceito de género e das entrevistas em geral.

A reação a estas ocorrências é transversal à maioria das participantes e inclui amiúde um relativizar da situação em si, transparecendo um não evidenciar do problema e uma recusa em fazer parte do mesmo. São comuns, ao longo das entrevistas, respostas que patenteiam uma recusa veemente da vitimização da mulher e de papéis de género na aptidão profissional, na profissão ou na sociedade. Analisem-se, por exemplo, as respostas às questões relativas à aptidão física, que se afigura como uma não questão para esta amostra, assim como uma notória insistência na educação, na meritocracia e na responsabilização pela construção dos trajetos profissionais. Tais evidências conduzir-nos-ão, mais adiante neste estudo, a Simone de Beauvoir (1949) e ao seu pensamento sobre a construção social de género.

Este consenso entre as participantes, pese embora possa resultar de pensamentos partilhados pela geração e pelo contexto socioeconómico desta amostra, de forma geral aproximados, introduz a clara recusa de um perpetuar de comportamentos estereotipados e do próprio preconceito de género, o que em potência se pode constituir como uma promoção para a mudança.

4.6. Valor Subjetivo da Tarefa

Esta amostra está, em parte, em harmonia com o defendido por Wang e Degol (2013) no que diz respeito às influências da capacidade e competência percebida pelos próprios indivíduos e pelo valor subjetivo da tarefa para a escolha do curso no Ensino Secundário, ou para a escolha da carreira. Os estudos de caso apresentados revelam que o valor subjetivo da tarefa defendido pelos autores, concernente a aspetos como a realização pessoal, que remete para o valor de identidade, o valor de interesse, gosto ou prazer, e o custo, psicológico, económico ou social previsto para cada tarefa, é, de facto, importante para estas escolhas.

Todas as participantes transparecem ter gosto, prazer, e interesse pela tarefa que realizam e denotam dar muita importância à própria identidade e à realização pessoal no exercício da sua atividade profissional ou artística. Contudo, não fica evidenciada uma preocupação com a aptidão, como sugerem Wang e Degol (2013), possivelmente por esta surgir de forma mais natural para cada uma das participantes, ou pela sua manifesta propensão para a autossuficiência técnica. Uma proficiência que é aparentemente alimentada pela visível paixão pela área profissional e artística exercida, e até por uma aparente desenvoltura, instinto de sobrevivência e resiliência relatados quando perante um obstáculo. A crença nas preferências e valores ocupacionais e de

vida são de maior relevo para a concretização pessoal e profissional desta amostra. Desta forma, inferimos que a paixão pela Música, ou pelo estudo e práticas artísticas que privilegiam o Som, se afirma como um motivador para a escolha destas carreiras profissionais.

Esta convicção direciona esta discussão para as questões relativas ao percurso e às escolhas académicas, assim como à influência da escola e da família, e em última instância ao pensamento de Simone de Beauvoir sobre a questão da igualdade entre homens e mulheres, evidências que, nesta amostra, virão expor factos reveladores, mas a serem tratados mais à frente nesta discussão.

4.7. Educação e Contextos Geográficos e Socioeconómicos como Fatores de Influência na Persecução de uma Carreira nas Tecnologias do Som.

No que concerne ao percurso académico, a maioria das participantes neste estudo não teve um percurso ligado à Música e a maioria não selecionou como primeira escolha a área que ocupam atualmente, o que poderá reforçar a ideia, já ilustrada, de que há, porventura, uma necessidade de introdução deste tipo de formação vocacional mais cedo no percurso escolar. Apenas metade das participantes afirma, de igual forma, ter tido algum tipo de orientação profissional ou pessoal que as possa ter conduzido às atividades profissionais que desempenham.

Como já ficou demonstrado, esta amostra é bastante diversificada no que diz respeito à profissão e ao percurso escolar, onde a maioria acredita que a sua educação, evidenciando como se viu, a liberdade de escolha, contribuiu para as suas escolhas académicas e profissionais. Almeida *et al.* (2006) afirmam que as escolhas dos alunos no momento de acesso ao Ensino Superior refletem as condições sociais das famílias de origem, argumentando ainda que o Ensino Superior é frequentado por alunos oriundos de classes sociais mais favorecidas. Através da análise às atividades profissionais desempenhadas pelos pais de cada participante, infere-se que esta amostra se enquadra nesta estratificação que as coloca na categoria da classe média, ou da classe média alta. Note-se que em alguns casos estas profissões dos pais se destacam pela sua preponderância social e económica, como é o caso de Adriana Sá, cuja primeira escolha académica foi Belas Artes, filha de uma professora, profissão comum entre alguns dos pais das entrevistadas, e de um dirigente político e professor universitário. Raquel Castro, por sua vez, cuja primeira escolha académico-profissional foi Gestão, relata que esta escolha refletiu a própria tradição familiar, a qual sempre

privilegiou profissões ligadas à Economia e à Gestão. Veja-se ainda o exemplo de Olívia Silva cuja mãe foi professora e contabilista no Banco de Portugal, ou o caso de Suse Ribeiro, com um pai militar de carreira e uma mãe que desempenhou também funções em áreas afetas à Gestão e à Economia.

Todas as participantes frequentaram e terminaram o Ensino Superior e na maioria dos casos deram continuidade a essa progressão académica havendo duas participantes com Diploma de Doutoramento. Observe-se que Raquel Castro está de momento a frequentar um Pós-Doutoramento e que Suse Ribeiro se encontra também a frequentar um terceiro ciclo de estudos. Olívia Silva está atualmente a terminar um ciclo de estudos de Mestrado. Um estudo de Teixeira e Casaca (2020) vem clarificar que Portugal é singular nas profissões técnico-científicas em geral no que à representatividade de género diz respeito, facto que está dependente do investimento das mulheres provenientes de contextos socioeconómicos mais favorecidos, mesmo quando se trata de profissões marcadamente mais masculinas, contando a seu favor a formação superior das mães, circunstância comparável à amostra do presente estudo.

É importante referir que o estudo de Almeida *et al.* (2006) salienta também motivações de género, para além das motivações de classe para as escolhas no Ensino Superior. Todavia, embora aponte para uma maior representatividade do sexo feminino com origem em classes sociais menos favorecidas, conclui também que há maior propensão para que as mulheres sigam estudos superiores nas áreas das Ciências Sociais, o que não vem encontrar correspondências com esta amostra. Observe-se que metade da amostra não acredita que o seu contexto socioeconómico tenha sido agente influenciador para as suas decisões académicas e profissionais e, portanto, relevante, apesar de, não descurando a este respeito as ressalvas supracitadas, ser possível inferir que nenhuma das participantes cresceu num contexto desprivilegiado.

Desta forma, pela análise desta amostra e das evidências acima descritas, conclui-se que o percurso académico e o contexto socioeconómico não assumem relevância significativa para as escolhas destas atividades profissionais, uma vez que ficou evidente o valor subjetivo da tarefa, nesta amostra a paixão pela Música, que aparenta ser um dos motivadores maiores.

Já no que diz respeito ao contexto geográfico é notório que há consenso entre as participantes, que embora nascidas em diferentes centros urbanos, consideram que este foi importante para as suas escolhas profissionais. Algumas das entrevistadas

focam-se nas dificuldades acrescidas que este veio acrescentar ao seu percurso profissional, no caso de Raquel Castro, por exemplo, que tendo crescido em Viseu garante que este se assumiu como um enorme obstáculo para a determinação dos seus desígnios profissionais. Veja-se ainda o depoimento de Suse Ribeiro a este respeito:

“... Acredito que em zonas do país, isto falando só a nível nacional, mais pequenas, se calhar a informação não passa assim tão bem. Não é colocada como primeira hipótese porque ainda pode ser algo desconhecido, sim.” Suse Ribeiro.

Em contrapartida, outras participantes concordam que crescer num grande centro urbano tem as suas vantagens, quer no momento de escolha académica e profissional, quer mais tarde para a progressão de carreira. Assim, mediante as respostas obtidas é seguro aferir que esta amostra valoriza o contexto geográfico em detrimento do socioeconómico, o que nos leva a deduzir que o acesso a estas profissões está mais dependente das questões geográficas, tendo em conta a oferta formativa alargada dos grandes centros urbanos e a escassez de informação nos meios mais rurais ou no interior do país. Note-se que, embora haja evidências de que os cursos técnico-artísticos acarretam gastos acrescidos, comparativamente a outros cursos académicos, há também evidências de que, atualmente, as instituições estão munidas de espaços e ferramentas às quais os seus alunos têm acesso livre e gratuito durante o decorrer dos cursos.

Desta forma, a inferência de que as maiores dificuldades para a entrada se poderão prender à geografia, deriva das evidências que atestam que estudar fora da própria área de residência tem um custo mais elevado, facto que apresenta, conseqüentemente, evidentes vantagens para os centros urbanos.

4.8. Mudança de Paradigma

Da análise a estes estudos de caso emergem duas conclusões no que diz respeito às mudanças de mentalidade na indústria. É notável uma mudança de mentalidades nestas áreas, comparativamente com há dez ou quinze anos e é crucial apostar na educação, seja pela sociedade, seja através da escola para a persecução de uma efetiva mudança de paradigma. Esta educação deve passar também, conforme concordam todas as participantes, pelos debates para a igualdade de género como meio de reflexão sobre estas questões.

Uma reflexão que se afigura de importância capital para a aferição de uma das principais conclusões desta investigação: Há fortes evidências de mudança gradual de paradigma no que toca à representatividade de género nas Tecnologias do Som.

Esta conclusão resulta do cruzamento de vários temas: a análise dos temas e subtemas, debates para a igualdade de género e mudanças de paradigma e de mentalidades; a comprovada paixão pelas áreas que privilegiam o Som que emerge deste estudo; a reflexão sobre a formação ou ausência de formação musical das participantes; a aparente vontade em trabalhar com pessoas; a importância dos avanços tecnológicos a nível global.

Já ficou demonstrado nesta discussão que existe uma paixão transversal a todas as intervenientes neste estudo. A paixão pelas áreas que privilegiam o Som, nas suas inúmeras aceções e compreensões artísticas e profissionais.

Outra característica transversal, que também já foi citada, é o facto de esta amostra denotar um carácter resiliente e lutador perante a adversidade e uma consciente e notada responsabilização pelos percursos percorridos, que na maioria dos casos não foram necessariamente fáceis ou lineares. Esta última evidência corrobora uma outra, à qual também já se fez referência, e que diz respeito à importância dada às questões de foro da concretização pessoal e profissional. Por último, é importante referir que a maioria destas mulheres aponta como fatores de maior entusiasmo o facto de lhes ser possível trabalhar com pessoas.

Da análise aos fatores de maior e menor entusiasmo, nestes estudos de caso, pode inferir-se que a literatura da especialidade converge com a ideia de que as mulheres têm preferência por construir carreira em áreas que ofereçam oportunidades para trabalhar com outros ou, onde possam abraçar projetos que envolvam pessoas (Diekman, *et al.*, 2017; Wang & Degol, 2013). Em linha com o referido, trabalhar com pessoas afigura-se como um dos maiores fatores de entusiasmo para a maioria das entrevistadas.

Assim, e visto que as entrevistadas concordam que é visível uma mudança de paradigma relativamente à existência de poucas mulheres nas Tecnologias do Som, será seguro aferir que a representatividade feminina nestas áreas aponta para uma tendência crescente e para sofrer mudanças graduais consideráveis na próxima década. Para esta compreensão é necessário relacionar todas as conclusões acima evidenciadas.

Não esquecendo que existe um leque distinto de áreas afetas às Tecnologias do Som, ficou patente que as principais áreas abordadas neste estudo oferecem a possibilidade de nelas se poder desenvolver um trabalho que envolve e oferece oportunidades para trabalhar com pessoas; ficou também visível que nem todas as intervenientes têm formação musical e que metade concorda que não é necessário ter formação musical para que seja possível trabalhar em determinados campos das Tecnologias do Som. Depreende-se, nesta amostra, que os avanços na Tecnologia vieram contribuir para uma visível mudança de paradigma em várias áreas: na representatividade, no preconceito, na liberdade, na receptividade a estas profissões, na forma como as mulheres se relacionam com a Tecnologia e até na forma como os artistas se socorreram destes avanços para encontrar o próprio som e trabalhar a sua autoconfiança, como defende Suse Ribeiro: “Portanto, o poder ter um computador e um equipamento que dá para mandar vir rapidamente de um website e experimentar e ver uns tutoriais e experimentar sozinha, acho que faz com que a autoconfiança da mulher se fortaleça e que tente andar para a frente com aquilo.”

Esta contribuição que Silveirinha (2011) acredita ser propensa a uma maior igualdade de oportunidades, por sua vez, permite uma aprendizagem autossuficiente nestes âmbitos; lembremos o testemunho de Adriana Sá, ao referir-se à facilidade de obtenção e ou aprendizagem de *softwares* especializados de edição de som, por exemplo.

Desta forma, podemos facilmente imaginar que, à medida que se desenrolam todos estes avanços e premissas, a tendência natural será para que os valores de concretização pessoal, cada vez mais evidenciados pela atualidade, alimentados por paixões ou fascínios musicais, sonoros, ou concernentes a esta indústria, se aliem aos desígnios femininos com maior facilidade. Numa altura em que se assiste a uma crescente emancipação feminina, é hoje mais comum encontrar mulheres voluntariosas em todos os quadrantes da sociedade. Mulheres cujo espírito lutador é assistido pelos crescentes movimentos feministas que, por sua vez, são alimentados pela discussão, reflexão e consciência ativas que debates como os da igualdade de género providenciam para a desmistificação das questões de género na profissão, o que em última instância potencia ou pode potenciar um aumento da representatividade feminina nestas áreas.

4.9. Tem de Partir de Nós

Cada entrevista é singular e como tal coloca em evidência as particularidades de cada interveniente. No entanto, e sendo certo que neste estudo se apresentam personalidades, perspetivas, experiências de vida, experiências profissionais e contextos tão plurais, é inevitável não notar o surgimento de uma ideia, que ainda que abstrata, vai tomando forma, entrevista a entrevista, adensando-se até à coesão. Uma espécie de fio condutor que une o pensamento e as singularidades deste grupo de mulheres numa certeza comum. A certeza na sua emancipação e conseqüentemente na sua igualdade no que ao género diz respeito.

É notório, ao longo de cada entrevista, que em diferentes momentos, para cada uma das entrevistadas e em diferentes respostas a diferentes questões, vai ficando evidente um reconhecer de dificuldades, de desafios, de preconceitos e de obstáculos sentidos pelas participantes nos mais variados âmbitos, principalmente no profissional, uma vez que é dele que trata este estudo. É notório, de igual forma, que pontualmente e propositadamente despontam, em todas as intervenientes, respostas que reconhecem esta problemática, mas que, por outro lado, vinculam uma recusa em fazer parte dela.

Assim, é visível um ênfase claro na total responsabilização pelos seus próprios percursos: observem-se as respostas que optam por reforçar a ideia de responsabilização pela construção do próprio percurso, “a própria pessoa faz o seu sucesso”, como afirma Olívia Silva, ou a ideia de autonomia, como defende Adriana Sá: “Eu penso que esse incentivo ao trabalho autónomo, ao desenvolvimento de ideias próprias, às escolhas, às decisões, devia começar e ser incentivado mais cedo, e eu acho que é o contrário que tem acontecido. Cada vez mais tarde”.

Transparece um claro repúdio pela vitimização; “Às vezes enerva-me esta vitimização, porque é, às vezes, das mulheres: “Ah agora tive filhos já não posso”. “Não podes porquê?” Raquel Castro. É outorgado um indiscutível realce à própria emancipação, “Eu não encontro desafio absolutamente nenhum e acho que se a pessoa pensar que quer e é por ali que tem que ir, não há obstáculos, não há desafios. É querer e fazer. Acho eu, não sei.” Sofia Mestre. No entanto, fica sempre implícita uma clara rejeição em fazer parte desta problemática.

Ao longo das entrevistas são vários os momentos onde se podem observar estas rejeições. Por serem transversais a todas as participantes, nestes momentos podem

observar-se amiúde apelos à desconstrução da imagem da mulher e das suas pressões sociais, da sua biologia, da sua capacidade intelectual ou aptidão comparativamente à do sexo oposto, da sua proficiência técnica, da sua autonomia e até da sua imagem, apostolada como frágil pela sociedade. Veja-se, neste último ponto, o testemunho de Inês Lames no qual fica perceptível que na sua conceção do feminino, as mulheres não só não são frágeis e indefesas, como se for necessário, são perfeitamente capazes de autodefesa contra potenciais avanços menos próprios por parte dos homens. A técnica de som faz menção a estas ocorrências dados os mitos que se criaram em Portugal em torno dos ambientes masculinos. Segundo a profissional este tipo de pensamento reflete, inclusivamente, um manifesto preconceito de género contra o homem que, no entanto, não é reconhecido como tal.

Ora, em nosso entender, estes indícios conduzem-nos às questões de identidade de género e à maior convicção retirada desta investigação: esta amostra espelha a desconstrução identitária do género apostolada por Simone de Beauvoir (1949) na sua famigerada obra, *O Segundo Sexo*.

Sintetizemos então o pensamento de Simone de Beauvoir (1949). Para a escritora o ser mulher é tão somente uma construção social redutora que lhe subtrai humanidade, referindo mesmo que, “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (p. 307). Uma construção instituída por uma ideologia patriarcal centrada no masculino, que o beneficia em detrimento do feminino produzindo uma imagem da mulher que a remete para o lugar de o outro. O outro em permanente confrontação direta com as classes dominantes:

“A humanidade é masculina, e o homem define a mulher não em si, mas relativamente a ele; ela não é considerada um ser autónomo. “A mulher, o ser relativo...”, diz Michelet. E é por isso que Benda afirma em *Rapport d’Uriel*: “O corpo do homem tem um sentido em si, abstração feita do da mulher, ao passo que este parece destituído de significação se não se evoca o macho... O homem é pensável sem a mulher. Ela não, sem o homem.” Ela não é senão o que o homem decide que seja; daí dizer-se o “sexo” para dizer que ela se apresenta diante do macho como um ser sexuado: para ele, a fêmea é sexo, logo ela o é absolutamente. A mulher determina-se e diferencia-se em relação ao homem, e não este em relação a ela; a fêmea é o

inessencial perante o essencial. O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro.” (*Beauvoir, 1949, p. 15*).

Observe-se ainda o seu pensamento no que diz respeito à biologia feminina. Uma biologia que segundo a autora, aprisiona a mulher e a distingue intrinsecamente do homem, veja-se, por exemplo, a questão da maternidade. Atente-se como neste estudo esta questão surge proactivamente para metade da amostra, e como se verifica, de uma forma ou de outra, uma correspondência com o pensamento da autora no apostolar da maternidade como influenciador da liberdade feminina em inúmeros aspetos da sua vida pessoal e profissional, e na apologia do reconhecimento dessa diferença. Relembramos as afirmações já evidenciadas nesta discussão de Suse ribeiro, Inês Lmares e Raquel Castro.

As correspondências entre esta amostra e o pensamento de Simone de Beauvoir (1949), nas questões de género, vão, no entanto, muito além das questões biológicas. Analisem-se em contiguidade alguns dos temas principais que emergiram da análise das entrevistas e algumas das respostas suscitadas.

Como já foi referido a maioria das participantes está consciente de que existe preconceito de género nos mais variados quadrantes sociais e conseqüentemente na profissão, no entanto, observe-se que duas das participantes optaram por evidenciar a discriminação positiva da qual acreditam terem sido alvo, evidência que ficou patente, também, em outras respostas. Não podemos deixar de negar, que estamos perante um indício que se coloca a favor do argumento que se está a construir, e que este enfoque na discriminação positiva, pode ser interpretado como uma recusa em fazer parte do problema mencionado, acautelando, no entanto, todos os possíveis cenários e conclusões levantados por este indício.

Não obstante, atente-se às respostas das outras participantes, ainda subordinadas ao mesmo tema. Estas, como já ficou demonstrado, pese embora reconheçam a existência de preconceito de género nas suas atividades profissionais não lhe outorgam relevância significativa, corroborando a tese defendida nesta discussão que patenteia uma recusa em fazerem parte do problema. Tem de partir de nós. Note-se que Sofia Mestre deixa inclusivamente este pensamento bem vincado quando afirma:

“Nós é que não podemos ter preconceito de género, não são os outros. Sim, pode haver situações. Eu passei por várias na minha profissão antiga. Foi difícil, não havia mulheres. Era uma profissão de homens. Tinha outra idade, tinha 20 e tais, tinha 30. Quem não tem que ter preconceito eu acho que é a própria mulher e não se preocupar com onde está o preconceito.”

Numa entrevista de 1967 à Radio Canada¹⁶, fica expressa de forma categórica a opinião de Simone Beauvoir, sobre a condição da mulher. A socióloga afirma que para a verdadeira igualdade entre homens e mulheres é preponderante uma total e radical emancipação feminina. Uma emancipação que apenas pode ser conseguida através do trabalho. A autora reitera a necessidade de as mulheres trabalharem de uma forma universal e rigorosamente igual aos homens para que essa igualdade possa ser normalizada. Uma normalização que deve ser intelectual, psicológica e moral, pois apenas assim lhes possibilitará alcançar, profunda e internamente, a sensação de igualdade, por forma a que se atinja uma partilha das mesmas responsabilidades políticas, económicas e sociais.

É relevante lembrar que em *O Segundo Sexo* (1949), a autora defende que a opressão vivida pelas mulheres à data da obra era uma opressão já interiorizada há muito pelo sexo feminino, uma vez que se trata de uma prática que é secular. Por essa razão a autora defende que esta opressão foi normalizada pelas próprias mulheres com a ajuda de uma construção social de género cuidadosamente manipulada por uma ideologia patriarcal.

Ao longo desta discussão ficaram algumas evidências que atestam esta normalização. Não obstante, em nossa opinião esta normalização entranhada é ainda merecedora de reflexão, visto que alguns quadrantes sociais aparentam uma certa regressão nas questões de igualdade de género.

Posto isto, é seguro concluir que esta amostra, por se recusar a normalizar a diferença e por recusar declaradamente estas construções sociais, demonstra pela clareza dos seus testemunhos, pelo seu trabalho e pelos seus percursos profissionais que estarão próximas da imaginária igualdade defendida pela socióloga na entrevista de 1967.

¹⁶ <https://www.youtube.com/watch?v=Zz2ytcSVnIY>

Nesta linha de pensamento é válida, em nosso entender, a próxima inferência, por encontrar correspondência com o supracitado. Numa aparente perspectiva de auto-análise, duas das intervenientes assumem-se como diferentes, no que é concernente às convenções sociais: Raquel Castro quando se afirma como “a *freak* da família” e Sofia Mestre quando menciona que estava “sempre a causar o espanto”, ou “Eu sou um bocado a ovelha negra da família”. É possível, por esta razão concluir que existe nesta amostra uma autoperceção de diferença e que encontra validação com outros testemunhos retirados da literatura consultada:

“...So, definitely, like, that is a disadvantage, but at the same time, because I’ve always had the mindset of being different, I kind of don’t care and go okay you may think that but I’m just going to carry on doing my own thing. You can judge me however much you want.” (*Gaston-Bird, 2020, p. 259*).

Este “tem de partir de nós”, constante e transversal em todas as entrevistas, aparece também nas respostas aos temas da representatividade, onde emergem as delicadas questões das cotas e nas respostas aos temas dos debates para a igualdade de género e, de forma geral, da totalidade das entrevistas.

Como já abordado nesta discussão o tema da existência das cotas de representatividade revelou ser bastante delicado. Nenhuma das mulheres se manifesta contra a sua implementação, contudo todas as profissionais demonstram ponderação na sua inclusão. Parece-nos que este achado surge não só como mais uma evidência da negação em fazer parte do problema, como da valorização da meritocracia. No entanto, poderá ter também uma outra origem. Em nosso entender, este achado pode advir de uma possível recusa, por parte destas mulheres, de uma promoção de injustiças em nome do sexo feminino, provavelmente por preconizarem o contributo nefasto que tal ocorrência poderia eventualmente representar para a causa da igualdade de género: “Mas a questão de não haver um equilíbrio de género, tem tanto de externa a nós mulheres, como a ver connosco.” Raquel Castro.

Pela análise das entrevistas não nos parece que nenhuma destas mulheres deseje que estes tipos de ocorrências possam promover o perdurar da cristalização da ideia de mulher como o vulgo “o sexo fraco”, uma vez que elas próprias o recusam.

Da mesma forma, e não obstante a concordância com a existência de debates para a igualdade de género, algumas das entrevistadas demonstram também cautela na abordagem a estes temas. Analise-se a resposta de Adriana Sá a este respeito:

“Eu tenho algumas dúvidas sobre o facto dessa igualdade de género e representatividade da mulher poder ser algo que possa ser imposto à sociedade. Penso que muitas vezes pode eventualmente partir da própria mulher o facto de não se sentir atraída pelos comportamentos associados a determinadas profissões etc., e quando é esse o caso penso que as pessoas têm todo o direito de o fazer, portanto penso que é uma pergunta...penso que é uma...com dois lados. Por um lado, sim será interessante incentivar a mulher a desenvolver gostos e aptidões para trabalhar noutras áreas, por outro lado, porquê, se ela não o deseja à partida, não é? Portanto, penso que essa questão se põe, se e quando há mulheres que querem seguir estas áreas e não o seguem porque sentem impeditivos sociais. Eu não conheço nenhuma mulher assim.”

Este “tem de partir de nós”, este “Tens que fazer o teu caminho” Raquel Castro, que emerge destas entrevistas é, na nossa perspetiva a recusa do perpetuar da condição feminina, seja na profissão seja na sociedade.

No capítulo seguinte serão apresentadas algumas propostas de intervenção.

5. PISTAS DE INTERVENÇÃO

Em pleno século XXI e numa era cujas evoluções sociais e tecnológicas transformaram intensa e profundamente as fundações estruturais das sociedades contemporâneas, alterando a forma de vida aos mais variados níveis, é inegável em nosso entender, não reconhecer a enorme disparidade entre os atuais avanços tecnológicos e sociais e uma realidade que em inúmeros campos parece estagnada, senão por vezes em retrocesso. Assume-se capital pausar e observar atentamente este fosso de incoerências que nos traz, por um lado, o mundo na palma da mão com tudo à distância de um *click*, e por outro, a céu aberto, a normalização das inúmeras desigualdades sociais em quadrantes variados.

Por esta razão, somar as incontestáveis evidências às respostas que este estudo conseguiu aferir é desde logo um ponto de partida para a validação, consciencialização e consequentemente formulação de planos de ação e possíveis soluções para combater e contrariar as atuais tendências no que concerne o objeto deste estudo.

Importa, em primeiro lugar, colocarmo-nos no lugar do outro, neste caso do leitor, e tentar antecipar algumas das questões que lhe poderiam eventualmente surgir na leitura desta dissertação: Qual a pertinência real destas questões? Porque é que serão necessárias pistas de intervenção? Qual é o verdadeiro impacto destas aferições nas produções artísticas, na profissão e na sociedade portuguesa?

Nas palavras de Adriana Sá “diversidade acrescenta sempre” poderá ser o ponto de partida para o início da formulação das respostas a estas questões. De facto, e relembrando o testemunho de Sofia Mestre, concordamos com a pergunta “Como é que isso ainda é uma questão?” Em nosso entender, sendo certo que a Arte, em todas as suas incontáveis formas é apreciada de igual forma por qualquer género, raça, credo, ou estrato social, é igualmente certo que “fazer vista grossa” à falta de diversidade no âmago de algumas das suas intersecções, como é o caso das Tecnologias do Som, é normalizar uma desigualdade que por si só se constitui como um obstáculo ao progresso e à excelência destes campos artístico-profissionais. Suse Ribeiro alerta para isso mesmo quando atesta que, se por um lado em Portugal há profissionais nestas áreas tão ou mais competentes do que nos mercados internacionais, por outro lado, uma das suas evidentes fraquezas é ser remetido “para dentro” e ter uma Indústria Musical que é praticamente inexistente.

Assim, podemos apenas concluir que a masculinização de qualquer área em qualquer dos âmbitos das Tecnologias do Som, não é senão uma contribuição para o entrave à evolução das mesmas, uma vez que ao se privilegiar apenas uma perspetiva e ao se seguirem práticas e cânones instituídos, também estes consequentemente masculinizados, se está a trabalhar contra a própria expressão artística subtraindo vozes, pensamentos, abordagens, perspetivas, experiências, contextos, origens e práticas aos seus conjuntos, que em última instância subtraem valor em toda a adjacência social, profissional, económica e até política da nossa sociedade.

Pelas razões enunciadas, manifestamos concordância com algumas das propostas sugeridas pela literatura, que em nosso entender, não só cabem na sociedade portuguesa, como serão até bem recebidas. A nossa perceção, já mencionada anteriormente, é que existe predisposição para uma mudança de paradigma de representatividade. As evidências que emergiram deste estudo sugerem uma gradual mudança de mentalidade nestas áreas.

Seguidamente, sugerem-se algumas das possíveis intervenções suscetíveis de atuar, não só ao nível do aumento da representatividade, como também ao nível educativo, dos desafios, do preconceito e das próprias práticas, aspetos que como já se demonstrou estão amplamente masculinizados.

A inegável multidisciplinaridade destas áreas apresenta inúmeras e importantes novas oportunidades e caminhos para a compreensão desta problemática. Para além das já mencionadas, são incontáveis as questões que não conseguiram lugar nesta investigação e é por essa razão que sugerimos mais algumas pistas.

Assim, em nosso entender, seria importante a aferição da percentagem de mulheres que frequentam ciclos de estudos dedicados às Tecnologias do Som em Portugal ou, por exemplo, a compreensão dos atuais paradigmas que relacionam o género e a Música, cujas interseções viabilizariam uma nova investigação. Os estudos caso a caso também não devem ser descurados.

A literatura referente à compreensão das relações de género e das áreas CTEM, ou da profissão tem sugerido intervenções sustentadas pela introdução de um Ensino Vocacional precoce capaz de ir além do momento da escolha de carreira (Saavedra *et al.*, 2010). Para as autoras é fundamental que ao nível do jardim de infância se exponham as crianças a práticas educativas que contribuam para uma perceção da

importância da escola para a profissão, promovendo consequentemente a compreensão da profissão, dos diferentes papéis de vida e do significado do trabalho, uma vez que acreditam que dessa forma se consegue incentivar, desde cedo, a aquisição de competências de exploração vocacional e orientação para o mundo do trabalho.

Da mesma forma, nas Tecnologias do Som, é essencial compreender o motivo pelo qual estas são introduzidas, na maior parte dos casos, apenas aquando da entrada ou frequência no Ensino Superior. Acreditamos que o papel da escola e da introdução destas áreas aquando da entrada no Ensino Básico poderia produzir resultados amplamente eficazes, quer para as questões da representatividade, quer para os desafios e preconceitos de género que surgem para as mulheres que escolhem estas profissões. Relembremos que inúmeros autores defendem que a exposição tardia a estas profissões e que aspetos concernentes à socialização e a outros agentes educativos, dos quais fazem parte a escola, os pais e as crenças para a autoeficácia, percecionada pelas mulheres, têm ramificações profundas nestes agentes e comprovam a importância de desmistificar determinadas práticas e crenças em tenras idades (Saavedra *et al.*, 2010; Diekman *et al.*, 2017; Wajcman, 1991).

Não obstante, em fase com o defendido por Saavedra *et al.* (2010), acreditamos que a sociedade portuguesa é perfeitamente capaz de introduzir ao nível do jardim de infância práticas educativas equitativas que fomentem estas áreas e que incluam de forma igualitária, por exemplo, a exposição a brinquedos alusivos a estas profissões trabalhando no sentido de normalizar estas áreas para as mulheres desde muito cedo.

Por considerarmos ter ficado demonstrada a importância da existência de modelos a seguir, uma possível sugestão de intervenção seria a criação de redes de contacto em articulação direta com as diferentes instituições de Ensino e que promovesse e privilegiasse o conhecimento e o contacto com diversificados modelos a seguir. Gaston-Bird (2020), apoiada pela obra *Pull* de Pamela Laird, esclarece como o conceito de capital social tem sido preponderante para a ascensão profissional dos cidadãos americanos esclarecendo como as redes de contacto são preponderantes para a progressão profissional: “By the late 1980s,” she writes, “it became clear that nobody can penetrate a workplace ceiling without pull from above. That pull requires social capital” (Laird, 2016 *apud* Gaston-Bird, 2020, p. 67).

Ainda no que diz respeito a intervenções que incluam as instituições de Ensino, vale lembrar o testemunho de Olívia Silva, quando destaca o insólito da existência de uma

competição de Música Eletrónica no Ensino Secundário. A este respeito, consideramos que tal, não só não deveria ser insólito como deveria passar a prática comum e estender-se até a outros níveis de Ensino. Trata-se, em nosso entender, de uma abordagem saudável com valências a inúmeros níveis. Iniciativas deste género podem promover a curiosidade tanto de jovens rapazes como de jovens raparigas e contribuir para dar visibilidade a estas áreas. A estas iniciativas, será fácil a qualquer instituição fazer seguir outras como concursos de mistura, de produção, eventos que promovam a captação e gravação de som, a introdução ao *design* de som, ou aos tão atuais *podcasts*, à realidade virtual, ao som para cinema, ao *foley* e uma infindável panóplia de práticas que patenteiem estas áreas.

Por acreditarmos na urgência do preenchimento deste espaço em branco, sentido há demasiado tempo nas Tecnologias do Som em Portugal, sugerimos, como medidas de curto prazo, a criação, por parte de entidades particulares ou instituições, de espaços físicos e virtuais onde se promova uma discriminação positiva. Acreditamos que estes têm potencial para trabalhar a autoconfiança das mulheres em relação à sua perceção de autoeficácia, no que diz respeito à proficiência técnica, ajudando na desconstrução de preconceitos de género que elas próprias possam transportar em si. Justificamos esta sugestão pelas fortes evidências da eficácia que programas e ações deste tipo já comprovaram em países como os Estados Unidos da América ou o Reino Unido.

Gaston-Bird, (2020), esclarece que a criação de grupos, associações e instituições centradas nas Tecnologias Musicais e no feminino, estão efetivamente a conseguir atrair mais mulheres e a promover mudança no seio de um meio com uma dominação tradicionalmente masculina. Defendendo que o surgimento destes grupos provém da sua histórica marginalização nestas áreas, esclarece que os mesmo contribuíram para a criação de capital social, económico e cultural.

Pese embora se possa argumentar que se trata de discriminação positiva, afirmação com a qual concordamos, o valor e adesão crescente a estas iniciativas está já comprovado em vários países e tem desempenhado um papel crucial na formação, inclusão e profissionalização de jovens e mulheres que perseguem estas carreiras. Acreditamos, por isso, que este tipo de discriminação positiva transporta valências que não podem ser negadas. Há evidências de uma participação ativa das mulheres nestes grupos e organizações e de um aumento crescente da oferta de iniciativas ou organizações com estas características. Prova disso é o facto de não pararem de surgir organizações deste tipo que usam as redes sociais *Facebook*, *Instagram* e *Twitter* para

a promoção de *workshops*, conversas, *master classes*, competições de mistura ou masterização, aulas de composição de Música Eletrónica, cursos especializados a preços competitivos e com um público maioritariamente feminino. A sua presença é também visível nas plataformas musicais como o *Bandcamp*, *Mixcloud*, *Soundcloud*, *Spotify*, e é usada para a promoção dos trabalhos da sua comunidade, ou nos próprios *sites* da *internet* onde são promovidas inúmeras outras iniciativas que incluem ofertas profissionais, mentoria, aconselhamento, apoio a vários níveis, providenciando, no fundo, um espaço onde as mulheres conseguem ter uma voz ativa e uma rede de segurança. Acreditamos que iniciativas deste género não só se impõe como plataformas de ajuda e empoderamento para as mulheres como impedem que a História se repita remetendo os contributos e perspetivas das mulheres do século XXI, para o esquecimento, à imagem do que aconteceu com algumas das pioneiras da Música Eletrónica referidas por Olívia Silva e que encontra correspondência com a literatura especializada, (Rodgers, 2010; Gaston-Bird, 2020).

“... Porque se formos a ver no século XX, havia ainda menos mulheres nesta área, e o seu trabalho não era valorizado, muitas vezes, se formos a ver mulheres que trabalharam com Pierre Schaeffer, com o Pierre Henry, até com o Steve Reich. Portanto mulheres que trabalharam em construção de sintetizadores, por exemplo, as mulheres que trabalharam para a construção do *MOOG*, para a construção do *Buchla* são mulheres que não são faladas nos dias de hoje. E fala-se sobre o *MOOG*, fala-se sobre o *Buchla*, fala-se sobre Pierre Schaeffer e o Pierre Henry, não se fala das mulheres que contribuíram para as descobertas deles, não é! **Olívia Silva**

Em anexo colocaremos uma listagem com algumas das organizações, iniciativas e obras dedicadas à promoção, Ensino, discussão, participação e divulgação de uma panóplia de iniciativas centradas na participação feminina. É ainda importante referir que muitas destas organizações têm uma participação que não se limita a raios de ação nos próprios países, veja-se o caso da *Soundgirls.org* que inclui uma participação mundial e que embora tenha uma comunidade maioritariamente feminina não exclui os homens, contando com uma participação masculina de cerca de 35%.

Em Portugal, temos conhecimento de iniciativas dedicadas à promoção das áreas CTEM, mais direcionadas para as Engenharias, como é o caso da iniciativa *Engenheiras*

*por um dia*¹⁷ iniciativa da Secretária de Estado para a Cidadania e a Igualdade, Rosa Monteiro, que pretende promover as Engenharias e as Tecnologias nas jovens portuguesas. Uma iniciativa cujas dimensões e espectro de ação é incomparável com as de algumas das organizações mencionadas acima, mas que demonstra que em Portugal, organizações deste tipo poderiam apresentar potencial de aceitação. Já no que à prática musical diz respeito, é ainda fundamental referir uma iniciativa em forma de *podcast* da autoria de Andrade (2018) que divulga o trabalho artístico de mulheres na música portuguesa. Pese embora não haja uma relação direta na correlação entre o género e as Tecnologias do Som, este *podcast* de catorze episódios difunde conversas com diversas mulheres portuguesas promovendo as suas histórias e reportórios sempre em contexto de prática artística musical.

Ao nível das instituições e dos vários níveis de Ensino sugerimos, em concordância com Brereton, *et al.* (2020), a continuidade da realização de ações ou intervenções que suportem e encorajem a igualdade de género a vários níveis sociais, profissionais e económicos, e a criação de uma parceria entre as instituições educativas e a indústria de forma a promover a Tecnologia Musical, e que, simultaneamente, consiga implementar um plano de estudos inclusivo quer na Música quer nas Tecnologias Musicais.

Para tal será necessário que se construam pontes e redes de contacto eficientes, entre os vários agentes profissionais e culturais para a criação de sinergias capazes de estimular e impulsionar as incontáveis práticas artísticas e profissionais afetas às Tecnologias do Som em todo o território nacional. Esforços reais neste sentido adivinhariam fortes contribuições para a diferenciação artística e profissional dos atuantes nestas áreas, independentemente do género, favorecendo, conseqüentemente, a estimulação cultural e económica. Parece-nos urgente a edificação de uma nova arquitetura das profissões técnico-artísticas em Portugal.

Consideramos ainda que a reflexão sobre as questões de preconceito de género nestas profissões ou atividades não se deve limitar a observar o género através da lenta binária. Acreditamos que qualquer discurso ou prática passível de veicular preconceito a qualquer nível e no âmbito de qualquer área social ou profissional, deve ser objeto de profundas reflexões e ações construtivas no seu combate. Assim, há espaço para futuras investigações alargarem a decomposição desta problemática a comunidades

¹⁷ <https://www.engenheirasporumdia.pt>

não binárias, LGBTQIA+ (*Lesbian, Gay, Bisexual, Transgender, Queer, Intersex, Asexual and Diverse*), visto que as suas experiências podem tão somente enriquecer o tecido cultural nacional.

Em última análise, parece-nos que a ausência de uma pluralidade de pensamentos apenas promove a estagnação, a repetição e a reprodução e agrilhoa e limita uma atividade profissional a uma única perspetiva, a um único saber fazer, a um único modo de ouvir, a um único modo de produzir e a um único modo de criar.

Os processos de compreensão das motivações de aproximação ou de distância são o início e a base de um trabalho de transformação que começa sempre por esboçar novas arquiteturas de organização em qualquer que seja o quadrante social. A educação para a diferença e para a diversidade e a sua compreensão é um caminho rico em oportunidades para uma efetiva mudança de paradigma, como já se viu, especialmente numa realidade onde impera a Tecnologia.

Sugerimos a criação de ações de sensibilização dentro da indústria para ambos os sexos, de forma a tocar e incluir a comunidade profissional masculina com o objetivo de fomentar os processos de transformação das mentalidades com os homens como parte integrante destas mudanças. Relembremos aqui o contraexemplo referido por Suse Ribeiro ao destacar de forma positiva a postura de um dos profissionais das Tecnologias do Som, e a sua contribuição para o sentimento de inclusão na área em que participa.

Por último, embora partilhemos das reservas manifestadas pelas entrevistadas em relação à introdução de cotas de representatividade como possível solução para a sub-representatividade de género nestas profissões, consideramos que este deve ser um meio cuidadosamente usado para combater as lacunas evidenciadas por este estudo.

Assim, sugere-se que as organizações profissionais ou escolares, quer a nível dos alunos quer a nível do corpo docente, levem a cabo uma cuidadosa e rigorosa introdução de cotas de participação que continue a dar primazia à excelência, mas que não contribua para a fossilização de uma profissão ou atividade artística pelo perpetuar de práticas que, não só já não coadunam com a sociedade atual, como subtraem valências ao capital social, cultural e económico da sociedade portuguesa.

6. CONCLUSÃO

Perceber que existe sub-representatividade de género nas Tecnologias do Som em Portugal, não se institui como um facto surpreendente, bastando ao leitor que se detenha por alguns momentos a percorrer a sua memória visual. Constatará facilmente, e por si mesmo, que não será fácil recordar-se de muitos momentos em que tenha, por exemplo, num qualquer evento cultural, observado os espaços reservados aos técnicos de som, e encontrado uma profissional mulher em exercício de funções. Pese embora a irrefutabilidade destas evidências, e a já explicada diversidade das atividades afetas às Tecnologias do Som, foi necessária uma verificação de rigor científico e cingir este estudo a apenas algumas atividades concernentes a estas áreas.

Assim, de forma generalizada, a sub-representatividade de género nestas áreas em Portugal é passível de beber, a par com as áreas científicas e tecnológicas em geral, da já comprovada complexa rede de relações entre género e Tecnologia que toca e cruza inúmeras aspetos da vida de um indivíduo. De entre os numerosos cruzamentos, já abordados na revisão da literatura e pela discussão, destacam-se as complexas relações cujo alcance perpassa a débil exposição à Tecnologia, perpetuada desde tenras idades nas mulheres, seja pelos agentes educativos, escola e família, seja pela sociedade; uma cultura que privilegia e perdura práticas e conceções de género durante todo o percurso de vida dos indivíduos; ou, até mesmo, a própria genderização da Tecnologia e das profissões tecnológicas, por exemplo, em casos em que o seu uso transporta diferenciações genéricas onde ficam implícitas e explícitas essas genderizações. A este respeito, analise-se a forma como acima fizemos referência aos técnicos de som no masculino.

Este estudo evidencia que a configuração do tecido social em Portugal, profundamente mergulhado em práticas de construção de género, é influenciada por agentes de socialização e por uma ainda diminuta consciência para a igualdade. Aparentemente, quando cúmplice com preconceito e pressões sociais de género e práticas educativas e profissionais que não acompanham os avanços visíveis em outros aspetos da vida humana, resulta num fenómeno de sub-representatividade de género nas atividades ou profissões em áreas que circundam as Tecnologias do Som. Parece-nos que a estereotipação alimentada por estas cumplicidades fossiliza o atual *status quo* perpetuando não somente a masculinização destas áreas como também a inexistência de modelos a seguir, que como vimos, se poderá constituir como um dos possíveis meios para reverter esta tendência.

Da análise efetuada intui-se a necessidade de priorizar uma reflexão séria sobre a educação e as práticas educativas que examinam o impacto que a introdução atempada do Ensino Vocacional pode ter nas escolhas de carreira. As mais-valias advindas da exposição temporã a estas disciplinas da área do Som poderiam engrossar a representatividade feminina nestas áreas. Não obstante, tal não poderá ser possível sem que as várias instituições, educativas e profissionais, se comprometam a um esforço conjunto no sentido de promover a informação sobre estas áreas em todo o território nacional. Afigura-se também importante não descurar o acesso à profissão, por forma a que esta ausência de compromisso não se constitua como impedimento para que estas sejam escolhidas durante a frequência escolar.

Este estudo aponta para que se repensem as configurações que dão forma a estas profissões; se revejam estatutos e condições de trabalho, e se promova a identidade artística sem prejuízo da atividade profissional. Em nosso entender, uma sociedade verdadeiramente civilizada não deve impor aos seus profissionais a escolha entre a sua identidade artística e a sua profissão, facto que as entrevistas vieram evidenciar, no entanto, poderia concentrar os seus esforços na promoção da sua coexistência e interdependência. Em última instância, o progresso individual e sociocultural que daí poderá resultar serviria um propósito maior que poderia elevar e catapultar as valências culturais e artísticas nacionais.

Da mesma forma, parece-nos que as condições de acesso e sucesso no trabalho, não deveriam privilegiar apenas os grandes centros urbanos que, como se viu, facilitam a escolha, o acesso e a progressão profissional, devendo estender-se de igual forma a todo o território nacional.

Do confronto entre a revisão da literatura com a presente investigação infere-se que uma sociedade verdadeiramente igualitária e equitativa não almeja a cristalização de uma profissão correndo o risco de, não só contribuir para a sua estagnação a longo prazo, como a curto prazo reduzir o seu potencial criativo e o seu capital cultural. Como já se argumentou, tal é o que acontece quando se privilegia o género em detrimento do capital intelectual e da meritocracia e se masculinizam profissões e práticas.

Também a urgência em combater o preconceito de género fica evidenciada com esta investigação, da mesma forma que fica igualmente demonstrado que para além do preconceito de género, os desafios das mulheres em profissões maioritariamente

masculinas são vastos, são em maior número e são maiores do que os dos seus pares podendo, por isso, desempenhar um papel importante na prossecução destas áreas.

Parece-nos que em profissões em que a própria configuração já se constitui, por si só, como um obstáculo, agravar essa deterioração através de práticas promotoras de diferenciações de género adivinha-se nefasto.

Por essa razão, fica evidente, em linha com os testemunhos recolhidos, a importância da continuidade da *práxis* que difunde, promove e estimula a consciencialização para estas questões através de debates e ações que fomentem o pensamento igualitário. Verificou-se que o contributo destas práticas é de suma importância para a educação para a igualdade, para a promoção das liberdades individuais, tão realçadas pelas participantes, e para as mudanças de paradigma que, como sugere este estudo já se têm vindo a observar.

Este estudo indicia para o facto de estas liberdades incluírem uma reflexão sobre a questão da maternidade nestas profissões. Da análise das entrevistas denota-se que esta questão é percebida como um possível fator impeditivo para a persecução de uma atividade profissional e uma boa gestão familiar, por ser passível de impactar a auto percepção sobre o preenchimento dos requisitos para a maternidade.

Independentemente de o estudo apontar, de forma geral, para uma gestão possível entre ambos, os testemunhos recolhidos apontam para uma consciência ativa das participantes para as pressões ou embates fragilizantes que normalmente expõem as mulheres a conflitos internos e sociais, complexos e difíceis, no que é concernente à profissão e à maternidade. Ficou claro, em nosso entender, que há profissões destas áreas que apresentam dificuldades acrescidas a ambos os géneros. A profissão de técnica de som em Portugal, por exemplo, exige longas horas de trabalho, *stress* acrescido, muitas viagens, trabalho noturno e débeis condições de estabilidade profissional, uma vez que é maioritariamente exercido em regime de *freelancing*. Um dos testemunhos sugere, por isso, a possibilidade de tal se constituir como obstáculo à concretização simultânea de ambos os desígnios. Este facto, em nosso entender, reafirma, mais uma vez, a necessidade de reestruturar e repensar as profissões afetas às Tecnologias do Som. Esta aparente consciência ativa para a questão da maternidade que se denota das entrevistas permite inferir que se deve refletir sobre esta dualidade numa perspetiva de desconstrução.

As fortes evidências que suportam o argumento de uma gradual mudança de paradigma suportado pelos resultados desta investigação sugerem a necessidade de serem acompanhadas por mudanças sociais suficientemente significativas por forma a aumentar a competitividade dos mercados que albergam estas profissões em Portugal.

Acreditamos que a Indústria da Música, do Entretenimento, do Cinema e dos Audiovisuais, não descurando as instituições educativas devem, por esse motivo, estar entre os principais interessados em participar, estimular e desenvolver iniciativas que invoquem a urgência das mudanças de mentalidade.

Assim, parece-nos capital que examinem as próprias condutas a partir de uma lente que privilegie um olhar atento às práticas internas. Uma observação de dentro para fora, capaz de auxiliar na correção de algumas das lacunas evidenciadas por este estudo, como por exemplo, a ausência de rigor na creditação, no caso da Produção Musical, ou as crenças enraizadas no que diz respeito à perceção de eficácia e perícia tecnológica da qual a mulher parece sair em prejuízo. Consequentemente, consideramos pertinente que se encetem esforços para envolver e cativar os profissionais de sexo masculino como aliados para as questões de género, como testemunhado por uma das participantes.

Afigura-se decisivo que as indústrias e instituições acima mencionadas tirem partido das inegáveis vantagens dos avanços tecnológicos e da exploração de paixões pessoais que contemplem a Música e o Som. Como ficou demonstrado, estes são aspetos cada vez mais valorizados para a concretização profissional. Em consequência, os benefícios outorgados por procedimentos inclusivos e pela diversidade serviriam para aumentar e enriquecer as fileiras destas organizações. Em nosso entender, as atividades profissionais e artísticas presentes neste estudo, conquanto o tamanho da amostra, patenteiam uma multidisciplinaridade que atesta a importância da pluralidade de práticas e pensamentos no âmago de um campo de ação.

No que ao Som, à Música e à Experimentação diz respeito, esta multidisciplinaridade trabalha em sentidos diversos, mas intersecta propósitos. Entendemos que dos processos de investigação e experimentação resultam sempre novas arquiteturas que se estendem aos campos de ação adjacentes, proporcionando novas oportunidades de reconfiguração e, naturalmente, evolução. Nidificam-se oportunidades para o nascimento de novas formas de compor, de ouvir, de produzir, de perceber de interagir e de criar.

Por último, uma das conclusões deste estudo aponta para uma realidade que reafirma uma consciência de género pelos piores motivos, uma vez que acreditamos que não seria necessária consciência de género numa sociedade verdadeiramente equitativa e igualitária. Apostolada esta consciência de género, é simultaneamente visível neste estudo a tentativa de desconstrução da identidade de género tal como ainda é entendida. Fica notório que as mulheres que nele participaram se recusam a fazer parte, contribuir, promover, incentivar, ou polarizar esta perceção, de uma perspetiva que não seja equitativa e construtiva. Fica, portanto, igualmente evidente a recusa em perpetuar as conceções que circundam a condição feminina na contemporaneidade, e que neste estudo a relaciona com a profissão.

Por esta razão, consideramos primordial perseguir soluções que ambicionem ver preenchidas as lacunas evidenciadas pela investigação. Esta investigação indicia para reflexão sobre uma introdução cuidadosa e criteriosa de cotas de representatividade, denotando que deverá ser devida e cuidadosamente equacionada.

Não obstante, o presente estudo permite inferir, através dos testemunhos recolhidos, que o caminho para o encurtar de distâncias entre os géneros deve abster-se de polarizar e extremar as lutas pela igualdade de género, priorizando, sim, processos inclusivos que responsabilizem instituições, organizações, públicas e privadas e órgãos de soberania. Por conseguinte, infere-se que as práticas com potencial para auxiliarem a desconstrução das aceções de género devem incluir e aliar o sexo masculino sem prejuízo da sua alienação.

Nas Tecnologias do Som, afigura-se urgente caminhar em direção à diversidade para que não se cristalizem práticas e mentalidades que afastem as mulheres de as exercer.

Esta investigação pretende constituir-se como a ponta do *iceberg* para a compreensão da sub-representatividade género nas Tecnologias do Som em Portugal. A multiplicidade das suas áreas de atuação e de possíveis abordagens e análises apresenta um enorme potencial para atrair novas reflexões.

Assim, poder-se-ão calcorrear trajetos capazes de encurtar as distâncias para uma representatividade equilibrada nestas profissões e conseqüentemente elevar as Tenologias do Som em Portugal.

BIBLIOGRAFIA

- Almeida, L. S., Guisande, M. A., Soares, A. P., & Saavedra, L. (2006). Acesso e sucesso no Ensino Superior em Portugal: questões de género, origem socio-cultural e percurso académico dos alunos. *Psicologia: Reflexão Crítica*, <http://hdl.handle.net/1822/12095>(Psicologia : Reflexão e Crítica". ISSN 0102-7972. 19:3 (2006) 507-514.), 507-514.
- Andrade, S. S. (07 de 2018). Mural sonoro. *Podcast Mural Sonoro*. Portugal. Obtido de Mural Sonoro: <https://www.muralsonoro.com/#mural-sonoro>
- Araujo, L. G. (novembro de 2010). Excelência em contextos de realização: Na busca da convergência de factores cognitivos, motivacionais e de personalidade. *Tese de Doutoramento em Psicologia*. Portugal: Universidade do Minho.
- Beauvoir, S. (1949). *O Segundo Sexo*. (E. N. S.A., Ed.) Rio de Janeiro, Brasil.
- Blickenstaff, J. C. (Outubro de 2005). Women and science careers: leaky pipeline or gender filter? *Gender and Education*, 17(Gender and Education), 369-386.
- Brereton, J. (2017). Gender balance in audio: how to fix it? *20th International Conference on Digital Audio Effects*. Reino Unido: DAFx17 Keynote.
- Brereton, J., Daffern, H., Young, K., & Lovedee-Turner, M. (2020). Addressing Gender Equality in Music production- Current Challenges, Opportunities for Change and Recommendations. Em R. Hepworth-Sawyer, J. Hodgson, L. King, & M. Marrington, *Gender in Music Production* (pp. 219-250). New York, USA: Routledge.
- Casaca, S. F., & Lopes, M. C. (2009). Gender Matters in Scientific and Technological Fields: Time as a Biased Resource. *SOCIUS Working Papers*, 06(Sociologia Económica e das Organizações).
- Casaca, S. F., & Lortie, J. (2017). *Handbook on Gender and Organizational Change*. (I. T. Organization, Ed.) Turin, Italy: International Training Centre of the International Labour Organization.
- Diekman, A. B., Steinberg, M., Brown, E. R., Belanger, A. L., & Clark, E. K. (2017). A Goal Congruity Model of Role Entry, Engagement, and Exit: Understanding Communal Goal Processes in STEM Gender Gaps. *Personality and Social Psychology Review*, 21(2)(Psicologia e Personalidade), 142-175.
- Faulkner, W. (2001). The technology question in feminism: A view from technology studies. *Women's Studies International Forum*, 24(Women's Studies), 79-95.
- Gaston-Bird, L. (2020). *Women in Audio*. Nova Iorque, Nova Iorque, Estados Unidos: Routledge.
- Liesl, K. (2020). Twists in the Tracks An Interview With Singer, Composer, and Sound Producer Aynee Osborn Joujon-Roche. Em R. Hepworth-Sawyer, J. Hodgson, L. King, & M. Marrington, *Gender in Music Production* (pp. 156-171). Nova Iorque, Nova Iorque, Estados Unidos : Routledge.

- Marstal, H. (2020). Slamming the Door to the Recording Studio – Or Leaving It Ajar? Em R. Hepworth-Sawyer, J. Hodgson, L. King, & M. Marrington, *Gender in Music Production* (pp. 127-144). Nova Iorque, Estados Unidos da América: Routledge.
- Pisfil, S. (2020). Interview With Betty Cantor-Jackson. Em R. Hepworth-Sawyer, J. Hodgson, L. King, & M. Marrington, *Gender in Music Production* (pp. 145-155). Nova Iorque, Estados Unidos : Routledge.
- Radio Canada . (1967). *Beauvoir on Feminism (1967)*. (P. Overdose, Produtor) Obtido em maio de 2021, de Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=Zz2ytcSVnIY>
- Regan, J. (2020). Three-Pronged Attack- The Pincer Movement of Gender Allies, Tempered Radicals and Pioneers. Em R. Hepworth-Sawyer, J. Hodgson, L. King, & M. Marrington, *Gender in Music Production* (pp. 187-198). New York and London: Routledge.
- Rodgers, T. (2010). *Pink Noises Women in Electronic Music and sound*. Estados Unidos da América: Duke University Press.
- Saavedra, L. (2009). Assimetrias de Género nas Escolhas Vocacionais. Em T. Pinto, C. Nogueira, I. Silva, L. Saavedra, M. Silva, P. Silva, . . . V. Prazeres, *Guião de Educação Género e Cidadania 3º Ciclo*. Lisboa, Portugal : Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género.
- Saavedra, L., Almeida, L. S., Gonçalves, A., & Soares, A. P. (2004). Pontos de Partida, Pontos de Chegada: Impacto de Variáveis Sócio Económicas No Ingresso ao Ensino Superior. *Sociedade e Cultura* 6, *Cadernos do Noroeste, Série Sociologia,, 22 (1-2)*(Sociedade e Cultura), 63-84.
- Saavedra, L., Araujo, A. M., Taveira, M., & Vieira, C. (13 de Maio de 2013). Dilemmas of girls and women in engineering: a study in Portugal. *Educational Review*, 330-344.
- Saavedra, L., Taveira, M., & Silva, A. (2010). A subrepresentatividade das mulheres em áreas tipicamente masculinas: Factores explicativos e pistas para a intervenção. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 11, 49-59.
- Silveirinha, M. J. (Primavera/Verão de 2011). Mulheres, Tecnologias e Comunicação: Para Além das Receitas. *Media & Jornalismo nº 18, 10*, 62-83.
- Teixeira, C., & Casaca, F. S. (27 de Maio de 2020). Assimetrias de género na(s) engenharia (s) em Portugal: Dinâmicas e desafios. *Faces de Eva*, 43(Estudos), 61-81. Obtido em fevereiro de 2021, de Scielo: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-68852020000100006
- Wajcman, J. (1991). *Feminism Confronts Technology*. Pennsylvania, Pennsylvania, United States: The Pennsylvania State University Press.
- Wang, M.-T., & Degol, J. (2013). Motivational pathways to STEM career choices: Using expectancy-value perspective to understand individual and gender differences in STEM fields. *HHS Public Access Author Manuscripts*(Developmental Review), 304-340.
- Witz, A. (1997). Women and Work . Em D. Richardson, V. Robinson, & V. R. Richardson (Ed.), *Introducing Women's Studies* (Vol. Seconde Edition, pp. 239-257). London: London Macmillan Education.

- Young, K. (25 de 11 de 2020). *Kat Young*. Obtido de wix:
<https://katyoungaudio.wixsite.com/home/post/upcoming-panel-discussion-unlocking-the-control-room-equity-achievements-in-audio>
- Young, K., & Brereton, J. (2018). Gender Equality and the Audio Industries. *Panel discussion for the AES UK launch of #HeForShe campaign alignment (video)*. UK.
- Young, K., Lovedee-Turner, M., & Brereton, J. (2018). The Impact of Gender on Conference Authorship in Audio Engineering : Analysis Using a New Data Collection Method. *IEEE Transactions on Education*, 61, 328-335.

Anexo I

Guião da Entrevista

**ESCOLA SUPERIOR DE MÚSICA E ARTES DO ESPETÁCULO
DEPARTAMENTO DE MÚSICA
MESTRADO EM ARTES E TECNOLOGIAS DO SOM**

DISSERTAÇÃO

A Mulher nas Tecnologias do Som: Estudo de caso a partir do contexto português.

SOCIODEMOGRAFIA

NOME:

IDADE:

ESTADO CIVIL:

FILHOS:

NATRURALIDADE:

RESIDÊNCIA:

PERCURSO PROFISSIONAL

1. Pode dizer-me o que faz e como define o que faz profissionalmente?
 - Quantos anos de experiência tem?
2. Foi a sua primeira escolha profissional?
3. Consegue identificar um momento que tenha sido decisivo para esta escolha profissional?
4. Quais foram as motivações maiores para a sua decisão em escolher o Som como área de estudo/profissional?
 - Em que idade é que isso aconteceu?

5. Qual foi o maior desafio que encontrou no âmbito da tua profissão?
6. O que é que a entusiasma mais e menos no seu trabalho? Porquê?
7. De que forma é que usa a Tecnologia no seu trabalho artístico/ profissional?
8. O que acha que é imprescindível para trabalhar na área do Som, para além do óbvio, que é gostar de Som?

PERCURSO ESCOLAR

9. Acha que a forma como foi educada influenciou de alguma forma as suas escolhas académicas e profissionais? Porquê?
10. O que é que os seus pais faziam profissionalmente?
 - Considera que o seu contexto geográfico e socioeconómico contribuiu para a escolha da sua profissão?
11. Existiu algum tipo de orientação profissional ou académica (família), na escolha do percurso que a trouxe a esta profissão?
12. Tem formação musical?
 - Considera essencial ter formação musical para perseguir uma carreira nas Tecnologias do Som?
13. Considera que estava bem informada na altura em que decidiu seguir estudos na área do Som (orientação escolar e outras)?
 - Se não, o que acha que terá faltado?
 - Se sim, o que acha que pode melhorar?

GÉNERO

14. O que é que para si significa ser uma mulher artista?
15. Teve muitas colegas ao longo do seu percurso académico e profissional nesta área?
 - Neste contexto, fale-nos da sua experiência. Considera que esse facto a influenciou de alguma forma, positiva ou negativamente?
16. No que diz respeito à representatividade feminina na sua área qual é a sua opinião? É uma área onde considera que há um equilíbrio de números?
 - Porquê?
17. Acha que ser mulher pode acrescentar alguma coisa de diferente à sua área profissional?

- O quê?
18. Já alguma vez sentiu algum tipo de tratamento diferenciado por parte de colegas, clientes, instituições ou organizações?
- Acredita que aconteceram por ser mulher?
 - Como reagiu?
19. Na sua experiência no contexto internacional, nota diferença? *
- Quais, consegue enumerar algumas?
20. Os desafios a nível físico que poderão surgir nestas áreas mais técnicas, alguma vez se constituíram como um obstáculo?
21. Como supera este tipo de desafios no seu dia a dia? *
- Acha que esta pode ser uma questão impeditiva para futuras profissionais do género feminino? *
22. Considera que os seus pares a respeitam e valorizam como profissional?
23. Os recentes debates sobre a igualdade de género são importantes para estas profissões?
- Porquê?
24. Há mesmo profissões femininas e profissões masculinas na sua opinião?
- Porquê?
25. Como encara a cena atual e a relação da mulher com a Música / o Som e o uso da Tecnologia, por exemplo?
26. Considera ou não importante que se fale de representatividade de género em qualquer profissão?
- E nas Tecnologias do Som?
27. Como programadora/artista/investigadora/compositora /profissional, tem-se dado conta da existência de cotas por género no âmbito da participação em eventos, bienais, feiras, simpósios, seminários, painéis de discussão, concursos, ações de formação, etc.?
28. Qual é a sua opinião sobre a existência de cotas de representatividade nos mais variados quadrantes da sociedade?
- Poderão ou não vir a constituir-se como uma possível solução para a igualdade social e de género?
29. A Indústria da Música está a mudar e as novas tecnologias fazem com que estas mudanças sejam mais notáveis. Acha que estas contribuem para um maior acesso a este tipo de profissões (CET- Cursos de especialização Tecnológica) para as mulheres?
30. Na sua opinião, quais são os maiores desafios que as mulheres encaram na Indústria Musical e nas Tecnologias relacionadas com o Som dos dias de hoje?

- Estes desafios podem incluir de alguma forma preconceito de género?
- 31. Acha que o seu contexto geográfico é de alguma forma preponderante na perseguição de sucesso profissional nestas áreas?
 - Porquê?
- 32. Já experienciou alguma reação diferente e de papel de género, quando algum desconhecido percebe qual é a sua profissão?
 - Qual foi?
- 33. O que diria às mulheres que pretendem a seguir Tecnologias do Som?
- 34. Incitaria uma filha a seguir esta área?
 - Porquê?
- 35. Considera que é uma área financeiramente rentável e, portanto, atrativa para a construção de carreira, apesar de muito do trabalho ser independente?
- 36. Nota alguma mudança de mentalidades nesta indústria no que diz respeito às questões de representatividade e de igualdade de género?
- 37. Qual o caminho para uma mudança de paradigma nas questões de representatividade e igualdade?
 - Como atrair mais mulheres para estas áreas?
- 38. O que é que se imagina a fazer no futuro?
- 39. Há alguma pergunta que gostaria que lhe tivesse feito?

*Perguntas individuais

Anexo II

Transcrição das Entrevistas

Adriana Sá

SOCIODEMOGRAFIA

NOME: Adriana Sá

IDADE:48

ESTADO CIVIL: Casada

FILHOS: 0

NATURALIDADE: Portuguesa

RESIDÊNCIA: Vimeiro e Lisboa

PERCURSO PROFISSIONAL

Sandra Pereira: Podes dizer-me o que fazes e como defines o que fazes profissionalmente?

Adriana Sá: Não considero o fazer criativo uma profissão, mas essa foi a minha primeira atividade, que foi a atividade à qual eu me dediquei a tempo inteiro a seguir à Licenciatura. Mais tarde, comecei a dar aulas, um ano e meio depois interrompi para tirar o doutoramento e voltei a dar aulas. Naturalmente que continuo a desenvolver o meu trabalho criativo que talvez não seja muito fácil de definir, só por não ser muito catalogável. É o contrário de especializado, sou artista transdisciplinar, *performer*, compositora, música. Sou música, mas considero que a Música envolve também a visão e espaço físico para além do Som, e crio os meus próprios sistemas e instrumentos, portanto há ali um momento também de Engenharia envolvido.

Sandra Pereira: A Licenciatura foi em que área?

Adriana Sá: Foi Belas Artes.

Sandra Pereira: Quantos anos de experiência na transdisciplinaridade?

Adriana Sá: 48.

Sandra Pereira: O curso de Belas Artes foi a primeira escolha profissional?

Adriana Sá: Foi, quer dizer... é assim, eu cresci na Alemanha Democrática e durante a Infância toquei piano, Música Clássica, aliás profissionalizei-me como música clássica. Quando vim para Portugal, não fui para o Conservatório, aproveitei para deixar aquela rotina, aquela disciplina que é muito cansativa e entrei na António Arroio e no *Atelier Livre* que, para quem não sabe, o *Atelier Livre* foi um grupo artístico liderado pelo Pedro Morais, artista e mestre de Zen, com pessoas de diversas idades. Tínhamos um espaço, um *atelier* próprio na António Arroio, e se há algo que todos interiorizámos é que independentemente do meio utilizado, o importante era encontrarmos o nosso modo de fazer por fazer e o nosso modo de nos posicionarmos na posição do público, de premiarmos uma realidade e voltarmos a devolvê-la. Curiosamente comecei com pintura, pinturas com dimensões cada vez maiores, pintura/instalação, portanto já num espaço, depois instalação com som e *performance* e de repente apercebi-me de que estava a fazer música, ou seja, relativamente ao meu trabalho criativo, nunca senti que houvesse realmente uma mudança radical. Sinto que houve sempre ali uma linha, um fio condutor.

Sandra Pereira: Consegues identificar um momento que tenha sido decisivo para esta escolha profissional?

Adriana Sá: Lá está, vou continuar a falar do meu trabalho criativo e depois mais tarde poderei falar do trabalho pedagógico. Sim, eu nunca quis ser outra coisa que não artista enquanto criança, adolescente e na Licenciatura. Eu lembro-me de estar a acabar a licenciatura e sentir-me muito claramente numa bifurcação, numa encruzilhada. Tive a certeza absoluta que tinha que arriscar viver do meu trabalho artístico porque se começasse imediatamente a dar aulas, nunca viveria apenas do trabalho artístico, não é! Isto foi em 1995, 1996, e nessa altura havia apoios financeiros para os artistas diretamente e eu tive imensos apoios durante imenso tempo.

Sandra Pereira: Quais foram as motivações maiores para o Som, já disseste que querias ser artista desde pequena, mas para escolher o Som como área de estudo, ou de profissão, ou artística?

Adriana Sá: Eu como disse, a mim interessa-me o Som em conexão com outras coisas. Posso dar um exemplo muito concreto. Desenvolvi aquilo que chamei um instrumento de luz sonora nos anos noventa, início deste século também, que inclui sensores de luz e em que os sensores de luz estão mapeados e são configurados via *software* para criarem composições sonoras e, portanto, aí interessava-me a poesia da luz a compor musicalmente. Isso é um exemplo, outro exemplo é que desenvolvi aquilo a que chamei um

instrumento sem corpo, completamente analógico. Consiste de uma série de arames esticados no espaço e presos à parede e conjuguei um instrumento com o outro. Sempre me interessou esta coisa de estar dentro do instrumento, esta questão de escala. Mais uma vez, sim, desenvolvi desde muito cedo uma sensibilidade musical, mas como disse suspendi-a, só que naturalmente, há memórias que ficam no corpo para sempre.

Sandra Pereira: Esse muito cedo foi com que idade?

Adriana Sá: Eu comecei a tocar piano, mas assim tipo quatro horas por dia, aos 4 anos de idade.

Sandra Pereira: Qual foi o maior desafio que encontraste no âmbito da tua profissão, ou das tuas profissões?

Adriana Sá: Mais uma vez vou voltar a falar do aspeto criativo. Por um lado, é fundamental esta questão do fazer por fazer, esta liberdade, esta insubordinação criativa, seja o que for. Por outro lado, uma pessoa também precisa de viver e, às tantas, depois de quinze anos de estar a viver dos meus projetos artísticos, o paradigma cultural também mudou, começaram a ser mais apoiadas as infraestruturas, começaram a ser necessários formulários, e concursos e aquelas coisas todas, e eu senti que às tantas me tinha armadilhado a mim própria criativamente e, por isso, também comecei a dar aulas em paralelo para manter essa liberdade criativa em que me sejam indiferentes as novas regras de apoio, ou seja o que for.

Sandra Pereira: O que é que te entusiasma mais, e o que é que te entusiasma menos no teu trabalho, e porquê?

Adriana Sá: No trabalho artístico o que me entusiasma mais é tudo. É o criar a novidade, é o transitar entre ferramentas, entre meios. Atualmente ando a fazer *land art*. Antes disso andava a desenvolver instrumentos, os instrumentos foram variando. Entusiasma-me o próprio ato de criar, o fazer por fazer, sem outra intenção que não o fazer. Às vezes entusiasma-me menos os aspetos sociais. A necessidade de autopromoção, que eu não sigo.

Sandra Pereira: Mas já seguiste, ou já tiveste de seguir?

Adriana Sá: Quando me saiu naturalmente. Eu fi-lo enquanto não fiz qualquer esforço para isso. Quando a coisa acontecia naturalmente. Também passei muitos anos sempre a viver de um lado para o outro, sem ser em Lisboa. A maior parte da minha formação e do meu crescimento criativo não foi feito em Portugal, embora vá estar sempre aqui.

Sandra Pereira: De que forma é que usas a Tecnologia no teu trabalho artístico e profissional? Já falaste de algumas, mas queria um bocadinho mais.

Adriana Sá: Lá está, para além de desenvolver e criar os meus próprios instrumentos, depois disso também desenvolvi um instrumento audiovisual que envolve uma *zitter* que é um instrumento de cordas e um *software* 3D que desenvolvi em conjunto com o meu marido. Esse instrumento, curiosamente, originou uma discussão aguerrida entre mim e o meu marido, que me motivou a tirar um PhD em *Arts and Computing* para resolver o problema e, para além disso, naturalmente, edito som. Sempre editei as minhas peças sonoras e também tenho este trio com o John Klima e o Tó Trips, *Teinspein*, fui eu que também fiz a mistura e etc., portanto, há esses aspetos todos tecnológicos. Agora, há outra coisa que eu gostaria de dizer que é o facto de no meu trabalho artístico a Tecnologia, que é um termo muito lato, mas que estamos a falar de uma Tecnologia digital e eletrónica. É algo com o qual eu procuro trabalhar, dar uma expressividade plástica também, em vez de a esconder, seja os cabos, seja o computador, seja o *set up*. Procuro sempre trabalhar a coisa pictoricamente também.

Sandra Pereira: O que é imprescindível para trabalhar na área do Som para além de gostar?

Adriana Sá: Para além de gostar de Som? Talvez compreender que a perceção é um processo de síntese multissensorial, portanto a audição não funciona sozinha.

PERCURSO ESCOLAR

Sandra Pereira: Acha que a forma como foi educada influenciou de alguma maneira as suas escolhas académicas e profissionais, porquê?

Adriana Sá: Com certeza. Lá está, porque eu andei na escola primária na Alemanha Democrática e na Alemanha Democrática nós íamos duas vezes por semana à opera, ao teatro, cantávamos. Para além disso, tocava piano. Isto foi a primeira fase de educação enquanto criança. Depois, chegada a Portugal, depois de tirar o Ciclo Preparatório e os primeiros anos da Escola Secundária, fui imediatamente para a António Arroio assim que pude e o *Atelier* Livre foi algo fundamental na minha educação. Quando cheguei às Belas Artes, à Universidade já tinha convicções muito fortes sobre o que era criar. Não me senti dependente de maneira nenhuma daquilo que estava a aprender ou a fazer nas Belas Artes para desenvolver o meu trabalho.

Sandra Pereira: O que é que os teus pais faziam profissionalmente?

Adriana Sá: O meu pai foi um dirigente político, Luís Sá. Também era deputado no Parlamento Europeu e no português, além disso também era um estudioso e professor universitário. A minha mãe era professora do Ensino Secundário.

Sandra Pereira: Consideras que o teu contexto geográfico e socioeconómico contribuiu para a escolha do teu percurso?

Adriana Sá: Não tenho termo de comparação porque esta é a minha realidade, no entanto, claro, penso que sim.

Sandra Pereira: A nível de orientação profissional por parte da família, ou da Academia até, na escolha do percurso, existiu?

Adriana Sá: Muito sinceramente, a minha família sempre me disse... “Tu tens essas capacidades todas, devias ir para Matemática, para Engenharia...”, mas nunca me incentivaram propriamente. Pronto, por uma questão de preocupação económica, naturalmente, nunca me incentivaram a entrar na aventura da vida de artista. Mas, por outro lado, a partir do momento em que tomei essa opção sempre tive apoio emocional.

Sandra Pereira: Tens formação musical?

Adriana Sá: Sim.

Sandra Pereira: Mas, consideras essencial ter formação musical para seguir carreira nas Tecnologias do Som?

Adriana Sá: Se Música for encarada como construção sonora, construção do tempo experienciado, penso que não é necessário ter formação. Penso que, sem dúvida, é necessário desenvolver trabalho, acumular experiência e diversificar a experiência ligada ao Som. Por outro lado, se assumirmos Música como organização sonora, construção do tempo experienciado, naturalmente que não é necessário saber ler notas, ou seja o que for.

Sandra Pereira: Consideras que estavas bem informada na altura em que decidiste seguir os estudos nas áreas mais tecnológicas do Som? Orientação escolar, da família, da sociedade, dos pais?

Adriana Sá: Não vou dizer que sim não. Vou explicar e tu vais dizer-me se isso é estar bem informada ou não. Eu sentia-me, de alguma maneira, isolada na minha sensibilidade quando acabei as Belas Artes. Trabalhei no *Festival Atlântico*, organizado pela ZBD, e conheci os *Sensorband*, um trio que utilizava

instrumentos muito *sui generis*. Foi a primeira vez que tive contato com isso. O Atau produzia e produz, faz Música com as suas sinapses nervosas. O Edwin Van der Heide, que no contexto dessa banda fazia sons com ultrassons, e o Zbigniew Karkowski com infravermelhos. Produziam uma paisagem sonora densíssima, não era bem *drones*, mas era um acontecimento sonoro extremamente imersivo, ao mesmo tempo que, ofereciam ao público toda aquela poesia da ligação entre a sonificação daquilo que existe à nossa volta e que o ser humano não percebe. Eu tornei-me grande amiga deles imediatamente, e sobretudo do Atau. Aliás o Atau, mais tarde, foi o meu orientador de PhD. Tornei-me super amiga deles e entusiasmei-me tanto que no ano a seguir estava no STEIM, em Amesterdão, a desenvolver o meu próprio instrumento de luz sonora com apoio do STEIM e também com o apoio do *Metronome Eletronic Art Studios* em Espanha, isto para dizer que os meus instrumentos, ou os meus conhecimentos não me foram dados de bandeja, ou seja, não apareceram devido a programas curriculares, não apareceram devido a vizinhos em Lisboa, eu fui à procura deles, e penso que normalmente é assim que acontece.

Sandra Pereira: Eu tenho aqui umas perguntas de *follow up*: Se achas que estavas bem informada o que é que pode melhorar, no sentido de orientação curricular ou da sua existência, e se não estava o que é que terá faltado. Consegues elaborar?

Adriana Sá: Agora vou falar como professora está bem? Eu penso que o mais importante é incentivar e ajudar os jovens adultos a desenvolver autonomia e segurança no provisório. E muito sinceramente, e pareço uma velhota a dizer isto, mas parece-me que as pessoas estão a amadurecer um pouco mais tarde do que anteriormente. Parece-me que ficam muito confusas, quando dizemos... “Tu é que escolhes os teus próprios meios, tu é que desenvolves o teu projeto, tu é que desenvolves as tuas ideias”. Quase que se sentem agredidos, muitas vezes, pelo professor. Eu penso que esse incentivo ao trabalho autónomo, ao desenvolvimento de ideias próprias, às escolhas, às decisões, devia começar e ser incentivado mais cedo, e eu acho que é o contrário que tem acontecido, cada vez mais tarde.

GÉNERO

Sandra Pereira: O que é que para ti significa ser mulher artista?

Adriana Sá: Não sei muito bem porque cada caso é um caso. Não penso que haja propriamente uma tipologia. Há muitos tipos de Arte, há muitas sensibilidades diferentes, há muitas vidas diferentes.

Sandra Pereira: Tiveste muitas colegas ao longo deste percurso, do percurso académico e do percurso profissional nesta área?

Adriana Sá: A nível artístico tive várias, sempre muito mais homens do que mulheres, mas sinceramente nem me apercebia disso na altura. Academicamente, depende dos cursos, no curso e Mestrado de Ciências e Tecnologias do Som, na Lusófona não há outras mulheres. Nos cursos em que leciono na ESAD, são vários, Artes Plásticas, Som e Imagem, Design Gráfico e Multimédia, há mais mulheres, mas lá está não é Ciência e Tecnologia do Som.

Sandra Pereira: Já me respondeste, mas achas que o fato de teres encontrado poucas mulheres te influenciou de alguma forma, positiva ou negativa, no próprio trabalho?

Adriana Sá: Não. Curiosamente, lembro-me uma vez, acho que isto foi em cerca de 1999, fizeram-me uma entrevista para um livro. O Rui Duarte Pais fez-me uma entrevista para o livro dele, o *Phonomacom*. E uma das perguntas era precisamente essa... “Sendo uma mulher num meio maioritariamente populado por homens, como é que te sentes?” Eu fiquei... quanto muito, poderá haver discriminação positiva.

Sandra Pereira: Então no que diz respeito à representatividade feminina nesta área qual é a tua opinião? Há um equilíbrio de números?

Adriana Sá: Não.

Sandra Pereira: Porquê?

Adriana Sá: Não faço ideia.

Sandra Pereira: Mas achas que ser mulher pode acrescentar alguma coisa de diferente a esta área profissional?

Adriana Sá: Diversidade acrescenta sempre. E até posso ser um bocadinho mais concreta. Não tenho a certeza se estou certa, mas posso revelar uma intuição que eu tenho. Nomeadamente no campo, não tanto artístico, mas da Engenharia do Som e na abordagem à Tecnologia, nas opções, estabelecem-se muitas vezes, *modus operandi*, quase convenções, modos de encarar o Som que estão pura e simplesmente ligados ao aspeto físico e que muitas vezes deixam para segundo plano a percepção, e aqui não estou só a falar da Psicoacústica, mas da percepção de modo geral. Às vezes ocorre-me que isso é algo que tem a ver com aquele perfil clássico ligado às Engenharias e às Tecnologias e que, talvez se houvesse mais mulheres nesta área, talvez houvesse uma maior diversidade de práticas.

Sandra Pereira: Já alguma vez sentiste algum tipo de tratamento diferenciado por parte de colegas, clientes instituições, organizações, festivais?

Adriana Sá: Estou-me a lembrar recentemente, há uma conferência ou festival, já nem me lembro, ligada à Amazon, e centra-se em Música Ubíqua, é assim que eles definem, e contactaram-me porque queriam que eu fizesse parte... “A mim?” Pronto, é algo que eu não faço, não é, nem nunca fiz! “Mas porque é que me contactaram?” “Porque não há muitas pessoas em Portugal que tenham desenvolvido trabalho ligado às Tecnologias e sobretudo não há mulheres”. Isso é um tratamento diferenciado. Agora, negativamente... Não sei se isso aconteceu alguma vez, não terá sido pelo facto de ser mulher.

Sandra Pereira: No contexto internacional notas alguma diferença nesta forma de tratamento? Achas que o panorama é igual ao de Portugal, sobre a representatividade?

Adriana Sá: A nível de números é semelhamtíssimo, sim, sem dúvida!

Sandra Pereira: Só nos números?

Adriana Sá: Há algo interessante que se passa em Portugal, que é o facto de vivermos... assim na cauda da Europa, não é! Há esta espécie de... ou havia esta espécie de complexo cultural relativamente ao resto do mundo, mas na verdade aquilo que eu sempre senti, e isso é muito interessante, é que esse semi afastamento, simultaneamente, permitiu o desenvolvimento de personalidades criativas e sensibilidades criativas muito próprias e muito únicas, isto quer no campo masculino, quer no campo feminino.

Sandra Pereira: Os desafios a nível físico que poderão surgir nestas áreas mais técnicas constituíram-se alguma vez como um obstáculo para ti?

Adriana Sá: Desafios a nível físico. Bem, eu quando comecei a viver o meu trabalho artístico andava sempre de um lado para o outro com malas, na altura podia-se viajar com malas de trinta e tal quilos, trinta e seis quilos, portanto..., mas ótimo! Dá para desenvolver os músculos. Por outro lado, isso são opções minhas, as minhas instalações sonoras, por exemplo, envolviam, nessa altura, a suspensão de cabos, desenhos de cabos, suspensão dos tetos. Isso implica subir ao escadote, fazer furos, etc. Eu não sou aquele tipo de mulher que é super jeitosa a nível de Engenharia e a nível de trabalhos manuais. Eu até costumo chamar àquilo que faço de *tape technology*, ou Tecnologia fita cola, precisamente porque a minha maneira de dar a volta a esses desafios é fazer disto uma escultura, um desenho volumétrico.

Sandra Pereira: Achas que esta pode ser uma questão impeditiva, a questão física e do trabalho físico, para futuras mulheres profissionais?

Adriana Sá: Depende de que profissão é que estamos a falar. Naturalmente que no caso de uma técnica de som, por vezes há pesos muito grandes, não é. Agora, se é impeditivo... não necessariamente. No meu caso, ou seja, no caso de uma artista não é impeditivo de maneira nenhuma porque uma pessoa faz o que quer.

Sandra Pereira: Consideras que os teus pares te respeitam e valorizam como profissional?

Adriana Sá: Penso que sim, ou seja, há muitas direções não é, e muitas dimensões, mas sim.

Sandra Pereira: Os recentes debates sobre igualdade de género são importantes para estas profissões, porquê?

Adriana Sá: Possivelmente, para motivar mais mulheres a seguirem essas profissões, agora também não me parece que se trate de uma profissão de fé, ou de uma necessidade por si só, as pessoas têm o direito de escolher aquilo que querem.

Sandra Pereira: É há mesmo profissões femininas e profissões masculinas na tua opinião, porquê?

Adriana Sá: Por exemplo, construção civil, normalmente é uma profissão masculina, mas eu tenho andado a carregar pedras, portanto, não sei... Também há pessoas que fazem limpezas em casa e muitas vezes por algum motivo são mulheres, não sei muito bem porquê. Mas sim, há toda uma tradição cultural que faz com que algumas profissões sejam, sem dúvida, predominantemente masculinas e outras, sem dúvida, predominantemente femininas. História Cultural e História Social, não é. De uma maneira ou de outra, tendemos sempre a reproduzir aquilo que herdámos dos nossos pais, dos nossos avós. A sociedade é algo que muda muito lentamente em relação a alguns aspetos.

Sandra Pereira: Como encaras a cena atual e a relação da mulher com a Música o Som e o uso da Tecnologia? Atualmente, existe uma maior relação entre as mulheres e o uso da Tecnologia, a Música e o Som?

Adriana Sá: Penso que é maior do que era há vinte anos atrás, concerteza, mas para os homens também, porque há mais Tecnologia, não é!

Sandra Pereira: E achas que é importante que se fale da representatividade de género em qualquer quadrante e em qualquer profissão?

Adriana Sá: Penso que o fato de se falar mostra que é importante.

Sandra Pereira: E nas Tecnologias do Som?

Adriana Sá: Sim, penso que já falámos um pouco sobre isso... Com certeza, eu penso que é muito importante complementar as perspetivas científicas do Som ligadas, por exemplo, à Acústica, à Engenharia etc., com perspetivas mais ligadas às Artes Sónicas.

Sandra Pereira: Como artista transdisciplinar, tens-te dado conta, em algum momento, da existência de cotas por género, por exemplo, no âmbito da participação em eventos, mesas de debate, bienais, simpósios, seminários, painéis, festivais, etc.?

Adriana Sá: Na verdade, não. Penso que quando há discriminação positiva, penso que ela acontece de um modo subliminar, não tenho conhecimento de qualquer tipo de iniciativa formal para garantir essa representatividade.

Sandra Pereira: Mas já agora, qual é tua opinião sobre a existência de cotas de representatividade nos quadrantes mais variados da sociedade?

Adriana Sá: Em determinados quadrantes penso que será, não só legítima, como possivelmente, desejável. Estou-me a referir, por exemplo a quadros de empresas, a cargos dirigentes, nas mais variadas profissões, etc. Agora, no que diz respeito a festivais ou espetáculos propriamente ditos isso já.... Aí já me parece um pouco quase perverso, que haja cotas, não é! Porque muito sinceramente, eu enquanto mulher, eu quero saber que sou convidada como pessoa e como artista e não pelo facto de ser mulher, isso é muito importante.

Sandra Pereira: Poderão, estas questões das cotas, a existência de cotas ou não, vir a constituir-se como uma possível solução para a igualdade social e para a igualdade de género?

Adriana Sá: Uma solução não diria porque se fosse a solução já não seriam precisas cotas, mas talvez um meio.

Sandra Pereira: A Indústria da Música está a mudar e as novas tecnologias fazem com que estas mudanças sejam mais notáveis. Achas que as novas tecnologias contribuem para um maior acesso a este tipo de profissões ou cursos de especialização tecnológica para as mulheres?

Adriana Sá: Tanto para as mulheres como para os homens. Há *softwares* de edição de Som de nível profissional que se podem adquirir por um preço módico, alguns são gratuitos também, e isso permite o

desenvolvimento de trabalho autónomo *à priori* que, naturalmente, pode ser importante para que a pessoa desenvolva o gosto pelo trabalho com Som, não é!

Sandra Pereira: Na tua opinião quais são os maiores desafios que as mulheres encaram na Indústria Musical e nas Tecnologias relacionadas com o assunto nos dias de hoje?

Adriana Sá: Maiores desafios... Não sei se são desafios, eu só posso ter uma opinião, não uma opinião sobre todos, porque acho que as pessoas querem coisas diferentes e procuram caminhos diferentes. Mas, algo que eu observo muitas vezes é que nas áreas da Música, especificamente bandas etc., muitas vezes as mulheres são as vocalistas, *cutty pies*, enquanto os homens estão nos acompanhamentos ou nos instrumentos. Esta própria classificação do acompanhamento e da vocalista é algo que não me interessa de maneira nenhuma. Voltando à questão do desafio, para mim é um desafio procurar abordagens diferentes.

Sandra Pereira: Entre esses desafios achas que estes podem incluir preconceito de género?

Adriana Sá: Não sei se é preconceito de género, necessariamente, mas eu devo dizer uma coisa muito curiosa. Ao longo destes anos todos, dos anos todos em que vivi exclusivamente do meu trabalho artístico, vinha para Portugal, convidava artistas estrangeiros e artistas portugueses para colaborar e fiz isso durante muitos anos e curiosamente não era convidada para os projetos deles. Perguntei-me várias vezes porquê, e às vezes ocorre-me que isso tivesse a ver com o facto de eu ser bastante voluntariosa. Não é que eu dissesse às pessoas o que fazer, pelo contrário, a mim interessa-me a colaboração criativa precisamente pelo confronto de diversas perspetivas e pela exploração da tensão entre as diferenças com o material criativo, mas, ao mesmo tempo... Não era a *boss*, mas era quem pagava e quem dirigia de uma maneira ou de outra. Várias vezes me perguntei porque é que... Porque é que isto não acontecia nos dois sentidos, ou raramente acontecia e não sei, sinceramente.

Sandra Pereira: Achas que o seu contexto geográfico é de alguma forma preponderante na persecução do sucesso profissional nestas áreas? Podes incluir este espaço e Lisboa.

Adriana Sá: Se o contexto onde estou a viver é importante? Neste momento estamos no Vimeiro, no campo e sem dúvida que, para mim, é super importante acordar e ouvir os passarinhos, isso permiti-me viver o dia a dia com a escuta aberta, algo que eu em Lisboa já não podia. Vivia na Bica, havia um ruído constante, de festa, de turistas, etc. Sim, é importante por causa da escuta aberta. Será importante também estar em Lisboa porque temos o nosso estúdio de Som. Porque uma das instituições em que leciono é lá. É importante, sem dúvida! Eu aqui estou no fim do mundo.

Sandra Pereira: Já experienciaste alguma reação diferente, de papel de género, quando algum desconhecido percebe qual é a tua profissão e no caso de teres experienciado, qual foi?

Adriana Sá: Talvez tenha acontecido tantas vezes que já não me consigo lembrar, talvez já seja uma rotina.

Sandra Pereira: O que dirias às mulheres que pretendem seguir as Tecnologias do Som?

Adriana Sá: Sigam.

Sandra Pereira: Incitarias uma filha a seguir esta área?

Adriana Sá: Se o desejasse tal como eu desejei, sem dúvida, mas também a alertaria para esta dualidade entre a independência criativa e a independência financeira. Portanto, não é algo fácil. Faria questão de a preparar para os problemas e desafios que iria enfrentar.

Sandra Pereira: Portanto, consideras que é uma área financeiramente rentável e, portanto, atrativa para a construção de carreira, apesar de muito do trabalho ser independente?

Adriana Sá: Depende. Penso que esse não será o móbil para alguém que quer desenvolver trabalho artístico não é, se eu quisesse ser rica ia para outra área.

Adriana Sá: A nível de mentalidades notas alguma mudança nesta indústria no que diz respeito às questões da representatividade e igualdade de género?

Adriana Sá: Relativamente há vinte ou vinte e cinco anos para cá, a nível de paradigma de financiamento estatal, com certeza, há uma enorme mudança. Lembro-me, por exemplo, em determinado ano em que o concurso de apoios a projetos pontuais na DGARTS tinha dois critérios, um deles era descentralização, o outro era precisamente a igualdade de género. De resto, não sei bem responder a isso, porque o mundo muda, mas eu também mudo, portanto não sei, não sei avaliar.

Sandra Pereira: Na tua opinião, qual é o caminho para uma mudança de paradigma nas questões de igualdade e de representatividade?

Adriana Sá: Eu tenho algumas dúvidas sobre o facto dessa igualdade de género e representatividade da mulher poder ser algo que possa ser imposto à sociedade. Penso que muitas vezes pode eventualmente partir da própria mulher o facto de não se sentir atraída pelos comportamentos associados a determinadas profissões etc., e quando é esse o caso penso que as pessoas têm todo o direito de o fazer, portanto penso

que é uma pergunta...penso que é uma...com dois lados. Por um lado, sim será interessante incentivar a mulher a desenvolver gostos e aptidões para trabalhar noutras áreas, por outro lado, porquê, se ela não o deseja à partida, não é? Portanto, penso que essa questão se põe, se e quando há mulheres que querem seguir estas áreas e não o seguem porque sentem impeditivos sociais. Eu não conheço nenhuma mulher assim.

Sandra Pereira: Como atrair mais mulheres para estas áreas?

Adriana Sá: Acho que parte delas, realmente, não sei se somos nós nestas áreas, não sei se é a nós que nos cabe atrair as mulheres para estas áreas.

Sandra Pereira: O que é que te imaginas a fazer no futuro?

Adriana Sá: Na verdade não imagino grande coisa, vou vivendo o dia a dia. Isto é uma coisa nova, este espaço que adquirimos aqui em Toledo e estamos a fazer crescer um ambiente, fazer crescer uma casa e isso está-nos a dar um gozo imenso e é muito interessante porque de alguma maneira estou a voltar à instalação e às Artes Plásticas que tinha deixado de lado ao longo do meu percurso. É muito curioso isto de constatar que a vida não é um ciclo, mas é uma espiral. E, interessa-me imenso esta ligação com a natureza. No entanto, naturalmente, estamos a viver numa situação atípica, não é. É possível eu estar aqui neste momento porque há um estado de emergência, confinamento, etc. A partir do momento em que me voltar a deslocar para as instituições onde leciono, a partir do momento em que o John voltar a fazer gravações de estúdio a vida já se vai alterar.

Sandra Pereira: Por último, alguma pergunta que gostarias que eu te tivesse feito?

Adriana Sá: Foste bastante exaustiva. Teria sido interessante falar sobre o desafio de tirar um Doutoramento numa área ligada às Artes. Estamos a falar de pontes entre Arte e Ciência e teria sido também interessante falar de como foi importante para mim entrar no mundo académico muitos anos depois de já ter desenvolvido uma atividade criativa. Gostaria de facto de acrescentar que eu penso ser extremamente benéfico uma pessoa chegar à investigação científica com uma formação de base criativa já bem desenvolvida, porque aí as perguntas surgem, emergem da própria prática e experiência criativa em vez de emergirem dos livros ou apenas daquilo que se aprendeu nas aulas. Especificamente, há pouco mencionei como o facto de eu e o John, o meu marido, discordarmos, e de como isso foi uma motivação para eu fazer um Doutoramento. Não disse em relação a que é que discordámos. Ele é programador de jogos e ele fez, um pouco na brincadeira, uma espécie de um jogo musical que consistia basicamente num *software* que processa Som e Imagem com base num *input* acústico e enquanto programador de jogos ele assumiu critérios que estão embebidos na própria plataforma de Tecnologias de jogos 3D. Critérios quanto

à ação, interação, nomeadamente a clareza da relação de causa efeito, o imediatismo, a ideia de jogo, etc. E eu enquanto música e alguém que tinha desenvolvido outro tipo de instrumentos, com outro tipo de sensibilidade totalmente diferente questioneei esses princípios. Discutimos imenso sobre isso e ao longo do PhD desenvolvi diversas versões, novas versões desse instrumento. Tornou-se uma coisa extremamente pessoal e um dos aspetos fundamentais para mim, nessa questão do instrumento audiovisual, da relação entre o Som e Imagem é o fato de... Eu intuía já.... Sentia, isto antes do PhD, que a imagem muitas vezes cancelava ou distraía a atenção da relação entre os próprios sons. Aliás, na tradição musical, na Música Acústica há muito essa discussão, não é. Curiosamente, em *Visual Music* também há a discussão oposta. Esta preocupação motivou-me, apesar de a minha investigação ser em *Arts and Computing*, a minha área de Doutoramento, motivou-me a investigar imenso sobre Neurociência e Psicologia Experimental, e a utilizar e a fazer estudos em que estava a empregar métodos da Psicologia Experimental. Portanto, mais uma vez desenvolvi, e isto foi um grande desafio, desenvolvi uma investigação transdisciplinar e aquilo que foi particularmente importante e interessante para mim, foi...as minhas questões de investigação científica partiram da minha atividade criativa. Depois ao ter clarificado essas intuições isso reverteu para a minha atividade criativa, mas não de uma maneira pura e simplesmente ilustrativa. Não me interessava estar... “Ok agora já sei que é assim..., portanto vou aplicar estes princípios criativos para o Som, para a Imagem”. Numa segunda versão do instrumento isso aconteceu, mas rapidamente encontrei maneira de explorar zonas cinzentas, ou seja, expor zonas, expor os limites da própria Ciência. E esse é o meu gozo criativo.

Sandra Pereira: Achas que a maternidade pode ser um obstáculo para a persecução destas áreas tecnológicas do Som?

Adriana Sá: Eu não sou mãe. Eu conheço mulheres que são extremamente ativas sendo mães também, mas calcularia, e talvez seja dos motivos pelos quais eu nunca quis ser mãe. Sempre senti que quando resolvemos ser mães, a nossa primeira responsabilidade é essa criatura que está a crescer. Perdemos de alguma maneira a liberdade de opção. Claro que isto é o meu receio, mas eu nunca tive desejo de ser mãe, não é. Quem tem desejo de ser mãe sentirá de outra maneira.

Transcrição da Entrevista

Inês Lamares

SOCIODEMOGRAFIA

NOME: Inês Lamares

IDADE:42

ESTADO CIVIL: Solteira

FILHOS: 0

NATURALIDADE: Porto

RESIDÊNCIA: Porto

PERCURSO PROFISSIONAL

Sandra Pereira: Podes dizer-me o que é que fazes e como é que defines o que fazes profissionalmente?

Inês Lamares: Eu sou técnica de som, maioritariamente ao vivo, em concertos. Eu fui fazendo também outras coisas, mas aquilo que fiz sempre desde que acabei o curso até há um ano atrás, quando começou isto, foi ser técnica de som ao vivo a maior parte do tempo, foi isso que me sustentou sempre. Em geral, para bandas, ando com as bandas em *tour*, ou o que seja.

Sandra Pereira: Quantos anos de experiência?

Inês Lamares: Mais a sério a partir de final do ano 2000 comecei a trabalhar assim de forma mais regular, portanto, vinte e um anos. Trabalhei na *Expo 98*, mas foi como estágio, pela ESMAE.

Sandra Pereira: Foi a primeira escolha profissional?

Inês Lamares: Foi.

Sandra Pereira: Consegues identificar um momento que tenha sido decisivo para esta escolha profissional?

Inês Lamares: Sim, por acaso consigo. Eu nem tinha muito bem a noção de que esta profissão existia até no 10º ano, em conversa com uma amiga, ela me ter dito que queria ser técnica de som. Curiosamente ela não é e eu sou, mas foi ela que me falou disto e eu já estava ligada à Música há muitos anos, mas sempre tive pavor de estar em palco, então isto de repente começou aqui a formular-se na minha cabeça a ideia de....

Sandra Pereira: Quais foram as motivações maiores para a decisão de escolher o Som como área de estudo, ou como área profissional?

Inês Lamares: Eu gostava muito de Música, não gostava especialmente de estar em palco. Em grupos grandes, sim, tipo orquestra, coro, sim, mas tudo o que me desse maior visibilidade para mim era complicado. De forma que poder estar e manipular o Som e pôr um pouco de mim na Música, em concertos ao vivo na mesma, mas sentir aquela adrenalina e tal, era o que eu queria, sim, evitando que as pessoas olhassem para mim.

Sandra Pereira: Em que idade é que isso aconteceu?

Inês Lamares: Eu fui para a ESMAE com 18 anos. No décimo ano comecei a pensar nisso, depois tive um professor no conservatório que era o Luís Henrique que dava Acústica e Organologia que me disse que... Numa altura fomos tomar café a meio de uma aula, com os alunos todos, ele perguntou a toda a gente o que é que queriam ser e eu disse... "Ah eu gostava disto, mas não há curso em Portugal", e ele disse-me que ia abrir um curso e que era o curso de PTM.

Sandra Pereira: Qual foi o maior desafio que encontraste no âmbito da tua profissão?

Inês Lamares: O maior desafio acho que foi, mas é em geral, apesar de ter já melhorado muito na forma de lidar com isso, o *stress* que está envolvido na parte da preparação, o facto de teres uma hora para estar tudo pronto e a funcionar. O facto de chegares sempre a um sítio com condições diferentes, que nunca são muito bem aquelas que te disseram que eram, e toda essa capacidade que tens de ter de adaptação e de resolução de problemas e de gerir o *stress*, pronto. Acho que é o maior desafio.

Sandra Pereira: O que é que te entusiasma mais e menos no teu trabalho, e porquê?

Inês Lamares: Mais, é a tal adrenalina no momento do concerto e de estares no fundo a participar nisso e na forma como a Música chega às pessoas. Menos, é os horários, as viagens. Ter meio ano em que não tens quase tempo para a vida pessoal, nem para dormir, nem para nada, e outro meio ano em que estás à rasca de dinheiro porque não há trabalho. Não é bem meio, meio, mas há ali uns meses de inverno que são complicados. Se calhar essa gestão é que é mais complicada.

Sandra Pereira: De que forma é que usas a Tecnologia no teu trabalho artístico e profissional?

Inês Lamares: Ao vivo, que é o trabalho que eu faço mais regularmente, utilizamos microfones, que estão ligados a mesas de mistura. As mesas têm uma batelada de funções, desde amplificar o som, depois equilibrar o som, equalizar, efeitos, etc. O envio para a munição, o envio para PAs, a gestão dessas coisas todas, afinar o som do PA, portanto ouvir, e aí já envolve um misto do que é o equipamento e o que é a sala. Aqui em estúdio é um bocadinho a mesma coisa, só que eu também tenho muito menos equipamento aqui, mas é um bocadinho a mesma coisa, sim.

Sandra Pereira: O que é que achas que é imprescindível para trabalhar na área do Som, para além de gostar de Som?

Inês Lamares: É preciso sensibilidade musical, é preciso conhecer música, treinar o ouvido essencialmente, acho eu, conhecer muita música e ter alguma sensibilidade para poder intervir de uma forma interessante e que acrescente algo e não ser uma coisa meramente técnica, acho que é isso.

PERCURSO ESCOLAR

Sandra Pereira: Achas que a forma como foste educada influenciou as tuas escolhas académicas e profissionais? Porquê?

Inês Lamares: Sim, porque nunca me puseram travões, deixaram-me escolher à vontade, portanto, de certa forma sim, porque eu vi muitos colegas a ter exatamente o contrário, acho que era muito comum na altura, principalmente se fosse para ir para áreas artísticas..."Não dá dinheiro, não vais ter emprego, não sei o quê", portanto, é um bocadinho ao contrário, se calhar deixou-me mais livre para escolher, pronto, mas o que eu via era influenciar no sentido de impedir de fazer as coisas, que no meu caso não aconteceu, felizmente.

Sandra Pereira: O que é que os teus pais faziam profissionalmente?

Inês Lamares: A minha mãe era assistente social e o meu pai era professor de História.

Sandra Pereira: Consideras que o teu contexto geográfico e socioeconómico contribuiu para a escolha da profissão?

Inês Lamares: É possível, sim. Estando no Porto tinha acesso a muita coisa, inclusive ao curso aqui perto, a minha mãe se calhar não teria dinheiro para me pôr fora... Não sei, mas o fato de ter o curso aqui ao lado e depois claro, as oportunidades que existem, porque há toda uma dinâmica em termos musicais que, se calhar, se vivesse numa aldeola seria mais difícil o acesso.

Sandra Pereira: Existiu algum tipo de orientação profissional académica ou da família na escolha do percurso que te trouxe a esta profissão?

Inês Lamares: Foi só aquele professor quando perguntou aos alunos o que é que eles queriam fazer e eu ter dito que queria fazer isto, mas que não sabia se...porque não havia em Portugal esse curso. E aí ele disse-me: "Fica atenta porque vai abrir". Ele sabia porque ele ia dar aulas lá, não é. E aí sim, acho que foi isso. De resto, eu fiz o Secundário em Ciências, no Conservatório ninguém...é tudo muito acústico.

Sandra Pereira: Então isso quer dizer que tens formação musical?

Inês Lamares: Tenho. Eu estudei no Conservatório, fiz alguns...já nem me lembro. Fiz seis anos acho eu, de formação musical, fiz cinco de saxofone, não terminei, não fiz exame no quinto ano. E toquei lá nos grupos de...tínhamos classe de conjunto, cantei em coro, tive jazz lá três anos, em classes de conjunto com o professor Paulino Garcia e foi muito fixe... E depois também nessa altura criaram lá uma banda de sopros e percussão que também era muito fixe e, portanto, essa parte também.... tive assim bastante experiência lá.

Sandra Pereira: Achas que é essencial ter formação musical para perseguir uma carreira nas Tecnologias do Som?

Inês Lamares: Não sei, não sei se é essencial, mas ajuda, disso tenho a certeza. Claro que as pessoas podem ter sensibilidade e depois podem também procurar... Nem que seja na comunicação. Quando os músicos se tentam exprimir a dizer o que é que querem. Eles não têm a nossa linguagem técnica, se nós também não temos a deles é complicado às vezes comunicar.

Sandra Pereira: Achas que estavas bem informada na altura em que decidiste seguir os estudos na área do Som? Bem informada através de orientação escolar ou outro tipo de orientação. Se achas que não, o que é que achas que terá faltado? Se achas que sim, o que é que achas que pode melhorar?

Inês Lamares: Se estava bem informada? Acho que não, mas a informação, pelo menos na altura era um bocado uma desgraça, mas...eu sei que a gente ia à secretaria da escola perguntar o que é que tinha de fazer e as respostas eram muito mínimas. Era tudo uma luta para perceber o que é que era preciso, o que é que tinhas que fazer, mas pronto uma pessoa chegava lá. Tinhas que investir um bocadinho de paciência naquilo.

GÉNERO

Sandra Pereira: O que é que para ti significa ser mulher artista?

Inês Lamares: Ser mulher artista o que é que significa? Não sei, nunca pensei nisso dessa forma. Não tem um significado específico a ligação entre as duas coisas.

Sandra Pereira: Tiveste muitas colegas ao longo do teu percurso académico e profissional nesta área?

Inês Lamares: Na minha área tive muito poucas, muito poucas. A fazer operação de som ao vivo devo ter conhecido três, quatro, uma coisa assim. No percurso académico era uma por ano, portanto eu estive lá quatro anos, éramos quatro durante o meu período, basicamente.

Sandra Pereira: Então, nesse contexto, fala-me da tua experiência. Achas que isso te influenciou de alguma forma, positiva ou negativamente?

Inês Lamares: O fato de não haver muitas não era um problema. Não, acho que não me influenciou, não me fazia diferença. A diferença era, às vezes, as atitudes das pessoas, não era o não ter muitas mulheres por perto. Nunca me senti mal em meios com menos mulheres. Às vezes a duvidarem de ti só porque eras uma menina, porque na altura era mesmo uma menina, não é, com 22 anos, cara de miúda. Tinha as duas questões que era ser jovem e ser mulher e notava-se. Os meus colegas diziam que notavam e as pessoas que estavam próximas de mim. Não era só eu que tinha essa sensação. Notava-se que as pessoas em vez de chegarem à partida abertas à possibilidade de seres competente, não, à partida achavam que tu ias ser incompetente, pronto, e, portanto, tinhas de estar sempre a provar, no início. Isto foi mudando ao longo dos anos.

Sandra Pereira: Achas que está melhor?

Inês Lamares: Eu sinto que sim, não sei se é porque já muita gente me conhece e já tenho alguma...já dei as provas que eram necessárias ou se está realmente a mudar, mas acredito que sim, que também há uma parte que está realmente a mudar e outra parte que é pelo facto de obviamente as pessoas já me conhecerem. Daí ser raro chegar a um sítio onde ninguém me conhece, portanto...

Sandra Pereira: E no que diz respeito à representatividade feminina na tua área qual é a tua opinião? É uma área em que consideras em há equilíbrio de números, Porquê?

Inês Lamares: Não, nada. Eu acho que há vários fatores. Acho que um deles pode ser o fato de as raparigas nunca verem mulheres a fazer este trabalho e às vezes isso influencia a tu nem sequer pensares que é uma possibilidade. Acho que isso pode ser um fator. Depois, eu não sei como é que é agora, mas na minha altura as mulheres jovens eram tratadas pelos pais de forma muito desigual em relação aos rapazes, portanto, irem para um curso e para uma profissão, se quisessem, por exemplo, fazer som ao vivo, em que tinham que fazer viagens, andar em carrinhas, dormir em hotéis com grupos de homens apenas, era algo que...era logo posto um bocado de parte. Acho que há sempre esse.... Eu não tenho razões de queixa, nenhuma, nunca ninguém tentou nada de estranho comigo, sempre fui respeitada nesse aspeto, só as coisas normais como em todas as situações, mas eu acho que isso é um.... Tem peso. Mesmo os pais, os namorados, os namorados não gostam nada disso. E como as mulheres muitas vezes gostam de fazer a vontade aos outros, eu acho que isso tem algum peso. Não a tarefa em si, de todo, porque operar som não é uma tarefa pesada, nem nada que se pareça.

Sandra Pereira: Achas que ser mulher pode acrescentar alguma coisa de diferente à tua área profissional?

Inês Lamares: Às vezes dizem-me que eu sou um bocado...e eu sou muito bruta como pessoa, em geral, a falar e isso sou bastante direta e muito brutinha, mas às vezes as pessoas dizem-me que, e isto agora eu digo pelo que me dizem os outros, que há uma forma de estar mais, não sei... menos.... Como é que eu hei de dizer? Pelo menos os técnicos de som de antigamente eram muito...levavam tudo à frente, sabes? Não se pode falar, não se pode dizer nada. Era tudo muito bruto, mas bruto a sério. E pronto, eu sou suficientemente bruta para poder fazer este trabalho, mas se calhar, não sou assim. Não sei, não sei se é por ser mulher, mas talvez as mulheres tenham mais essa tendência. Mas olha que os homens agora estão diferentes, a questão é que no início da minha carreira os homens que faziam Som eram electricistas e pessoas sem formação nenhuma e onde se achava que ser profissional era estar mal disposto e não deixar ninguém dizer mal do teu trabalho e tu é que sabias e não sei quê.... Pronto, e acho que essa postura...se calhar também não era só eu. Mas...há quem referisse a questão feminina, mas eu não tenho a certeza, honestamente. Mas agora também, eu acho que os homens que vejo mais formados e mais...com uma

idade menos... pronto, que na altura eram os que estavam instituídos, que também já são capazes de comunicar, mais sensíveis, mais....

Sandra Pereira: Já alguma vez sentiste algum tipo de tratamento diferenciado por parte de colegas, clientes instituições, ou organizações?

Inês Lamares: Sim, sim, muitas vezes.

Sandra Pereira: E achas que aconteceram por seres mulher?

Inês Lamares: Sim, também, também. No início acontece tanto por seres mulher como por seres homem. Sim, sim, por ser mulher. Uma vez cheguei com os *Dazkarieh*, era técnica deles. Eles tinham *road manager* e íamos eu, ele e a banda, e chegamos lá ao sítio, e eu como naturalmente faço, dirijo-me à mesa de mistura, vou falar com a pessoa que lá está responsável pelo equipamento e pronto, apresento-me como técnica da banda e começo a fazer o que tenho de fazer, pôr-me por dentro da situação para arrancar com o trabalho. E chego lá e o senhor diz que eu não posso mexer na mesa de som dele! E eu disse-lhe: "Eu sou a técnica de som da banda, portanto vai ter de me deixar mexer no equipamento!" "Não, não, não mexe no meu equipamento!" "Pronto, está bem!" Quer dizer, é claro que isto é sempre duvidoso, se é por eu ser mulher, ou se não é, mas eu não conheço colegas que me digam coisas destas.... E pronto, eu depois fui falar...eu não me chatee, eu já tinha aprendido como é que estas coisas funcionam. Fui ter com o *road manager* e ele foi lá dizer que eu ia mexer no equipamento e depois eu já podia mexer no equipamento.

Sandra Pereira: Na tua experiência, no contexto internacional notas alguma diferença?

Inês Lamares: Talvez. Não tenho bem a certeza, honestamente. Sinto que às vezes também há dúvidas e desconfiança. No caso, não percebia bem se era por ser mulher ou se era por ser latina. Porque era na Alemanha, e como eles têm a mania que eles é que são organizados é nós somos...pronto isto não é bem assim, as pessoas não são todas assim, nem nada que se pareça, mas às vezes sentia que havia ali um certo preconceito e não sei exatamente qual era a razão. Mas também devo dizer que a maior parte das vezes que estas coisas me aconteciam eram extremamente desagradáveis e se calhar também é uma das razões pelas quais as mulheres desistem de fazer isto, porque estão constantemente à prova e a ter que te impor e a ter que... Principalmente no início e é cansativo, principalmente quando tens pouca experiência, tens que lidar com este *stress* e depois ainda tens de lidar com estas coisas. Mas a verdade é que muitas, muitas, muitas vezes, depois no fim, as pessoas vinham, ou dar os parabéns, ou qualquer coisa. Não era dar o braço a torcer de forma totalmente explícita, mas vinham já com outra postura, etc. Mas tinhas que provar. Tens que aguentar aquilo, se calhar falar-lhes torto, mandá-los ir para outro lado e dizer que fazes tudo sozinha, coisas assim do género, mas felizmente, depois as pessoas quando veem a

coisa acontecer, dá-me a sensação que... "Ah, afinal!" Mas tens de aguentar isso. Isso tanto fora como cá. Tive num sítio fora, em Berlim, num sítio que se chama *Musikbrauerei*, que é um antigo edifício, até meio desfeito em cima e eles usam aquilo para fazer concertos, entre outras coisas, entre festas, etc. Portanto, aquilo tem um palco, um pé direito gigante, tudo em cimento, vigas por todo o lado, ou seja, horrível para fazer som. E depois põe o palco num canto e têm colunas *Bose...*, daquelas antigas com dois furos à frente. Não me lembro como é que elas se chamam. Soam mal como o raio, para um sítio enorme, espalhadas umas ao centro, outras não sei onde, e depois o subgrave era uma cena que abanava debaixo dos pés da plateia. E, por exemplo, aí os técnicos, quando cheguei, lá comecei a ouvir o PA e a sair para ouvir e tal, e voltar e equalizar, e tal, o material era todo muito básico. E quando voltei, a certa altura, o gajo tinha chegado lá e tinha-me mudado o equalizador e diz-me que era porque era melhor assim... "Lamento, mas sou eu que estou a fazer som". E depois de um minuto em um minuto vinha lá dizer... "Ah deixa-me só dizer-te que é melhor assim, ou que era melhor assado, ou deixa-me só dizer-te que isto ou que aquilo". E à terceira vez disse-lhe assim... "É assim, olha se eu precisar de ajuda eu peço, por favor não me interrompas que eu não me consigo concentrar". Pronto, e o gajo ficou assim meio amuado e tal. No fim do concerto veio-me dar os parabéns. Não são coisas super graves, mas são coisas que quando tu tens que te concentrar é aquele *stress* acrescido que faz moossa.

Sandra Pereira: Olha, e os desafios em nível físico que podem surgir nestas áreas técnicas principalmente, alguma vez se constituíram como obstáculo?

Inês Lamares: Em carregar coisas e isso? Não. Eu também nunca trabalhei com empresas de PA. Eu carreguei muitos PAs pequeninos porque organizava concertos. Sabes que eu tive uma editora discográfica durante uns anos, que era a *Bor Land* e nós organizávamos concertos relacionados com os lançamentos que fazíamos, e era eu e o Rodrigo, que foi quem começou com a editora. Nessa altura nós metíamos um PA pequenino dentro do carro da minha mãe e andávamos a carregar aquilo, mas nunca fiz grandes...

Sandra Pereira: Então à pergunta como é que superas estes desafios no teu dia a dia, o que é que respondes a isto?

Inês Lamares: É claro que pode ser pesado. E, num início de carreira a pessoa pode precisar de fazer esses trabalhos. Eu sempre tive uma estrutura física algo forte. Eu fui atleta de natação, natação sincronizada, então tenho capacidade para me adaptar.

Sandra Pereira: Mas achas que esta questão pode ser impeditiva para futuras profissionais do género feminino?

Inês Lamares: Depende do que quiserem fazer. Se a ideia delas é carregar e montar PAs...há mulheres com estrutura para tudo, depende de quem é a mulher, como há homens que não seriam capazes de o fazer. Se a ideia é ser operadora de som, acho que não, têm, se calhar, que seguir um caminho diferente para chegar lá.

Sandra Pereira: Consideras que os teus pares te respeitam e valorizam como profissional?

Inês Lamares: Sim, considero.

Sandra Pereira: Em relação aos recentes debates sobre igualdade de género achas que são importantes para estas profissões?

Inês Lamares: São. É sempre importante debater estas coisas, acho eu, para abrir um bocadinho a cabeça das pessoas, mas, recentemente, eu acho que as coisas estão a ficar um bocado extremadas que até não me agrada especialmente, a forma como as coisas às vezes se desenvolvem. Dependerá dos debates e das pessoas que estão a debater. Mas, sim. Acho que é importante debater e perceber até que ponto há efetivamente limitações. Acho que é importante as pessoas perceberem que quando se fala de igualdade de género, porque acho que há muita confusão, não se fala de as pessoas serem iguais, dos homens e das mulheres serem iguais, é óbvio que não somos, mas de igualdade de direitos e de oportunidades, de deveres. E é nesse sentido, eu acho que às vezes o debate desvia-se muito dessa tónica e passa para uma cena estapafúrdia que é temos que ser todos iguais, fazer todos as mesmas coisas... Não, as pessoas têm que poder escolher, ponto. E não ser prejudicadas porque estão a escolher uma coisa que habitualmente as pessoas daquele sexo não escolhem. Só isso.

Sandra Pereira: Há mesmo profissões femininas e profissões masculinas?

Inês Lamares: Tendencialmente no sentido de haver mais tendência.... Eu digo que sim, se estivermos a falar de que há uma tendência natural para as mulheres procurarem um certo tipo de profissões os homens outro tipo. Eu acho que existe efetivamente. Em termos percentuais não quer dizer que todas as mulheres queiram as mesmas coisas e os homens as mesmas coisas. Mas acho que, a tal sensibilidade.... Há uma tendência para as mulheres quererem ser, médicas, enfermeiras, professoras, profissões que cuidam mais dos outros, das pessoas e os homens serem mais dos objetos e das coisas e não sei quê... Isso é uma tendência genérica e depois cada um é o que é.

Sandra Pereira: Como é que encaras a cena atual e a relação da mulher com a Música e o uso de Tecnologia?

Inês Lamares: Eu não sei como é que está isso, da mulher e do Som e da Tecnologia, vemos muito poucas... Não sei muito bem o que te dizer.

Sandra Pereira: Achas que, por exemplo, atualmente é igual a antigamente?

Inês Lamares: Não, acho que não. Acho que está muito mais aberto a todos os níveis. As pessoas têm mais liberdade. Lá está, aquelas questões familiares, há muito mais abertura e, portanto...é natural que haja mais gente a ir para estes caminhos sem ser um problema.

Sandra Pereira: Achas que é importante que se fale de representatividade de género em qualquer profissão?

Inês Lamares: Isso pode ser importante se houver uma fraca representatividade de algum género nalguma profissão por preconceito e não porque as pessoas optam livremente.

Sandra Pereira: E nas Tecnologias do Som?

Inês Lamares: Talvez, não sei se é importante, honestamente. Não sei, hoje em dia o que é que vai na cabeça das pessoas nesse sentido.

Sandra Pereira: Como técnica de som, tens-te dado conta da existência de cotas por género no âmbito da participação em festivais, concertos, eventos, feiras, bienais, simpósios e seminários. Como profissional da área tens-te dado conta que existem cotas, pelos curadores, pelos organizadores?

Inês Lamares: Na minha área, como trabalho com Música e grupos de Música não senti isso. Quer dizer às vezes, há festivais específicos em que resolvem contratar só mulheres ou qualquer coisa, mas são coisas raras...

Sandra Pereira: Mas em relação a cotas e à sua existência nos mais variados quadrantes da sociedade, qual é a tua opinião sobre isso?

Inês Lamares: Olha a minha opinião é que tenho dúvidas em relação a isso. Ou seja, eu percebo que se pense nisso, porque não é equilibrado, nem justo, muitas vezes, portanto é um tentar forçar para depois as mentalidades mudarem. Lá está, se as pessoas virem mulheres a fazer as coisas e a fazerem bem, depois se calhar já não ficam tão desconfiadas e já admitem que isso é possível, digamos. Enquanto não veem é mais difícil, e se calhar põem entraves para elas lá chegarem. E dizemos mulheres, dizemos homens em profissões que são..., por exemplo, educador infantil, coisas assim, pronto, que se calhar também têm os

mesmos problemas. Portanto, eu percebo a lógica das cotas, por outro lado, sinto que pode ser extremamente injusto, porque pode haver situações em que realmente as pessoas mais competentes são de um certo género, ou de outro certo género, não interessa, e as cotas obrigam-te a ter pessoas menos competentes só para cumprir com aquele número. Se não houvesse essa injustiça, é óbvio que isto não fazia sentido nenhum, não é. Se soubéssemos que quem está a avaliar não está a ser influenciado pelo género da pessoa, mas apenas pela capacidade que ela tem para fazer o trabalho, as cotas eram absolutamente desnecessárias. Assim, não sei, eu tenho dúvidas.

Sandra Pereira: Achas que as cotas podem vir a constituir-se como uma possível solução para a desigualdade e para a igualdade social e género?

Inês Lamares: Pois, tenho mesmo muitas dúvidas porque também se criam injustiças com isso e as pessoas reagem à injustiça, obviamente. Não sei, teria que ser bem pensado e, se calhar, nalgumas profissões eu acho que é impossível porque há tão poucas mulheres ou tão poucos homens a concorrer, que se tu fores criar cotas muito equilibradas, tu vais ter de meter lá o mais incompetente da lista só para manter os números. Portanto, não sei, isso teria que ser tudo muito, muito bem pensado para não ser demasiado injusto.

Sandra Pereira: As novas tecnologias fazem com que estas mudanças sejam mais notáveis. Achas que estas novas tecnologias contribuem para um maior acesso a este tipo de profissões para as mulheres?

Inês Lamares: Para as mulheres em particular? Não sei. Estou sempre a responder que não sei, mas efetivamente, não sei. Talvez, porque podem experimentar sem grandes condicionantes, sozinhas, em casa e, portanto, não dependem de lhes darem acesso a... Talvez seja uma abertura de portas, sim.

Sandra Pereira: Na tua opinião quais são os maiores desafios que as mulheres encaram na Indústria Musical e nas Tecnologias do Som nos dias de hoje?

Inês Lamares: Eu acho que são as coisas que já falámos, embora ache que está mais suave. Na Indústria Musical, quer como música, quer como técnica, é o estar constantemente rodeada de homens e ter de viajar com eles e tudo o mais, que não é nenhum bicho de sete cabeças, mas pela educação que dão a muita gente, parece ser. Mesmo que não seja para a própria será para a família, ou para os companheiros, os namorados, etc. E, portanto, prejudica muitas vezes a vida pessoal das pessoas. Acho que é a coisa efetivamente mais complicada.

Sandra Pereira: Mas achas que estes desafios podem incluir de alguma forma o preconceito de género?

Inês Lames: Sim, de certa forma. De certa forma porque isto que eu estava a dizer antes acontece porque se assume que as mulheres são frágeis e indefesas. Se não se assumisse isso... Quer dizer, ninguém tem problema nenhum se um homem for viajar no meio de muitas mulheres. Ninguém acha que ele vai ser atacado e comido pelas mulheres todas. Primeiro, é um preconceito porque acham que os homens são bichos papões e é um preconceito porque acham que as mulheres não se saberiam defender. E, embora a mulher muitas vezes tenha capacidade física inferior em termos médios, inferior à do homem, a maior parte dos homens não é fisicamente violento ou violadores, portanto as mulheres se aprenderem a defender-se, a dizer que não, ou que não estão interessadas ou qualquer coisa, não têm qualquer tipo de problema porque os homens também não são nenhuns atrasados mentais, em geral. Portanto, isso não existe assim de forma tão... Por exemplo, eu sei que as pessoas estão sempre... Aquela das raparigas saírem à noite, e tal, e andarem sozinhas na rua, e tal, porque podem ser violadas. Quer dizer a percentagem de homens que tem capacidade de violar uma mulher é ínfima, no entanto, ninguém vê nenhum problema em um homem sair à noite sozinho. No entanto, um homem que saia à noite sozinho corre, na minha opinião, muito mais risco de levar porrada, do que uma mulher e, portanto...

Sandra Pereira: Achas que o teu contexto geográfico atual é importante na persecução do teu sucesso profissional nestas áreas?

Inês Lames: O facto de estar no Porto? Há sítios onde é mais fácil. Para Portugal, o Porto é uma boa cidade para se estar, acho eu, neste meio. Acho que quem está Lisboa acaba por ser beneficiado porque há muito mais dinheiro canalizado para lá e, portanto, há uma indústria maior. Aqui as coisas fazem-se muitas vezes com muito pouco dinheiro. Mas, apesar disso, as pessoas mexem-se muito e, portanto, acho que é uma cidade que, para a dimensão que tem, que é pequena, tem muita coisa a acontecer, até.

Sandra Pereira: Já experienciaste alguma reação diferente do papel de género quando algum desconhecido percebe qual é a profissão?

Inês Lames: Sim, as pessoas ficam admiradas, não é comum, portanto.... Há muita gente que nem sabe o que é que isso é, não é! Os que sabem ficam admirados muitas vezes. Isso é normal ficarem surpresos.

Sandra Pereira: O que diria às mulheres que pretendem seguir as Tecnologias do Som?

Inês Lames: Sigam! Fazem bem.

Sandra Pereira: E se tivesses uma filha, incitarias uma filha a seguir esta área?

Inês Lames: Eu acho que incitaria à área que ela quisesse. Sim.

Sandra Pereira: Consideras que é uma área financeiramente rentável e, portanto, atrativa para a construção de carreira, apesar de muito trabalho ser independente?

Inês Lamares: Não é assim tão rentável. Não em Portugal, pelo menos, e com as crises sucessivas.... Era muito mais rentável quando eu comecei a trabalhar, eu ganhava mais nessa altura. Depois de vinte anos de experiência, ganho menos e a vida está muito mais cara, portanto, não é uma área rentável, aqui em Portugal não. No entanto, eu digo que não é muito rentável, mas também não está ao nível de um caixa de supermercado, ou uma coisa assim, não é! Também não é propriamente pelo dinheiro que alguém vai seguir isto, não é!

Sandra Pereira: Então notas alguma mudança de mentalidades nesta indústria no que diz respeito às questões de representatividade e igualdade?

Inês Lamares: Acho que noto que para as pessoas é mais normal já aparecerem mulheres. Para quem está dentro do meio já não é aquela coisa...já não és um *alien*. Sim, as pessoas estão mais abertas, embora ainda haja mesmo muito poucas, mas também é preciso que as mulheres se atirem para a frente a fazê-lo, não é, porque não há milagres. Mas que eu sinto que há mais abertura, sinto.

Sandra Pereira: Qual é o caminho para uma mudança de paradigma nas questões da representatividade e da igualdade?

Inês Lamares: Nos dois casos acho que é a educação. Acho que não há outro caminho. É educar as pessoas de forma mais aberta. Quando eu era miúda, a educação em casa entre rapazes e raparigas, irmãos, era muito diferente. Os mesmos pais permitiam coisas totalmente diferentes e exigiam coisas totalmente diferentes de um filho ou de uma filha, na minha geração. Eu não sei exatamente como é agora, mas isto é a educação de casa, mas mesmo na escola, eu acho que se calhar tem que haver alguma.... Se formos esperar que a educação seja feita em casa, infelizmente isso não vai acontecer, na maior parte dos casos, não é! Porque se temos uma sociedade que está fechada ainda... São os pais e as mães que educam os filhos, portanto os preconceitos passam deles para a geração seguinte. É claro que a geração seguinte tem tendência a abrir um pouquinho mais, mas se queremos acelerar isso, eu acho que tem que haver algo nas escolas... E mesmo os próprios professores serem mais abertos, que também não são, também têm esses preconceitos.... Tem que se falar mais destes assuntos, não sei, mas acho que passa pela educação.

Sandra Pereira: Como atrair mais mulheres para esta área?

Inês Lames: Eu acho que sim, que verem outras mulheres a fazerem esse trabalho é uma forma de atrair, das pessoas perceberem que estão ali, que são pessoas normais, são mulheres normais iguais a elas, e, portanto, não é preciso nada de excepcional para poder fazê-lo. Se calhar transformar este meio, mas isso mulheres e homens em geral. Transformar este meio para que seja mais seguro em termos de condições de trabalho e condições financeiras. Na minha opinião poderíamos e deveríamos ter contratos, por *tour* ou coisas assim. Não deveríamos poder ser descartados porque alguém acordou maldisposto naquele dia, e é um fato que isso acontece. De um dia para o outro põem-te de parte e tu nem sabes porquê. E muitas vezes nem te dizem, só descobres porque de repente... "Ah, está a haver concertos?" "Ah e eu estou em casa?" "Ah!" Não sei...toda essa gestão.... Eu acho que as mulheres, muitas mulheres, também há muitos homens, mas eu acho que talvez as mulheres pela questão da maternidade ou isso, têm necessidade de segurança financeira não é, de uma estabilidade e isto, claro... Num trabalho que é sazonal e que ainda por cima ficas dependente de.... É muito os amigos, e agora sais mais à noite com aquele, então aquele é mais fixe...é tudo muito volátil e muito de egos e então talvez isso.... As mulheres quando começam a pensar na família, etc., talvez isto desmotive bastante...

Sandra Pereira: Em relação à maternidade, que falaste agora, achas que isso é um problema para esta área?

Inês Lames: Não, acho que não.

Sandra Pereira: É possível uma mãe ter filhos e ser técnica de som?

Inês Lames: Sim, o problema que existe é este que eu falava, mas que qualquer trabalhador independente também tem. É claro que o viajar não ajuda e tudo mais, mas acho que essas coisas se podem conseguir gerir se tu tiveres um companheiro, um marido que assuma que tu tens aquela profissão e com quem tu podes contar, portanto, acho que sim. Tem especificidades, mas acho que não é uma impossibilidade.

Sandra Pereira: O que é que te imaginas a fazer no futuro?

Inês Lames: O que é que me imagino a fazer no futuro? Instrumentos musicais com material reciclado. Agora ando com esta.... Ando-me a divertir e estou entusiasmada, mas não sei... Se o Estado nos continuar a desprezar como tem feito eu estou a investir bastante nisto e tenho-me divertido, gosto, portanto se calhar quando eles disserem, voltem, eu vou-lhes esticar o dedinho. Porque, entretanto, se calhar, já estou contente com outra coisa e, se calhar, já consegui montar, espero que sim, a coisa e pô-la a funcionar.

Sandra Pereira: Pois, há pouco...quando te falava das Tecnologias, de que forma é que usavas a Tecnologia, fala-nos lá um bocadinho disso!

Inês Lamares: Mas, pronto, posso também dizer que fiz construção de estúdios, durante vários anos. Ah...lá está, aí por exemplo, a parte física, toda a gente achava que era um problema, aliás, aí é que eu notava as mentalidades. Chegava ao ponto de eu estar a martelar num sítio e eles virem martelar no mesmo sítio que eu para eu não poder martelar: "Porque, coitadinha, vai fazer esforço" ou estar a carregar eu uma viga e se eles calhavam nas pontas levantarem. Juro-te, tive que me chatear tantas vezes... tantas vezes, tantas vezes. Porque, estes tipos de situações não são gratuitas, não é simpatia. Tu permites que façam isso e de repente és posta de parte e agora já és a senhora da limpeza e fazes só o que eles não querem fazer e mais não sei quê. Não é gratuito, não é por simpatia, não é por cuidado. É por preconceito e, portanto, tem um preço. Portanto, nunca permiti que me fizessem isso. Pronto, e o meu corpo adaptou-se, eu passei horas, durante três meses e meio, no primeiro estúdio, a martelar e a cortar a carregar vigas que tínhamos que ser para aí cinco pessoas, e coisas assim. E usávamos máquinas de cortar, serras circulares, tudo em geral de madeira, materiais acústicos. Pronto aprendi uma série de coisas e o meu corpo transformou-se. Eu lembro-me que nesse Natal, a minha prima vinha à minha beira a subir as escadas tropeçou agarrou-se ao meu braço e disse: "Eh lá!" Eu estava aqui com um músculo que não existia antes. Aliás tive camisolas que deixaram de me.... porque eu tinha os braços muito fininhos e de repente esta parte engrossou. Em relação aos instrumentos musicais é uma coisa muito recente. Surgiu por causa disto tudo do confinamento, e de eu querer fazer alguma coisa porque não tenho perfil para ficar à espera. Como dei aulas na RESTART e por isso descobri que gosto de uma parte educativa, que não fazia a mínima ideia que gostava...E comecei a pensar no que é que podia fazer, e que pudesse funcionar em períodos de confinamento. E comecei a pensar que isto dos instrumentos musicais podia juntar uma série de coisas. A ideia era ser um projeto educativo para sensibilizar as pessoas para estas coisas da utilização do plástico e do lixo todo que se faz, e que se começa a tornar complicado, e fazê-lo de uma forma divertida e criativa tanto para nós, que estamos a fazer o projeto, como para as pessoas que depois pudessem ver o nosso trabalho, e interagir connosco...

Sandra Pereira: Mas o que é que fazes? Que instrumentos são esses?

Inês Lamares: Os instrumentos ainda não estão feitos, estamos a fazer protótipos e estamos a experimentar com os materiais porque nós usamos lixo. Ou seja, por exemplo, tenho aqueles tubos ali todos na entrada, foram cortados, com serras... Portanto lá usamos as ferramentas tradicionais, todo o tipo de serras, até corta laser, CNC, impressão 3D, depois temos as máquinas de manipular plástico, temos a trituradora, máquinas de injeção de plástico, forno para fazer placas de plástico que depois são cortadas por outra máquina...

Sandra Pereira: Mas que tipo de instrumentos é que fazem?

Inês Lames: Neste momento estamos quase a acabar um instrumento musical que é com tubos de cartão, os tubos de cartão vamos buscá-los usados, de tecidos, de enrolar tecidos, e então é um instrumento que tem uma estrutura plástica, os tubos de cartão estão lá inseridos. Tem uma escala, são duas oitavas, é uma escala cromática e depois desenvolvemos também uma baqueta especial, mais tipo uma espatulazinha, flexível porque a baqueta depois toca na abertura do tubo de cima e dá aquele som da ressonância do tubo. É tipo, imagina, não é bem um xilofone, ou um vibrafone sem as lâminas e estás a tocar nos tubos, só que é de cartão. Vamos fazer também um com garrafas de Coca-Cola, vamos fazer um de cordas com caixa de ressonância feita em pasta de papel, tipo um semicírculo com cordas e duas pessoas ao tocar, pronto.

Sandra Pereira: Agora eu pergunto, mais alguma pergunta que gostaria que tivesse feito?

Inês Lames: Não, assim de repente não me lembro.

Transcrição da Entrevista

Olívia Silva

SOCIODEMOGRAFIA

NOME: Olívia Silva

IDADE:25

ESTADO CIVIL: Solteira

FILHOS: 0

NATURALIDADE: Porto

RESIDÊNCIA: Porto

PERCURSO PROFISSIONAL

Sandra Pereira: Podes dizer-me o que fazes e como é que defines o que fazes profissionalmente?

Olívia Silva: Eu tenho sido sempre aluna em *full time*. Eu tenho dedicado a maior parte do tempo aos estudos, mas eu comecei, desde o Secundário, a dar explicações, a fazer tutoria. E é isso que eu tenho feito desde essa altura, desde os 17 ou 18 anos e é isso que tenho feito este tempo todo, para além de estudar em *full time*.

Sandra Pereira: Tutoria de?

Olívia Silva: Eu costumo dar mais apoio, por exemplo, a preparação para provas de aptidão profissional de instrumentistas. Costumo também dar aulas e dar apoio a alunos do Secundário, apoio que eles precisam, por exemplo, para a História da Música, para ATC, que é Análise e Técnicas de Composição. Além disso, mais recentemente, comecei a dar aulas de Português para Estrangeiros, que é uma área que não tem a ver com a minha área da Música, nem com composição, mas é uma coisa que eu faço também.

Sandra Pereira: Aqui, relativamente aos anos de experiência, quantos anos de experiência consideras que tens?

Olívia Silva: Se formos a falar da área da Música, eu comecei muito cedo na Música. Mas se formos a falar em termos de experiência profissional, eu sinceramente não considero como tendo uma profissão ainda. Mas se formos falar só de anos de experiência tenho muitos. Já tenho vinte e cinco anos, comecei na Música com 6 anos, portanto, se bem que em termos de começar oficialmente comecei bem mais tarde, mas em termos de experiência na área da Música foi muito cedo. Na minha área de Composição foi mais no décimo segundo ano que eu comecei..., portanto quando tinha 18 anos é que comecei a entrar mais a fundo nessa parte.

Sandra Pereira: Esta área foi a tua primeira escolha?

Olívia Silva: Eu não sei se posso dizer que foi a minha primeira escolha. Eu comecei cedo na Música, mas eu nunca tive grande oportunidade de ter aulas de Música.

Sandra Pereira: Mas podes explicar-me porque estás a dizer cedo na Música? O que é que fizeste, com que idade e para onde foste?

Olívia Silva: Ok. Então, eu diria que comecei cedo na Música porque o meu irmão estudava Música. Na altura tinha 6 anos quando ele começou a estudar. Ele começou a estudar piano. Eu fiquei muito fascinada e queria muito começar a tocar também. O meu irmão estudou piano dois anos, depois foi para o Conservatório do Porto estudar órgão. Eu ia assistir aos concertos dele. Eu queria muito aprender Música. Depois, durante uns anos, eu fui fazendo provas de acesso a Academias e ao Conservatório do Porto. Não entrei. Não entrei porque não tinha, portanto, um Ensino... não tinha um professor. Eu estudava muito sozinha e o meu irmão também tinha o seu próprio estudo para fazer, e pronto. Então, fui estudando muito sozinha até aos 15 anos e foi aí que eu arranjei um professor de piano. Mas, eu sempre quis seguir Música profissionalmente, mas foi só aos 15 anos que eu consegui ter realmente um professor, e de forma não oficial, e só depois quando já tinha 16 anos é que eu consegui ingressar no Ensino Profissional de Música. Ou seja, essa não foi a minha primeira escolha porque eu não pensava sequer seguir Música porque pensava que não ia ter a oportunidade. Porque era também uma questão financeira, porque eu queria aprender Música, o meu irmão mais novo queria aprender Música também, ao mesmo tempo, e os meus pais não tinham a possibilidade financeira de suportar, na altura, dois filhos a estudar Música. Na altura, ainda não havia o Ensino Integrado nas Academias e, para além disso, comprar os instrumentos.... Então, era aquele sonho que eu tinha, eu queria seguir

Música, mas nunca pensei seguir Música profissionalmente até mais tarde. A minha primeira área de escolha foi Humanidades. Primeiro segui Humanidades fiz o décimo ano e depois surgiu a oportunidade de eu ingressar no Ensino Profissional de Música e eu preparei-me para as provas, fiz as provas e entrei e então aí mudei de curso e comecei a fazer Música profissionalmente.

Sandra Pereira: Perante aquilo que disseste, consegues identificar um momento que tenha sido decisivo para esta escolha?

Olívia Silva: O momento decisivo foi quando os meus pais vieram com a notícia de que ia haver provas para a Academia de Música onde depois eu acabei por estudar. Eu estava já diria que a meio do décimo ano. Foi engraçado porque eu já nessa altura... Eu não pensava sequer seguir Música. Era aquele *hobby* que eu tinha, eu adorava, eu gostava muito de tocar piano. Na altura só ouvia muita Música Clássica e não ouvia tanto a Música mais vanguardista, mas eu já tinha posto isso de lado, até que os meus pais vieram com essa notícia. Eu pensei... "Quer dizer então se calhar realmente há aqui uma hipótese de eu seguir Música". Até porque na altura já estava a ter aulas de piano com um professor particular... "Vou preparar-me para as provas e vou fazer tudo o que puder e depois...o que é que eu tenho a perder, não é? Faço as provas e se não entrar, não entrei e continuo onde estou. Se entrar, já é um caminho que eu posso seguir para chegar onde eu quero".

Sandra Pereira: Já respondeste mais ou menos, se conseguires sintetizar, quais foram as motivações maiores para a tua decisão em escolher Som, Música como área de estudo?

Olívia Silva: Eu sempre tive um gosto enorme por Música e por ouvir música e, durante o tempo em que o meu irmão estudou Música, eu ia sempre aos concertos que ele fazia. Ele era organista e ia aos concertos de órgão, ia ouvir sempre a classe de órgão a tocar...eu adorava. Eu queria muito seguir Música, mas não tive essa oportunidade até bem mais tarde. Isso foi um motivador. Eu queria mesmo, já tinha esse gosto desde muito pequena. Depois outro motivador foi eu começar a ter aulas de piano já com 15 anos e depois foi que eu, realmente, nunca me senti muito realizada enquanto estava em Humanidades. Porque eu tinha muitas áreas de interesse. Eu acabei por escolher porque queria ser escritora. Queria ter assim um emprego desse género, que também é difícil, ou queria ser professora de línguas, porque sempre gostei muito de línguas. Lá está, eu não me sentia muito realizada para ser sincera. Eu também tinha pensado em seguir Ciências porque queria seguir Medicina e eu tinha notas para isso. Eu poderia seguir Medicina se quisesse, ou uma área da saúde, mas lá está... Eu sempre tive aquela coisa que queria mesmo seguir Música.

Sandra Pereira: Isso foi por volta dos 15 então, que aconteceu?

Olívia Silva: Sim, esse despoletar assim foi mais por volta dos 15 anos, que foi quando eu comecei a ter aulas de piano e depois quando os meus pais vieram com essa notícia, que ia haver provas para acesso ao Ensino Profissional de Música. Eu pensei... “Vou tentar, tenho de tentar”.

Sandra Pereira: Qual foi o maior desafio que encontraste até agora nesta área, se é que encontraste?

Sandra Pereira: Sim, eu encontrei muitos desafios. Eu diria que o maior desafio foi precisamente ter começado tarde na Música porque a minha ideia inicial era ser instrumentista. Para ser instrumentista convém começar cedo. Começar cedo com um professor e eu comecei bastante tarde, já. Comecei com 15 anos, que não quer dizer que seja impeditivo para que a pessoa venha a ter uma carreira profissional como instrumentista, desde que a pessoa ponha esforço nisso e dedicação. Mas, eu encontrei logo muitas dificuldades, primeiro porque eu comecei tarde em piano. Quer dizer não comecei tarde em piano, mas com professor, sim, comecei tarde. E depois, na escola onde eu fiz provas, eu entrei para o curso de instrumentista de cordas e teclas, era assim que chamava o curso, mas não houve pessoas suficientes para formar turma. Eu pensei... “Se eu quiser estudar Música tenho que fazer isto, eu não vou ter outra oportunidade”, porque já sabia que não ia conseguir acesso ao Conservatório. Eles disseram-me assim... “Tu entraste aqui, podes tentar o curso profissional de sopros e percussão, ou seja, nesse vai haver gente suficiente para formar turma”. O que é que isso ia significar? Eu ter de escolher outro instrumento e começá-lo do zero. E fazer um curso do zero ao oitavo grau em três anos que foi um desafio enorme. Eu escolhi flauta, que curiosamente foi o único instrumento do qual eu consegui tirar som. Eu acabei por gostar imenso, mas o primeiro ano, principalmente, foi muito difícil, foi muito difícil porque eu encontrei sempre também muita resistência. Eu tinha outros colegas que começaram como eu, começaram do zero, tinham feito provas para outro curso, para piano ou para violino ou outro instrumento e também lhes disseram... “Vocês se quiserem ficar cá têm de escolher outro instrumento”. Portanto, eu tinha outras pessoas na mesma situação. Mas eu senti sempre muita resistência. Houve sempre muita dificuldade porque era o primeiro ano e eu comecei do zero, não é! E comecei do zero junto com outras pessoas que já estudavam há muitos anos. Foi difícil.

Sandra Pereira: Agora o que é que te entusiasma mais e entusiasma menos no que fazes e porquê?

Olivia Silva: Para responder a isso eu vou dizer então que terminei o curso profissional de instrumentista e decidi seguir Composição. Tinha pensado seguir História da Música, acabei por não seguir. Já sabia que não ia ser instrumentista então eu demonstrei muito interesse, logo desde o início, na Composição e foi isso que eu decidi seguir. Como compositora o que me entusiasma menos muitas vezes é ter de começar os projetos do zero. O que me entusiasma menos também é ter de escrever memórias descritivas sobre os projetos, é horrível, porque eu não sei o que dizer. Além disso, o meu pensamento muitas vezes não é muito organizado e eu nunca penso nas peças, nunca penso numa estrutura. Não estou ali a definir muita coisa do início, então chego ao fim da peça e penso... "Agora como é que eu vou explicar isso às outras pessoas por palavras e sem ser pela própria música em si?" Eu acho que essa é a maior dificuldade. Agora o que eu gosto mais é de trabalhar com outras pessoas, fazer projetos colaborativos. Trabalhar com Música Eletrónica, fazer concertos. Fazer concertos, por exemplo, com eletrónica multicanal. Adoro, é incrível. Quanto mais colunas melhor. Depois também, gosto muito da sensação de ter uma peça tocada e depois de ouvir as pessoas a bater palmas e depois ir à frente agradecer. Há muita gente que não tem esse sentimento assim, de.... Não tem aquela alegria de, realmente, ter uma peça tocada e ir à frente e agradecer, mas eu sinto-me muito feliz sempre nesses momentos, é a parte que eu adoro, mesmo.

Sandra Pereira: E já que falas de Música Eletrónica eu gostava que me explicasses de que forma é que usas a Tecnologia no teu trabalho artístico?

Olivia Silva: Eu comecei com Música Eletrónica quando estava no décimo segundo ano, já tinha 18 anos. E foi porque na altura um professor meu me falou de um concurso de Música Eletrónica, e me perguntou se eu não queria participar e eu pensei, por que não? Mas na altura eu não sabia nada sobre Música Eletrónica, então pedi ao meu professor de ATC, na altura, para me dar umas bases. Ele deu-me umas bases, eu fiz assim uma pequena peça, enviei para esse concurso e fui chamada para finalista. E essa foi a minha primeira experiência com Música Eletrónica que foi só com a utilização de, portanto *samples*, tudo muito pouco processado, foi muito baseado no concreto e com muito pouco processamento do som. Claro que usei uma DAW para fazer a montagem da coisa, mas ainda tinha muito pouco conhecimento sobre a área, não é! Só depois quando entrei aqui para a Licenciatura em Composição na ESMAE, é que eu comecei a ter realmente muito mais conhecimento porque a composição de Música Eletrónica faz parte do nosso curso. E depois nós começámos a aprender sobre Max. Ao princípio, foi muito difícil para mim, porque eu não sou uma pessoa que se entenda bem com lógica, com Matemática. O Max é muito baseado em algoritmos, em Matemática. Eu tive muita dificuldade no início. Mas, depois acabei por gostar imenso a partir do momento em que eu comecei a perceber o que é possível fazer com este tipo de Tecnologia. Depois, já no final da Licenciatura eu comecei a ser introduzida

aos sensores. Eu pensei... “Então de que forma é que eu posso usar esse tipo de Tecnologia para a minha composição, para o meu tipo de composição?”. Foi isso que eu decidi começar a trabalhar no Mestrado. E é o que agora estou a trabalhar, que é de que forma é que podemos aproveitar ou utilizar informação de movimento através de Tecnologia Sensorial, e de que forma esse tipo de movimento, o tipo de movimento e o tipo de informação que nós obtemos de um movimento, de que forma é que podemos usá-la na composição de uma peça e que parâmetros é que podem ser alterados em tempo real. A utilização, basicamente de sensores de movimento e toda a programação que isso envolve é o que eu estou a trabalhar neste momento.

PERCURSO ESCOLAR

Sandra Pereira: Achas que a forma como foste educada influenciou de alguma maneira as tuas escolhas académicas e profissionais?

Olívia Silva: Diria que sim. Porque primeiro, os meus pais sempre me disseram que eu tinha a liberdade de escolher a área que quisesse, independentemente se dava muito dinheiro ou não. Para eles sempre foi preferível que eu estivesse numa área onde me sentisse realizada e feliz, do que seguir uma área que dá muito dinheiro, mas em que a pessoa não se sente realizada. E desse ponto de vista, sim. A educação que eu tive por parte dos meus pais foi bastante importante. Para além disso, eu sempre fui pessoa de ir à Igreja, e na Igreja é muito valorizada a Música. Ou seja, eu comecei a tocar piano na Igreja muito cedo. Eu acho que é comum até, nos instrumentistas que depois vão estudar profissionalmente. É comum, alguns pelo menos, terem começado a tocar numa Igreja, que é interessante, porque realmente, e não estou a falar só da Igreja Católica, estou a falar de outras Igrejas, também as protestantes. Aliás, eu não comecei na Igreja Católica, nunca fui católica, mas comecei a tocar na Igreja muito cedo. Teria uns 12 anos, por aí, e tenho vindo sempre a tocar na Igreja, nestes anos todos até agora. E, entretanto, o meu irmão mais novo também. Antes de mim era um dos meus irmãos mais velhos que estudou no Conservatório, era ele que tocava, e eu acho que isso também foi muito importante para adquirir esse gosto pela Música.

Sandra Pereira: O que é que os teus pais faziam profissionalmente?

Olívia Silva: Os meus pais não eram da área da Música. Aliás os meus pais e as famílias deles não eram famílias de músicos. A minha mãe foi contabilista no Banco de Portugal, antes disso trabalhava em Jornalismo e teve outros empregos, foi professora também. O Meu pai trabalhava para o STCP, portanto ele era electricista de bobinagem para o STCP, portanto áreas que não têm nada a ver com Música.

Sandra Pereira: Consideras que o teu contexto geográfico e socioeconómico contribuiu para a tua escolha profissional?

Olívia Silva: Contexto geográfico, talvez não. Acho que não. Contexto socioeconómico.... No contexto socioeconómico eu nem sei dizer muito bem. O contexto económico nunca foi muito favorável para seguir Música, até porque na altura não havia Ensino Integrado. A Música e a escola eram coisas separadas. Portanto, a nível financeiro nunca foi muito fácil e por isso é que também, só tomei a decisão muito tarde já, de poder seguir Música. Só depois quando houve o Ensino Integrado e o Ensino Profissional é que eu realmente pensei... “Ah se calhar tenho uma hipótese”. Mesmo quando estudei no curso profissional, eu fiz o curso profissional todo com uma flauta de principiante, porque não havia dinheiro para mais.

Sandra Pereira: Existiu algum tipo de orientação profissional ou académica, da tua família ou da escola na escolha do percurso que te trouxe até aqui?

Olívia Silva: Eu sempre tomei muito as decisões por mim própria, portanto quando comecei a estudar Música, eu tinha ideia que queria ser instrumentista. Depois os meus professores disseram... “Tu, provavelmente, não vais sair daqui e vais entrar numa Universidade como instrumentista porque nessa altura vais ter um estudo só de três anos do instrumento e como pianista tu também não vais conseguir”. Todos os meus professores disseram isso. Eu pensei, se eu quiser eu vou conseguir, independentemente do que os meus professores dizem. Claro que os meus professores tinham experiência, mas eu pensei...” Se eu quiser mesmo eu vou conseguir”. Mas depois é que eu comecei a ter interesse pela área da Composição e vi que gostava muito... “Então os meus professores dizem-me que provavelmente não vou poder ser instrumentista. Mas eu sei que se quisesse eu realmente ia conseguir, mas agora vejo este meu interesse pela área da Composição então, vou tentar por aqui.” Então, tive o apoio do meu professor de ATC, na altura, não se chamava ATC, no curso profissional tem outro nome, mas é a mesma coisa. Eu diria que da parte dos professores de instrumento havia alguma relutância em ver-me a seguir o instrumento, mas da parte do professor de Composição havia esse interesse, esse apoio.

Sandra Pereira: Consideras essencial ter formação musical para perseguir uma carreira nas Tecnologias de Som?

Olívia Silva: Eu diria que é importante ter pelo menos um mínimo, ter noção de ritmo. Diria que é mesmo importante e não só formação musical por si. Se a pessoa que segue a área das Tecnologias do Som, tiver já tido um conhecimento, pelo menos, da História da Música, até a História da Música Eletrónica, que é uma coisa muito negligenciada mesmo na área da Música, ainda hoje, pelo menos antes da Universidade. Eu diria que sim que é muito importante. É muito importante, não só saber seguir uma partitura, eu diria

que é importante, mas também ter alguma noção de frase musical de, até de intuição musical. E conhecer também muita música diferente. Eu diria que isso ajuda muito.

Sandra Pereira: Consideras que estavas bem informada na altura em que decidiste seguir estudos na área do Som? Já respondeste mais ou menos a isto, podes sumarizar. Orientação escolar, orientação familiar. Achas que tinhas essa informação? Se não, o que é que achas que terá faltado, se sim, o que é que achas que pode melhorar? Primeiro, tiveste ou não, achas que estavas bem informada?

Olívia Silva: Eu não diria que estava assim muito bem informada, mas eu também não me preocupei muito em estar muito bem informada porque eu comecei com a Música Eletrónica, como já tinha dito, no décimo segundo ano, e nós não tínhamos essa formação no Ensino da Música, no curso profissional e em Composição. Em ATC nós não temos essa formação, isso foi mesmo por mim própria que eu comecei a ter esse interesse.

Sandra Pereira: Então o que é que achas que terá faltado?

Olívia Silva: O que eu acho que falta é, mesmo no Ensino Secundário, os alunos terem pelo menos a noção de que as coisas existem e que há uma História. Porque é assim, eu só comecei a estudar Música eletrónica, por exemplo, mais a fundo na Licenciatura e, mesmo assim, não foi muito a fundo. Portanto a Licenciatura dá umas boas bases, sobre a Tecnologia, sobre a utilização das DAWs, a utilização do Max. Dá umas boas bases, mas não saímos da Licenciatura a saber muito e a saber muito sobre o que dá para fazer com o Max, por exemplo.

GÉNERO

Sandra Pereira: Para ti o que para ti significa ser uma artista?

Olívia Silva: Para mim ser uma mulher artista eu acho que, principalmente na área do Som e na área da Música Eletrónica, é muito engraçado, porque é uma área ainda muito dominada por homens, não é! Então para mim é muito engraçado ver, por exemplo, quando eu comecei a fazer trabalhos com Música Eletrónica, isso já foi no décimo segundo ano, eu concorri a um concurso de Música Eletrónica que era para alunos do Secundário, que é uma coisa que não há muito, não é! Concurso de Música Eletrónica para alunos do Secundário, é uma coisa que não se vê muito. Então, eu fui finalista nesse concurso. Foi curioso que nesse ano em que eu concorri foram quatro finalistas e três eram mulheres, eu incluída. Foi muito engraçado.

Sandra Pereira: Mas define engraçado, o que é que queres dizer com isso?

Olívia Silva: Eu digo engraçado porque se nós formos a ver nos dias que correm, há muito poucas mulheres nesta área. Eu diria que me abriu os olhos. Abriu-me os olhos para, realmente, a falta de mulheres que há na nossa área, não é? Eu não sei se será também por falta de interesse, ou se será por... Eu não diria que é por falta de oportunidade, porque oportunidade há para toda a gente, mas eu não sei se será realmente falta dessa educação, já vinda de trás, não é! As pessoas só começam a ter uma noção do que a área do Som, e da Tecnologia e da Música Eletrónica quando chegam à Universidade, se tivessem antes eu acho que ia ser diferente.

Sandra Pereira: Tens tido muitas colegas ao longo do seu percurso académico, colegas mulheres?

Olívia Silva: No ano em que eu entrei era eu e uma colega, portanto éramos duas mulheres e eram quatro homens. Normalmente na Licenciatura costumam entrar cerca de seis pessoas para um curso de Licenciatura, mas sempre foram mais homens do que mulheres a entrar.

Sandra Pereira: E então nesse contexto fala-me da tua experiência. Achas que isto é um fator influente para ti e influencia-te de alguma forma positiva, negativa ou não te influencia?

Olívia Silva: Eu nunca pensei muito sobre isso. Nunca pensei muito de que forma é que me influencia, mas eu diria que me sinto assim muito... Eu não diria que me sinto diferente. Acho interessante ver realmente porque é que há tão poucas mulheres, não é só na área da Composição. Eu acho que é ainda mais escasso na área da Música Eletrónica e na área do Som. Eu diria que, eu simplesmente penso que é interessante.

Sandra Pereira: No que diz respeito à representatividade feminina, é uma área que consideras onde há um equilíbrio de números. Sim ou não, porquê?

Olívia Silva: Há sempre mais homens do que mulheres, sim. Eu não sei se é por falta de interesse. Eu não diria que é por falta de oportunidade. Não diria de todo que é isso. Eu diria que, por exemplo, no Ensino Secundário, no estudo de instrumento, as coisas estão bastante equilibradas em termos de género, mas há realmente muito poucas mulheres a escolher a Composição e depois, especificamente, a Música Eletrónica ou a área das Tecnologias de Som, de Produção e Tecnologias da Música. Há muito poucas mulheres. Eu penso que é isso, a falta de informação, talvez. A falta de divulgação destes cursos, e a falta também de recursos, talvez no Ensino Secundário, para começar a introduzir este tipo de área aos alunos. O que eu vejo é no Ensino Profissional de Música é que os professores têm aquelas matérias para dar e já têm dificuldade em dar aquelas matérias quanto mais introduzir coisas extra. Eu acho que é isso.

Sandra Pereira: Achas que ser mulher pode acrescentar alguma coisa diferente a esta área?

Olívia Silva: Sim, porque precisamente porque há poucas. Há poucas mulheres. Eu não diria que em termos de criatividade, as mulheres sejam melhores do que o homem. Podem ter o mesmo nível de criatividade e capacidade, género aqui não é questão. O que eu considero é que a mulher pode ser um contributo mesmo porque há poucas, e o contributo da mulher pode ser mesmo bom. Pode. Eu acho que é. Eu acho que é bom.

Sandra Pereira: Já alguma vez sentiste algum tipo de tratamento diferenciado por parte de colegas, professores, neste caso, instituições, festivais, concursos?

Olívia Silva: Diferenciado no mau sentido não, nunca. Diferenciado no sentido de ser uma das únicas, sim, mas era mais sentido de admiração até. Por causa desse concurso em que fui uma das finalistas, concurso de Música Eletrónica. Eu e uma das minhas colegas fomos escolhidas para ir depois a um festival de Música Eletrónica no Mónaco. E foi muito engraçado porque nós éramos as únicas da nossa idade e eu nem me lembro sequer de ver lá muitas mulheres. Havia muitos, muitos alunos, havia muitos homens e depois muitas das pessoas que apresentavam as palestras, mesas redondas, concertos, portanto os concertos que havia tinham muitos homens, muitas peças de homens. Eu diria que o tratamento foi mais de admiração... “Temos mulheres aqui!” Foi positivo, sim.

Sandra Pereira: A tua reação a isto?

Olívia Silva: No princípio foi sempre um bocado de indiferença porque nunca prestei muita atenção a estas questões de género, sinceramente.

Sandra Pereira: Da experiência internacional, falaste no Mónaco, achas que há diferença em relação a Portugal?

Olívia Silva: Eu acho que isto de não haver um equilíbrio de género na nossa área é uma coisa que não se circunscreve só a Portugal, diria que noutros países acontece a mesma coisa.

Sandra Pereira: Os desafios a nível físico que podem surgir nestas áreas ou nas áreas mais técnicas, pelo menos, para ti alguma vez foram um obstáculo?

Olívia Silva: No meu caso não. A única coisa que é mais pesado é o computador e mesmo assim é portátil.

Sandra Pereira: Diz-me uma coisa, achas que esta pode ser uma questão impeditiva para futuras profissionais do género feminino nas áreas das Tecnologias, lembra-te das técnicas de som também.

Olívia Silva: Impeditivo, não vejo porque é que será impeditivo, a não ser que a pessoa tenha problemas de saúde, mas por ser uma questão de género eu não vejo porque é que isso seja impeditivo.

Sandra Pereira: Consideras que os teus pares respeitam e valorizam como profissional?

Olívia Silva: Bastante respeito, mesmo por parte dos professores também, sempre o maior respeito.

Sandra Pereira: Os recentes debates sobre igualdade de género achas que são importantes para estas profissões?

Olívia Silva: Sim, talvez para haver mais equilíbrio de género, eu diria que era importante ter realmente mais mulheres nesta área. Não só na minha área da Composição e da Música Eletrónica, nas áreas de Som também, porque eu acho que ainda é mais proeminente nas áreas do Som, não tanto até na Composição. Eu diria que sim, é importante porque eu diria que ainda há muito desequilíbrio. Talvez seja falta de interesse também, ou a falta de divulgação.

Sandra Pereira: Achas que há mesmo profissões femininas e profissões masculinas?

Olívia Silva: Eu diria que há profissões mais...talvez mais preferidas por homens e profissões mais preferidas por mulheres. E não acho que haja realmente profissões só para homens e só para mulheres. Não acredito nisso. O que é importante numa profissão é o mérito, e o mérito não está circunscrito ao género. Nós sabemos que nos dias de hoje ainda acontece muito essa desigualdade de género, mas, sinceramente, para mim não há profissões só masculinas, profissões só femininas, por exemplo, num cargo de gestão, se calhar até há mulheres que têm mais capacidade que um homem para fazer o mesmo papel. Agora diferenças de pagamento e tal, nós sabemos que isso ainda é questão nos dias de hoje e é uma coisa que tem que ser trabalhada.

Sandra Pereira: Como encaras a cena atual e a relação da mulher com a Música o Som e a Tecnologia?

Olívia Silva: Sim, eu diria que a relação tem vindo a melhorar. Porque se formos a ver no século XX, havia ainda menos mulheres nesta área, e o seu trabalho não era valorizado, muitas vezes, se formos a ver mulheres que trabalharam com Pierre Schaeffer, com o Pierre Henry, até com o Steve Reich. Portanto mulheres que trabalharam em construção de sintetizadores, por exemplo, as mulheres que trabalharam para a construção do *MOOG*, para a construção do *Buchla* são mulheres que não são faladas nos dias de hoje. E fala-se sobre o *MOOG*, fala-se sobre o *Buchla*, fala-se sobre Pierre Schaeffer e o Pierre Henry, não se fala das mulheres que contribuíram para as descobertas deles, não é! Mas eu diria que nos dias de hoje

a relação está melhor, podia ser melhor, mas claro que podia sempre ser melhor, mas está muito melhor, diria.

Sandra Pereira: Consideras que é ou não importante falar da representatividade de género em qualquer profissão?

Olívia Silva: Até certo ponto sim eu diria que sim é importante, mas também não vejo, assim grande problema em haver mais mulheres do que homens numa determinada área, a não ser que haja realmente, por exemplo, um caso de desigualdade, em que temos uma mulher e um homem a fazer o mesmo trabalho e a mulher ganha menos que o homem, isso é grave. Mas em termos de representatividade de género, é interessante ver se existe um equilíbrio ou não, na minha opinião. É ainda mais interessante nas áreas em que realmente há muito poucas mulheres.

Sandra Pereira: Portanto nas Tecnologias do Som a resposta é sim?

Olívia Silva: Na nossa área sim, é interessante de prever.

Sandra Pereira: Tens-te dado conta, como estudante, mas também compositora, da existência de cotas por género, no âmbito da participação em eventos, bienais, mesas redondas, simpósios, festivais painéis, concursos?

Olívia Silva: Cotas não. Eu nunca vi nada desse género. Eu já vi um concurso em que pediam só obras de mulheres compositoras, isso já se começa a ver. Agora, por exemplo, num concurso de Composição, eu não creio que eles vão estar a ver a quantos homens e a quantas mulheres, a quem atribuem prémio, se é homem se é mulher. Eu acho que não vão estar a ver isso, ou até mesmo, nas pessoas que convidam para palestras ou coisas deste género. Eu penso que não, que não existe muito, pelo menos.

Sandra Pereira: Qual é a tua opinião sobre a sua existência nos mais variantes quadrantes da sociedade?

Olívia Silva: Por um lado, eu não acho que seja bom, porque eu considero que o acesso a determinado cargo, o acesso à participação em determinada palestra ou concurso não deve ter a ver com género deve ter a ver com o mérito. Eu diria que isso é o mais importante.

Sandra Pereira: Mas achas que podem vir a constituir-se como uma possível solução para as diferenças na representatividade?

Olívia Silva: Ora bem, talvez nas áreas em que existe realmente uma grande desproporção. Aí talvez, porque eu acho que o problema maior, até nos dias de hoje, não é a falta de oportunidade é a falta de divulgação e a falta dessa educação, já desde mais cedo, diria que é isso.

Sandra Pereira: A Indústria da Música está a mudar e as novas tecnologias fazem com que estas mudanças sejam mais notáveis. Achas que estas contribuem para um maior acesso a este tipo de profissões, Cursos de Especialização Tecnológica, para as mulheres.

Olívia Silva: Sim.

Sandra Pereira: Na tua opinião quais são os maiores desafios que as mulheres encaram na Indústria Musical e nas Tecnologias relacionadas com o Som nos dias de hoje?

Olívia Silva: Os maiores desafios? Não é uma pergunta muito fácil de responder. Sinceramente, eu nunca pensei sobre isso. Eu diria que em termos de acesso a cargos, eu não vejo que haja tanto desafio porque aqui eu estou a olhar para o mérito, não é, portanto, independentemente de ser um homem ou de ser uma mulher, creio que as instituições normalmente escolhem pelo mérito, não pelo género. Agora, vendo as coisas do ponto de vista do género há muito mais homens do que mulheres, então o desafio talvez seja mais nesse sentido, é que concorrem muitos homens ao mesmo posto.

Sandra Pereira: Achas que estes desafios podem incluir de alguma forma preconceito de género?

Olívia Silva: Não, sinceramente, não.

Sandra Pereira: Achas que o teu contexto geográfico é preponderante na persecução do teu sucesso profissional nesta área?

Olívia Silva: Talvez, porque aqui em Portugal ainda há pouco a ser feito na nossa área e na área da Música eletrónica. Há outros países em que a Música Eletrónica tem muita preponderância. Mesmo por parte das instituições, o valorizar, para que os alunos sigam esta esta área. Aqui em Portugal há algumas pessoas nesta área que são importantes nesta área. Para o meu sucesso, futuro, sinceramente nunca pensei em sair de Portugal, apesar de provavelmente, ter mais oportunidades noutra país onde a Música Eletrónica seja mais valorizada. Eu considero que a própria pessoa faz o seu sucesso. Se a pessoa trabalha para atingir um determinado objetivo, claro que tem envolventes, mas se uma pessoa trabalha duro o suficiente para alcançar determinado objetivo, eu acho que as coisas começam a contribuir também para o sucesso da pessoa.

Sandra Pereira: Já alguma vez experienciaste alguma reação diferente e de papel de género quando algum desconhecido percebe o que tu fazes? E qual foi, se é que existiu?

Olívia Silva: Normalmente a reação é de admiração e é por pessoas que não conhecem nada sobre a Música. Portanto, na área da Música nunca vi admiração, a não ser, lá está, num ou noutro momento, nós sabemos que a Música Eletrónica é muito dominada por homens, então vemos aquela admiração... “Ah temos aqui uma mulher finalmente!” Mas a maior admiração que eu vejo é por parte das pessoas que não sabem nada sobre Música e ficam contentíssimas.

Sandra Pereira: Então nada relacionada com género?

Olívia Silva: Não.

Sandra Pereira: O que é que dirias às mulheres, às jovens que pretendem seguir as Tecnologias do Som?

Olívia Silva: Diria que é uma área que é muito recompensadora porque é uma área onde nós podemos realmente dar azo à criatividade. Foi com a uma Música Eletrónica que eu comecei mesmo, a sentir-me livre, nesse sentido. Eu diria que é uma área em que há tão poucas mulheres, precisávamos de mais. Cada pessoa, independentemente do género, tem o seu contributo para a área, mas realmente há tão poucas mulheres. Precisávamos de mais, e é uma área realmente extremamente interessante. Deveria haver um interesse, assim mais cedo, também da própria pessoa em procurar saber mais sobre ela sobre esta área.

Sandra Pereira: Incitarias uma filha a seguir esta área, porquê?

Olívia Silva: Incitaria, sim. Não só a seguir esta área da Música Eletrónica, a seguir a Composição. Incitaria, não obrigaria porque não fui educada assim também. É óbvio que eu, para o futuro, quero educar os meus filhos na Música porque eu diria que mesmo que depois não sigam Música, ficam com conhecimento, ficam com a prática e ficam com as lições que vêm da prática. Mas sim, eu com certeza eu ia encorajar muito uma filha a seguir esta área.

Sandra Pereira: Consideras que é uma área financeiramente rentável e, portanto, atrativa para construção de carreira, apesar de muito do trabalho ser independente?

Olívia Silva: Nós sabemos que em Portugal esta área, a área do Som e da Composição é muito difícil. Parece que, e isso vê-se muito na Composição... As pessoas têm ainda muita relutância em pagar o serviço que recebem. Precisamente porque nunca há muito financiamento para esta área. Para a área da Música

no geral, nunca há muito financiamento. É uma área difícil de se receber financeiramente o que merecemos realmente.

Sandra Pereira: Notas alguma diferença de mentalidade nesta área no que diz às questões de representatividade e de igualdade de género?

Olívia Silva: Sim, houve uma clara mudança de mentalidade, principalmente do século XX para os nossos dias, com certeza que houve, até porque, por exemplo, eu já dei o exemplo de mulheres que trabalharam com grandes nomes da Música Eletrónica do século XX.

Sandra Pereira: Qual é que achas que é o caminho para uma mudança de paradigma nas questões da representatividade e igualdade?

Olívia Silva: Eu diria que no Ensino especializado de Música, principalmente, eu diria que deve vir desde cedo, portanto desde o início, pelo menos Ensino Secundário, já há cursos especializados, de Composição pelo menos, no Ensino Secundário. Portanto, eu diria que vem daí, deve vir daí. Dos próprios professores incentivarem os alunos a seguir essa área. Claro que, muito provavelmente, a maioria deles vai seguir instrumento ou até acontece nem seguirem a área da Música não é. Mas eu diria que começar a inculir esse conhecimento no Ensino de Música, a História da Música Eletrónica, a utilização de sintetizadores, a introdução às DAWs. Tudo seria importante para começar a inculir esse interesse nos alunos e nas novas gerações.

Sandra Pereira: Acrescentando a isso como fazemos para atrair mais mulheres para esta área?

Olívia Silva: Eu posso falar da minha experiência de ter estudado Música. Já na altura em que eu estudei Música no Ensino Secundário não havia assim tantas mulheres como poderia haver. Se calhar, se houvesse mais mulheres em Música haveria mais mulheres atraídas pela área do Som. Mas, eu penso que, lá está, já deve ser inculido pelos professores desde cedo. Ainda há muita gente, mesmo na área da Música que não percebe nada sobre Música Eletrónica, não sabe nada sobre a História e muito menos sobre o papel da mulher para a Música do século XX. No século XX a mulher ainda estava muito na obscuridade, não era só na Música Eletrónica, na Música em geral, na Composição também. Apesar de que houve mulheres no século XX importantíssimas na área da Composição, por exemplo, a Sofia Gubaidulina, apesar de não ter feito muita coisa na área da Música Eletrónica, mas, por exemplo, a Pauline Oliveros, foi importantíssima para a Música Eletrónica e para a Música Experimental, depois da II Guerra Mundial. Eu acho que começar a inculir esse tipo de conhecimento nas novas gerações e principalmente nas mulheres, dar-lhes esse conhecimento, mesmo que elas não procurem por elas próprias. Isso já é meio caminho andado.

Sandra Pereira: O que é que te imaginas a fazer no futuro?

Olívia Silva: No futuro eu imagino-me a ser uma compositora muito requisitada. Muito requisitada para concertos e para apresentações de Música Eletrónica, muito requisitada para palestras pela minha muita experiência na área. Imagino-me como professora, porque em Portugal é difícil não ser professor principalmente nesta área, e basicamente é isso.

Sandra Pereira: Alguma pergunta que gostarias que te tivesse feito?

Olívia Silva: Não, eu acho que fizeste muitas perguntas que me fizeram pensar aqui, agora, no momento eu não consigo pensar em mais.

Sandra Pereira: Duas extra. Achas que a maternidade pode ser um obstáculo para que as mulheres trabalhem nas Tecnologias do Som?

Olívia Silva: Não, eu não considero que seja um obstáculo. A questão da maternidade é uma questão muito pessoal. Eu pelo menos vejo-me a ser mãe, no futuro. Desde que a pessoa saiba gerir bem a sua vida, diria que isso não é um problema. Aliás, tenho o exemplo da minha mãe que trabalhou no Banco de Portugal, trabalhava em *full time* e tinha dois filhos em casa, e depois acabou por ter mais, acabou por me ter a mim e ao meu irmão mais novo. Tinha também muita ajuda do meu pai. O meu pai era daqueles homens que foi muito envolvido na criação dos filhos. Eu acho que isso também é importante para uma mulher que quer ser mãe. Ter um parceiro que seja envolvido na criação dos filhos. Eu acho que tendo esse equilíbrio, é perfeitamente possível uma mulher ser muito bem-sucedida na sua carreira e ter uma vida familiar e ter filhos.

Sandra Pereira: Há pouco estavas a dizer que devíamos atrair mais mulheres para depois elas poderem ir para as Tecnologias. E aquelas mulheres que não têm formação musical?

Olívia Silva: Isso é uma pergunta interessante. Porque, realmente, há mulheres que decidem seguir a área do Som e da Produção e Tecnologias do Som e realmente não vieram da Música. Para atrair essas mulheres, eu também não tenho muito conhecimento sobre isso, mulheres que vão para essas áreas e não vêm da Música, também não sei qual é o *background* delas. De onde é que elas vieram. Talvez a divulgação, porque eu acho que é a mesma questão da divulgação desses cursos que iria atrair mais mulheres para esta área.

Transcrição da Entrevista

Raquel Castro

SOCIODEMOGRAFIA

NOME: Raquel Castro

IDADE:44

ESTADO CIVIL: Casada

FILHOS: 2

NATURALIDADE: Viseu

RESIDÊNCIA: Belverde, freguesia da Amora, concelho do Seixal, portanto Margem Sul de Lisboa, perto da Fonte da Telha

PERCURSO PROFISSIONAL

Sandra Pereira: Olá Raquel.

Raquel Castro: Podes dizer-me o que é que fazes e como defines o que fazes profissionalmente?

Raquel Castro: Bom, tenho sempre alguma dificuldade em responder a essa questão, sobretudo naqueles formulários em que temos que resumir com uma só palavra a nossa profissão. Normalmente ponho o chapéu de investigadora porque considero que todo o trabalho que tenho vindo a fazer é realmente resultado de um trabalho de investigação. Portanto, eu sou investigadora na área do Ambiente Sonoro e da Ecologia Acústica, das Paisagens Sonoras. A par com isso, e no processo de investigação, no meu percurso de investigação, tenho feito vários documentários. Aliás, já vinha do documentário antes, e daí ter continuado sempre a procurar e, a partir de certa altura, dediquei a minha vertente de documentarista completamente ao Som e sou, digamos, curadora de Arte Sonora organizadora de, sobretudo mais intensamente, o *Lisboa Soa* que é um festival de Arte Sonora, mas também do *Invisible Places*, que é um Simpósio Internacional sobre o Som, e que são projetos que eu iniciei há alguns anos e aos quais me tenho dedicado.

Sandra Pereira: Quantos anos de experiência nesta área?

Raquel Castro: Enfim, comecei a dedicar-me mais inteiramente ao Som e tudo o que eu faço está relacionado com isso, desde 2005, portanto dezasseis anos.

Sandra Pereira: Foi a tua primeira escolha profissional?

Raquel Castro: Não, aliás a minha formação de base, que eu não exerço, ou de certa forma se calhar exerço, vê tu bem, é Gestão. Eu licenciiei-me em Gestão, muito direcionada por uma tradição familiar, digamos assim. Na minha família toda a gente está ligada aos negócios e ao comércio, Gestão, vá. É um facto que não tenho ninguém na minha família que tenha enveredado por outras áreas. É tudo muito direcionado para aí. Na altura, em miúda, eu acho que uma pessoa não sabe muito bem aquilo que pretende fazer. Fiz o curso, também queria muito sair de Viseu, que é a cidade onde cresci e, portanto, fui estudar para o Porto. Acabei por terminar o curso e na altura tinha que fazer um estágio curricular, mas desisti duas vezes porque não aguentava o ambiente de escritório e depois decidi que ia fazer um *inter-rail* sozinha e tentar perceber o que queria fazer à minha vida. Tinha 23, 24 anos e as coisas vieram de certa forma ter comigo, mas também muito impulsionadas pelo fato de eu querer descobrir o que realmente queria fazer. A certa altura em 2003, 2004, com o Tiago Pereira, que tem hoje a *Música Portuguesa a Gostar Dela Própria*, na altura abrimos uma produtora os dois e começámos a fazer um projeto que vendíamos às Câmaras Municipais e que nos fez andar por várias zonas do país a recolher cantigas, lengalengas, coisas relacionadas com a tradição oral. Eu comecei a fazer o Mestrado em Ciências da Comunicação na Nova, em Lisboa. Andava à procura do tema que queria investigar e todos os meus colegas estavam muito direcionados para a imagem, quase todas as investigações eram relacionadas com a imagem e eu tinha este projeto que me fazia muito pensar sobre a identidade sonora dos lugares e a partir daí descobri a Ecologia Acústica e todo um mundo ao qual me fui dedicando, que me fascinou e ao qual me dediquei.

Sandra Pereira: Consegues identificar um momento decisivo para esta escolha?

Raquel Castro: Por um lado, houve um momento decisivo que foi eu decidir cortar com tudo aquilo que tinha feito antes, e foi esse projeto que tive relacionado com tradição oral e com este tipo de recolhas mais etnográficas, digamos, e ter entrado para o Mestrado e querer fazer alguma coisa que me fizesse estar em contacto com a vida e com o mundo e não fechada na biblioteca e, portanto, foi esse o ponto de viragem, digamos.

Sandra Pereira: Consegues identificar as motivações maiores se é que existiram, e a idade em que isso aconteceu?

Raquel Castro: Talvez, 27, 28 anos. As motivações foram estas. Eu na altura não imaginava que se tornaria uma coisa tão... Lembro-me, por exemplo, quando decidi que ia fazer uma Tese de Mestrado sobre Ecologia Acústica. Lembro-me perfeitamente, eu adoro a minha família, mas lembro-me perfeitamente de estarmos a almoçar e eu dizer que ia investigar a Ecologia Acústica e toda a gente se desatou a rir... “Pronto olha, lá vem ela com as suas maloqueiras”. De facto, quando eu comecei, na altura, ninguém percebia estes termos e estas minhas escolhas e hoje cada vez mais as pessoas percebem.

Sandra Pereira: Qual foi o maior desafio que encontraste no âmbito da tua profissão?

Raquel Castro: Ter trabalho, porque na verdade o que aconteceu é que a minha experiência e o meu percurso não são nada lineares. Eu não sou uma pessoa que tenha ido para uma escola de Artes, que tenha estudado nada daquilo que faz hoje. Portanto, tudo aquilo que eu faço hoje foi trabalho que eu inventei para mim. Imagina, eu comecei na altura como um estudante, já na fase de Mestrado, tinha feito um percurso antes que nada tinha a ver com isto. E depois, enfim, acho que com o mérito de ter capacidade de iniciativa e de não ter propriamente medos do desconhecido e de experimentar e me aventurar e de ter um bocadinho esse bicho de querer fazer alguma coisa que eu goste e que me motive. Nunca seria aquela pessoa que teria um trabalho só por ser, podia ser das nove às cinco, mas teria de ser alguma coisa que me apaixonasse. Seria tremendamente infeliz se me levantasse de manhã para ir trabalhar para um sítio que não gostasse. Isso, claro, tem muitas consequências. Neste momento, digamos, vivo do que faço, construí um percurso, mas é evidente que não foi nada fácil no início. Mesmo nada.

Sandra Pereira: E o que aqui te entusiasma mais e menos no que fazes?

Raquel Castro: Olha, começo pelo que me entusiasma menos que é essa procura de tornar sustentável o meu trabalho, ou seja, aquela parte de financiamentos, essas partes mais de trabalho de burocracia. Depois de ter passado muitos anos da minha vida a não ganhar quase nada, essas partes são as partes mais difíceis, tens que ser mesmo persistente e resiliente... A parte que eu mais gosto, das diferentes coisas que eu faço, desde os filmes, aos festivais, são precisamente as pessoas com quem me tenho cruzado. Por exemplo, quando é o festival, o meu trabalho grande parte do ano é pensar, no caso do festival que tem sido bastante intenso na minha vida. Pensar, fazer contactos, investigar procurar criar um conceito para aquele ano, naquele espaço e depois eu passo imenso tempo no espaço. Vou lá inúmeras vezes conhecer o

espaço, tentar perceber o que é que se pode fazer ali, que propostas é que se podem chamar para ali, pensar nos artistas que se podem trazer, essa parte eu gosto muito. De andar, de estar num sítio e andar ali a imaginar coisas e depois sobretudo a maior satisfação é quando tu vês a coisa montada e a funcionar, e aquelas semanas de preparação, de montagens, desmontagens, de estar com o pessoal no terreno, do *stress*. Isso, eu adoro tudo isso.

PERCURSO ESCOLAR

Sandra Pereira: Tinha perguntado da influência da Educação, mas já respondeste.

Raquel Castro: Mas de certa forma, também, fazendo jus à família que tenho, na verdade, pronto, eles nunca me obrigaram a nada. Tu também cresces no meio em que cresces e tens as ferramentas que tens, e depois ou te acomodas, ou não te acomodas é um bocadinho isso.

Sandra Pereira: O que é que os teus pais faziam profissionalmente?

Raquel Castro: A minha mãe é professora, também tinha, na altura, lojas e o meu pai era empresário.

Sandra Pereira: Consideras que o teu contexto geográfico e socioeconómico contribuiu para a escolha da profissão?

Raquel Castro: Não. Viseu não facilita em nada a vida para nós descobrirmos... Viseu e outras cidades. Já agora, deixa-me dizer isto, eu lembro-me de ser miúda e ouvir aquela música do Lou Reed que é *The only good thing about growing up in a small town is that you know that you want to get out*. É exatamente a minha história. Nesse aspeto é tramado, o sítio onde tu vives ajuda-te imenso, porque eu andei muito mesmo à deriva para poder perceber o que é que queria fazer à minha vida, percebes. Eu era a *freak* da família, percebes, alguém tem de ser, alguém tem de ter esse papel.

Sandra Pereira: Tens formação musical?

Raquel Castro: Não.

Sandra Pereira: E consideras essencial ter formação musical para perseguir uma carreira nas Tecnologias do Som?

Raquel Castro: Boa pergunta. Embora, quer dizer, no meu caso não acho que isso seja necessário. Não tem sido um problema para mim. É óbvio que, sobretudo com o meu caso particular em que venho de uma área que nada tem a ver com estas coisas, e de repente há toda uma série de coisas que eu aprendi na prática, experimentando, fazendo. As escolas são muito boas, mas tu não podes limitar às escolas nunca. Tens que fazer o teu caminho.

Sandra Pereira: Consideras que estavas bem informada na altura em que decidiste seguir esta área?

Raquel Castro: Olha, eu por acaso, quando eu comecei, mesmo na altura do Mestrado, tive a sorte e a felicidade de, muito rapidamente, começar a criar uma rede de contactos com grandes nomes desta área, internacionalmente falando. Imagina, apesar de andar sempre com as contas muito limitadas, mas sempre fui fazendo coisas do género, por exemplo, em 2005 fui a Londres contactei o Peter Cusack, um grande nome dos *field recordings*, e na altura foi importante para mim porque a partir dele entrevistei uma série de pessoas, ou seja, eu não fiquei só limitada aos livros que consegui encontrar para ler, pus-me sempre em contacto com pessoas de todo o lado. Portanto, a qualquer lado que eu ia, eu ia sempre entrevistar alguém, ia sempre ter com alguém, e nesse aspeto acho que isso ajudou-me muito no fundo, percebes. Eu na altura não tinha nenhuma ideia de que iria fazer o que faço hoje, não tinha ideia nenhuma de que iria ser possível, ou que eu me iria dedicar tanto a isto, percebes, e que todo o meu trabalho iria estar relacionado com isso.

Sandra Pereira: Portanto, há pouco estavas a dizer que não nos podemos limitar à Universidade, certo? Neste sentido da informação, achas que pode melhorar?

Raquel Castro: Nós vivemos num tempo que nos facilita imenso a vida porque nós podemos saber mais sobre tudo o que quisermos. Tens toda a informação disponível no teu computador, no teu telefone a qualquer momento a qualquer hora, portanto essa questão da informação, hoje em dia, não se coloca porque nós temos-la, agora o que se coloca é a urgência que tu tens em fazer uso disso. Aí, depois é pessoal.

GÉNERO

Sandra Pereira: O que é que para ti significa ser mulher artista?

Raquel Castro: Eu não vejo grande diferença entre ser mulher artista e ser homem artista.

Sandra Pereira: Tiveste muitas colegas ao longo do teu percurso académico e profissional?

Raquel Castro: Poucas, menos que os homens, definitivamente. Na parte da formação, tendo em conta que eu me dediquei a esta área já na vertente mais solitária do processo de educação que é já a parte da investigação, o meu orientador foi um homem, apesar de não ser da área do Som. E, em todas as minhas práticas, seja nos filmes, seja nos festivais eu tento muito ter esse equilíbrio de género. É difícil manter e é difícil consegui-lo.

Sandra Pereira: E consideras que este facto te influenciou de forma positiva ou negativa, ou seja, o facto de teres tido poucas colegas, de encontrares poucas mulheres?

Raquel Castro: Não me influenciou. Não foi uma coisa que tenha estado presente no meu percurso, nem na qual eu tenha refletido sequer. Nunca pensei muito nisso, fui fazendo as coisas que quis fazer, indiferente ao facto de ser mulher.

Sandra Pereira: No que diz respeito à representatividade feminina na tua área, qual é a tua opinião? É uma área onde, já respondeste, mas... onde há um equilíbrio de números?

Raquel Castro: Não há um equilíbrio de números nesta área, assim como não há em uma série de áreas. Por um lado, todas as áreas que sejam um pouco mais viradas para questões técnicas, Engenharias, enfim, geralmente atraem mais homens. Em relação à investigação em Ciências Sociais, que é outra área que é uma parte importante na minha vida, é evidente que a balança já está muito mais equilibrada, mas os temas, se calhar, são outros. Em relação, por exemplo, à parte mais de curadoria que eu faço, tentar manter esse equilíbrio realmente, eu acho que é difícil, não sei exatamente porquê, acho que tem mesmo a ver com a questão técnica.

Sandra Pereira: Achas que ser mulher acrescenta alguma coisa diferente à área profissional?

Raquel Castro: Tem muito que se lhe diga. Eu acho que sim, porque enfim, sendo nós, ou pensando nós, ou acreditando eu que é absolutamente idêntico ser artista homem, ou mulher investigadora, ou homem, ou mulher ...enfim. É indiscutível que são géneros diferentes, com gostos diferentes, com disponibilidades diferentes, com formas de refletir diferentes e, portanto, sim. Considero que em comparação com, por exemplo, no caso dos festivais, com outros festivais em que tenho estado que são organizados por homens, acho que o *Lisboa Soa*, o facto de ser eventualmente pensado por uma mulher é capaz de ter bastantes diferenças depois no resultado.

Sandra Pereira: Já alguma vez sentiste algum tipo de tratamento diferenciado por parte de colegas, clientes, instituições ou organizações?

Raquel Castro: Já me aconteceu, por exemplo, enfim, eu faço parte de uma área específica, da questão da Arte Sonora e da curadoria da Arte Sonora e já me aconteceu perceber que, por exemplo, em determinadas situações, se calhar o facto de ser mulher... Imagina, houve uma expedição de curadores de Arte Sonora, iam todos num barco, já não me lembro bem qual era o percurso, e eu na altura fiquei a achar... “Não me convidaram porque são todos homens e eu sou mulher, e pronto”. Mas aí está, eu sempre combati isso, não de uma forma refletida, mas porque sempre combati, porque na verdade sempre tive essa disponibilidade de ir e nunca me assustou ir para o meio de um sítio qualquer. De certa forma acho que também tem a ver com o facto de, se tu inicias os projetos que, por acaso tem sido a minha prática, não é, pensar num projeto, criá-lo, ter a felicidade de o conseguir fazer acontecer, aí tu não estás tão dependente, quer dizer, estás tu a puxar o barco, portanto, não estás à espera que nenhum homem te venha arranjar lugar seja onde for. Nunca estive à espera disso.

Sandra Pereira: Na tua experiência o contexto internacional é diferente?

Raquel Castro: Não sei, acho que não. Acho que estas questões se colocam por todo o lado. Acho que há mais homens por todo o lado, não é só aqui. Já tive experiências na vida, nomeadamente no *Festival Tsunami*, no Chile, onde eu estive por duas vezes, uma em 2016 e outra em 2019. Aliás em 2019, na altura havia os protestos sociais para demitir o Piñera e estavam bastante violentos. Eu, sendo mãe de filhos e tendo a vida que tenho, se calhar, seria mais sensato não ter ido. Aí está uma questão que se calhar muitos homens desistiram de ir na altura, mas mulheres então, era mesmo muito difícil. Estamos a falar de uma circunstância em que eu andei a fugir de gás lacrimogéneo, foi a primeira vez na minha vida, na rua. Havia situações de imensa tensão. Barricadas, pessoas a partir coisas, mulheres que desapareceram.... Muitas injustiças, problemas, e isso se calhar é bocadinho mais raro encontrares aí mulheres em circunstâncias deste género, mas encontras. Só que, de facto, a questão não é assim tão diferente, é igual, é idêntica. A forma como se vive isso poderá ser diferente. Agora, eu também queria dizer aqui uma coisa. Conheço, tanto do ponto de vista da investigação, de investigadoras desta área, como precursoras, pioneiras, figuras extraordinárias femininas que têm sido referências e que têm feito andar esta área muito para a frente.

Sandra Pereira: Os desafios a nível físico que poderão surgir nestas áreas técnicas alguma vez se constituíram como obstáculo?

Raquel Castro: Para mim não, mas eu sou um bocadinho todo terreno. Sei lá, eu estou habituada a andar carregada, a andar com câmara, microfone, gravador, tripé, etc. Se te partes toda? Claro que sim, mas nunca pedi a nenhum homem para me andar a carregar as coisas só porque....

Sandra Pereira: Poderá ser que esta questão seja impeditiva para futuras profissionais ou jovens que queiram seguir esta área?

Raquel Castro: É possível, é possível. Posso dissertar imenso sobre isso, sem querer que isto seja mal interpretado. Mas a questão de não haver um equilíbrio de género, tem tanto de externa a nós mulheres, como a ver connosco. E eu acho que é muito comum, por exemplo há uma pergunta que não está aí e que eu acho que se deve abordar, que é a questão da maternidade, e as questões familiares e os sonhos que as mulheres têm e que na sua maioria passam muito por aí, e que alteram totalmente a vida das pessoas. E eu posso-te garantir que não tem que alterar. Ainda ontem eu estava a falar com os meus filhos, eu tenho dois filhos com idades muito próximas quase gémeos, têm um ano de diferença entre si, têm neste momento 10 e 11 anos, e estava-lhes a dizer que vocês vinham cá para falarmos sobre isto. Falamos muito sobre as questões do feminino aqui em casa e sobre estas questões, e estávamos a falar sobre isto e a minha filha que, acho que tenho ali uma pequena feminista em potência dizia... “Mas porque é que são as mulheres que ...não sei quê, não sei quê...” E disse-lhe que realmente isso acontece. É um facto que há menos mulheres em determinadas áreas porque de facto 99,9% dos casos têm filhos e alteram bastante a forma como vêm a vida. Alteram a sua disponibilidade para arriscar, e acho que isso tem a ver com a natureza das pessoas. Também é uma coisa social. Há uma pressão social enorme sobre as mulheres. Dou-te um exemplo. Por exemplo se eu sair à noite, como me aconteceu, dou muitas vezes este exemplo, de sair com as minhas amigas à noite e de ir ao *Lux* uma vez. Os meus filhos eram bastante mais pequenos, isto já há uns anos, sei lá, deviam ter 3 e 4 anos, e de alguém perguntar assim... “Ah estás boa, estás aqui, então e os teus filhos?” “Os meus filhos estão em casa com o pai!” “Tens uma sorte!” E isto dá-me uns nervos! E eu sei que não fazem esta pergunta ao pai, não é, fazem à mãe! Enfurece completamente. Primeiro, não lhe perguntam pelos filhos, segundo, jamais lhe dirão... “Ah que sorte, a tua mulher ficou em casa com eles e tu estás aqui!” E repara, nós ainda por cima somos uma família e um bocadinho *sui generis* porque repara, o meu marido é músico, toca bastante, sai muitas vezes para tocar e, portanto, eu estou habituíssima a esse registo. Eu sempre continuei com a minha atividade profissional, eu nunca parei, mesmo quando eles nasceram, percebes. Eu digo-lhes muitas vezes a brincar, eu faço muitos trabalhos de edição de vídeo como *freelancer*, ou fazia mais, agora menos, mas na altura fazia muito e lembro-me de estar em frente ao computador a editar e pôr uma almofada de alimentação e pôr ali o meu filho e nunca parar. Mas isso é a natureza das pessoas.

Eu acho mesmo importante falar sobre estas coisas. Às vezes enerva-me esta vitimização, porque é, às vezes, das mulheres... “Ah agora tive filhos já não posso”. “Não podes porquê?” Eu perguntei aos meus filhos... “Digam-me lá uma coisa, eu seria melhor mãe se estivesse em casa à vossa espera, que chegassem da escola?” E eles...“Não!” Eles nem concebem semelhante, nunca tiveram esse exemplo, percebes.

Sandra Pereira: Consideras que os teus pares te respeitam e valorizam como profissional?

Raquel Castro: Considero.

Sandra Pereira: Os recentes debates sobre igualdade de género são importantes para esta profissão, porquê?

Raquel Castro: São muito importantes. Hoje em dia cada vez mais entendo esta questão. Creio que vou dar uma resposta a essa pergunta sobre as cotas. Eu antes não entendia isso... “Mas porque é que agora só porque temos que ter uma cota, temos que dar lugar às mulheres?”. Ou há mérito, ou não há mérito. Acredito muito mais no mérito do que nesse equilíbrio, mas na verdade quando nós olhamos para estatísticas, para os números, para a forma como as coisas estão, sim, é importante falar sobre isto, mas é importante dar o outro lado, percebes, sem romantizar, sem vitimizar, sem coisa nenhuma. Também dizer que é possível ter as várias coisas. Eu não abdiquei de ter filhos, nem abdiquei de trabalhar. E daí eu achar que é importante, sim, falar sobre estas coisas.

Sandra Pereira: Como encaras a cena atual e a relação da mulher com a Música com Som e as Tecnologias?

Raquel Castro: Olha, há muitos debates sobre isso, mesmo dentro da área dos *field recordings*, sobre a própria questão da Tecnologia. A Tecnologia em si faz tão pouco, não é? Eu, por exemplo, posso-te falar do meu caso particular. Eu, enfim, trabalho com Tecnologia, não amando Tecnologia. No entanto, eu preciso da Tecnologia para fazer o que faço. Arranji uma forma de contornar, de ter coisas que eu consigo manusear e manejar e trabalhar. Portanto, encaro a questão da Tecnologia como encaro a questão de qualquer ferramenta que sirva para o teu trabalho, pode ser um lápis, pode ser um pincel, o que for, é a forma como tu a utilizas. Tu procuras aquilo consegues usar e que precisas, e tentas dominar dentro das tuas limitações, mas aí, sabemos que a Tecnologia atrai mais os homens, é assim, mas não tem que ser um obstáculo.

Sandra Pereira: Portanto consideras ou não que se fale de representatividade em qualquer profissão?

Raquel Castro: Considero.

Sandra Pereira: Nas Tecnologias do Som?

Raquel Castro: Sim, sim, em todas porque se há disparidade acho que se deve tentar perceber porquê.

Sandra Pereira: Em relação às cotas tens-te dado conta dessa existência?

Raquel Castro: Eu própria tento de alguma forma, e de forma consciente. Estreei há uns meses um filme chamado *Soa*, que tem a ver com a minha área de investigação. Neste momento estou a trabalhar na sua conversão para uma série de cinco episódios e tenho entrevistas com pessoas de diferentes áreas desde astrofísicos, a arqueólogos, a artistas sonoros, físicos acústicos, pessoas de diferentes áreas que pensam sobre as questões do Som. Não sei, não fiz um cálculo, mas eu diria que se calhar tenha 75% de homens para 25% de mulheres. Mas é difícil, por exemplo, no ano passado abri um *open call* para o *Lisboa Soa*, normalmente o *Lisboa Soa* nunca funciona de *open call*, mas houve a pandemia, e então foi tudo reformulado e a ideia era também de alguma forma contribuir. E, aí foi consciente a questão do equilíbrio. Eram só cinco, então foi um coletivo, dois homens e duas mulheres. Isso, eu acho que é importante. Não é fácil de conseguir porque há muito mais homens a mandar propostas e com trabalhos muito interessantes também, na maioria das vezes. Mais desenvolvidos, têm mais tempo sei lá, não sei, têm mais à vontade com a Tecnologia por um lado, têm mais tempo! Isso é uma questão que também se fala pouco porque por mais modernos que sejamos, e independentes, e feministas, ou que quiserem, dás por ti sempre com menos tempo, sobretudo se tiveres filhos e família. O nosso país está um bocadinho atrasado. E digo isto sendo que eu, tenho uma parceria com meu marido extraordinária a esse nível que é de facto... Ele vai muitas vezes para fora, normalmente quando vai, vai só uma noite, vai e volta. Eu quando vou, vou três semanas, ou um mês e ele aguenta-se. Tem que se aguentar, e isto com o tipo de vidas que nós temos nem sempre é fácil conseguir aqui..., mas funciona. Mas, depois, é óbvio que há uma série de coisas que... nós somos mais *multitasking* e acabamos por assumir as rédeas de uma série de coisas. Isso às vezes tira-nos tempo.

Sandra Pereira: Estas cotas nos mais variados quadrantes da sociedade poderão ou não vir a constituir-se como solução para a igualdade social e de género?

Raquel Castro: Não sei se tenho a resposta para isso, mas, talvez. Talvez sim, "água mole em pedra dura tanto dá até que fura", de facto, se instituírem cotas e isso passar a ser uma coisa natural..., mas é assim, não podemos encostar-nos a isso. É que também acontece às vezes, por causa dessa questão das cotas, isso representar uma vantagem para as poucas mulheres que concorrem ao que quer que seja. Há poucas a concorrer, sobes logo uns pontos só pelo fato de seres mulher. Portanto, há uma grande desconstrução social que tem que ser feita para realmente as coisas serem equilibradas. E isso parte de todos os lados, mas também parte das mulheres.

Sandra Pereira: A Indústria da Música está a mudar e as novas tecnologias fazem com que estas mudanças sejam mais notáveis. Achas que estas contribuem para um maior acesso a este tipo de profissões para as mulheres?

Raquel Castro: Sim, as duas coisas estão ligadas, mas, a questão tecnológica não tem que ser um impedimento de nada. Podes usar aquilo que tu queres usar para a tua prática. Por isso é que tu tens pessoas como a Suse, ou como outras mulheres que trabalham muito bem na área mais técnica do som. Por exemplo, uma das coisas que está nesse filme, *Sisters With Transistors*, e que eu achei muito interessante, é precisamente esta. Quando apareceram as Tecnologias, as fitas, etc., todas essas coisas, de repente aquelas mulheres que tinham tido formação musical e que eram músicas e queriam ser músicas, de repente já não estiveram dependentes da indústria, deixaram de precisar de ser convidadas para tocar no auditório, de ser convidadas para integrar uma orquestra... Aí, há uma emancipação que se produz pela Tecnologia e que tem a ver com essa independência e com essa acessibilidade, porque é acessível, e qualquer um consegue construir facilmente o seu próprio universo tecnológico. Por isso nesse aspeto sim, acho que contribui bastante.

Sandra Pereira: Na tua opinião quais são os maiores desafios que as mulheres encaram na Indústria Musical e nas Tecnologias relacionadas com o Som nos dias de hoje?

Raquel Castro: Não sei, os desafios das mulheres são tantos e eu confesso que é uma questão que nunca refleti sobre ela. Não sei se tenho uma resposta para isto. Acho que quem trabalha na parte mais técnica do Som, eventualmente terá uma resposta melhor do que eu. Mas na verdade eu até acho que se calhar a Tecnologia, para as mulheres que a utilizam, tem vindo a facilitar bastante a vida e não a complicá-la. Enfim....

Sandra Pereira: Será que estes podem incluir de alguma forma preconceitos de género?

Raquel Castro: Claro que sim, há imenso preconceito de género, há imenso mesmo. Se precisas de um técnico, até já falas nele no masculino. Ainda no outro dia me estava a questionar, tenho de legendar todos os nomes das pessoas que entram nas minhas entrevistas e até falei sobre esta questão nas redes sociais. Quando tu tens por exemplo, artista sonoro, que é um praticante da Arte Sonora que é um género de Arte que se circunscreve no território da Arte Contemporânea, tal como as Artes Visuais, na Arte Visual não se coloca esta questão, mas na Arte Sonora tu dizes um artista sonoro e de repente eu ponho-me a pensar... “Bem, vou legendar esta artista como artista sonora”, mas aí já reparaste que o sonoro parece que assume um significado diferente. Porque não sei exatamente porquê... Isto ia-nos levar aqui a um grande pensamento, mas de repente artista sonora, parece que o “sonora” assume uma posição de adjetivo e não de matéria que é o que se trabalha, não é. É muito estranho isto, mas não cheguei a nenhuma conclusão.

Sandra Pereira: Achas que o teu contexto geográfico é de alguma forma preponderante na persecução do sucesso profissional nestas áreas, porquê?

Raquel Castro: Olha, não sei. Acho que neste momento eu sinto-me completamente do mundo. Por acaso vivo aqui, mas podia viver noutra sítio qualquer. Na verdade, hoje em dia, tenho várias colaborações, desde um coletivo de artistas e investigadores na área do Som do Mediterrâneo, que envolve vários países. Colaboro regularmente com pessoas de outras nacionalidades e de outros países e estou sempre em contacto, portanto não acho que condicione e devo dizer até que de certa forma é uma vantagem, na minha perspetiva por uma questão até de identidade, sei lá, não sei, eu vejo o facto de ser mulher e o facto de ser portuguesa como vantagens, e vantagens mesmo. Mas lá está, também posso pensar mais sobre esse assunto, mas até hoje nunca tive qualquer...pelo contrário.

Sandra Pereira: Já experienciaste alguma reação diferente de papel de género quando algum desconhecido percebe o que fazes, e qual foi?

Raquel Castro: Sei lá, tantas vezes. A generalidade das pessoas muitas vezes não percebe bem o que é que eu faço, ou conhecem as coisas que faço e aí entendem, mas assim, na generalidade, para explicar a um desconhecido, sei lá, na escola aos pais das outras crianças... Eu lembro-me de uma vez entrar em casa, eu tinha os meus filhos muito pequeninos e morava num quarto andar sem elevador na altura, em Lisboa, e então entrei em casa com meu filho ao colo, que era bebé, com a mochila da câmara e com uma *perche*. Lá ia eu, os 4 andares, por ali fora com a *perche* e de repente há um vizinho qualquer que entra e que pensou que a *perche* era um...sei lá...um espanador, uma coisa qualquer de limpeza, percebes. E eu pensei assim... “Estás a ver, se eu fosse homem esta pessoa jamais teria associado a uma cena doméstica”, percebes. Isto é uma curiosidade apenas, não sei se responde exatamente à tua questão, mas sim, mas é verdade que existem essas confusões às vezes. E, sobretudo, sempre que tenho oportunidade, por exemplo, de ir em residência artística e de poder estar três semanas fora, para mim é muito importante, faz-me mesmo muito bem. Poder dedicar-me só isso durante uns tempos e depois volto.

Sandra Pereira: O que dirias às mulheres que pretendem seguir as Tecnologias do Som?

Raquel Castro: Sigam, seja qual for a área. Ser mulher não é impeditivo de nada. O mundo divide-se entre homens e mulheres. Dividimo-nos assim pela questão anatómica, vá. As vantagens, as desigualdades e as dificuldades vão ser as mesmas, mas estão acrescidas no fato de sermos mulheres, mas, também dá outro gozo à coisa.

Sandra Pereira: Incitaria uma filha a seguir esta área, porquê?

Raquel Castro: Eu incitarei a minha filha a seguir as áreas que ela quiser, livremente, onde ela quiser, da forma que ela quiser. Ela é livre para decidir. Nunca lhe diria... “Filha vai para esta área”, como não direi ao

meu filho. Ela é livre de escolher. Incitarei sempre a minha filha a ser autónoma, independente e a seguir seus sonhos e não ter medo.

Sandra Pereira: Já respondeste também, mas tenho de fazer estas perguntas. Consideras que é uma área financeiramente rentável e, portanto, atrativa para a construção de carreira, apesar de muito do trabalho ser independente?

Raquel Castro: Eu acho que... é assim, o meu caso também é um caso particular. Eu vivo dos projetos que faço. Neste momento, por acaso, estou em Pós-Doutoramento, e, portanto, tenho uma bolsa de investigação, o que me deu um descanso gigantesco e uma estabilidade que eu não tinha há muito tempo. Nesse aspeto, encontrei uma via de poder fazer tudo o que quero fazer, mas as áreas tecnológicas, em geral, não são mal pagas. As tecnológicas, as áreas tecnológicas eu não considero que sejam mal pagas, pelo menos da minha experiência. A parte artística é sempre difícil em qualquer área, seja ela qual for, porque tu tens que perseguir financiamentos que são difíceis, mas que existem, mas depende se estamos a falar da parte técnica ou da parte artística.

Sandra Pereira: Notas alguma mudança de mentalidades nesta indústria no que diz respeito às questões da representatividade e igualdade de género?

Raquel Castro: Noto bastante porque tornou-se um tema muito premente na sociedade em geral, não só nestas áreas, tornou-se uma questão. E, portanto, hoje em dia, é quase...é uma questão política já sabemos que sim, mas está imiscuído em todos os setores, se calhar. E fala-se muito de cotas, fala-se muito de uma série de coisas. Considero que nas áreas tecnológicas e artísticas do Som, tal como em todas as outras áreas, esta discussão é presente e está presente. Mas também há muito trabalho por fazer ainda. Sobretudo quando vemos, por exemplo, agora no Dia da Mulher, conferências só de homens a discutir o papel da mulher, ou uma coisa que andava aí a rodar na internet, que era da TVI que era... “Cada vez mais as mulheres mais ocupam lugares do homem”. Eu só vi esta coisa escrita num telejornal e pensei assim... “Mas o que é isto?” “Em que tempo é que estamos?” “Lugares do homem, o que é isso?” Não sei. Qual é o lugar do homem? Qual é o lugar da mulher? Eu não sei, percebes! Não sei, nem quero que ninguém me diga.

Sandra Pereira: Qual é o caminho para uma mudança de paradigma nestas questões da representatividade e igualdade?

Raquel Castro: Olha, falar sobre as coisas é importante. Explicar às raparigas, jovens mulheres e mulheres que em geral, lá está, e volto à questão da maternidade porque eu acho que isto é muito importante e condiciona muito a vida de muitas mulheres, porque querem ter filhos e pensam que são más mães se

estão ausentes e se perseguem um sonho. Isso deve ser desconstruído, já para não falar da questão do equilíbrio de trabalhos na questão familiar, mas isso tem que ser desconstruído. Tudo aquilo que tem a ver com o universo feminino tem de ser desconstruído. Da mesma maneira que tem que ser desconstruído, sei lá, enfim, uma mulher gostar de um batom, gostar de ser feminina, trabalhar com áreas tecnológicas, querer ser mãe, querer viajar. Tudo isso, tal como com os homens, tudo isso é possível, percebes. É que isso às vezes confunde muitas pessoas e há muito preconceito mesmo. Continua a haver um enorme preconceito a esse nível e eu acho que é mesmo uma questão de formação, de educação que tem que começar desde pequeninos.

Sandra Pereira: Como atrair mais mulheres para estas áreas?

Raquel Castro: É um bocado difícil. Para já, estas áreas são muito abrangentes. Há muita coisa, há tantas camadas dentro da questão tecnológica e da questão do Som e da Arte que, enfim, há imenso espaço e imensas camadas possíveis, imensas leituras e imenso trabalho, etc. Portanto, exatamente como atrair mais mulheres, eu penso que, lá está, tenho um bocadinho de dificuldade porque eu acho que se atraem da mesma maneira que se atraem os homens e volto outra vez à questão. O que é que são os objetivos das mulheres nas suas vidas. O que é que elas querem para as suas próprias vidas, porque depois tudo vem daí. Vês miúdas de 30 anos em que os pais andam preocupadíssimos porque não tiveram filhos, porque não sei quê. Continua a haver uma pressão social que espera que as mulheres reproduzam e se dediquem à família. Por mais extraordinário no século XXI que isto pareça, continua a haver essa pressão. E aí, todas as áreas perdem.

Sandra Pereira: O que é que te imaginas a fazer no futuro?

Raquel Castro: Imagino-me a continuar a evoluir nesta área e a continuar a inventar trabalho para mim. Neste momento tenho algumas respostas que aguardo com expectativa e espero que venham nos próximos tempos e que irão ditar os próximos anos da minha vida que serão a trabalhar com Arte Sonora e a trabalhar com investigação dentro desta área. Criar projetos, fazer filmes, enfim, o que tenho feito, mas a melhorar.

Sandra Pereira: Alguma pergunta que gostarias que tivesse feito?

Raquel Castro: Acho que falámos de tudo. Havia esta questão da maternidade eu já te tinha dito que não estava aí e que se calhar é importante referi-la, eu acho que é uma questão bastante condicionante e, portanto, não dá para ter uma conversa sem passar por aí, percebes.

Transcrição da Entrevista

Sofia Mestre

SOCIODEMOGRAFIA

NOME: Sofia Mestre

IDADE: 45

ESTADO CIVIL: Bem acompanhada

FILHOS: 0

NATURALIDADE: Lisboa

RESIDÊNCIA: Lisboa

PERCURSO PROFISSIONAL

Sandra Pereira: Podes dizer-me o que fazes e como defines o que fazes profissionalmente?

Sofia Mestre: Profissionalmente, não é bem o caso. Eu toco estes sintetizadores modulares, faço modulação FM, *Frequency Modulation*. Estas máquinas são todas construídas pelo Zé, que é o meu companheiro, e é sempre um trabalho baseado nessa modulação de frequências, baseada no improviso e, essencialmente, é isso, mas não profissional.

Sandra Pereira: Qual é então a sua profissão?

Sofia Mestre: Eu tenho um projeto, um projeto de produção criativa, curadoria, e isto infelizmente, acho que cá não dá para ser profissão. Já ponderei, mas acho que este país é muito pequenino para isso, não sei.

Sandra Pereira: Ok. E há quantos anos é que trabalhas com estes sintetizadores modulares?

Sofia Mestre: Foi há cinco anos, acho que foi cinco, cinco e tal que aconteceu ser desafiada, porque foi um desafio que me colocaram, acho que foi há cinco, ou cinco, ou seis. Brincava com o Zé, quando

estávamos os dois sozinhos, quando ele começou a construir as primeiras máquinas, mas basicamente cinco, seis anos.

Sandra Pereira: Então esta não foi a tua primeira escolha profissional, qual é que foi?

Sofia Mestre: Publicidade e Cinema.

Sandra Pereira: Consegues identificar um momento que tenha sido decisivo para enveredares pelos modulares?

Sofia Mestre: Eu acho que são dois. Havia uma curiosidade, o Zé desafiava-me a experimentar, eu sentia-me um bocado tímida, mas pronto, estando só com ele... Havia assim um fascínio porque isto, principalmente as primeiras vezes, parece uma criança a brincar, não é. Mas eu sentiria que seria pretensioso da minha parte considerá-lo. Então mesmo que me passasse lá atrás... “Nunca na vida, eu nunca estudei Música, não tenho *background*”, portanto nem considerava. Acho que foi mesmo o desafio. Foi a Sónia, a Sonja da Labareda, quando ela me desafia para fazer uma *track* para um álbum duplo que ela lançou só no feminino, de eletrónica no feminino. Ela conhece-me... eu já costumo dizer que acho que me conhece melhor do que eu a mim mesma e ela disse-me... “Tens as máquinas, gostava que fizesses uma *track*”. Eu fiquei muito nervosa... “Nem pensar!” Mas, ao mesmo tempo, pensei... “Espera lá, não vou passar o resto da vida a pensar como é que seria!” e acho que foi aí que foi mesmo o momento.

Sandra Pereira: Então a motivação maior terá sido?

Sofia Mestre: A motivação? O desafio. Acho que o não saber e o experimentar e ver o que é que sou capaz.

Sandra Pereira: E isso aconteceu há quanto tempo, com que idade?

Sofia Mestre: Por volta dos 40.

Sandra Pereira: Qual foi o maior desafio que encontraste neste âmbito?

Sofia Mestre: Assim o maior desafio? A minha própria vida. Eu sou super perfeccionista, então querer trabalhar e fazer tudo muito bem feito, não me poder dedicar só a isto. Ter muito trabalho, quando comecei... Depois, convidarem-me para tocar, os *gigs*, acho que foi o maior desafio e depois o desafio comigo mesma, porque sou um bocado bruta comigo mesma. Também conseguir fazer o melhor que conseguia. Mas, essencialmente, isso.

Sandra Pereira: E o que é que te entusiasma mais e menos no trabalho, porquê?

Sofia Mestre: O que me entusiasma mais é mesmo a descoberta constante aqui porque parece um mundo assim, mesmo sem fim. E a Música. Porque eu sempre fui fanática por Música, ouvi muita Música em casa. As prendas que eu queria eram o *walkman* depois era o *discman*, tinha tudo a ver com Música, eram os discos... Às vezes ainda me espanta que afinal eu consigo fazer música. Menos, vai bater um bocadinho, isto se calhar há um tempo eu não diria, mas agora digo, que é essa descoberta... uma pessoa não pode chegar e pôr-se a tocar, tens de procurar. E, ultimamente, essa procura... É preciso estar cheia de paciência e às vezes tenho essa vontade, outras vezes custa-me um bocadinho porque tu comesças sempre do zero. É sempre uma busca.

Sandra Pereira: De que forma é que usas a Tecnologia neste trabalho?

Sofia Mestre: Pois, como é que eu uso, uso com toda esta parafernália que o Zé cria, portanto, há aqui muitos circuitos que são dele eu acho que o que ele tem aqui é um trabalho incrível. Eu só consigo ajudar a fazer cabos, e já é uma sorte. E depois eu acho ... é isso. Eu uso todas estas máquinas que o Zé faz, ele ajuda-me obviamente a descobri-las, explica quando há uma nova, e depois eu nunca consigo dissociar isto dele próprio. É quase como se também estivesse a tocar o Zé, e isso acho que é um lado muito bonito.

Sandra Pereira: Há alguma coisa imprescindível para trabalhar na área do Som para além do óbvio, gostar?

Sofia Mestre: Vontade, mesmo gostar, lá está, eu acho que é a principal e depois é muita vontade de trabalhar... trabalhar muito. Isto requer muito trabalho de casa mesmo, muita dedicação e muito amor por isto. Sim.

PERCURSO ESCOLAR

Sandra Pereira: Achas que a forma como foste educada influenciou de alguma maneira as tuas escolhas académicas e profissionais, porquê?

Sofia Mestre: Sem dúvida! Pela liberdade que me foi dada. Nunca me impuseram absolutamente nada a não ser ter excelentes resultados. Foi-me dada liberdade de ser. Isto muito da minha mãe. Não é o que tu vais fazer, é seres feliz com aquilo que tu vais fazer, o que quer que seja. Curiosamente, a minha mãe tentou mesmo que eu gostasse de Música. Quando era miúda eu cheguei a começar a ter aulas e eu fugia das aulas porque aquilo era uma seca e fugia, mas não ia fazer nada, escondia-me até a aula acabar,

porque a sala tinha duas portas, eu conseguia, às vezes, fugir. A professora era velhota, eu fugia pela porta de trás para me esconder porque aquilo era um martírio. Porque o meu avô era músico, era baterista, a minha mãe sempre quis estudar Música e por ser mulher o meu avô não deixou. O meu tio toca tudo, teclas, sopro, guitarra...e bem! E o meu avô a ela não permitiu. Acho que ela tinha tanto essa mágoa que queria..., portanto, quando eu comecei, acho que a pessoa mais feliz de todas foi a minha mãe... "Foi preciso chegares aos 40 anos!".

Sandra Pereira: E o que é que os pais faziam profissionalmente?

Sofia Mestre: A minha mãe era gestora de uma empresa grande que tinha panificação, fábricas, pastelaria e a minha mãe geria essa empresa. O meu pai tinha um restaurante. Uma casa super antiga, agora já não, também pela idade.

Sandra Pereira: O teu contexto geográfico e socioeconómico, achas que contribuiu para esta escolha?

Sofia Mestre: Sim. Hoje em dia, acho que já toda a gente praticamente em qualquer parte tem acesso a tudo nem que seja pela internet. Mas tendo em conta a altura em que..., ou seja, eu descobri isto agora, mas eu sempre gostei muito de Música e sempre escavei e procurava, mesmo sem internet. Na altura, nós não íamos à *internet* à procura de música. Encontravas, tinhas gosto, ias à procura. Não sei, como eu tive muita liberdade de ser o que sou... Eu acho que tem muito a ver se calhar também com quem tu és. Porque tu podes estar em qualquer realidade geográfica, ou socioeconómica, acho que vai depender mesmo muito de ti. Acho que qualquer pessoa pode chegar lá, ou não. Eu vejo as coisas um bocadinho assim, talvez porque a mim foi-me dada toda a liberdade. Eu sou um bocado a ovelha negra da família, vamos dizer assim. Não sou aquilo que estavam à espera. Adoram-me, respeitam-me, mas foi sempre... Eu estava constantemente a criar o espanto, portanto, partiu de mim, das minhas inquietudes, das minhas curiosidades.

Sandra Pereira: Já me disseste que não tens formação musical, e consideras essencial ter formação musical para uma carreira nas Tecnologias do Som?

Sofia Mestre: Não. Embora, claro...ainda há pouco antes da entrevista falávamos...eu agora se pudesse, acho que adorava aprender piano, porque eu, embora faça coisas, eu sinto que tenho uma limitação enorme e queria ir mais... e não sei, não é! E gostava muito de aprender, mas acho que é mais isso agora. É ter bom ouvido, é ter boa cultura musical, mas não acho fundamental.

Sandra Pereira: Consideras que estavas bem informada na altura que decidiste brincar com os modulares? Isto foi fortuito, portanto não teve nada a ver com a informação?

Sofia Mestre: Eu tinha interesse. É assim, eu sabia quem era a Delia Derbyshire, quem era o Raymond Scott, a Daphne Oram. Eu tinha essa informação, mas é isso.

GÉNERO

Sandra Pereira: O que é que para ti significa ser uma mulher artista?

Sofia Mestre: O mesmo que significa ser uma mulher dona de casa, uma mulher empresária, uma fotógrafa. Acho que é ser mulher. Acho que adicionamos sempre algo diferente, somos mulheres.

Sandra Pereira: Tens encontrado muitas colegas, muitas mulheres nesta área?

Sofia Mestre: Tenho. É um prazer.

Sandra Pereira: Fala-me um pouco dessa experiência. Consideras que esse fato de encontrares mulheres te influencia de alguma forma, seja positiva, seja negativamente?

Sofia Mestre: Acho que há alguma empatia. Acho que eu gosto de quando vais tocar e há outra mulher que também vai dar um concerto no mesmo festival, que já conhecias o trabalho, conheces.... Acho que sim. Fico contente, obviamente, sei lá, se eu chegasse a um festival para tocar e fosse a única mulher, acho que estranharia. Não sei, mas homens e mulheres para mim, lá está.... É muito triste que haja a questão de género e que sequer tenha que ser discutida porque eu toda a minha carreira, por exemplo, antes da Publicidade, eu em Espanha, e estamos a falar de um mercado onde trabalhei que era muito maior, éramos duas mulheres, era só homens, e eu nunca pensei sempre que decidi fazer alguma coisa se havia homens ou mulheres, ou não. Lá está, talvez pela tal liberdade que me foi dada. Nunca foi um ponto em que tomasse atenção.

Sandra Pereira: No que diz respeito à representatividade feminina, qual é a tua opinião? É uma área onde há um equilíbrio de números?

Sofia Mestre: Eu conheço muitas mulheres, eu acho que cada vez há mais mulheres, muito mais. Acho que já cada vez mais, felizmente, há mais mulheres também com a possibilidade de... "Apetece-lhes, querem, fazem". Não é como a minha mãe. Em termos de números eu não sei. Provavelmente acho que haverá mais homens, mas não sei responder de forma exata. A minha perceção é que não é equilibrado, mas é equilibrado, porque depois há muitos homens, mas também não é tudo assim tão bom.

Sandra Pereira: Ser mulher acrescenta alguma coisa diferente a esta área?

Sofia Mestre: A esta e a qualquer outra. Há uma sensibilidade feminina que não vale a pena contrariar. Eu acho que é o que faz mesmo a diferença e que é lindo, sim.

Sandra Pereira: Nestes últimos cinco anos. Em alguma ocasião sentiste algum tipo de tratamento diferenciado por parte de colegas, clientes e instituições, organizações, outros artistas?

Sofia Mestre: Sim. É um tratamento diferenciado, mas tão inconsciente que até dói. Por exemplo, eu chego com isto tudo não é.... Eu não vou sozinha. Acontece-me quando vou com o Zé, o Zé ajuda-me porque facilita. Quando fui para Faro, no ano passado, fui ter com o Miguel Bonneville para trabalharmos, chegámos ao teatro os dois, a partir do momento em que as máquinas se metem em cima de uma mesa, os técnicos falam para o homem que está ao meu lado. Isto é genial...e são pessoas muito queridas... Depois, a partir do momento em que percebem que sou eu, tudo bem, mas é inconsciente. Chega esta maquinaria toda dirigem-se ao Zé, naquele caso ao Miguel... "Olha como é que vais querer, não sei quê, mas basicamente isso, nada de grave, nunca".

Sandra Pereira: Qual é a tua reação?

Sofia Mestre: Encolho os ombros, rio-me. E pronto... Não faço disso uma batalha, não vale a pena.

Sandra Pereira: Na tua experiência, no contexto internacional notaste alguma diferença em relação à questão anterior?

Sofia Mestre: Não posso comparar porque, por exemplo, esta questão que eu falei não me aconteceu sempre, foram algumas vezes. Quando fui lá fora sabiam muito bem quem eu era. Eu chegava, as pessoas que me convidavam é que estavam ali para me receber porque vens de fora, portanto, nem sequer havia espaço para isso acontecer, acho eu. Mas não dá para dizer... "Olha lá fora é melhor, não". Não dá para comparar sequer.

Sandra Pereira: Os desafios a nível físico que poderão surgir nestas áreas mais técnicas, com mais material, alguma vez se constituíram como obstáculo?

Sofia Mestre: Não. Pode não ser fácil carregar tudo, demoras mais um bocadinho, mas há sempre alguém que ajuda, porque mesmo que fosse um homem seria igual. O Zé quando vai sozinho também é igual.

Sandra Pereira: Achas que esta pode ser uma questão impeditiva para futuras profissionais do género feminino?

Sofia Mestre: Não.

Sandra Pereira: Consideras que os teus pares te respeitam e valorizam como profissional?

Sofia Mestre: Sim. Não sei se toda a gente, porque eu tenho consciência, principalmente mais no início, que houve algumas pessoas que são mesmo músicas e que até me conhecem bem..., mas denotaram muita desconfiança. Sim, mas sim porque... "Ah, porque és rapariga e porque se calhar é mais fácil, tu não estudaste...". Tipo aquela coisa da miúda gira. Eu toco de costas, ninguém sequer me vê, por isso... Mas eu tenho recebido tanto carinho dos meus pares. Eu compreendo que cause desconfiança, uma pessoa que nunca fez nada e que ninguém sabe quem é, e tal, aparece... Mas sim, aquilo que eu fui fazendo teve uma certa consistência e acho que uma certa qualidade. Sempre me senti muito, muito respeitada.

Sandra Pereira: Os recentes debates sobre a igualdade de género são importantes para estas profissões?

Sofia Mestre: Eu acho que os debates sobre género são importantes. Eu acho que há aquela coisa da dona de casa, empresária, fotógrafa, advogada, música, artista, pintora, é importante. Eu não deixo de sentir uma coisa que é, eu fico triste é de ainda se ter que debater. Como é que isso ainda é uma questão? Como é que ainda se tem que falar nisso? É pena, não é! Estamos tão evoluídos em tanta coisa. É mais por aí.

Sandra Pereira: Como é que encaras a cena atual e a relação da mulher com a Música, o Som e o uso da Tecnologia, por exemplo?

Sofia Mestre: Acho que talvez nunca tenha havido tantas mulheres e acho que só cresceu. Acho que está de muito boa saúde. É a sensação que me dá.

Sandra Pereira: Tens-te dado conta da existência de cotas por género ou cotas de género no âmbito da participação em eventos?

Sofia Mestre: Conscientemente, não. Se calhar pode ser simplesmente uma pouca observação da minha parte, mas não.

Sandra Pereira: Mas qual é a tua opinião sobre a existência de cotas de representatividade nos mais variados quadrantes da sociedade?

Sofia Mestre: Acho que lá está, ter que discutir e ter que contar e ter que haver uma cota e ter que obrigar... Eu acredito muito nas coisas que sejam orgânicas e acho que as mulheres deviam estar como estão os homens... Olha, é triste se a gente chegar ao ponto de dizer assim, olha temos que ter "X" mulheres... Porque se calhar até temos de ser é mais mulheres! É pena é ter que se discutir tudo isso.

Sandra Pereira: Mas, achas que no futuro poderão ou não vir a constituir-se como uma possível solução para as questões das desigualdades de género?

Sofia Mestre: Provavelmente... Talvez sim, talvez haja outras formas mais inteligentes de se conseguir dominar esses diferentes âmbitos.

Sandra Pereira: A Indústria da Música está a mudar e as novas tecnologias fazem com que estas mudanças sejam mais notáveis. Achas que estas contribuem para um maior acesso a profissões mais tecnológicas para as mulheres?

Sofia Mestre: Com as Tecnologias da Informação mais facilmente qualquer pessoa, independentemente da sua realidade geográfica, etc., pode chegar e descobrir coisas.... Sim, é completamente diferente de quando eu era *teenager* e não havia nada disso. Descobrires as coisas era muito mais complicado. Mas de resto acho que talvez por aí. Não sei se estou a responder bem à pergunta, mas acho que é por aí, mais pelo acesso, o acesso está muito mais facilitado.

Sandra Pereira: Na tua opinião quais são os maiores desafios que as mulheres encaram na Indústria Musical e nas Tecnologias relacionadas com o Som nos dias de hoje?

Sofia Mestre: Eu não encontro desafio absolutamente nenhum e acho que se a pessoa pensar que quer e é por ali que tem que ir, não há obstáculos, não há desafios. É querer e fazer. Acho eu, não sei.

Sandra Pereira: Nem que esses desafios se constituam como um preconceito de género?

Sofia Mestre: Nós é que não podemos ter preconceito de género, não são os outros. Sim, pode haver situações. Eu passei por várias na minha profissão antiga. Foi difícil, não havia mulheres. Era uma profissão de homens. Tinha outra idade, tinha 20 e tais, tinha 30. Quem não tem que ter preconceito eu acho que é a própria mulher e não se preocupar com onde está o preconceito.

Sandra Pereira: Achas que o teu contexto geográfico é de alguma forma importante na persecução do teu sucesso profissional?

Sofia Mestre: Sem dúvida, porque estou em Lisboa, no entanto, acho que o contexto geográfico neste caso se faz curto porque Portugal é um mercado muito pequeno. Agora também estamos numa fase em que estamos em que tudo está complicado. É um risco enorme pensar... “Olha vou-me dedicar só a isto”, porque temos que viver. Aqui em Portugal é claro que infelizmente tens sempre que ter outra coisa, como qualquer artista de qualquer área.

Sandra Pereira: Já aconteceu alguma reação diferente de papel de género, para além da que já mencionaste, quando algum desconhecido percebe o que fazes?

Sofia Mestre: Acho que sim. Eu nunca tinha pensado nisso, mas quando algum desconhecido sabe que faço Música, a primeira coisa que me perguntam é se eu canto. Acho isto super gráfico. Pronto, é uma mulher, canta. Depois digo que não é cantar e perguntam-me qual o instrumento. Isto também acho que é por desconhecimento, atenção, porque a maior parte das pessoas desconhece e depois vê isto à frente e pensa... “Operadora de PBX, não é, isto faz música como?”.

Sandra Pereira: O que dirias às mulheres que pretendem seguir as Tecnologias do Som?

Sofia Mestre: Força!

Sandra Pereira: Incitarias uma filha a seguir?

Sofia Mestre: Se a fizesse feliz, sim, porque acima de tudo, tal como a minha mãe me educou, e o meu pai, mas a minha mãe neste aspeto é que era... O meu pai é mais preconceituoso.

Sandra Pereira: Já respondeste mais ou menos a esta questão, será que é uma área financeiramente rentável e atrativa para a construção de uma carreira, apesar de muito do trabalho ser independente?

Sofia Mestre: Era muito bonito que fosse, principalmente porque é assim, tu podes trabalhar para construir uma carreira internacional e aí tem que ser assim o risco que tens que tomar e se calhar se eu tivesse 20 anos... No meu caso também aconteceu uma coisa por não ter 20 anos, também não estou para ir a todas e eu percebi, por exemplo isto: há fases, como eu agora tive uma fase muito longa de não conseguir tocar mesmo, preciso de frescura, de coisas novas que eu não conheço para descobrir com ingenuidade. O Zé está a fazer uma máquina nova. Isto já está muito intelectualizado, isso para mim... Já me está a custar porque já sei demais, eu gosto muito de não saber para explorar de uma forma mesmo... sem saber.... Pois, era muito bom, mas acho que não sei se depende da altura da vida, e Portugal é um mercado mesmo muito pequeno. Temos que pensar em alargar horizontes e ter capacidade financeira. Por exemplo, eu

agora precisei mesmo de espaço delas, distância porque preciso. Eu trabalho muito sem fazer nada. Como é que eu me ia sustentar? Quem se sustenta assim são os grandes da pop internacional. Não é nada que eu ambicione ser é uma artista pop. Isto é um nicho difícil, mas eu acho que é possível. Se calhar aos 60 vou conseguir, não digo que não.

Sandra Pereira: Notas alguma mudança de mentalidades nesta indústria no que diz respeito às questões de representatividade e igualdade de género?

Sofia Mestre: Eu ando aqui há pouco tempo, eu acho que por acaso entrei numa altura muito boa, de abertura, acho que estava tudo a florescer e muita coisa a acontecer. Mas lá está, já lá estavam muitas mulheres. Esse álbum, esse duplo álbum que foi a primeira vez que eu fiz alguma coisa, era só mulheres. Acho que se compararmos com há uns bons anos atrás, sim. Agora durante o meu percurso, acho que eu já entrei numa altura em que acho que isso já nem se questiona. Acho eu, para mim não.

Sandra Pereira: Qual é o caminho para uma mudança de paradigma nas questões da representatividade e igualdade?

Sofia Mestre: Isso é muito difícil. Pela educação e pela liberdade que me foi dada...quando comecei a ouvir falar sobre questões de género... somos adolescentes e não estamos nem aí. Agora fala-se muito mais disso do que se falava antes que não era super debatido. Quando a coisa começou a ser muito debatida, eu às vezes ficava muito chocada porque obviamente não percebia... "Se tu queres, fazes! O que é que isso interessa? Se a gente quiser a gente faz...". É verdade que, infelizmente, depois não é bem assim porque depois há os impedimentos, há os entraves, porque vais ser mãe, entraves por isto e por aquilo. A questão da maternidade tem de ser tratada com todo o carinho do mundo porque todos os seres humanos neste planeta foi uma mulher que os pariu, sejam homens, mulheres ou *whatever*. Por isso eu acho que.... É nós querermos, é as mulheres quererem, e não questionar. Se nós questionarmos menos e tivermos que impor menos e passar a ser uma coisa simplesmente tão natural como ser homem. Continuo a achar que adoro um cavalheiro, não é preciso sermos iguais em tudo, mas quanto a oportunidades é só mostrar o que valemos e se calhar se mais mulheres chegarem a postos de chefia, e que não sejam misóginas, porque as há, e muito, muito, talvez ajude a que toda a sociedade perceba que ser mãe não impede ninguém de ser uma excelente profissional capaz. Depois também eu acho que há uma coisa grave. Acho que se exige que as pessoas, isto não é em todos os países, na nossa cultura infelizmente há muito. O ser humano interessa pouco em geral para o que é o mundo do trabalho, acho eu. Tens que trabalhar dez horas, doze horas, não interessa. Ninguém, nem homens nem mulheres têm tempo para ir buscar os filhos à escola. Se não tiverem avós como é que se safam? Há tempo para trabalhar, aproveitar o tempo em que realmente uma pessoa consegue ser produtiva e não está ali a massacrar... Para as mulheres terem tempo de dar o melhor no trabalho e dar o melhor enquanto são mães. É tudo possível! Acho que

tem muito a ver também com as dinâmicas da sociedade em geral em relação a tudo. Não é só ao género. E, depois, essas dinâmicas afetam o género porque uma mulher ao ser mãe, ao ficar grávida, ao ter que estar com o bebé... Se te exigem que trabalhes dezassete horas por dia, catorze, eu trabalhava às dezoito horas por dia! Acho que tem de ser muita coisa trabalhada, e olha, o tempo que estamos a passar é excelente para uma mudança de paradigma a vários níveis. Oxalá muita gente reflita sobre muitas dessas sugestões.

Sandra Pereira: Como atrair mais mulheres para estas áreas?

Sofia Mestre: Temos de atrair? Não sei, se houver mais mulheres que queiram.... Se estão aí cheias de dúvidas...não tenham dúvidas. Seja tocar modulares, seja a tocar pífaro. É assim, força! Não pensar nunca que não porque sou mulher porque assim, sim, se constroem as muralhas. Acho que é não pensando assim que elas se vão destruindo de uma forma até se calhar mais elegante.

Sandra Pereira: O que é que te imaginas a fazer no futuro?

Sofia Mestre: Não faço a mínima ideia. Acho que pode ser qualquer coisa. Eu já percebi que tenho um bocado tendência a ter de estar sempre a aprender qualquer coisa que me espante. Eu não sei se vou estar aqui muito tempo, ou não. Eu adoro isto. Eu sinto que às vezes parece que se chego a um ponto em que me perco...não sei... o que me vai espantar a seguir. Sem dúvida, gostaria de estar continuamente ligada à Música porque estive muito tempo da minha vida a ser apaixonada e achar que não tinha espaço porque era para quem estudava..., portanto eu sentia que era presunçoso da minha parte sequer tentar, nem tentava porque achava que podia fazer má figura. Gosto de ser boa naquilo que faço então, como não tinha *background* académico e não tinha estudado, pensava que isto não é para mim. Eu adoro música, eu acho que se poder ser qualquer coisa em que isso esteja presente...eu acho que mesmo que não queira isso vai lá estar.

Sandra Pereira: Alguma pergunta que gostaria que lhe tivesse feito?

Sandra Pereira: Qual é a sua profissão. Eu fiquei sem saber.

Sofia Mestre: Estudei e comecei a trabalhar na área da Publicidade, inicialmente em produtoras e depois foi uma questão de tempo. Fiz a formação com uma bolsa do ICAM em Barcelona, porque queria mesmo era fazer Telecinema porque não havia estudos, cursos, não havia nada e fiquei por lá depois a trabalhar em Telecinema e Talonagem para Cinema e Publicidade durante ainda vários anos.

Sandra Pereira: Essa foi a sua primeira escolha profissional?

Sofia Mestre: Acho que sim, mas eu quis ser tanta coisa quando era miúda. Primeiro era astronauta, queria ser astronauta. Queria pilotar jatos, mas não sabia que os jatos eram para ir para a guerra. Achava o máximo aqueles aviões que pareciam insetos, mas não fazia ideia de que aquilo era para ir para a guerra, quando percebi que eram para ir para a guerra fiquei muito... Porque fui falar com um primo da minha mãe que era da Força Aérea, tinha 14 anos, para saber o que é que era preciso. Ele demoveu-me, mas eu acho que houve algumas conversas familiares no *backstage*.

Transcrição de Entrevista

Suse Ribeiro

SOCIODEMOGRAFIA

NOME: Suse Ribeiro

IDADE:38

ESTADO CIVIL: Solteira

FILHOS: 0

NATRURALIDADE: Leiria

RESIDÊNCIA: Vila Nova de Gaia

PERCURSO PROFISSIONAL

Sandra Pereira: Suse, podes dizer-me o que fazes e como defines o que fazes profissionalmente?

Suse Ribeiro: Isso não é muito fácil, não é uma resposta absoluta. O que eu faço é trabalhar na área do Som e da Música, quer numa componente mais técnica, quer uma componente mais artística.

Sandra Pereira: Com quantos anos de experiência?

Suse Ribeiro: Nesta área em específico, no Som, entre dezoito e vinte anos profissionalmente, na área da Música há trinta porque comecei bastante cedo, profissionalmente não, mas com 15, 16 anos tocava em orquestras, já ganhava dinheiro, portanto...

Sandra Pereira: Mas se te pedisse para definir a nível de título profissional, como é que definirias? O que é que cabe nestas profissões, o que é que pode ser considerado profissão?

Suse Ribeiro: Eu penso que é mais do que uma, eu sou música acima de tudo, sou produtora musical e sou técnica de som, sou *sound designer*, é um bom conceito porque desenhadora de som é um bocadinho estranho ainda, cá em Portugal dizer isso assim, mas trabalho com *sound design*, essencialmente.

Sandra Pereira: Foi a primeira escolha profissional?

Suse Ribeiro: Não, não. Eu tocava em orquestra, tocava percussão, estudei primeiro piano e depois percussão e tocava, era instrumentista, tocava em orquestras. Depois, em paralelo enquanto estava no Conservatório fui para Arquitetura, fiz o terceiro ano e depois é que segui estudos mais nesta área.

Sandra Pereira: Consegues identificar um momento que tenha sido decisivo para esta escolha profissional?

Suse Ribeiro: Não sei se houve um momento, acho que houve vários. Houve pessoas que me marcaram, referências musicais que me marcaram, estilos de música, compositores e produtores que me levaram mais para esta área. Como eu venho muito da área do clássico, não é, da Música Erudita, não temos propriamente uma relação, pelo menos na nossa formação, no nosso percurso, não temos uma relação com a Tecnologia muito cedo. Isso é uma coisa que acontece já mais tarde, passado uns anos, normalmente a coisa é muito acústica, portanto a parte eletrónica das Tecnologias da Música surge já mais tarde na formação. Houve algumas coisas que me marcaram, que podem ter levado a isso, mas agora também não me estou a recordar de nada.

Sandra Pereira: Quais foram as motivações maiores para a tua decisão em escolher o Som como área de estudo e área profissional?

Suse Ribeiro: Eu acho que devo dizer em relação a isso que, não há uma divisão para mim, clara e objetiva, entre Som e Música, porque eu acho que Música é Som e eu segui a área do Som também por paixão, como tinha com a Música. Foi uma coisa que eu nunca dissociar, o que faço com Som tem uma relação indissociável com a Música, portanto é sempre dependente, o trabalhar o que é música e o que é que é Som, o que é que é Som e o que é que é Música em muitas das coisas. E quando falamos de Sonoplastia, de Desenho de Som, de Composição há aqui muita coisa que se funde, quer queiram quer não, é isso que acontece na prática.

Sandra Pereira: Mas quais foram as motivações maiores para seguir Som?

Suse Ribeiro: Eu queria saber mais sobre a técnica, basicamente. Eu quando andava em Arquitetura, no primeiro ano, estudava percussão, tocava percussão e andei a fazer um curso de um ano por curiosidade, que se chamava Tecnologias da Música, há muitos anos, e essas pessoas, algumas dessas pessoas marcaram-me porque mostraram-me algumas coisas técnicas, eu não percebia mesmo nada de técnica, de mesas de mistura, de microfones, não sabia nada e nesse primeiro ano, houve ali algumas pessoas que, se calhar até sem saberem, me levaram para este mundo, porque eu estava mesmo longe, não estava

nada próxima das Tecnologias e da parte técnica e eu gostava muito da parte técnica. Percebi que tinha jeito e que saber fazer efetivamente e rapidamente, conseguir resolver problemas era uma coisa que me puxava a parte técnica. Foi por causa da parte técnica que eu segui a parte de Som para juntar as duas coisas para poder fazer algumas coisas que queria na Música, comecei a ver que precisava de saber mais tecnicamente.

Sandra Pereira: Em que idade é que isso aconteceu?

Suse Ribeiro: Eu não tive um dia em que decidi seguir Som. Eu acho que foi acontecendo. Durante a minha formação, na área do Som e das Tecnologias da Música, neste caso, fui percebendo que as mais-valias que eu trazia de trás enquanto música, enquanto instrumentista, executante, intérprete, chamem-lhe o que quiserem, essas mais-valias eram muito importantes para desempenhar a minha função na área mais técnica do som. Isso aconteceu aos 20, sei lá, 19, 20, 21 anos, mais ou menos.

Sandra Pereira: Qual foi o maior desafio que encontraste no âmbito da tua profissão?

Suse Ribeiro: Eu continuo a encontrar desafios e há desafios que eu pensava que ia ultrapassar com o tempo, alguns sim, os que têm mais a ver com ter mais conhecimento, mais experiência. Mas os maiores desafios na minha profissão, especificamente, um dos maiores desafios foi ser mulher. Sim, isso foi um dos maiores desafios. Mais nenhum. O maior porque o resto foi-se fazendo, fui aprendendo, fui procurando saber, fui encontrando o meu lugar. Eu sempre fiz coisas muito diferentes dentro da área da Música e do Som e das Tecnologias da Música. Áreas no sentido de trabalhar com dança, com música, com coisas mais corporativas, com coisas mais artísticas, mas o maior desafio foi esse.

Sandra Pereira: Porquê?

Suse Ribeiro: Porque eu acho que é só uma questão cultural, principalmente. Porque nos últimos anos tenho trabalhado muito fora do país, no estrangeiro, mas em Portugal senti muito isso, e o fato de ter ido para fora trabalhar, deu-me a segurança de perceber que tem muito mais a ver com o trabalhar cá e por isso acho que é uma questão bastante cultural, não é só no nosso país, mas no nosso país isso acontece muito. Quando tinha 20 anos tinha algumas questões, alguns embates, e também tinha menos experiência claro, também sabia menos. Mas depois, passados vários anos, ainda hoje dou por mim... acho que isso vai acontecer durante muito mais tempo e se calhar sempre, porque muitas vezes tem a ver com isso, porque realmente estou numa profissão que está mais ligada à área dos homens e no início foi bastante difícil. Provar, ter que estar sempre a provar, estar sempre a provar mais do que, do que se calhar os meus pares tinham que fazer. Quando tocava percussão, a percussão já é um instrumento, já é uma classe que também era muito dominada por homens. Eu lembro-me que há vinte e tal anos também havia uma ou

duas percussionistas, uma delas tinha sido minha professora e a outra era uma inglesa que era a Elizabeth Davis, e que já vinha de fora, e, portanto, já aí era uma profissão em que eram quase só homens. Eu já vinha vacinada também, não é.

Sandra Pereira: O que é que te entusiasma mais e menos no teu trabalho e porquê?

Suse Ribeiro: Eu faço isto porque gosto muito, por paixão e porque gosto muito. O que é que me entusiasma? É trabalhar com pessoas, trabalhar com Música continuamente. Ter o privilégio de a maior parte das vezes, conseguir trabalhar com grandes músicos e grande música e o poder estar sempre em contacto com esse tipo de Arte, que a mim me completa tanto, preenche-me, faz-me feliz e isso entusiasma-me. Poder conhecer pessoas muito interessantes e que também normalmente estão nesta área por paixão, não é por mais nada. Menos, tem mais a ver com as condições de trabalho, com a precariedade com o não se reconhecer. A falta de creditação que eu acho que é um problema que também é cultural, mas que há vinte anos já existia e continua a existir. Isso entusiasma-me muito pouco. Chateia-me mesmo.

Sandra Pereira: Podes elaborar na falta de creditação?

Suse Ribeiro: Posso ser muito objetiva. Eu já tive discos em que eu fiz Produção Musical a 100% e tive discos onde toquei, onde fiz arranjos, onde misturei e masterizei, em outros não fiz tudo, mas nalguns fiz isso tudo e o nome não apareceu. Isto é flagrante. Às vezes, há coisas que uma pessoa faz nesta área em que não nos creditam, seja em televisão, em que acontece menos, mas na Música isso ainda acontece muito, não se creditar as pessoas devidamente. Eu acho que isso é falta de profissionalismo da parte de quem não o faz, porque já não pode ser esquecimento, acho que é mesmo falta de consideração. É isso que eu quero dizer em relação à creditação. Acho que tem que ser mais reconhecida, as pessoas têm que reconhecer melhor e mais o que nós fazemos é não ter medo nenhum disso porque eu quando trabalho com uma equipe grande, eu acho que creditar as pessoas só valoriza o trabalho de toda a gente. No Cinema, por exemplo, eu faço muitas coisas com Cinema também. Eles sabem fazer isso muito melhor, já estão habituados aos créditos. Quando vemos no final, creditam toda a gente, desde a senhora da limpeza ao electricista, o *gaffer*, toda a gente é creditada porque fez parte do trabalho e, portanto, não é preciso nós andarmos.... Como nós trabalhamos muito em regime de *freelance*, como é que nós provamos que fizemos o que fizemos? Temos que minimamente ser creditados. Isso não tira o mérito a ninguém. Acho que isso é ser justo.

Sandra Pereira: Já explicaste mais ou menos, mas tenta elaborar mais um bocadinho de que forma é que usas a Tecnologia no teu trabalho artístico e profissional?

Suse Ribeiro: Uso muito, constantemente, a Tecnologia. A Tecnologia é um meio, existem várias ferramentas na Tecnologia. A Tecnologia acho que muitas vezes está inerente ao que nós fazemos. Uso todos os dias, quer de uma maneira mais digital, quer mais analógica, mas é sempre através da Tecnologia, dos meios técnicos que eu tenho...que trabalho. Uso computador todos os dias, *Digital Audio Workstation* todos os dias, uso *plu-gins* todos os dias, uso *outboard* todos os dias, mesas analógicas e digitais, uso vários *softwares* para edição. Às vezes usos coisas mais dedicadas para desenho de som, portanto, uso o *software* de programação, portanto, faço programação para desenhar determinadas coisas que eu preciso para depois integrar numa DAW. Todos os dias eu uso para fazer música, para fazer som, tenho que usar sempre a Tecnologia.

Sandra Pereira: O que é que achas que é imprescindível para trabalhar na área do Som para além do óbvio que é gostar?

Suse Ribeiro: Eu acho que é preciso nós termos um espírito de sacrifício, gostarmos de aprender todos os dias, porque é uma área que é muito exigente no que diz respeito a estarmos atualizados. Não é fácil estarmos sempre atualizados nas várias variantes porque uma pessoa trabalha e como pode ter várias vertentes: pode ser operador; pode ser mais técnico; pode lidar mais com pessoas porque está em estúdio; ou porque faz som ao vivo, que eu faço essas coisas, por exemplo; pode construir sintetizadores modulares; pode arranjar equipamento; pode fazer arranjos, portanto é um leque tão abrangente e tão variado e tão transversal, o mundo da Música e do Som, que eu acho que é preciso dominar uma variedade de ferramentas. Como lidamos com Tecnologia, todos os dias, e está sempre a evoluir de maneira exponencial, não é! As coisas evoluem em meses, há descobertas que nos fazem usar coisas no dia a dia que são desenvolvidas em laboratório e em investigação, que estar a par disso tudo nem sempre é fácil e eu estou constantemente... Eu sempre fiz muitas formações em paralelo com aquilo que era a minha formação principal porque sempre senti necessidade que tinha que ou saber editar melhor partituras, ou porque tinha que saber programar melhor, ou porque até precisava de pôr conteúdos num *site*, mesmo só em relação ao Som, ou porque tenho que usar melhor este tipo *plu-gins* ou porque tenho de trabalhar melhor com MIDI. Portanto, tem que tocar vários assuntos em que tenho que ser abrangente, mas depois também tenho que aprofundar, porque não pode ser superficialmente. Tem que se dominar uma variedade de áreas e nem sempre é fácil, e nem sempre temos a motivação e o ânimo para conseguirmos estar a este nível. É bastante exigente é muito exigente. Tal como o músico tem que, se calhar, tocar oito horas por dia, e também nem sempre a pessoa pode ou consegue, ao longo da vida toda, nós temos que estar sempre em cima. Depois temos que lidar com coisas que não são tanto a nossa área, mas que temos que gerir enquanto *freelancers*, se formos *freelancers*, como a gestão de carreira, que é tratarmos de uma variedade de coisas que não é propriamente a nossa praia.

PERCURSO ESCOLAR

Sandra Pereira: Achas que a forma como foste educada influenciou de alguma maneira as tuas escolhas académicas e profissionais, porquê?

Suse Ribeiro: Como fui educada acho que não, porque os meus pais, quem me educou não tinha nenhuma ligação muito direta... O meu pai gostava muito de Música, tinha sido baterista, tinha uma ligação, mas não muito direta com a Música embora ele gostasse muito, e de alguma maneira sempre senti que ele se orgulhava de mim, pronto, para eu seguir essas áreas, mas não me influenciou nada. Acho que até pelo contrário porque tive algumas contrariedades. Apesar de ele gostar não é uma coisa que eles vissem que se calhar me pudesse fazer feliz e que me desse estabilidade, etc., portanto, não fui muito apoiada, influenciou-me, mas ao contrário.

Sandra Pereira: O que é que os teus pais faziam profissionalmente?

Suse Ribeiro: O meu pai era militar de carreira, a minha mãe era contabilista.

Sandra Pereira: Consideras que o teu contexto geográfico e socioeconómico contribuiu para a escolha da tua profissão.?

Suse Ribeiro: Não, acho que não. Só se for pelo contrário. Eu cresci em Leiria depois saí, mas fui crescendo em Leiria e na altura... Leiria está um bocadinho diferente e acho que está bastante melhor. Tem lá agora muita movimentação e alguns músicos, mas eu lembro-me de estudar e sermos um grupo muito pequenino no Conservatório. Não havia muita gente, eu acho que a população a esse nível lá cresceu cem vezes mais. Quem estuda Música, quem está relacionado com estas áreas. Na verdade, Portugal mudou muito nos últimos vinte e cinco anos, não é, e, portanto, a minha localização na altura.... Enquanto música, sim porque eu cresci sempre... nós tínhamos muito os estágios de verão. Nós tocávamos nas orquestras de verão. Sempre que havia férias, eu estava a tocar em orquestra e tive ali alguns amigos, se calhar criei o meu núcleo de amigos, mas para Som, diretamente, nem por isso, eu tive que sair. Tive que sair de lá para conseguir fazer alguma coisa, mesmo que não fosse consciente.

Sandra Pereira: Tens formação musical já respondeste, tens e não é pouca...

Suse Ribeiro: Eu estudei piano fiz o curso básico só de instrumento no Conservatório de piano. Depois fiz Percussão, estudei Percussão no Conservatório. Depois fui fazer Licenciatura em Percussão já depois de ter tirado o curso de Produção Tecnologias da Música na ESMAE, fui para a Escola Superior de Música de Lisboa estudar Percussão, a clássica, sempre na área da Música mais erudita, mas fiz muitos cursos de

jazz. Fiz um curso livre de Orquestração com o professor Dimitris, fiz depois um Mestrado em Desenho de Som e Música Interativa na FEUP. Atualmente estou a fazer, já há algum tempo, um Doutoramento também nesta área. Depois fiz muitas formações, que acho que isso foi muito importante, formações mais curtas, mais objetivas. Determinado *software*, determinado equipamento, de DSP, de eletrónica, coisas muito específicas que eu senti, que fui sentido ao longo da vida que tinha falhas e que precisava de saber mais sobre aquilo, ou porque gostava ou porque me estava mesmo a faltar na minha parte profissional. Também fiz alguma formação na área de correção acústica. E é isso.

Sandra Pereira: Então posto isto, consideras que seja essencial ter formação musical para perseguir uma carreira nas Tecnologias do Som?

Suse Ribeiro: Para mim, sim. Porque para mim é indissociável, foi indissociável. Acho bastante difícil. Acho bastante mais difícil para a pessoa que não a tenha. Nós lidamos com Música, isto se falarmos de Tecnologias da Música e do Som. É possível reparar instrumentos, trabalhar com Som de outra maneira, se calhar não ter formação musical e ser-se competente tecnicamente, para uma série de coisas, mas acho que ajuda imenso, para mim foi imprescindível, uma coisa levou a outra.

Sandra Pereira: Consideras que estavas bem informada na altura em que decidiste seguir os estudos na área do Som, ou seja, orientação escolar, orientação familiar, se tiveste acesso à informação para seguir esta área?

Suse Ribeiro: Foi mesmo assim, foi muito estanque. Eu fiz um curso durante um ano enquanto estava no Conservatório e já a estudar Arquitetura, portanto aquilo foi um ano, mas foi em paralelo, nesta área das Tecnologias da Música por curiosidade, carolice. Foi um ano, fazia aquilo em paralelo com outras coisas e o meu professor de Percussão na altura falou-me que ia abrir, que existia um curso recente, não ia abrir porque já existia, no Porto na ESMAE, que ele achava que ia ter jeito para aquilo, que era um curso de Música. Na altura era bastante mais virado até para Música do que depois, penso eu, porque era e é um curso que está numa Escola de Música. Na altura, os pré-requisitos eram muito virados para a parte da Música e, portanto, eu até tinha essa base. E ele falou-me por alto, para me informar. Foi uma coisa bastante casual, na verdade seguir depois em Licenciatura para isso.

Sandra Pereira: Se achas que estavas mal informada o que é que terá faltando. E se achas que tiveste informação suficiente o que é que pode melhorar?

Suse Ribeiro: Ok então. Eu estava longe, eu não sabia... não conhecia a escola. Eu estava mais virada para a zona de Lisboa do que se calhar para o Porto e esta escola era no Porto e já foi quase há vinte anos, as ferramentas de comunicação eram um bocadinho diferentes. Acho que isso podia melhorar, embora

hoje em dia é muito mais fácil, vai-se ao *Google* e procura-se e fala-se e com pessoas na área. Na verdade, eu acho que esta área se desenvolveu imenso, mesmo na formação. Eu quando comecei, e conheço pessoas que começaram antes de mim que me foram dando testemunho, não havia formação nesta área, não havia no país. A nível superior, só havia este curso e durante muitos anos foi o único curso a nível do Ensino Superior e, portanto, não havia muita coisa, as coisas eram bastante diferentes, em muito poucos anos as coisas evoluíram muito. O melhorar...eu acho que as coisas neste momento estão bastante bem comunicadas. Eu tenho muitos pais, muitos amigos que são pais e agora têm filhos com 18, 20 anos, que me ligam a pedir recomendações e referências muitas vezes e eu dou. Eles vêm à... não é bem à fonte, mas a uma pessoa que está ligada à área, e eu digo-lhes, e conheço as escolas que existem, falo das várias escolas e quais são as opções e as expectativas que eu penso que podem esperar, sem tomar partido, porque eu acho que não há coisas melhores ou piores. Há várias vantagens e desvantagens de ir para uma escola, para um curso, ou para outro, portanto, eu acho que, eu sinceramente estou otimista. Acho que não há muita coisa a melhorar, ou eu não sei dar soluções alternativas a como passar melhor informação porque eu acho que basta ir à *internet* para se conseguir encontrar informação. Eu acho que depois, e o que acontece... Eu nesta escola, na ESMAE, eu conheço quinze ou vinte alunos que terminaram o curso aqui, de Produção e Tecnologias da Música e que seguem e que estão bem-sucedidos, felizmente, porque eu sei que estão, estão a trabalhar na área e que me ligaram, eles ou os pais, há vários casos, a pedir-me referências e eu dei-as em relação a esta escola. Foram bem-sucedidos. Mesmo na minha turma, e nas turmas que quando eu cá estudava, antes e depois de mim. Há muita gente que não seguiu a área e há várias razões para isso. Eu continuo a achar, como sempre achei, que este curso, este em particular, é muito bom. Agora há pessoas... tem coisas que são menos boas e outras melhores. Também é preciso saber aproveitar o que a escola tem, os professores, o equipamento, etc. As facilidades que tem, porque tem muitas e depois eu acho que também depende do nível em que a pessoa está e as expectativas que tem. Uma coisa é ter 20 anos e começar este curso, outra coisa é ter 40, ter experiência ou não ter experiência, ter formação musical ou não ter. Querer fazer disto um modo de vida ou não crer, e depois saber aproveitar as oportunidades e lutar muito porque isto é só um princípio não é mais nada. É só mesmo um princípio.

Sandra Pereira: Continuando em *follow up*, disseste que recibes normalmente muitas chamadas para orientar. Apesar da informação estar à mão, ainda assim essas pessoas ligam-te, e as pessoas que não têm ninguém para ligar? Achas que a informação chega, nesta área? Enfim esta pergunta é remetente à área.

Suse Ribeiro: Eu acho que aquele caso mais *standard* que é, não vou falar de pessoas com 30 ou 40 anos. Estou a falar daquelas pessoas que estão a escolher isto como primeira, como hipótese de ser a primeira escolha. Eu acho que dentro dos centros, dos maiores centros há bastante informação porque já há muita gente que fez o curso, ou o irmão que fez, ou o primo, ou pessoas próximas. É mais fácil a

informação passar. Acredito que em zonas do país, isto falando só a nível nacional, mais pequenas, se calhar a informação não passa assim tão bem. Não é colocada como primeira hipótese porque ainda pode ser algo desconhecido, sim. Eu acho que há muitos anos, na área da Música mais erudita e clássica, as Escolas Profissionais de Música foram fundamentais, fundamentais para nós atingimos um nível artístico e técnico de um músico instrumentista que temos hoje em dia, que são dos melhores do mundo. Acho que as Tecnologias da Música, se calhar.... Podia ser uma hipótese, não é a única certeza, mas podia ser uma hipótese começar a apostar mais no Ensino Profissional, isto é, mais cedo na vida da pessoa, não é! Aos 14, 15 anos, por exemplo, a partir do décimo ano, integrando mais as Tecnologias da Música nos conteúdos curriculares. Acho que isso depois, é claro que, se começam mais cedo também vão ter acesso e curiosidade mais cedo na vida e, portanto, depois podem seguir mais essa área.

GÉNERO

Sandra Pereira: O que é que significa para ti ser uma mulher artista?

Suse Ribeiro: O que é que significa? Isto dava pano para mangas. Ser mulher, ser artista e depois ser uma mulher artista. Significa viver em constante desafio e em constante evolução que também faz parte de ser mulher e faz parte ser artista. Eu acho que conjugar as duas coisas é uma coisa preciosa. Acho que nós não somos nem melhores nem piores, mas somos realmente diferentes. Acho que é sobretudo desafiante. Temos desafios diferentes. Acho realmente, como noutras profissões que temos que provar sempre mais, eu isso senti, como já disse, e continuo a sentir. Era uma coisa que eu achava que com a idade ia ficando provado e foi ficando, eu acho que sim, mas isso não quer dizer que eu não tenha que continuar a provar, tenho que continuar sempre a provar mais. Isso também me torna, se calhar mais forte, porque como tenho que provar mais, não posso descansar, não é, e, portanto, é sobretudo um desafio ser uma mulher artista. Acho que temos outro tipo de abordagem, de sensibilidade e que muitas vezes em equipa, sobretudo em equipa, seja com mais mulheres, seja mais homens, seja com equipas mistas, digamos. Acho que somos uma mais-valia e eu tive alguns colegas homens, principalmente homens, realmente trabalho maioritariamente com homens, o que também às vezes é uma pena. Os que tiveram coragem de o assumir disseram-me várias vezes que era uma mais-valia, não só pelo conhecimento técnico que achavam que eu tinha, mas porque tinha outra abordagem, simplesmente porque era mulher. Nós somos todos diferentes, os homens são todos diferentes entre eles, mas nós introduzimos uma certa água fria na fervura muitas vezes, que ajuda eu acho que as equipas... Eu vi várias equipas e tive pessoas que me certificaram isso, que eram só de homens e que depois tiveram mulheres. E nas que eu estive eles disseram isso, que eles gostavam. Achavam que a coisa ficou mais equilibrada que dava um certo equilíbrio.

Sandra Pereira: Tiveste muitas colegas ao longo do seu percurso académico e profissional nesta área?

Suse Ribeiro: Então, ao longo do percurso académico na área especificamente do Som, tive muito poucas. A nível académico eu tive uma colega que é a Bárbara Falcão que toca viola e acho que ainda toca hoje em dia. Eu penso que ela depois acabou por seguir mais até a parte musical, especificamente, mas essa foi a minha colega de turma. Começou comigo e acabámos. Nós começámos quinze, acabámos quatro pessoas o curso na altura, éramos quatro e ela era uma delas, portanto, academicamente, ao nível de Licenciatura nesta área, foi com ela. Profissionalmente, tive algumas colegas no estrangeiro em maior número, cá em Portugal há muito poucas. Queres que diga um número? São três ou quatro. Agora, é verdade que.... Isto para sermos justos, eu tenho que elaborar um bocadinho, mas, mulheres mais próximas de mim, daquilo que eu faço e da parte mais técnica, há três ou quatro no país, não há mais. É claro que há mulheres a começar e há mulheres que, e que eu espero que continuem, mas que se calhar ainda não estão bem estabelecidas e que podem ainda mudar de área, porque isto acontece muitas vezes, com homens e mulheres. Mas há algumas raparigas, mulheres, que começaram e depois acabaram por ir para áreas muito próximas. Só que não são técnicas. Técnicas há três ou quatro, estabelecidas. Há outras que estão a começar. Depois há algumas técnicas, por exemplo, em Auditórios, mas que estão mais viradas para o Audiovisual, fazem um trabalho mais, talvez menos diferenciado na área do Som porque trabalham com vídeo também, que fazem luz, algumas pessoas fazem Direção de Cena, mas também dão uma perninha no Som. Eu estou a falar nas mais próximas daquilo que eu faço no dia a dia. Sim, são três ou quatro.

Sandra Pereira: E neste contexto fala-me da tua experiência. Achas que este facto influenciou de alguma forma, positiva ou negativamente, o fato de trabalhares com poucas mulheres, ou não te influenciou?

Suse Ribeiro: Eu acho que influenciou indiretamente de certeza, pelo menos, porque é duro, é duro. Era duro e não ficou menos duro, só estou mais cansada, mais velha, e isso às vezes não ajuda, traz outras coisas, mas perceber que durante muito tempo, e se falamos da área da Música e especificamente, por exemplo, de som ao vivo, eu conheço mais duas. Não há mais. São operadoras, uma trabalha mais até na área do *Broadcast*, não faz bandas, a outra faz som ao vivo também, até já fazia antes de mim. Somos amigas. Acho que nos associámos, primeiro eu acho que não foi por sermos mulheres as duas, mas eu acho que o fato de fazermos as duas a mesma coisa nos ligou e continuamos amigas, felizmente, e acho que é muito competente. E falamos algumas vezes sobre estas coisas. E os problemas são muito parecidos. O que ela encontra eu também encontro, mas na estrada, naquilo que se diz que é a estrada, não tanto para a componente do estúdio, que é uma coisa que eu também faço muito, mas o som ao vivo, o andar na estrada é bastante mais duro a todos os níveis. Sendo mulher é duríssimo. É duríssimo.

Sandra Pereira: Podes elaborar porque é que é duríssimo? Dois ou três exemplos?

Suse Ribeiro: É duro por várias razões e eu não me vou lembrar de todas, mas nós somos sujeitas a condições, somos todos sujeitos, não só as mulheres, a condições bastante duras em termos de trabalho físico, trabalhamos muitas horas, é fácil trabalharmos dezasseis horas por dia. Temos que assumir... Podemos ser muito boas operadoras, por exemplo a misturar, mas temos que fazer todo o trabalho, portanto é duro fisicamente. E depois é duro, mas é duro não é só no dia a dia é nas escolhas que temos de fazer. Uma coisa muito simples, muito simples porque é a parte biológica. Quem engravida são as mulheres ainda, só, não é, e isso é uma escolha, eu acho que é uma escolha. Acho que é difícilimo, eu não conheço, em Portugal não há nenhuma operadora de som, nenhuma técnica de som que tenha filhos. Isso não é por acaso. Não é por acaso, isso é uma escolha que pode... as pessoas não têm todas que ter filhos, as mulheres e os homens não têm... Mas se quiserem ter não podem, ou uma coisa ou outra, ou são mães ou são técnicas. Na prática, isso pode-se argumentar imenso e refutar, mas na prática, isso é mentira porque não se pode. Não é possível estar na estrada, engravidar, passar o tempo de gestação e ter um filho e continuar porque as oportunidades vão. Tem que se estar a trabalhar ali todos os dias e isso não é possível. Depois acho que há uma ou outra coisa muito importante e que nos diferencia, é que tanto os nossos pares na grande maioria, mas 99%, como as outras mulheres que trabalham nesta área, mesmo não sendo técnicas não partem do mesmo pressuposto, mesmo inconscientemente, ninguém acha que uma técnica.... doa a quem doer, eu estou a falar da experiência.... eu posso falar disto. Ninguém acha que uma mulher pode ser tão boa tecnicamente quanto um homem. Homens e mulheres.

Sandra Pereira: No que diz respeito à representatividade feminina na tua área, qual é a tua opinião? Já me respondesse várias vezes, mas há um equilíbrio de números?

Suse Ribeiro: Não, nós somos cada vez mais, mas muito devagarinho. Somos muito poucas. A nível mundial, e eu estou nalguns grupos, porque trabalho principalmente na Europa, fiz algumas coisas nos Estados Unidos e fora da Europa, mas principalmente na Europa. As mulheres que eu conheço que são técnicas são competantíssimas. Mas em Portugal nós estamos ainda num número muito baixo, não há representatividade nenhuma. Somos muito poucas e lutamos bastante. Continuo a achar que é por uma questão cultural mesmo nossa, a culpa não é dos homens. Não há cá as mulheres é que são boas ou que... não há nada disso. É a sociedade, somos nós, homens e mulheres, que na nossa educação, na nossa cultura, na nossa maneira de estar ainda não educamos, isto não é só para esta área do Som é no geral. Não educamos os nossos homens e mulheres para a igualdade e para a possibilidade de podermos ter todos as mesmas capacidades intelectuais, técnicas, o que for, para podermos executar este tipo trabalho. Não é por se ser homem ou mulher que se é melhor tecnicamente a fazer som, ponto. Só que culturalmente isso ainda não é uma coisa que esteja generalizada. É por isso.

Sandra Pereira: Também já me responde a este ponto mas, já alguma vez sentiste algum tipo de tratamento diferenciado por parte de colegas, clientes, instituições ou organizações?

Suse Ribeiro: Adorava dizer que não. Durante uns anos, os primeiros anos, primeiros dez anos, fizeram-me várias vezes essa pergunta e eu não tive razões para dizer outra coisa senão... “Não, sempre me trataram igual”. Só que isso agora já não é assim, é diferente. Tive outro tipo de experiências, mas são muito pontuais, até porque eu acho que toda a gente tem vontade de mudar isso, mesmo as pessoas que são assim, ninguém se sente à vontade por discriminar uma pessoa porque é mulher. Eu acho que isso é uma coisa que está entranhada na nossa matriz cultural e, por isso, acho que as pessoas também têm vontade de abrir para nos aceitar e para nos verem como iguais. Eu acho que não se consegue ainda, acho que as pessoas, intelectualmente, estão a tentar contrariar isso. Estão a tentar aceitar-nos como iguais e fazem um exercício racional que não é por ser mulher que faz melhor ou pior som, como já disse, ou que consegue abordar ou trabalhar melhor com esta banda ou com aquela, com esta orquestra, ou com isto ou com aquilo, dentro da área do Som. A maior parte das vezes não é diretamente, nem é assumidamente, não é, só que eu sei que teve a ver, essencialmente, com o ser mulher porque, há técnicos melhores e piores. Eu tenho mais valências numas coisas do que noutras, como toda a gente e, portanto, não sou boa para tudo, como é óbvio, mas sou melhor numas coisas do que noutras e isso é um argumento. Tudo bem. Eu tenho é que tentar evoluir e colmatar essas lacunas. Agora, custa muito quando percebemos que é porque somos mulheres em determinados contextos. Sim, teve mais a ver, se calhar, com alguns colegas, sim. Eu acho que a maior parte está mesmo a fazer um esforço, cá em Portugal, para tentar aceitar. Eu tenho colegas que são o oposto disto, tentam-nos integrar. Eu sinto-me aceite, mas custou muito, custou muito. Eu, hoje em dia, olho para trás e vejo que isso acontecia e eu não me apercebia, ou não queria ver isso, ou achava que era porque tinha pouca experiência. Eu quando comecei a fazer som ao vivo, principalmente, conduzia na estrada, há quase vinte anos, porque comecei bastante cedo no som ao vivo. Apanhei o pessoal da velha guarda e apanhei pessoal incrível, que me ajudou, que me ensinou, que me apoiou, mas também apanhei muitas pessoas que me puseram para baixo e eu acho que havia mais gente a pôr-nos para baixo a pôr-nos em xeque. Eu tinha na altura uma desvantagem, para além de ser mulher, estudava na área. Isso não era bem-visto por essas pessoas. Depois tive outros contraexemplos. Eu tenho que referir aqui um contraexemplo disto que é um exemplo, é um senhor nesta área, a vários níveis, mas por causa desta questão, que é o Tó Pinheiro da Silva. É um senhor, é uma pessoa da área que trabalha há muitos anos com tudo, portanto, tem o estatuto que merece, e que eu sempre vi como exemplo e que nunca teve este tipo de atitude comigo nem com outras mulheres. Há uma técnica que trabalha há muitos anos nesta área e que é a mais velha. É a mais velha, em que eu muitas vezes falava com ela e dizia-lhe... “Eu nem sequer consigo imaginar o que tu passaste, se eu já passo isto”, e com quem ele também trabalhou e que foi sempre um senhor a passar informação, a ser delicado, com homens ou com mulheres. Ele tem capacidade, teve sempre a capacidade, e sendo da velha guarda, dessa geração, de ver que não tinha nada uma coisa a ver com a outra. Portanto, eu acho que isso depois tem a ver também com a segurança que as pessoas têm a fazer as coisas.

Sandra Pereira: Sim, mas consegues-me dar exemplos objetivos de tratamentos diferenciados de género em concreto?

Suse Ribeiro: Eu tenho um exemplo, depois podemos ver outros, mas tenho um exemplo. Há muitos anos, e por acaso foi aqui no Porto, houve uma empresa que me contratou para ir fazer um trabalho no Palácio de Cristal, foi um colega que me ligou, era assim, uns trabalhos fazem outros. Era para operar, tinha que se carregar e descarregar o camião, montar e operar e depois desmontar e carregar o camião no final do dia. Já foi há mais de dezasseis ou dezassete anos, já foi há bastante tempo... "Ok, tudo bem!". Passado umas horas, ele ligou-me, este é um exemplo muito concreto, bastante concreto e objetivo não foi dissimulado. Ele ligou-me a pedir muita desculpa, esse meu colega, coitado, envergonhado, porque tinha dito ao patrão que já tinha o técnico, tinha resolvido o problema para o substituir, mas que pedia muita desculpa porque quando ele percebeu que era uma mulher... pensou que ela não vai conseguir descarregar o camião. Isso chateou-me. Mas é um exemplo entre muitos deste género. Eu acho que também foi com os anos. As pessoas conhecem-me, no país conhecem-me, o nosso país é muito pequenino. É fácil, para o bem e para o mal, as pessoas conhecem-se todas na área e, portanto, depois pode ter que se trabalhar mais, ser mais duro, aguentar mais e com mais embates. Mas, depois, acho que vale a pena porque depois vêm-me chamar, já não é porque é mulher, ela é mulher, mas isso já não é uma questão. Eu acho que no início é uma questão, depois não, depois de se provar acho que não.

Sandra Pereira: Na tua experiência, no contexto internacional já disseste isto no início, mas achas que é muito diferente?

Suse Ribeiro: Acho que tem diretamente a ver com o nosso mercado que é minúsculo. Nós não temos propriamente Indústria de Música. Basta ir para fora, basta vermos de fora para dentro que não temos. O nosso mercado nacional é para dentro. Isto acho que só nos prejudica. Nós somos tão bons ou melhores do que os outros, tecnicamente, artisticamente, não é por aí, não é por falta de capacidades, seja de evoluir, seja de concretizar, mas tem a ver com o nosso mercado, e nós somos poucos. Comparando, por exemplo, com os Estados Unidos tem a ver com isto. Somos menos milhões e, portanto, fazemos muito música, na área da Música especificamente, para dentro. E eu acho que há exemplos fora também de muito machismo, muito desta postura cultural contra as mulheres, só que como há muito mais variedade, há mais quantidade também, e já há muito mais mulheres acontece menos, eu levo menos com isso. Eu quando comecei a trabalhar para fora não foi quando comecei e, portanto, eu quando fui chamada e quando comecei a integrar essas equipas já tinha um nível mais alto do que tinha quando comecei aqui, como é óbvio, portanto, tinha muito mais experiência, era muito mais fácil apanharem-me na curva do que passados uns anos nesses países. Portanto, eu não sei o que é começar nesses países porque quando fui para lá, já fui integrada numa equipa, já sabiam que eu fazia frente de casa, que era a operadora ou que ia como técnica de

sistemas, porque faço muito isso lá e, portanto, já vem com um selo, já vem com um carimbo, vem com esta equipa e, portanto, não estão tão desconfiados. Já nos aceitam como iguais ou mais próximo de iguais.

Sandra Pereira: Também já falaste disso um bocadinho. Os desafios a nível físico, achas que se podem constituir como um obstáculo para esta profissão para as mulheres?

Suse Ribeiro: Eu acho que não, acho que não. A questão é que muitas vezes nos contratam... Para fazer som não, é preciso cabeça, ouvidos, conhecimento e mãos. É claro que uma pessoa não chega e só mexe em *faders* e não faz mais nada. Monto o sistema, o meu *outboard*, as minhas coisas, o meu equipamento. Eu tenho as minhas ferramentas que gosto de levar, ou se não as puder levar, pedir determinadas coisas para poder trabalhar. Isto é um operador, isto para operar. Como técnica de sistemas também não, acho que não é um problema porque nós temos de estar em boa forma física porque temos uma parte física. Como técnica acho que não. A questão é que às vezes aquilo que acontece é contratarem-nos para coisas que é preciso, como eu dei o exemplo há pouco de há uns anos me terem contratado para uma data de coisas que começava desde descarregar o camião... E eu descarrego, empurro *flight cases*, faço igual, não tenho é oitenta ou noventa quilos e um metro e noventa. Nem nunca vou ter, pronto, mas demoro mais tempo ou preciso de ajuda, mas também faço. Tal como qualquer homem que não vai fazer isso, depende para o que nos contratam. Eu acho que a parte física depende do trabalho especificamente. Hoje em dia, se me disserem... "É preciso, isto e isto e isto", eu digo... "Não consigo fazer isso". Normalmente não acontece muito, mas se eu vir não consigo... dizer que não consigo... ter uma limitação física. Sou baixinha, não tenho muita força, mas consigo pegar numa mesa, consigo... Portanto, acho que a mim não me limita no meu trabalho, não deixo de fazer trabalho nenhum por causa da componente física.

Sandra Pereira: Mas achas que esta questão pode ser uma questão impeditiva para futuras profissionais do género feminino nesta área?

Suse Ribeiro: Eu acho que não, mas nós temos que trabalhar, temos que... Às vezes temos de ser um bocadinho autistas. É o que eu acho, é o que eu sinto. É não dar muita importância a isso e eu acho que isso também é importante. É não levarmos determinadas coisas a peito e não pensarmos muito nisso. Acho que é simplificar... "O que é que é para fazer, é isto? Consigo ou não consigo? Consigo". Se consigo, tem que se provar, mas um homem também tem que o fazer. Acho que não. E acho que temos todos e todas que ajudar a desmistificar isso. Acho que se é preciso um *stagehand* contrata-se um *stagehand*, não se vai chamar um técnico de som ou de luz.... Se é preciso fazer som não se vai chamar um *stagehand*, se é preciso reforçar a equipa há que ir buscar os profissionais para cada função. Acho que é isso.

Sandra Pereira: Consideras que os teus pares te respeitam e valorizam como profissional?

Suse Ribeiro: Acho que sim, acho que sim.

Sandra Pereira: Os recentes debates sobre igualdade de género são importantes para essas profissões, porquê?

Suse Ribeiro: São importantíssimos porque apesar de nós, e muito nesta área, até já estarmos bastante despertos, homens e mulheres, profissionais da área, para isto, mesmo os que têm algum.... Nós todos temos preconceitos, temos que conseguir lidar com eles e ultrapassá-los. No geral, na nossa sociedade, o cidadão comum que não tem nada diretamente a ver nem com Artes, nem com cultura na sua profissão, no seu dia a dia e noutras áreas.... Acho que ainda há muito preconceito em relação à mulher. É importantíssimo. Há vinte anos, há quinze anos, há dez anos achava menos isto. Cada vez acho mais que é preciso. É preciso debater a questão da discriminação seja a que nível for, não é só por ser mulher, portanto, a parte do género, mas a todos os níveis, por muito que nos magoe ou que nos mexa. Acho que é importantíssimo.

Sandra Pereira: Há mesmo profissões femininas e masculinas?

Suse Ribeiro: Não, acho que não. Há profissões e depois há homens e mulheres que as desempenham.

Sandra Pereira: Como encaras a cena atual e a relação da mulher com a Música, o Som e o uso da Tecnologia, por exemplo?

Suse Ribeiro: Eu, na verdade, estou muito otimista. Acho que nos últimos anos, cinco, dez, pelo menos, ou pelo menos é o que eu tenho acompanhado. Da experiência que tenho, nos últimos cinco, dez anos, pelo menos, eu acho que, na verdade, nos últimos dez anos evoluiu-se mais do que nos últimos trinta anos cá em Portugal. Acho que há muito mais mulheres, agora não falamos só de técnicas, tecnicamente, mas a um nível mais artístico, mais abrangente, há muito mais mulheres, felizmente, a desafiarem-se, a imporem-se, a ficarem a lutar por um lugar, por uma profissão assumida, pelo seu lugar. Portanto, eu estou muito otimista, acho que cada vez há mais mulheres e vão ter de nos aceitar, vão-nos aceitando.

Sandra Pereira: Consideras ou não importante que se fale de representatividade de género em qualquer profissão?

Suse Ribeiro: Sim, claro que sim. Por muito que custe, e às vezes pode chegar-se aqui... parece que é um exagero. Está na ordem do dia falar disto, mas durante centenas de anos nós mulheres fomos oprimidas, tivemos problemas, na Ciência, está mais do que provado, nas Artes, compositoras, músicas, não tanto na área de Tecnologia porque se tem desenvolvido muito nos últimos 50 anos, por exemplo. Mas

as mulheres sempre foram muito oprimidas. Nós temos que lutar pelos nossos direitos, fomos oprimidas durante centenas de anos. Isso fez com que muitas mulheres sofressem, muitos talentos fossem abafados. Muito crédito do homem. A história está cheia disso, não é, de homens que assinaram por mulheres, até às vezes as suas mulheres, as suas esposas, não é! Assumiram o que elas faziam, o que elas compunham, o que elas pintavam, etc. Por causa disso, porque a mulher não tinha.... era como se fosse um ser menor.

Sandra Pereira: E nas Tecnologias do Som?

Suse Ribeiro: Eu acho que é ótimo e já há vários grupos a nível internacional, cá não. Eu tenho pensado muito nisso cá, mas não sei se conseguimos ter essa representatividade ainda, mas há imensos grupos de mulheres na área das Tecnologias do Som e da Música. Mulheres que já têm uma carreira estabelecida de vinte, vinte e tal anos na área e que estão a iniciar mulheres, portanto, de uma maneira bastante específica. Mulheres desde crianças, já nem é só adolescentes, algumas são mesmo crianças e estão a iniciá-las com ferramentas, com cabos, com micros, com equipamento, a ensiná-las a soldar, a ler um diagrama eletrónico, a mexer numa mesa, ou ouvir música a fazê-las aprender a ouvir música como deve ser, em condições acústicas como deve ser. Acho que isso vai dar frutos e são mulheres que estão a tentar fazer isso.

Sandra Pereira: Como profissional da área tens-te dado conta da existência de cotas por género no âmbito da participação em eventos, bienais, mesas redondas, painéis de discussão, festivais, *corporate*, etc.?

Suse Ribeiro: Tenho-me dado conta, mas acho que há muito menos do que devia haver. E acho que é residual. Tenho visto que nalgumas conferências, nalguns congressos, nalguns festivais, não tanto na área puramente técnica, mas, mais ligada à Tecnologia, ao Som, à Música, e cruzando com a parte artística, que tem havido um esforço de algumas instituições em fazer um apelo a que venham mais mulheres, que têm preferência que se inscrevam mais mulheres para conseguir um determinado equilíbrio. Isso tem acontecido. Acho que é bom. Já ponderei se se podia cair no erro de escolher uma mulher só porque é uma mulher, isso não. Só que, entre um homem e uma mulher que estão em pé de igualdade, há que ver que estão em pé de igualdade e escolher qual é que é o melhor. Nesses casos o que tem acontecido é que há sempre muito mais homens a concorrer, e não é porque há menos mulheres, é porque as mulheres acabam por nem sequer chegar a esse ponto que é o de concorrer e de tentar. Autossabotam-se. Eu acho que nós também, infelizmente, de uma maneira geral, não é toda a gente, nem sempre, mas, nós conseguimos autossabotarmo-nos muito mais do que um homem, de uma maneira geral e correndo o risco de ser redutora e com algum preconceito da minha parte, se calhar. Mas, eu acho que nós ao longo da vida e nesta área, profissionalmente, pomonos muito mais em causa. Questionamo-nos muito mais, no geral, do que um homem o faria se tivesse no mesmo lugar, no mesmo ponto em que nós estamos profissionalmente. Pomo-nos muito mais em causa, pensamos sempre que o problema é nosso e não é. A

maior parte das vezes não é, só que isso faz com que nós nem sequer tentemos, portanto para respondermos muitas vezes a estes concursos, até só ir a um Congresso, a fazer uma participação, a enviar uma peça sonora, por exemplo. Podemos até nem pensar conscientemente, mas se houver lá uma alínea que diz... "Apelamos fortemente a que mulheres respondam a este apelo...". Eu acho que isso é um incentivo e, portanto, eu acho que, só por isso, já é bastante válido haver essa alínea. Só para incentivar aquelas que estão menos autoconfiantes em relação ao seu trabalho e ao seu potencial.

Sandra Pereira: Será que a existência de cotas pode, ou não, constituir-se como uma possível solução para a igualdade social?

Suse Ribeiro: Acho que sim. Se fosse há uns anos eu diria que não. Era mais renitente, tinha mais medo de marcar uma posição porque achava que podia estar a ser injusta com os outros, com os meus pares homens porque temos é que ser todos bons, não é porque é uma mulher ou um homem. Claro que sim! Só que eu acho mesmo, na prática e não estou a falar só da minha experiência pessoal, mas do que eu vejo também das outras mulheres na área. Se houver, porque isso tem realmente a ver com nossa cultura, a nossa educação, essas coisas ficam aqui atrás. Eu acho que se houver esse incentivo e essa chamada de atenção, dessa cota, dessa alínea... "Apelamos ao sexo feminino, digamos assim ao género feminino...", acho que isso pode ajudar a quebrar esta barreira e da mulher que está a ler aquilo, da profissional que está a ler aquilo pensar... "Se calhar neste tenho mais hipótese porque eles até acham que as mulheres...", partem de algum pressuposto assumido que as mulheres são iguais aos homens. E apesar de ser discriminação, chama-se discriminação positiva. Eu acho que é importante porque em relação às centenas de anos que nós levámos com o contrário, agora se calhar tem que se fazer um esforço extra e concentrado para tentar ultrapassar rapidamente isto, a nossa desvantagem.

Sandra Pereira: A Indústria da Música está a mudar e as novas tecnologias fazem com que estas mudanças sejam mais notáveis. Achas que essas novas tecnologias contribuem para um maior acesso a este tipo de profissões mais tecnológicas para as mulheres?

Suse Ribeiro: Acho que sim. Só o fato de serem mais acessíveis, mais acessíveis a toda a gente, homens e mulheres, faz com que haja muito mais mulheres a ter possibilidade de experimentar, até sozinhas, o que é que podem ou não fazer com aquilo, em detrimento de.... Vamos ver coisas de há quarenta, cinquenta anos. Para se aceder, por exemplo, a determinadas ferramentas tecnológicas e, estamos a falar mais de equipamento e de processos, tinha que se ir, por exemplo, a um estúdio, ou para um armazém de uma empresa que tinha equipamento, que normalmente estava cheio de homens só e que era um bocadinho inacessível, até pelas próprias mulheres, por falta de iniciativa, ou de confiança, de se mandarem para isso. Portanto, o poder ter um computador e um equipamento que dá para mandar vir rapidamente de um *website*

e experimentar e ver uns tutoriais e experimentar sozinha, acho que faz com que a autoconfiança da mulher se fortaleça e que tente andar para a frente com aquilo.

Sandra Pereira: Na tua opinião quais são os maiores desafios que as mulheres encaram na Indústria Musical e Tecnologias relacionadas com o Som nos dias de hoje?

Suse Ribeiro: Os maiores desafios que as mulheres encontram têm a ver com isto, com as questões culturais e com os preconceitos que pode haver. E depois acho que a parte... Não queria estar a frisar-me só nisso, porque é uma coisa que nos diferencia, só nisso, mas porque é uma coisa...é a maternidade. Eu acho que isso era uma coisa que devia ser muito mais assumida. É assumida porque tem que ser, é biológico, mas devia ser tema de discussão. Nós temos uma esperança média de vida que não é muito grande e a nossa carreira, regra geral, a maternidade e o conseguir-se atingir um determinado nível na carreira, bate ali mais ou menos com o deixar de poder escolher se pode ser mãe ou não. Um homem nunca tem que pensar, sequer nisso. E isso limita. Eu acho que é uma coisa que pouco se tem falado ou não se fala. Nem nós falamos, as mulheres não falam, eu também não.... Vou falar disso com quem? Com quem é que vou falar nisso? Com outro homem e colega? Posso falar, e ele até pode tentar ser solidário, mas nós precisamos de mais mulheres nesta área, para termos que falar mais nisto e impormos, até legalmente, uma série de coisas para podermos fazer as duas coisas, porque é possível. Temos é que ter condições, legais, técnicas e de segurança social, etc., para conseguirmos fazer estas coisas.

Sandra Pereira: Os desafios que estavas a referir podem também ser de preconceito de género?

Suse Ribeiro: Sim, acho que sim. Acho que sim. Acho que sim. Eu, hoje em dia, há uma data de coisas que eu acho que, felizmente, consegui ultrapassar e isso está sempre em nós. Aquilo que às vezes nos derrota tem a ver com aquilo que nós deixamos que passe, que nos atinja. Hoje em dia, não sinto isso, mas durante muitos anos senti. Eu lembro-me de quando tinha 20 e poucos anos senti que tinha que mudar a minha maneira de vestir, basicamente para não chamar atenção. Porque eu não queria que olhassem para mim como uma mulher. E eu sou uma mulher! Fui, não mudei de sexo, portanto continuei a ser, era uma coisa difícil de mudar, e eu não queria. Nunca quis deixar de ser mulher por causa de ter esta profissão. Acredito que isso possa acontecer, mas comigo isso não aconteceu e, portanto, o que eu tive de fazer foi em vez de me assumir como mulher e isso não ser um problema, foi ao contrário. Eu senti que tinha mesmo que desviar a atenção mais possível daquilo que me podia identificar como mulher. Porque eu sou mulher, um homem olha para mim e vê que eu sou uma mulher, uma mulher olha para mim vê que sou uma mulher, técnica ou não... Agora eu queria primeiro que olhassem para mim como técnica, como par, fosse concorrente, fosse colega, eu sempre quis ir por aí. Sempre achei que era possível irmos como colegas e não como concorrentes, mas senti que durante muitos anos tinha que tentar desviar, mesmo no meu discurso e abordagem, ser mais fria do que se calhar seria naturalmente, ou normalmente. Para desviar

todas as atenções que pudessem levar para aí, e por isso, sim, eu pessoalmente senti isso. Hoje em dia não, porque sinto-me muito mais forte e sinto que primeiro olham para mim enquanto técnica, enquanto colega. Se olham para mim como mulher ou não isso já não é um problema meu, é um problema da outra pessoa que tem que o resolver. Já não me sinto é ameaçada por isso, mesmo.

Sandra Pereira: Achas que o teu contexto geográfico é de alguma forma preponderante na persecução do sucesso profissional nestas áreas?

Suse Ribeiro: Hoje em dia, onde estou é muito importante e acho que há aqui dois níveis, para mim pessoalmente na minha experiência. Eu tive e tenho muita necessidade de sair e, portanto, é mais uma condicionante é sentir que não posso. Eu não posso fixar-me só num sítio. Eu tenho sempre que ir à procura de trabalho e isso implica muitas viagens, muita saída no estrangeiro, muitos meses fora de casa. Isto é uma escala, a outra escala é que é mais difícil, é bastante mais difícil, principalmente no que diz respeito ao som ao vivo, não tanto de estúdio. Mas é mais difícil eu conseguir ter trabalho. Eu, e acho que toda a gente nesta área, se estiver um centro mais pequenino ou nas periferias, se estiver num centro urbano, como Lisboa e Porto, que são as maiores cidades do país, tenho mais acesso e mais facilidade em ser contactada, em conseguir mover-me, do que se estivesse num sítio mais recatado. No estúdio, não será tanto assim porque o trabalho consegue ser feito mais à distância, mas a outra escala que eu falava que era ir para fora, estar fora, sim. Eu tenho a certeza que não tinha feito determinadas coisas, nem trabalhado com algumas pessoas que me ajudaram a perceber que era isso que eu queria fazer. Outros produtores, pessoas muito consagradas com quem tive a felicidade de me cruzar e trabalhar e aprender, que se não tivesse ido para fora isso nunca tinha acontecido. Eu não ia ter esse incentivo, nem esse alento, nem essas oportunidades.

Sandra Pereira: Já experienciaste alguma reação diferente e de papel de género quando algum desconhecido percebe qual é a tua profissão?

Suse Ribeiro: Muitas vezes, até o público em geral, as pessoas até sem serem colegas. Para já acham sempre que eu sou, ou cantora, na equipa, ou produtora executiva, não de Produção Musical, que faço a produção ou sei lá, que sou a apresentadora... Muitas vezes, às vezes vou em comitivas e, sei lá, acontece muitas vezes nas carrinhas. Paramos num sítio... " Olhe, sabe onde é que é o palco?" Coisas... perguntas deste género... "Ah, mas é a ...?" Não vou dizer o nome das cantoras que lá iam... "Eu não, esqueça, sou a técnica..." E depois ficam assim a olhar...nem percebem bem. É difícil associarem, e muitas vezes estou com colegas meus que são outros técnicos, ou que são músicos, e veem-me na mesa, por exemplo, quando é ao ar livre, porque temos o cruzamento com mais pessoas, ou me veem mesmo a operar e veem-me a trabalhar, ou se estou ali só na zona, perguntam-me pelo técnico de som. Isto acontece muitas vezes.

Sandra Pereira: O que é que dirias das mulheres que pretendem seguir as Tecnologias do Som?

Suse Ribeiro: Eu não sou ninguém para dar conselhos porque acho que isso tem sempre muita coisa a ponderar. Acho que lhe diria várias coisas: primeiro, que é só uma opinião e que posso estar enganada e que isto é sempre da minha experiência, mas, acho que as incentivava ao máximo, mas com algum medo. Se calhar é um bocadinho a minha parte protetora e de saber o que é que já passei, que às vezes me põe um bocadinho para trás em relação a esse tipo de coisas de dar conselhos, eu acho que não sou ninguém para dar conselhos. É que eu às vezes tenho medo de estar a dar um conselho a uma mulher para seguir esta área.... Eu tive algumas alunas, era normal que elas vissem em mim... "Ela está a fazer aquilo que eu gostava de fazer". Pedirem conselhos, isso é normal. Mas às vezes... E há dias, não é? E às vezes há alturas em que uma pessoa acabou de passar por uma coisa menos agradável. Por causa disso dá-me vontade de dizer... "Sigam outra coisa!", mas não é só até por serem mulheres. Com as mulheres eu acho que como são seres mais vulneráveis, e fortes, mas vulneráveis... No final acho que o balanço é dizer... "Sigam!" Gostam disto, vão ter que lutar muito. Têm que provar muito mais, mas isto não é só na área da Música e do Som. São as mulheres na área profissional. Se tentam ter uma profissão e serem reconhecidas e serem boas, serem líderes, serem melhores do que a maior parte dos colegas de profissão, mas que têm que estar preparadas para se aguentarem com este tipo de coisas. Perceberem que isto não tem diretamente a ver com elas porque eu acho que isso às vezes... nós percebermos que... O problema não está em nós, nem na nossa competência, no potencial na nossa capacidade de aprender, de evoluir, tem a ver com a cabeça dos outros. Tem a ver com preconceitos, com heranças culturais, com problemas da cabeça dos outros e por isso temos que acreditar. Eu acho que tem que haver uma força interior muito grande e uma perseverança muito grande, uma capacidade de adaptação também muito grande, e de encaixe, porque essas pessoas têm que ter... essas mulheres, neste caso, terão que ter para conseguirem singrar senão vão sofrer imenso. Vão sofrer imenso e vão sofrer na mesma, mas acho que vão conseguir, se conseguirem ter esta capacidade, vão conseguir atingir. E também é muito bom quando somos reconhecidas pelos nossos pares que normalmente são homens que nos veem com respeito porque também são capazes disso.

Sandra Pereira: Incitarias uma filha a seguir esta área das Tecnologias da Música?

Suse Ribeiro: Sim, porque acho que é uma relação mais próxima e que eu conseguiria dar-lhe e dizer-lhe aquilo que ninguém me disse e que eu tive que aprender sozinha como mulher na área. Não é só na área não é só como mulher. É nesta área em específico como mulher, sim.

Sandra Pereira: Consideras que é uma área financeiramente rentável e, portanto, atrativa para a construção de carreira, apesar de muito do trabalho ser independente?

Suse Ribeiro: De uma maneira geral não.

Sandra Pereira: Notas alguma mudança de mentalidades nesta indústria no que diz respeito às questões da representatividade e igualdade?

Suse Ribeiro: Sim, eu sinto que há uma evolução positiva, muito positiva porque nós estávamos muito mal durante muitos anos e, portanto, acho que há um salto muito grande, acho que a mentalidade tem mudado, de homens e mulheres, felizmente. Principalmente as gerações mais novas. Eu tenho mesmo esperança. Não é uma utopia. Eu constato isso no dia a dia. Acho que temos exemplos, claro que há pessoas mais velhas que também são bons exemplos, mas de uma maneira geral as são gerações mais novas que nos estão a dar o exemplo e que me estão a mostrar que é possível, em relação a este assunto específico, que é as mulheres nesta área, que não estão a dar hipótese, tanto homens como mulheres que acreditam e que tentam ser o mais equitativos possível dentro da nossa sociedade. Portanto, eu acho que sim. Há esperança.

Sandra Pereira: Qual é o caminho para uma mudança de paradigma nas questões da representatividade igualdade?

Suse Ribeiro: Não sei a resposta absoluta, tenho só a minha opinião. Eu acho que é continuar. Continuar a persistir. Eu sempre acreditei que o trabalho, o mérito, o esforço que havia de dar resultado, que havia de dar frutos. Hoje em dia, não sou tão ingénua e sei que as coisas não são equitativas e que nós não partimos todos do mesmo sítio ao mesmo tempo, portanto há pessoas que têm mais vantagens. Mas isso não quer dizer que dite onde é que vamos chegar, só diz de onde é que nós partimos, não é, como se costuma dizer. Por isso, eu acho que é isso, é persistir, é provar enquanto mulheres que somos tão boas ou melhores, mais capazes de fazer as coisas nesta área do que os homens. Eu acho que isso depois vai ser reconhecido. Eu acho que é com o tempo é com classe, com calma, com o exemplo, principalmente, com o exemplo prático das coisas, porque eu acho que só assim, seja em que área for, conseguimos chegar a algum lado, é com o exemplo. Não é preciso impormo-nos. É mostrando todos os dias, trabalhando, tentando aprender. Eu acho que não há uma fórmula mágica. Acho que é mesmo isso é trabalhar, todos os dias, para tentarmos ser o melhor possível, o melhor que conseguimos ser. É isto, é um *clichê*, mas eu acredito nisto.

Sandra Pereira: E como atrair mais mulheres para esta área?

Suse Ribeiro: Eu posso falar de alguns exemplos que vejo, principalmente, fora e que já falei por alto aqui que tem a ver com a criação de... Quanto mais se debater isto melhor. Quanto mais iniciativas houver neste sentido, quanto mais entrevistas houver, quanto mais partilha entre nós mulheres e profissionais da

área houver, mais sensibilizadas as pessoas ficam, quer da área quer fora da área. Portanto, acho que é continuar a incentivar as mulheres, as nossas mulheres, as nossas irmãs, as nossas filhas, as pessoas, as mulheres à nossa volta, as alunas quando vêm é incentivá-las, dar-lhes força, ajudar sempre que é preciso. Tem que haver mais solidariedade e as mulheres também têm que ser mais solidárias entre elas. Temos mesmo que ser para nos ajudarmos.

Sandra Pereira: O que é que te imaginamos a fazer no futuro?

Suse Ribeiro: Gostava de melhorar algumas coisas. Primeiro continuar a fazer o que faço, mas a ser mais bem paga porque tinha que fazer menos coisas e escolher. Eu tenho vindo a escolher mais o que faço ou não faço. Acho que é uma coisa boa, é um privilégio de alguma maneira. Mas imagino-me a continuar a fazer discos, a fazer produção, a trabalhar com orquestras, com músicos, com bailarinos, com coreógrafos, com compositores cada vez melhor. Poder ser cada vez melhor tecnicamente e poder também em termos artísticos desenvolver alguns projetos que tenho, já alguns anos, já há algum tempo, mas a ter os produtos desses projetos, produtos mesmo.

Sandra Pereira: Por última alguma pergunta gostaria que eu tivesse feito?

Suse Ribeiro: Não. Eu acho que foi muito completo. Eu acho que cobriu bastante bem.

Anexo II

Listagem

Este índice apresenta uma compilação de alguns exemplos de organizações, plataformas de divulgação, livros e iniciativas atuais, com maior ou menor alcance, que a nível mundial dedicam os seus objetivos à promoção, investigação, formação, atração, inclusão e capacitação de indivíduos que se identificam com o género feminino ou se assumem como tendo uma identidade de género não binária ou qualquer outra aceção de género. Muitas destas organizações incluem também no seu público-alvo o sexo masculino embora não seja esse o seu foco principal. Este índice não contempla todas as organizações ou iniciativas existentes constituindo-se apenas como uma amostra informativa de ações deste tipo. O índice apresenta-se por ordem alfabética está dividido em secções por tema.

Documentários

N CTRL • A JOURNEY INTO MUSIC PRODUCTION • Documentary¹⁸ (UK)

Trata-se de um minidocumentário que acompanha os primeiros passos de uma mulher na Produção Musical expondo os medos e inseguranças sentidos durante este processo. Abordando o tema da sub-representatividade de género nestas áreas, trata esta questão através de uma abordagem positiva promovendo a importância da autoaprendizagem e do trabalho em rede para a capacitação das mulheres na Produção Musical.

SISTERS WITH TRANSISTERS¹⁹ (UK, USA)

Sisters With Transistors é um documentário que narra a história dos feitos e contribuições de mulheres do século XX, compositoras e pioneiras da Música Electrónica que trabalharam ao lado de nomes grandes da Música Eletrónica, mas que na altura não alcançaram destaque ou relevância considerável. O documentário conta a história de mulheres visionárias do século passado, cujas experiências com máquinas e com a Tecnologia redefiniu os limites da Música. Assim, destaca pioneiras como: Clara

¹⁸ <https://www.youtube.com/watch?v=ekuXlf2OVj8>

¹⁹ <https://sisterswithtransistors.com>

Rockmore, Daphne Oram, Bebe Barron, Pauline Oliveros, Delia Derbyshire, Maryanne Amacher, Eliane Radigue, Suzanne Ciani, e Laurie Spiegel.

UNDERPLAYED (2020)²⁰ (CA)

Underplayed é um documentário com enfoque no atual panorama de sub-representatividade de género na Indústria Musical. Conta com testemunhos de algumas pioneiras da Música Eletrónica, assim como de profissionais ativas na área da Música, de artistas da próxima geração e de líderes da indústria. Apresenta dados reveladores sobre a participação das minorias na Indústria da Música expondo também a situação atual das questões de igualdade social e igualdade de género. Nele, os intervenientes pretendem defender a mudança de paradigma e inspirar as gerações futuras através de um conjunto diversificado de modelos a seguir.

Livros

GENDER IN MUSIC PRODUCTION²¹ (UK)

Trata-se de um livro que reúne académicos, líderes e profissionais de excelência que trabalham na Indústria da Música numa análise à atual realidade concernente à situação do género na Produção Musical. *Gender in Music Production* apresenta também propostas de possíveis ações futuras para combater a problemática da sub-representatividade.

PINK NOISES²² (USA)

Pink Noises é uma obra de Tara Rodgers, que compila cerca de 24 entrevistas com mulheres nas diversas áreas que circundam as Tecnologias do Som, incluindo DJs, profissionais da Música e artistas sonoras. Uma coletânea de entrevistas que aborda as histórias pessoais das participantes articulando o seu trabalho criativo com as relações de género que este pode encerrar. A autora do livro, criou ainda o projeto digital

²⁰ <https://www.underplayedthefilm.com>

²¹ <https://www.routledge.com/Gender-in-Music-Production/Hepworth-Sawyer-Hodgson-King-Marrington/p/book/9781138613362>

²² <https://www.analogtara.net/wp/publications/>

*Pinknoises.com*²³ que se afirma como sendo promotor da consciencialização crítica e do uso criativo e exploratório do Som e das Tecnologias do Som pelas mulheres.

WOMEN IN AUDIO²⁴ (USA)

Este livro exhibe a história e os perfis de cerca de 100 mulheres que desempenham a profissão de engenheiras de som. Apresenta uma perspetiva histórica, repleta de histórias de mulheres esquecidas nesta área, mas cujo trabalho foi preponderante para a indústria. Destaca os feitos de mulheres em várias profissões do Áudio e apresenta simultaneamente uma compilação de organizações que se dedicam a combater a sub-representatividade de género na indústria através de iniciativas que privilegiam o apoio e a formação.

Organizações, Plataformas de Divulgação e Iniciativas.

AUDIO GIRL AFRICA²⁵ (AF)

Trata-se de uma organização sem fins lucrativos com o objetivo de apoiar as mulheres do continente africano que trabalham nas áreas criativas do Entretenimento e da Música. A sua página de *Facebook* conta, à data, com cerca de 713 seguidores.

BEATS BY GIRLS.ORG²⁶ (USA)

Esta organização de fins não lucrativos define-se como sendo uma organização global, descentralizada e não hierárquica, cuja área de atuação é mundial. Uma coletividade assente num modelo comunitário concebido para capacitar mulheres e identidades de género tradicionalmente marginalizadas a envolverem-se com a Tecnologia Musical. Atualmente, encontra-se representada em quinze países distribuídos pelos quatro continentes. A sua página de *Facebook*²⁷ conta, à data, com cerca de 2,293 seguidores. Têm também presença no Instagram onde, atualmente, contam com 4,228 seguidores.

²³<https://www.analogtara.net/wp/projects/pink-noises/>

²⁴ <https://www.routledge.com/Women-in-Audio/Gaston-Bird/p/book/9781138315990>

²⁵ <https://www.facebook.com/audiogirlafrica>

²⁶ <https://www.beatsbygirlz.org>

²⁷ <https://www.facebook.com/beatsbygirlz>

FEMALE FREQUENCY²⁸ (USA)

Esta é uma comunidade que se dedica à promoção e capacitação de artistas femininas, transgénero e não-binárias com foco em produções e criações inteiramente femininas. A sua página do *Facebook*²⁹ é seguida por cerca de 2,962 pessoas a esta data. Este grupo tem também presença no *Bandcamp*, *iTunes*, *Spotify*, *Instagram*, *Twitter*, *Youtube* entre outros.

FEMALE MUSIC PRODUCERS OF THE WORLD³⁰

Este grupo de pessoas trabalha em *prol* da inclusão e da mudança nas questões de género e na sua relação com a Produção Musical. Pretende unir indivíduos que se identificam com o género feminino e que trabalham na área da Produção Musical. A sua página de *Instagram* conta, à data, com cerca de 3,648 seguidores, enquanto a sua página de *Facebook*³¹ é seguida, de momento, por cerca de 375 pessoas.

female:pressure³²

Este grupo define-se como sendo uma base de dados e rede de contatos *online* transnacional e criada para mulheres ou todo o tipo de aceções de género, incluindo pessoas transgénero, transfemininas, transmasculinas, não binárias, etc. Uma comunidade composta por *DJs*, *músic@s* *compositor@s*, *produtor@s*, *artistas visuais*, *agentes*, *jornalistas* e *investigador@s* e que trabalham no espectro da Música Eletrónica e das Artes Visuais.

Afirma-se como sendo uma fonte de informação acessível ao público, como um meio de comunicação e uma ferramenta para divulgar a existência e o trabalho das mulheres, não-binárias, transgénero. Têm também uma conta nas plataformas de áudio *Mixcloud* e *Soundcloud*, onde são transmitidos *podcasts* regulares que contemplam a promoção de *DJ sets*, e ou conversas, dos membros da comunidade, privilegiando sempre a participação do público-alvo. A sua conta de *Facebook*³³ conta, à data, com cerca de 23,122 seguidores.

²⁸ <https://www.femalefrequency.com>

²⁹ <https://www.facebook.com/femalefrequency>

³⁰ <https://www.instagram.com/fmpworld/>

³¹ <https://www.facebook.com/femalemusicproducersworld>

³² <http://www.femalepressure.net>

³³ <https://www.facebook.com/femalepressure>

GENDER AMPLIFIED³⁴ (USA)

Trata-se de uma organização com fins não lucrativos que se dedica à celebração dos feitos das mulheres na Produção Musical, trabalhando no sentido de aumentar a sua visibilidade e na persecução do desenvolvimento de uma comunidade destinada a envolver raparigas e mulheres na Produção Musical. O seu trabalho passa pela organização de eventos públicos que promovem as discussões de género nas áreas da Produção Musical, dando voz a uma subcultura feminina e não binária que recorre à Tecnologia Musical para criar a própria música e perpetuar a unicidade de cada identidade. A sua página de *Facebook*³⁵ tem atualmente 1,972 seguidores. A sua página de *Instagram* conta, à data, com 3,572 seguidores. Têm ainda presença no *Twitter*, *Youtube*, *Soundcloud* e *Spotify*.

HER NOISE ARCHIVE³⁶ (UK)

Esta organização dedica-se à investigação histórica das relações entre Música e género e é composta por uma rede de mulheres cuja prática artística revolve em torno das áreas do Som. O projeto *Noise Archive* encerra várias iniciativas no âmbito do Som e que inclui: uma palestra³⁷, um documentário intitulado *Her Noise Documentary*³⁸ que exhibe diversas entrevistas e filmagens de concertos com artistas internacionais que se dedicam a uma área diferenciadora do Som, como por exemplo: Pauline Oliveros, Maryanne Amacher, Diamanda Galas, Marina Rosenfeld, Thurston Moore, Kevin Blechdom, Kembra Pfahler, Kim Gordon, Lydia Lunch, Peaches, Chicks on Speed, Errase Errata entre inúmeras outras. Encerra ainda um simpósio³⁹ intitulado, *Her Noise: Feminisms and the Sonic*, e uma exposição intitulada *Her Noise*⁴⁰

³⁴ <https://genderamplified.org>

³⁵ <https://www.facebook.com/GenderAmplified>

³⁶ http://www.electra-productions.com/projects/2005/her_noise_archive/overview.shtml

³⁷ <http://www.electra-productions.com/projects/2012/HerNoiseSymposium/overview.shtml>

³⁸ http://www.electra-productions.com/projects/2006/her_noise_documentary/overview.shtml

³⁹ <http://www.electra-productions.com/projects/2012/HerNoiseSat/overview.shtml>

⁴⁰ http://www.electra-productions.com/press_releases/HerNoise2005.pdf

INTERNATIONAL WOMEN WORKING IN FILM⁴¹

Trata-se de um diretório internacional que se destina a empoderar e a capacitar as mulheres que trabalham na Indústria do Cinema. Disponibiliza *job boards*, com ofertas de oportunidades de trabalho, notícias, *merchandise* e um *blog*. A sua página de *Facebook* tem atualmente cerca de 264 seguidores.

INTERNATIONAL ALLIANCE FOR WOMEN IN MUSIC⁴² (USA)

A IAWM é uma organização que pretende aumentar as oportunidades e a visibilidade das mulheres na Música de forma global e através da conexão e da informação. Afirma-se como sendo uma aliança vanguardista que advoga e assiste na remodelação do panorama da Indústria Musical para o século XXI focando na equidade e na inclusão. Propõem-se a consciencializar a sociedade para a presença das mulheres na Música trabalhando na direção da equidade e inclusão das mulheres nesta área. A sua página de *Facebook*⁴³ tem atualmente 3, 990 seguidores.

LABAREDA - VOL I e VOL II (PT)

Trata-se de uma iniciativa que lançou um álbum, da editora portuguesa Labareda, que compilou dois volumes e privilegiou a participação a solo de artistas, produtoras e sonoplastas portuguesas do sexo feminino. O mesmo pode ser ouvido na plataforma *Bandcamp*.

MANY MANY WOMEN⁴⁴ (USA)

Many Many Women é um índice direcionado para um público-alvo especificamente feminino ou que inclua indivíduos marginalizados pela identidade de género. O principal foco deste índice incide no trabalho artístico de mulheres que fazem vários tipos de Música Experimental ou *avant garde*. Embora inclua artistas de uma prática mais *mainstream* esta organização privilegia todas as práticas artísticas individuais e diferenciadas quanto ao estilo, excluindo artistas que se dedicam exclusivamente à criação em estilos mais correntes ou acessíveis, por exemplo: *pop*, *rock*, cantores-compositores, *jazz*, *country*, *folk*, *R&B*, *hip-hop*, *EDM*, *DJs*, *Goth* ou *New Age*.

⁴¹ <https://www.womenworkinginfilm.com>

⁴² <https://iawm.org>

⁴³ <https://www.facebook.com/IAWMusic>

⁴⁴ <https://manymanywomen.com>

MIXING IT UP⁴⁵ (USA)

Trata-se de um grupo privado do *Facebook* com cerca de 221 membros à data, onde se pratica a crítica construtiva nas áreas da Engenharia de som e da produção musical destinado a mulheres e todas as pessoas com não-conformidade de género.

MIX LIKE A GIRL⁴⁶ (EC)

Esta iniciativa pretende colmatar as dificuldades sentidas pelas principiantes na aprendizagem de técnicas de gravação, mistura e masterização na Produção Musical. Uma iniciativa com foco no feminino que oferece formação a preços acessíveis que incluem *summer camps*, aulas de mistura, composição, *beat making*, masterização etc., e cujos formadores são profissionais renomados sem distinção de género. Uma iniciativa que pretende capacitar e apoiar a próxima geração de mulheres na Indústria Musical. A sua página de *Instagram*⁴⁷ conta no momento, com cerca de 603 seguidores.

PODCAST MURAL SONORO⁴⁸ (PT)

Trata-se de um *podcast*, parte da plataforma Mural Sonoro, “sobre mulheres na música, papéis, reportórios de luta e resistências” (Andrade, 2018), da autoria de Soraia Simões de Andrade. Este *podcast* é passível de ser ouvido na plataforma *Soundcloud* e *iTunes*.

SOUNDGIRLS.ORG⁴⁹ (USA)

Esta organização afirma ser um espaço para pessoas de todos os géneros. Tem como missão a criação de uma comunidade de apoio às mulheres e aos grupos sub-representados na Produção Musical e no Áudio. Almeja o empoderamento, a inspiração, e a formação das próximas gerações de mulheres que se queiram dedicar ao áudio.

⁴⁵ <https://www.facebook.com/groups/2772415809670135>

⁴⁶ <https://mixlikeagirl.com>

⁴⁷ <https://www.instagram.com/mixlike.agirl/>

⁴⁸ <https://www.muralsonoro.com>

⁴⁹ <https://soundgirls.org>

No *Facebook*⁵⁰ existem vários grupos subsidiários da *SoundGirls.org*, de entre os quais o grupo *SoundGirls Private*⁵¹, que tem atualmente 8,800 membros, o *SoundGirls Pro Tools Lessons*, que, à data, conta com 684 membros, o *New York City SoundGirls Chapter*, com 88 membros, o *POC SoundGirls*, com 211 membros, o *SoundGirls Audio Moms*, com 42 membros, o *Orlando Soundgirls Family*, com 158 membros, o *SoundGirls Bulgaria Chapter*, com 54 membros. Das inúmeras e importantes iniciativas promovidas pela organização constam por exemplo, o destaque de um *feature profile*, ou destaque mensal, de uma mulher profissional do Áudio, descontos em plataformas de som como a *Soundgym*, ou informações sobre oportunidades de trabalho e formação na área.

SOUND WOMEN (UK)⁵²

Trata-se de uma rede de mulheres do Reino Unido que se afirma empenhada em elevar o perfil e celebrar as realizações das mulheres que exercem atividades na Indústria da Rádio e do Áudio nesse país. A sua página de *Facebook*⁵³, é um grupo privado com cerca de 2,900 membros a esta data. Têm ainda um programa de *podcasts*⁵⁴ com episódios mensais dedicados às profissionais da Rádio e do Som.

TÉCNICAS DE SOM, PRÁTICAS DE VIDA⁵⁵ (BR)

Esta iniciativa de 2018 foi uma oficina para mulheres promovida pelo Sesc Jundiaí, Serviço Social do Comércio de São Paulo, no âmbito do projeto *As Mulheres e as Tecnologias*. Este curto vídeo apresenta a perspetiva das participantes e das formadoras no que concerne à temática em questão.

THE CREATOR'S SUITE⁵⁶ (USA)

The Creator's Suite define-se como uma aliança composta por mulheres produtoras, *DJs* e engenheiras de Áudio que pretendem fazer ouvir as suas vozes através da criação de conteúdos criativos, de *showcases* e de *workshops*. Organizam desde 2017 um micro

⁵⁰ <https://www.facebook.com/SoundGirlsOrg>

⁵¹ <https://www.facebook.com/groups/SoundGirlsPrivate>

⁵² www.soundwomen.co.uk/

⁵³ <https://www.facebook.com/groups/soundwomennetwork/>

⁵⁴ <https://audioboom.com/channel/soundwomen>

⁵⁵ <https://www.youtube.com/watch?v=I26qrptTNI0>

⁵⁶ <https://www.thecreatorssuite.com>

festival que celebra o feminino na Produção Musical. Inclui ainda *master classes*, sessões de demonstração de *beat making* entre diversas atividades. Promovem também um *podcast* homónimo que contempla discussões em torno da Indústria Musical e de tópicos atuais que circundam a vanguarda tecnológica. No *Facebook* são seguidos por 164 pessoas.

THE GIRLS ROCK CAMP ALLIANCE⁵⁷ (USA)

Trata-se de uma organização que trabalha em rede com outras organizações, no âmbito das Artes e da justiça social com foco na juventude no contexto internacional. A sua contribuição passa por fornecer espaços e recursos às comunidades que representam promovendo a fixação de instituições ou organizações que partilham dos mesmos objetivos. A sua página de *Facebook*⁵⁸ tem, atualmente, 2,862 seguidores.

THE SERAPHINE COLLECTIVE⁵⁹ (USA)

Este coletivo afirma-se como sendo uma comunidade inclusiva e solidária para com os músicos, *DJs* e artistas marginalizados de Detroit. Afirma-se como uma rede de contactos que pretende com a sua atividade fomentar a expressão artística e a criatividade de forma colaborativa. A sua página de *Facebook*, conta, de momento, com cerca de 2,951 seguidores.

WIS WOS⁶⁰

Women in Sound Women on Sound (WISWOS) é um núcleo internacional de redes de contacto e indivíduos cujo trabalho se relaciona de alguma forma com o Som, a Educação e a Tecnologia. Desta rede fazem parte artistas, investigadores, tecnólogos, músicos, arquivistas etc. Assumem que desempenham um papel crucial na intervenção concernente a estas áreas, identificando ações passíveis de combater os desequilíbrios e preconceitos de género nas áreas adjacentes ao Som e à Tecnologia Musical. Um dos seus projetos, intitulado *Research In A Box: Activating Women In Sound*⁶¹, é um *kit* de ferramentas, emprestável e que inclui materiais para a construção dos próprios

⁵⁷ <https://www.girlsrockcampalliance.org>

⁵⁸ <https://www.facebook.com/GirlsRockCampAlliance>

⁵⁹ <https://www.facebook.com/seraphinecollective/>

⁶⁰ <http://wiswos.com/assets/php/dataset.php>

⁶¹ <http://www.wiswos.com/research.php>

instrumentos. Contém também CDs com trabalhos de mulheres compositoras e publicações sobre Tecnologia de Som e Música realizadas por mulheres. Contém ainda um *software* de codificação de acesso gratuito, passível de ser instalado na maioria dos sistemas operativos. A sua página de *Facebook*⁶², conta, à data, com cerca de 2,990 seguidores.

WOMEN AND DIVERSE GENDERS IN AUDIO⁶³

Trata-se de um grupo privado do *Facebook* que tem atualmente cerca de 2200 membros. Tem como objetivo apoiar e conectar as mulheres e os diversos géneros em todos os sectores da Indústria do Áudio e da Música. Este grupo proporciona um espaço seguro e sem julgamentos para mulheres e géneros diversos que trabalham na Indústria do Áudio e da Música, ou que, atualmente, sejam estudantes de Áudio, ou estejam interessad@s no Áudio como *hobby*.

WOMENS AUDIO MISSION⁶⁴ (USA)

Esta é uma organização sem fins lucrativos baseada em Oakland, São Francisco, que se propõe a atrair mulheres, raparigas ou pessoas com não conformidade de género para as áreas CTEM e para as áreas de estudos tecnológicos criativos trabalhando para colmatar as lacunas de género nas carreiras tecnológicas. Conta com um currículo premiado que intercala Música, Ciência, Tecnologia e Programação Informática. Afirmam ter um ambiente formativo único uma vez que alegam ser o único estúdio de gravação profissional no mundo construído e gerido por mulheres e pessoas com não conformidade de género. Conta com dois grupos de *Facebook*⁶⁵: *Women's Audio Mission Members* que tem atualmente cerca de 1400 membros e o *Women's Audio Mission* que tem atualmente cerca de 21,528 seguidores. No *Instagram* a sua página tem, de momento, 13,600 seguidores. Esta organização tem ainda um programa dedicado aos jovens intitulado, *Girls on the Mic* que, à data, no *Instagram* conta com 531 seguidores.

⁶² <https://www.facebook.com/womeninonsound>

⁶³ <https://www.facebook.com/groups/289467984923524>

⁶⁴ <https://womensaudiomission.org>

⁶⁵ <https://www.facebook.com/womensaudiomission>

WOMXN & AUDIO⁶⁶ (USA)

Trata-se de um grupo de mulheres e pessoas não binárias de Seattle, Estados Unidos da América, que se dedica e trabalha nas áreas da gravação e da Engenharia de Som. Contempla todos os níveis de competência e afirma-se como uma comunidade inclusiva que acolhe pessoas LGBT e POC, “*person of color*”, afirmando-se intolerante contra qualquer discurso promotor de ódio na sua comunidade. A sua página de *Instagram* conta, atualmente, com cerca de 861 seguidores.

WOMEN IN SOUND⁶⁷ (USA)

Esta é uma revista em formato *zine* e digital totalmente dedicada às mulheres e pessoas não binárias que trabalham nas áreas do som ao vivo e da gravação sonora. Esta iniciativa estreou em Março de 2021 um programa de rádio na estação online Sonos Radio, que apresenta uma programação bimensal de episódios em formato de entrevista e discussão sobre as produções individuais de cada convidada.

YORKSHIRE SOUND WOMEN NETWORK (YSWN) ⁶⁸ (UK)

Esta organização, fundada por mulheres que trabalham nas áreas da Tecnologia Musical, tem como objetivo reunir indivíduos do sexo feminino cujos interesses enfoquem na partilha de conhecimentos e competências nas áreas da Música, do Som e da Tecnologia. A sua página de *Facebook*⁶⁹ conta, de momento, com cerca de 1,323 seguidores. A sua página de *Instagram* tem, atualmente, cerca de 757 seguidores.

⁶⁶ <https://www.instagram.com/womxnandaudio/>

⁶⁷ <https://www.womeninsound.com>

⁶⁸ <https://yorkshiresoundwomen.com>

⁶⁹ <https://www.facebook.com/yorkshiresoundwomen>

Anexo IV

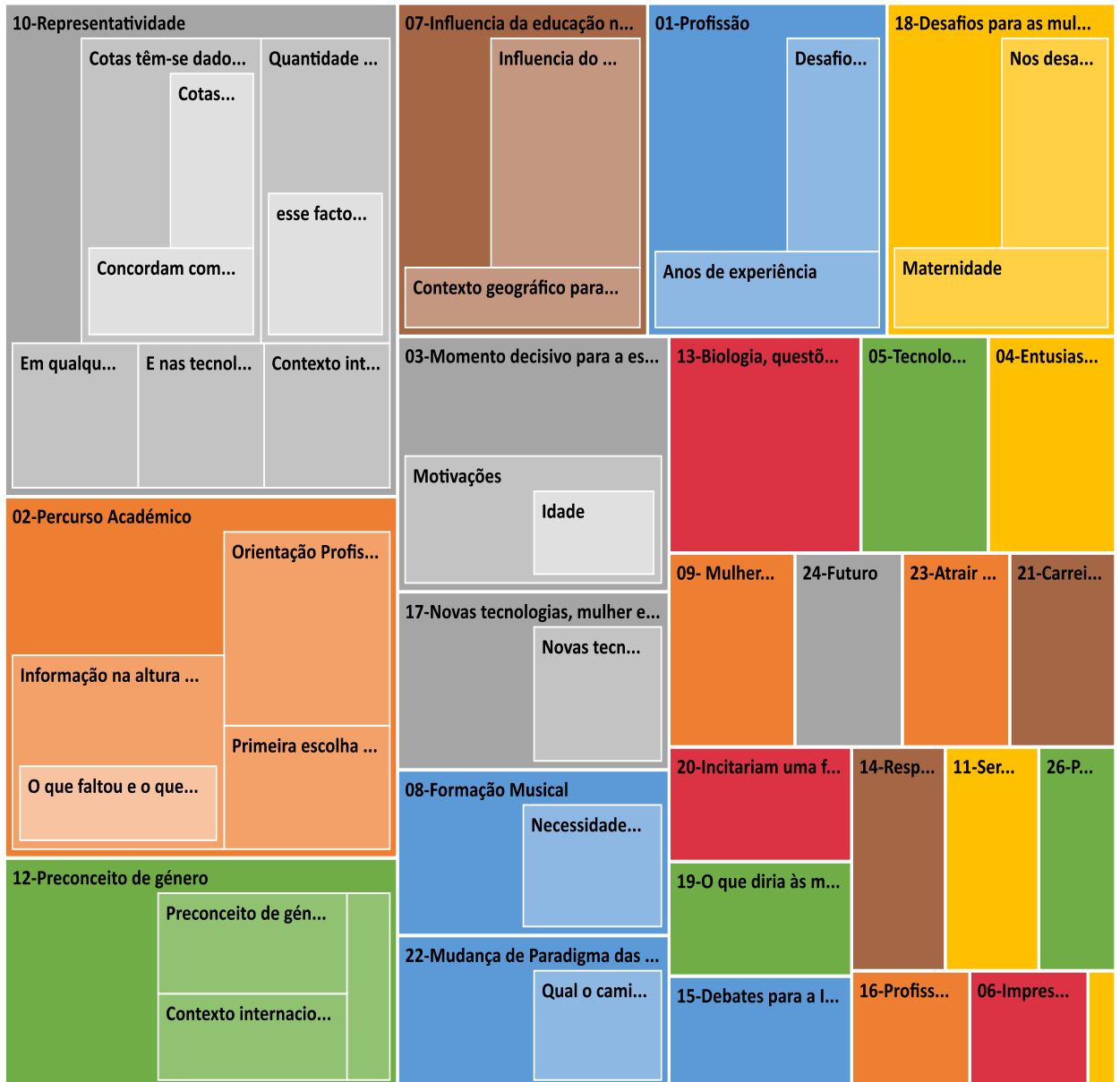
Grelha de Análise

Name	Files	References	Created on	Created by
01-Profissão	6	10	8 Apr 2021 at 18:09:18	SP
Anos de experiência	6	6	12 Apr 2021 at 14:57:32	SP
Desafios pessoais na profissão na área do Som	6	7	8 Apr 2021 at 17:45:39	SP
02-Percurso Académico	6	7	8 Apr 2021 at 18:10:01	SP
Informação na altura da escolha académica	6	7	12 Apr 2021 at 16:11:46	SP
O que faltou e o que pode melhorar	5	6	12 Apr 2021 at 16:18:08	SP
03-Primeira escolha profissional?	6	7	8 Apr 2021 at 18:08:54	SP
04-Momento decisivo para a escolha profissional	6	8	8 Apr 2021 at 17:49:16	SP
05-Motivações	6	6	8 Apr 2021 at 17:50:37	SP
Idade?	6	6	8 Apr 2021 at 18:12:30	SP
06- Entusiasmo	6	8	8 Apr 2021 at 17:49:40	SP
07-Tecnologia no dia a dia	6	8	8 Apr 2021 at 17:50:04	SP
08-Imprescindível para trabalhar na área do Som	4	4	12 Apr 2021 at 15:36:45	SP
09-Influência da educação nas escolhas académicas e profissionais	6	7	12 Apr 2021 at 15:45:38	SP
Contexto geográfico	5	5	8 Apr 2021 at 17:47:09	SP
Contexto geográfico para o sucesso profissional	6	6	12 Apr 2021 at 19:40:09	SP
Influência do contexto sociodemográfico	6	8	12 Apr 2021 at 15:49:53	SP
10-Orientação Profissional	6	8	8 Apr 2021 at 18:16:42	SP
11-Formação Musical	6	6	8 Apr 2021 at 17:46:16	SP
Necessidade de Formação Musical	6	7	8 Apr 2021 at 18:17:42	SP
12- Mulher artista	6	7	8 Apr 2021 at 18:20:49	SP
13-Quantidade de Colegas	6	6	8 Apr 2021 at 18:21:27	SP
Esse facto teve influência na profissão?	6	6	12 Apr 2021 at 16:39:27	SP
14-Representatividade	6	6	8 Apr 2021 at 17:43:16	SP
Contexto internacional	2	2	12 Apr 2021 at 16:57:15	SP
Cotas, perceção de existência	6	6	8 Apr 2021 at 18:01:00	SP
Concordam com a existência de cotas?	6	6	12 Apr 2021 at 19:24:19	SP
Cotas podem ser solução para a igualdade social e de género?	6	6	12 Apr 2021 at 19:28:01	SP
15-Ser mulher acrescenta à profissão	6	6	12 Apr 2021 at 16:46:28	SP
16-Preconceito de género	5	8	8 Apr 2021 at 17:53:22	SP

Discriminação positiva	2	3	12 Apr 2021 at 16:50:43	SP
Contexto internacional diferente ou não	3	3	12 Apr 2021 at 16:55:51	SP
Preconceito de género dos desconhecidos na profissão	6	7	12 Apr 2021 at 19:43:52	SP
17-Biologia, questões físicas	6	12	8 Apr 2021 at 17:52:03	SP
18-Respeito pelos pares	6	6	8 Apr 2021 at 17:52:26	SP
19-Debates para a Igualdade	6	6	8 Apr 2021 at 17:44:13	SP
E nas Tecnologias do Som?	6	6	12 Apr 2021 at 19:19:37	SP
Em qualquer quadrante?	6	6	12 Apr 2021 at 19:16:32	SP
20-Profissões masculinas e femininas	4	4	8 Apr 2021 at 17:52:42	SP
21-Novas tecnologias, mulher e Som	6	7	12 Apr 2021 at 19:06:49	SP
Novas tecnologias, mulher e profissão	6	7	12 Apr 2021 at 19:31:39	SP
22-Desafios para as mulheres na Indústria Musical e nas Tecnologias	6	6	8 Apr 2021 at 18:35:02	SP
Nos desafios pode incluir-se o preconceito de género	6	6	12 Apr 2021 at 19:37:08	SP
23-O que diria às mulheres que querem seguir a área?	6	6	8 Apr 2021 at 18:41:40	SP
24-Incitariam uma filha a seguir?	6	6	8 Apr 2021 at 18:42:13	SP
25-Carreira rentável ou não?	6	6	8 Apr 2021 at 18:42:59	SP
26-Mudança de paradigma das mentalidades	6	6	8 Apr 2021 at 17:48:08	SP
Qual o caminho para esta mudança de paradigma	6	6	12 Apr 2021 at 19:54:51	SP
27-Atrair mais mulheres como?	6	6	8 Apr 2021 at 18:04:44	SP
28-Futuro	6	6	8 Apr 2021 at 17:53:50	SP
29-Maternidade	6	6	8 Apr 2021 at 17:45:56	SP
30-Ser mulher nas Tecnologias do Som	1	1	8 Apr 2021 at 18:24:22	SP
31-Pergunta em falta	5	5	12 Apr 2021 at 20:12:07	SP

Anexo VI

Treemap

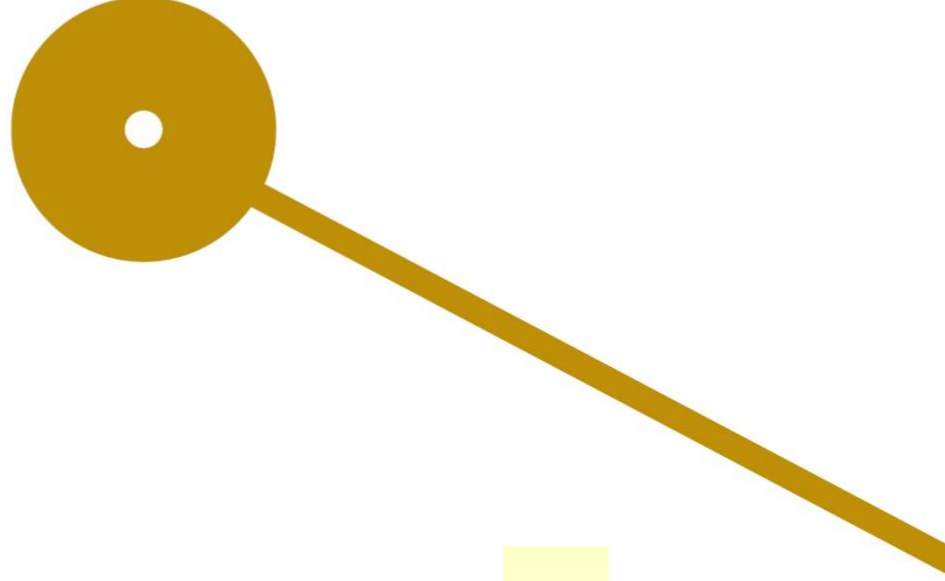


ESCOLA
SUPERIOR
DE MÚSICA
E ARTES
DO ESPETÁCULO
POLITÉCNICO
DO PORTO

P.PORTO

M

MESTRADO
ARTES E TECNOLOGIAS DO SOM



A Mulher nas Tecnologias do Som:
Estudo de caso a partir do contexto português.
Sandra Maria Amaral Pereira